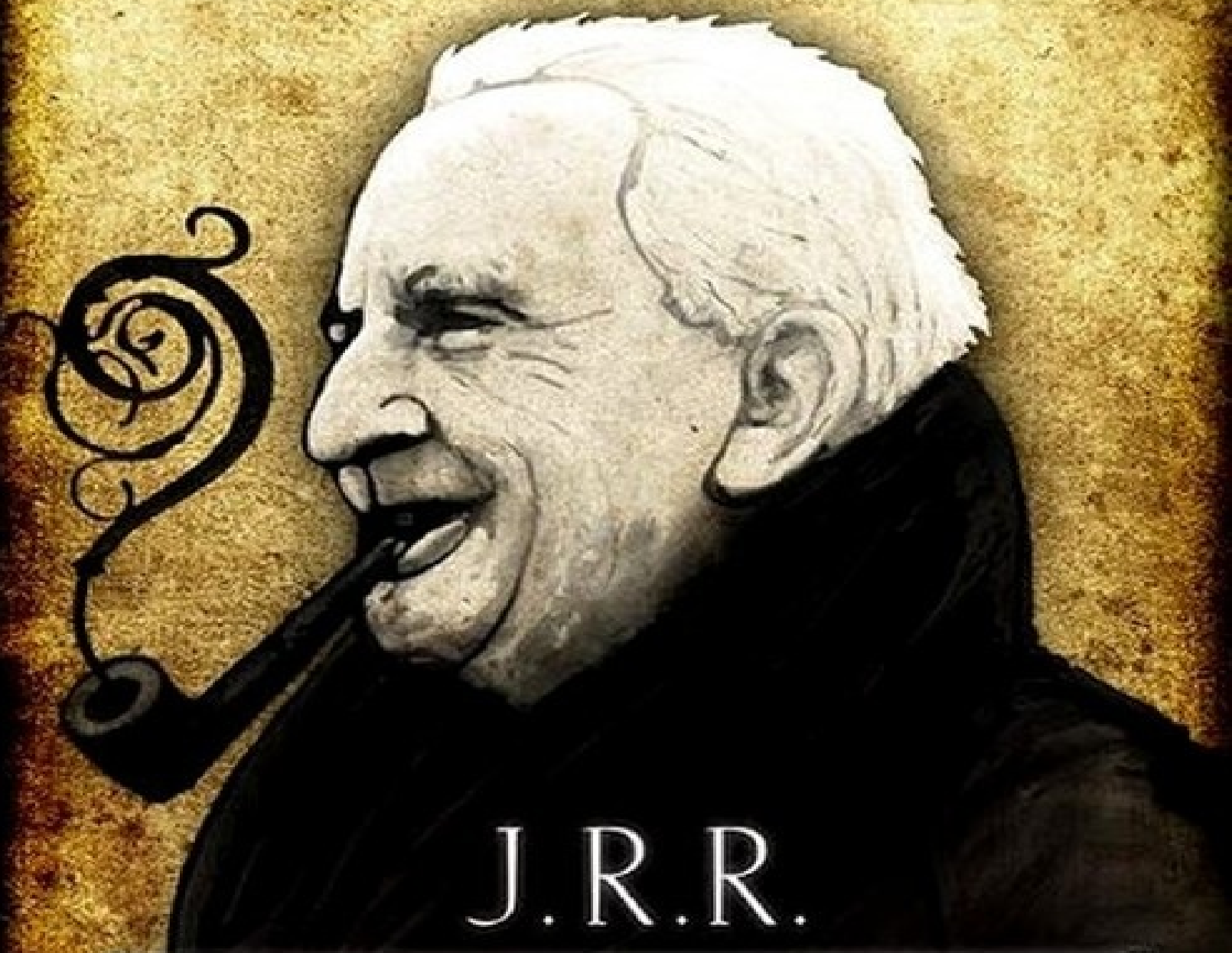

HUMPREY CARPENTER



J.R.R.

TOLKIEN

UMA BIOGRAFIA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



J. R. R.
Tolkien
uma biografia

Humphrey Carpenter

Tradução de Ronald Eduard Kyrmse

Martins Fontes
1992

Título original: J. R. R. Tolkien, a biography

Copyright by George Allen & Unwin (Publishers) Ltd, 1977

Copyright by Livraria Martins Fontes Editora Ltda., para a presente edição

1ª edição brasileira: fevereiro de 1992

Tradução: Ronald Eduard Kyrmse

Revisão da tradução: Luís Carlos Borges

Revisão tipográfica: Antonio Nazareno Favarin e Tereza Cecília de Oliveira Ramos

Produção gráfica: Geraldo Alves

Composição: Antônio José da Cruz Pereira e Ademilde L. da Silva

Capa: Adriana Maria Porto Translatti e Alexandre Martins Fontes

Digitalização e edição em ebook: Walker, 2015

Todos os direitos para o Brasil reservados à

Livraria Martins Fontes Editora Ltda.

Dedicado à memória da
"T.C.B.S"

Nota do autor

Este livro baseia-se nas cartas, nos diários e em outros escritos do falecido professor J. R. R. Tolkien, e nas reminiscências de sua família e seus amigos.

O próprio Tolkien não era inteiramente favorável a biografias, ou melhor, desgostava-lhe que fossem usadas como forma de crítica literária. “Uma de minhas opiniões mais categóricas”, escreveu certa vez, “é que a investigação da biografia de um autor é uma abordagem inteiramente vã e falsa às suas obras.” No entanto, ele sem dúvida tinha consciência de que, graças à notável popularidade da sua ficção, era altamente provável que uma biografia fosse escrita após a sua morte; e, de fato, ele parece ter feito alguns preparativos para tanto, pois nos últimos anos de sua vida acrescentou notas explicativas e comentários a várias cartas e documentos antigos além de, escrever também algumas páginas de reminiscências da infância. Assim, podemos esperar que este livro não seria inteiramente alheio aos seus desejos.

Ao escrevê-lo tentei contar a história da vida de Tolkien sem ensaiar quaisquer julgamentos críticos a respeito de suas obras de ficção. Isto ocorreu em parte como deferência às suas opiniões, mas de qualquer forma parece-me que a primeira biografia publicada de um escritor não é necessariamente o melhor lugar para emitir juízos literários, que, afinal, hão de refletir o caráter do crítico tanto quanto o do seu objeto. Tentei, no entanto, delinear algumas das influências, literárias e outras, que chegaram a agir sobre a imaginação de Tolkien, na esperança de que isto possa lançar alguma luz sobre seus livros.

H.C.
Oxford, 1976

I
Uma visita

1. Uma visita

É uma manhã de primavera em 1967. Vim de carro do centro de Oxford, passei pela ponte Magdalen, pela estrada de Londres, e subi uma colina, chegando então ao respeitável e desgracioso subúrbio de Headington. Perto de uma grande escola particular para meninas, viro à esquerda na Sandfield Road, uma rua residencial com sobrados de tijolos, cada um com seu jardim arrumadinho.

O número setenta e seis fica bem para o fim da rua. A casa foi pintada de branco e está parcialmente escondida pela cerca alta, a sebe e os ramos pendentes das árvores. Estaciono meu carro, abro o portão arqueado, subo o curto caminho ladeado por roseiras, e toco a campainha da porta da frente.

Durante um bom tempo o silêncio é completo, exceto pelo som grave e distante do tráfego na via principal. Quando começo a pensar em tocar a campainha outra vez, ou em dar meia-volta, a porta é aberta pelo professor Tolkien.

Ele é um pouco mais baixo do que eu esperava. A estatura é uma qualidade tão valorizada em seus livros que fico um tanto surpreso em ver que ele próprio está abaixo da média – não muito, mas apenas o suficiente para que se note. Apresento-me, e (já que marquei o encontro com antecedência e, portanto, sou esperado) o olhar interrogativo e um tanto defensivo com que me defrontei inicialmente acaba sendo substituído por um sorriso. Ele me oferece a mão e me cumprimenta com firmeza.

Atrás dele posso ver o hall de entrada, pequeno, bem-arrumado, sem nenhum elemento que se possa considerar inusitado no lar de um casal idoso de classe média. W. H. Auden, em uma observação descuidada citada nos jornais, chamou a casa de “horrorosa”, mas isso é absurdo. Ela é simplesmente comum e suburbana.

A sra. Tolkien aparece por um momento, para cumprimentar-me. É mais baixa que o marido, uma velhinha bem-arrumada, cabelos grisalhos atados rente à cabeça, sobrancelhas escuras. Trocam-se amabilidades, e então o professor sai pela porta da frente e leva-me para o seu “escritório”, ao lado da casa.

O escritório é na verdade a garagem, há muito destituída de qualquer carro – ele explica que não tem carro desde o começo da Segunda Guerra Mundial –; desde que se aposentou, a garagem foi tornada habitável e passou a abrigar livros e papéis antes guardados em sua sala na universidade. As prateleiras estão atulhadas de dicionários, obras de etimologia e filologia, e edições de textos em muitas línguas, entre as quais predominam o antigo e o médio inglês, e o antigo norueguês; mas há também uma seção dedicada a traduções de *O Senhor dos Anéis* em polonês, holandês, dinamarquês, sueco e japonês; o mapa da “Terra-média” inventada por ele está preso por alfinetes ao peitoril da janela. No chão há uma arca antiquíssima cheia de cartas, e sobre a escrivaninha há tinteiros, penas, e canetas, e duas máquinas de escrever. A sala recende a livros e fumaça de tabaco.

Não é muito confortável, e o professor pede desculpas por receber-me ali; explica que não há espaço no estúdio-dormitório que tem na casa, o lugar onde efetivamente escreve. De qualquer forma, diz ele, tal arranjo é temporário; dentro em breve espera conseguir terminar pelo menos a maior parte do trabalho prometido aos editores, e então ele e a sra. Tolkien poderão mudar-se para alojamentos mais confortáveis, num ambiente mais adequado, longe de visitantes e intrusos. Ele parece levemente embaraçado após este último comentário.

Passo pela lareira elétrica e a pedido dele sento-me em uma cadeira com encosto reclinável; ele tira o cachimbo do bolso do paletó de *tweed*, e começa a explicar que não poderá me dispensar mais do que uns poucos minutos. O tique-taque barulhento de um despertador azul brilhante, na outra ponta da

sala, parece enfatizar a explanação. E diz que tem de esclarecer uma evidente contradição num trecho de *O Senhor dos Anéis* que um leitor apontou por carta; o assunto requer sua consideração urgente, visto que uma edição revista do livro está prestes a ir para o prelo. Ele explica tudo com riqueza de detalhes, falando sobre o livro não como uma obra de ficção, mas como uma crônica de fatos reais; parece ver-se não como um autor que cometeu um pequeno erro, que agora precisa ser corrigido ou justificado, mas sim como um historiador que precisa lançar luz sobre um trecho obscuro de um documento histórico.

É desconcertante, mas parece acreditar que conheço o livro tão bem quanto ele. Li-o muitas vezes, mas ele fala sobre detalhes que pouco ou nada significam para mim. Começo a temer que ele fará alguma pergunta sutil que revelará minha ignorância – e, de fato, ele me questiona –; felizmente é uma pergunta retórica que, obviamente, não exige mais do que um “sim” como resposta.

Continuo nervoso, na expectativa de perguntas mais difíceis, e duplamente nervoso porque não consigo ouvir tudo o que diz. Ele tem uma voz estranha, profunda mas sem ressonância, inteiramente inglesa mas contendo certa qualidade que não consigo definir, algo como se ele viesse de uma outra era ou civilização. No entanto, durante a maior parte do tempo, ele não fala com clareza. As palavras saem aos borbotões. Frases inteiras são engolidas ou comprimidas na pressa da ênfase. Volta e meia ele coloca a mão sobre a boca, o que torna ainda mais difícil entendê-lo. Fala em sentenças complexas, quase que sem hesitação – mas aí vem uma longa pausa durante a qual ele certamente espera que eu responda. Responder a quê? Se houve pergunta, não a entendi. Subitamente ele recomeça (não havia terminado o que dizia) até chegar a uma conclusão enfática. Ao fazê-lo, aperta o cachimbo entre os dentes, continua falando por entre as mandíbulas comprimidas, e risca um fósforo justamente quando alcança o ponto final.

Outra vez luto para pensar num comentário inteligente, e outra vez ele recomeça antes que eu o consiga. Perseguindo algum tênue fio condutor, começa a falar sobre um comentário que leu num jornal e que o deixou furioso. Agora acho que posso contribuir um pouco, e digo algo que, espero, possa soar inteligente. Ele escuta com interesse cortês e responde com vagar, fazendo excelente uso de minha observação (na verdade, bem trivial), fazendo assim com que eu sinta que disse algo que valia a pena dizer. Ele então foge para algum tópico tangencial, e mais uma vez sinto-me perdido, incapaz de oferecer mais do que um monossílabo de concordância aqui e ali; ocorre-me, no entanto, que aos seus olhos eu, como ouvinte, seja talvez tão importante quanto um interlocutor.

Ao falar, ele se move sem parar, andando pela salinha escura com uma energia que faz supor um espírito irrequieto. Agita o cachimbo no ar, esvazia-o no cinzeiro, enche-o, risca um fósforo, mas raramente fuma mais que algumas poucas baforadas. Tem mãos pequenas, cheias de rugas, bem-arrumadas, com uma aliança simples na mão esquerda. Tem roupas um pouco amassadas, mas elas lhe assentam bem, e, apesar dos setenta e seis anos, há apenas uma suspeita de barriga por detrás dos botões do colete colorido. Não consigo desviar minha atenção do seu olhar por muito tempo. Seus olhos perambulam pela sala, espreitam pela janela, mas, no entanto, acabam por se voltar outra vez para mim, ou então por assumir uma expressão firme durante a exposição de algum argumento fundamental. São circundados por rugas e dobras que mudam com o humor, dando ênfase a cada estado de espírito.

A enxurrada de palavras secou por um momento, e, mais uma vez, ele acende o cachimbo. Percebo minha oportunidade e declaro minhas intenções, que, a essa altura, já parecem não ter importância. No entanto, conquisto imediatamente o seu interesse, e ele me escuta atentamente. Aí, terminada essa parte da conversa, levanto-me para partir; no momento, porém, é evidente que ele não espera nem deseja que eu parta, pois começou a falar de novo. Mais uma vez faz referência à sua própria mitologia.

Seus olhos fixam algum objeto distante, e ele parece ter esquecido minha presença, agarrando seu cachimbo e falando através da boquilha. Ocorre-me que em todo o seu exterior ele se assemelha ao arquétipo do professor de Oxford, às vezes até mesmo à *caricatura* de algum deles no palco. Mas isso é exatamente o que ele não é. É antes como se algum estranho espírito tivesse assumido o aspecto de um idoso professor. O corpo pode estar caminhando pela surrada salinha suburbana, mas a mente está longe, percorrendo as planícies e montanhas da Terra-média.

Aí tudo acaba; ele me conduz para fora da garagem, leva-me até o portão do jardim – o portão menor, defronte à porta principal; explica que tem de manter os portões da garagem fechados a cadeado para impedir que os espectadores do futebol estacionem os carros na entrada quando vão ver jogos no estádio local. Para minha considerável surpresa, convida-me para uma nova visita. Não para breve, pois ele e a sra. Tolkien não têm passado bem, e vão tirar férias em Bournemouth; além disso, o trabalho está atrasado em muitos anos, e há uma pilha de cartas esperando resposta. Mas em alguma ocasião, num futuro não muito distante. Ele aperta minha mão e, meio cabisbaixo, volta para dentro de casa.

II

1892-1916: os primeiros anos

1. Bloemfontein

Num dia de março de 1891 o vapor *Roslin Castle* deixou o cais na Inglaterra com destino ao Cabo. De pé no convés de popa, acenando para a família, que não voltaria a ver por longo tempo, estava uma jovem esbelta e bonita de vinte e um anos. Mabel Suffield ia para a África do Sul casar-se com Arthur Tolkien.

Sob todos os aspectos, aquele era um divisor de águas na sua vida. Atrás de si estava deixando Birmingham, dias de neblina, chás de família. À sua frente, tinha um país desconhecido, onde o sol brilhava sempre, e um casamento com um homem treze anos mais velho.

Apesar de Mabel ser tão jovem, o noivado fora longo – Arthur Tolkien propusera-lhe casamento e ela aceitara três anos antes, logo após ela completar dezoito anos. No entanto, durante dois anos, o pai não permitiu um noivado formal em virtude de sua pouca idade, e, assim, ela e Arthur só podiam trocar cartas em segredo e encontrar-se em festas vespertinas sob o olhar atento da família. As cartas eram confiadas por Mabel à sua irmã mais moça, Jane, que as entregava a Arthur na plataforma da estação de New Street em Birmingham, quando ela, depois da escola, apanhava o trem para o subúrbio onde moravam os Suffields. As festas eram geralmente reuniões musicais onde Arthur e Mabel só conseguiam trocar olhares furtivos ou no máximo um toque na manga, enquanto as irmãs dele tocavam piano.

Tratava-se de um piano Tolkien, naturalmente, um dos modelos verticais fabricados pela empresa da família, origem de todo o dinheiro que os Tolkiens haviam possuído. Na tampa havia a inscrição: “Piano-Forte Irresistível: Fabricado Expressamente para Climas Extremos”; mas a empresa de pianos estava agora em outras mãos, e o pai de Arthur estava falido, sem um negócio de família que desse emprego a seus filhos. Arthur tentara fazer carreira no Lloyds Bank, mas as promoções no escritório de Birmingham eram lentas, e ele sabia que se tivesse de sustentar mulher e família teria de procurar recursos em outra parte. Voltou seu olhar para a África do Sul, onde a descoberta de ouro e diamantes estava fazendo das transações bancárias um negócio em expansão, com boas perspectivas para os funcionários. Menos de um ano depois de propor casamento a Mabel, ele obtivera um cargo no Bank of Africa e viajado para o Cabo.

A iniciativa de Arthur logo se justificara. Durante o primeiro ano, nomeado para cargos temporários em muitas das principais cidades entre o Cabo e Johannesburg, foi obrigado a viajar muito. Saiu-se bem e no final de 1890 foi promovido a gerente da importante filial de Bloemfontein, capital do Estado Livre de Orange. Ofereceram-lhe uma casa, sua renda era adequada, e assim o casamento finalmente tornou-se possível. Mabel celebrou seu vigésimo primeiro aniversário no fim de janeiro de 1891, e, poucas semanas depois, estava a bordo do *Roslin Castle*, a caminho da África do Sul e de Arthur, o noivado agora abençoado pela aprovação do pai.

Ou talvez fosse melhor dizer “tolerância”, pois John Suffield era um homem orgulhoso, especialmente em se tratando de antepassados, que no seu caso, sob vários aspectos, eram o único motivo de orgulho que lhe restava. Outrora fora proprietário de um próspero negócio de fazendas em Birmingham, mas agora, assim como o pai de Arthur Tolkien, estava falido. Tinha de ganhar a vida como caixeiro-viajante, vendendo o desinfetante Jeyes; a má fortuna, porém, havia apenas fortalecido o seu orgulho pela antiga e respeitável família das Midlands¹. O que eram os Tolkiens em comparação? Meros imigrantes alemães, ingleses durante umas poucas gerações apenas – não era uma linhagem aceitável para o marido de sua filha.

Se tais reflexões ocuparam Mabel durante a viagem de três semanas, com certeza haviam se dissipado no início de abril, no dia em que o navio adentrou o porto da Cidade do Cabo, e ela finalmente vislumbrou a figura vistosa, de terno branco e bigode luxuriante, mal aparentando os seus trinta e quatro anos, perscrutando ansiosamente a multidão no cais, em busca da sua querida “Mah”.

Arthur Reuel Tolkien e Mabel Suffield casaram-se na catedral da Cidade do Cabo em 16 de abril de 1891, e passaram a lua-de-mel num hotel na vizinha Sea Point. Veio depois uma exaustiva viagem de trem, de mais de mil quilômetros, até a capital do Estado Livre de Orange, onde ficava a casa que seria o primeiro e único lar de Mabel e Arthur.

Bloemfontein iniciara sua vida quarenta e cinco anos antes como um mero vilarejo. Mesmo em 1891 não era grande. Certamente não se revelou impressionante a Mabel quando ela e Arthur desembarcaram do trem na recém-construída estação. No centro da cidade ficava a praça do mercado, onde os fazendeiros da savana, de fala holandesa, chegavam em grandes carros de boi para descarregar e vender fardos de algodão, a espinha dorsal da economia do Estado. Em volta da praça aglomeravam-se sólidos indícios de civilização: a Casa do Parlamento com sua colunata, o templo de duas torres da Igreja Reformada Holandesa, a catedral anglicana, o hospital, a biblioteca pública e a Presidência. Havia um clube para residentes europeus (alemães, holandeses e ingleses), um clube de tênis, um tribunal de justiça, e um número razoável de lojas. Mas as árvores plantadas pelos primeiros colonos ainda eram esparsas, e o parque da cidade, como observou Mabel, compunha-se apenas de uns dez salgueiros e um olho-d’água. Algumas centenas de metros além das casas estendia-se a savana aberta, onde lobos, cães selvagens e chacais rondavam, ameaçando os rebanhos, e onde, após o cair da noite, um postilhão podia ser atacado por um leão faminto. O vento dessas planícies sem árvores varria Bloemfontein, levantando a poeira das largas ruas de terra. Mabel, escrevendo à família, resumiu a cidade como um “Enorme Deserto! Ermo Horrível”.

Não obstante, tinha de aprender a gostar dela por deferência a Arthur, e, entretanto, a vida que levava não era, de forma alguma, desconfortável. As instalações do Bank of Africa, na rua Maitland, logo ao lado da praça do mercado, incluíam uma residência sólida com um grande jardim. Havia criados na casa, alguns negros ou mestiços, outros imigrantes brancos, e era possível escolher companhia dentre os vários outros residentes de língua inglesa, que organizavam uma ronda regular, ainda que previsível, de bailes e jantares. Mabel tinha muito tempo à sua disposição pois, quando não estava ocupado no banco, Arthur assistia a aulas de holandês, a língua em que eram redigidos todos os documentos jurídicos e governamentais, ou então frequentava o clube, conhecendo as pessoas certas. Ele não podia se dar ao luxo de gozar a vida, pois, embora houvesse só um outro banco em Bloemfontein, o National, este era um banco do próprio Estado Livre de Orange. Por outro lado, o Bank of Africa, gerenciado por Arthur, era um forasteiro, um *uitlander*, tolerado apenas por decreto parlamentar especial. Para piorar as coisas, o gerente anterior do Bank of Africa havia-se bandeado para o National, e Arthur teve de dar duro para garantir que valiosas contas não o seguissem. Ademais, havia projetos locais que poderiam representar vantagens para o seu banco, planos relacionados aos diamantes de Kimberley a oeste ou ao ouro de Witwatersrand ao norte. Tratava-se de uma etapa crucial na carreira de Arthur, e, além disso, Mabel podia perceber que ele estava imensamente feliz. A saúde de Arthur não fora invariavelmente boa desde a chegada à África do Sul, mas o clima parecia adequar-se ao seu temperamento; na verdade, Mabel notava com um laivo de apreensão, parecia até mesmo agradar-lhe. Ela, por sua vez, passados apenas alguns meses, passou a detestar o clima de todo o coração. O verão opressivamente quente e o inverno frio, seco e poeirento sobrecarregavam seus nervos muito mais do que ela seria capaz de confessar a Arthur, e as “férias em casa” pareciam muito distantes, já que não teriam direito a visitar a Inglaterra enquanto não houvessem passado mais três

anos em Bloemfontein.

No entanto, ela adorava Arthur e sempre ficava feliz quando conseguia atraí-lo para longe da escrivaninha e iam passear a pé ou de carro, jogar uma partida de tênis ou uma rodada de golfe, ou ler em voz alta. Logo surgiu algo mais para ocupar sua mente: a descoberta de que havia engravidado.

Em 4 de janeiro de 1892, Arthur Tolkien escreveu para sua casa em Birmingham:

Querida Mãe,

Tenho boas notícias para a senhora esta semana. Mabel deu-me um lindo filhinho ontem à noite (3 de janeiro). Foi um tanto precoce, mas o bebê está forte e passa bem, e Mabel suportou tudo maravilhosamente. O bebê é (naturalmente) adorável. Tem belas mãos e orelhas (dedos bem longos), cabelos bastante claros, olhos “Tolkien” e uma boca indubitavelmente “Suffield”. No efeito geral, assemelha-se imensamente a uma edição muito bonita da tia, Mabel Mitton. Ontem, quando buscamos O dr. Stollreither pela primeira vez, ele disse que era um alarme falso e mandou a babá para casa por uma quinzena, mas estava enganado, e busquei-o de novo por volta das oito, e então ele ficou até as 12:40, quando tomamos um uísque desejando boa sorte ao menino. O primeiro nome do menino será “John”, como seu avô, provavelmente John Ronald Reuel no total. Mah quer chamá-lo Ronald e eu quero manter John e Reuel...

“Reuel” era o segundo prenome do próprio Arthur, mas não havia nenhum precedente para “Ronald” na família. Foi o nome que Arthur e Mabel escolheriam para se dirigir ao filho, o nome que seria usado pelos parentes e, mais tarde, pela sua esposa. No entanto, ele às vezes dizia que não o sentia como seu nome verdadeiro; de fato, as pessoas pareciam sentir-se levemente embaraçadas quando tinham de escolher o modo de se dirigir a ele. Alguns colegas de escola mais íntimos chamavam-no “John Ronald”, que soava grandiloquente e eufônico. Na vida adulta seus amigos próximos referiam-se a ele (como era costume na época) pelo sobrenome, ou chamavam-no “Tollers”, um apelido cordial típico daquele tempo. Os que não eram tão íntimos, especialmente nos últimos anos de sua vida, conheciam-no por “J. R. R. T.”. Por fim, essas quatro iniciais talvez tenham vindo a ser a melhor representação do homem.

John Ronald Reuel Tolkien foi batizado na catedral de Bloemfontein em 31 de janeiro de 1892 e alguns meses mais tarde foi fotografado no jardim da Casa do Banco, nos braços da babá contratada para cuidar dele. Sua mãe evidentemente gozava de excelente saúde, enquanto Arthur, de certo modo, sempre um janota, posava de forma positivamente garbosa, de terno tropical branco e palheta. Atrás deles estavam de pé dois criados negros, uma empregada e um valete chamado Isaak, aparentemente satisfeitos e um pouco espantados por serem incluídos na fotografia. Mabel reprovava a postura dos boêres frente aos nativos. Na Casa do Banco reinava a tolerância, manifestada de maneira especialmente notável por ocasião da extraordinária atitude de Isaak, que um dia raptou o pequeno John Ronald Reuel e levou-o à sua aldeia, onde orgulhosamente exibiu a novidade de um bebê branco. Todos ficaram perturbados, houve um grande rebuliço, mas Isaak não foi despedido, e, em sinal de gratidão ao patrão, chamou o próprio filho “Isaak Mister Tolkien Victor”, o último nome em homenagem à rainha Vitória.

Ocorreram outros distúrbios na casa dos Tolkiens. Um dia o macaco de estimação do vizinho pulou o muro e mascou três bibes do menino. Cobras esgueiravam-se no galpão de madeira e tinham de ser evitadas. E muitos meses mais tarde, quando começava a andar, Ronald topou com uma tarântula. Ela o mordeu, e ele correu aterrorizado pelo jardim, até que a babá o agarrasse e sugasse o veneno. Já adulto, podia lembrar-se de um dia quente, de uma fuga amedrontada por entre o capim longo, ressequido; contudo, a lembrança da tarântula desapareceu, e ele afirmava que o incidente não lhe deixara nenhuma ojeriza especial às aranhas. Não obstante, em suas histórias escreveu mais de uma vez sobre aranhas monstruosas de mordidas peçonhentas.

A vida na Casa do Banco geralmente seguia um padrão ordeiro. De manhãzinha e no final da tarde

o garoto era levado ao jardim, onde podia observar o pai cuidando das parreiras ou plantando mudas em um terreno baldio murado. Durante o primeiro ano de vida do menino, Arthur Tolkien criou um pequeno bosque de ciprestes, abetos e cedros, fato que talvez explique o profundo amor que Ronald viria a sentir pelas árvores.

Das nove e meia às quatro e meia o garoto tinha de permanecer em casa, longe do furor do sol. Mesmo lá dentro o calor podia ser intenso, e era preciso vesti-lo *todo* de branco. “O bebê parece um duende quando está todo vestido de babados brancos e sapatos brancos”, escreveu Mabel à mãe do marido. “Quando está quase *sem* roupa, acho que parece ainda mais um elfo.”

Mabel agora tinha mais companhia. Logo após o primeiro aniversário do bebê, chegaram da Inglaterra a irmã e o cunhado, May e Walter Incedon. Walter, um comerciante de Birmingham de trinta e poucos anos, tinha interesses comerciais nas minas de ouro e diamantes sul-africanas, e deixou May e sua filhinha Marjorie na Casa do Banco para viajar até as áreas de mineração. May Incedon chegara a tempo de manter a irmã animada durante o amargor de outro verão gelado em Bloemfontein, uma estação que seria mais difícil de suportar porque também Arthur viajara a trabalho por algumas semanas. O frio era intenso, e as duas irmãs ficavam juntas perto da estufa da sala de jantar, conversando sobre os dias em Birmingham enquanto Mabel tricotava roupinhas para o bebê. Mabel mal escondia sua irritação com a vida em Bloemfontein, seu clima, as intermináveis visitas sociais e os tediosos jantares. As férias em casa estavam próximas, coisa de um ano – apesar de Arthur sempre sugerir razões para adiar a visita à Inglaterra. “Não o deixarei adia-la muito”, escreveu Mabel. “Não gosto da maneira como este clima lhe agrada cada vez mais. Oxalá agradasse a mim, pois tenho certeza de que ele nunca mais se estabelecerá na Inglaterra.”

Finalmente a viagem *teve* de ser adiada. Mabel descobriu que engravidara novamente e em 17 de fevereiro de 1894 deu à luz outro filho, que foi batizado Hilary Arthur Reuel.

Hilary era um garoto saudável, que se desenvolveu muito bem no clima de Bloemfontein. Seu irmão mais velho, porém, não ia tão bem assim. Ronald era robusto e bonito, tinha cabelos claros e olhos azuis – “realmente um jovem saxão”, dizia o pai. Já falava com desembaraço e divertia os funcionários do banco em suas visitas diárias ao escritório do pai, no andar inferior, onde pedia lápis e papel e rabiscava desenhos grosseiros. Mas o nascimento dos dentes deixava-o indisposto e febril, o médico tinha de ser chamado toda hora. Mabel logo estava exausta. O tempo não podia ser pior: uma seca intensa arruinou o comércio, azedou os humores e trouxe uma praga de gafanhotos que se abateu sobre a savana e destruiu uma excelente colheita. Mas, a despeito de tudo, Arthur escreveu ao pai as palavras que Mabel temia ouvir: “Creio que vou dar-me bem nesta terra e acho que não conseguiria voltar a me estabelecer na Inglaterra em caráter permanente.”

Ficassem ou não, estava claro que o calor prejudicava imensamente a saúde de Ronald. Algo tinha de ser feito para levá-lo para ares mais frescos. Assim, em novembro de 1894, Mabel levou os dois meninos à costa, perto da Cidade do Cabo, uma viagem de muitas centenas de quilômetros. Ronald tinha quase três anos, idade suficiente para que guardasse uma tênue lembrança da longa viagem de trem e de quando voltou correndo do mar para uma cabana de praia, numa costa ampla, plana e arenosa. Após estas férias, Mabel e as crianças voltaram a Bloemfontein, quando então tiveram início os preparativos para a visita à Inglaterra. Arthur reservara passagens e contratara uma babá que viajaria com eles. Queria muito acompanhá-los, mas não podia dar-se ao luxo de afastar-se de sua escrivãzinha, pois havia iminentes planos ferroviários que diziam respeito ao banco, e, como escreveu ao pai: “Nestes dias de concorrência não gostamos de deixar nossos negócios em mãos alheias.” Além disso, o tempo que passasse longe seria mediante meio salário, e isto, mais as despesas da viagem, não podia ser facilmente custeado. Assim, decidiu ficar em Bloemfontein durante algum tempo e juntar-se

à esposa e aos filhos na Inglaterra um pouco mais tarde. Ronald observou o pai pintando *A. R. Tolkien* na tampa de um baú da família. Foi a única lembrança nítida que o menino guardou dele.

O *S. S. Guelph* zarpou da África do Sul com Mabel e os garotos no começo de abril de 1895. Na mente de Ronald nada mais restaria além de algumas palavras de africâner e a tênue memória de uma paisagem seca, poeirenta e estéril. Hilary era jovem demais até para se lembrar disto. Três semanas depois, Jane, a irmã mais moça de Mabel, agora mulher feita, recebeu-os em Southampton, e, algumas horas depois estavam todos em Birmingham, apertados na minúscula casa da família em King's Heath. O pai de Mabel estava alegre como sempre, contando piadas e fazendo trocadilhos abomináveis, e a mãe mostrava-se gentil e compreensiva. Foram ficando, a primavera e o verão passaram, com notáveis melhoras na saúde de Ronald; embora Arthur escrevesse dizendo que sentia saudades da mulher e dos filhos e que ansiava por ir encontrá-los, sempre surgia algo que o detinha.

Então, em novembro, veio a notícia de que ele contraíra febre reumática. Já se recuperara parcialmente, mas não podia enfrentar o inverno inglês e teria de recuperar a saúde antes de empreender a viagem. Mabel passou um Natal de terrível ansiedade. Ronald, porém, divertiu-se e ficou fascinado pela visão de sua primeira árvore de Natal, muito diferente do eucalipto murcho que enfeitara a Casa do Banco em dezembro do ano anterior.

Quando janeiro chegou, soube-se que Arthur ainda estava com a saúde abalada, e Mabel decidiu que teria de voltar a Bloemfontein para tomar conta dele. Fizeram-se os preparativos, e um agitado Ronald ditou à babá uma carta para o pai.

Ashfield Road 9, King's Heath, 14 de fevereiro de 1896.

Querido Papai,

Estou tão contente de voltar para vê-lo faz tanto tempo que nos afastamos do senhor espero que o navio nos leve todos de volta para o senhor Mamãe e o Bebê e eu. Sei que vai ficar muito contente de receber uma carta de seu pequeno Ronald faz tanto tempo que lhe escrevi fiquei um homem grande agora porque tenho um casaco de homem e um colete de homem Mamãe diz que o senhor não vai reconhecer o Bebê ou a mim ficamos homens grandes temos tantos presentes de Natal para lhe mostrar a tia Gracie veio visitar-nos passeio todos os dias e só ando um pouquinho em meu carrinho de correio. Hilary manda muitas lembranças e beijos e também seu carinhoso

Ronald.

A carta não foi enviada, pois chegou um telegrama dizendo que Arthur sofrera uma séria hemorragia e que Mabel deveria esperar pelo pior. No dia seguinte, 15 de fevereiro de 1896, ele estava morto. Quando um relato completo de suas últimas horas chegou à viúva, seu corpo já havia sido sepultado no cemitério anglicano de Bloemfontein, a oito mil quilômetros de Birmingham.

2. Birmingham

Passado o primeiro choque, Mabel Tolkien deu-se conta de que tinha de tomar decisões. Ela e os dois meninos não poderiam ficar morando para sempre na pequena e apertada casa de subúrbio de seus pais; no entanto, ela não tinha recursos para estabelecer um lar independente. Mesmo com todo o trabalho duro e a poupança conscienciosa, Arthur amalhara um montante apenas modesto de capital, investido principalmente nas Minas Bonanza, e, embora razoáveis, os dividendos não ultrapassavam trinta xelins por semana, o que mal bastava para sustentá-la e as duas crianças, mesmo no mais baixo padrão de vida. Havia também a questão da educação dos meninos. Provavelmente ela mesma poderia cuidar disso durante alguns anos, pois sabia latim, francês e alemão, além de pintura, desenho e piano. Mais tarde, quando Ronald e Hilary tivessem idade suficiente, teriam de fazer o exame de admissão da King Edward's School em Birmingham, que Arthur frequentara e era o melhor ginásio da cidade. Entrementes, precisava alugar acomodações baratas. Havia muitas residências disponíveis em Birmingham, mas os meninos precisavam do ar fresco do campo, de um lar onde pudessem ser felizes a despeito da pobreza. Começou a procurar nos anúncios.

Ronald, agora com cinco anos, ajustava-se pouco a pouco à vida sob o teto dos avós. Quase se esquecera do pai, a quem logo consideraria como parte de um passado quase legendário. A mudança de Bloemfontein para Birmingham deixara-o confuso, e às vezes ele esperava encontrar a varanda da Casa do Banco no lar dos avós em Ashfield Road; mas, à medida que passavam as semanas e as lembranças da África do Sul começavam a desaparecer, passou a prestar mais atenção nos adultos que o rodeavam. O tio Willie e a tia Jane ainda moravam em casa, e havia também um inquilino, um securitário ruivo que se sentava na escadaria cantando “Polly-Wolly-Doodle” acompanhando-se ao banjo, e lançando olhares a Jane. A família o considerava vulgar, e horrorizou-se quando os dois ficaram noivos. Ronald ansiava secretamente por um banjo.

À tardinha o avô voltava para casa, depois de passar o dia percorrendo as ruas de Birmingham, persuadindo os lojistas e gerentes de fábricas a fazerem pedidos de Fluido Jeyes. John Suffield tinha uma longa barba e parecia muito velho. Tinha sessenta e três anos e afirmava que viveria até os cem. Era um homem muito alegre, que não parecia importar-se em ganhar a vida como caixeiro-viajante depois de ter gerenciado sua própria loja de tecidos no centro da cidade. Às vezes ele pegava uma folha de papel e uma pena de ponta extrafina. Ai, desenhava um círculo com uma moeda de seis *pence* e nesse espaço reduzido, com uma bela caligrafia de gravador, escrevia o texto do Pai-Nosso inteiro. Seus ancestrais haviam sido gravadores, o que talvez explicasse essa sua habilidade; contava com orgulho que o rei Guilherme IV dera à família um brasão pelos excelentes serviços que lhe haviam prestado e que lord Suffield era seu parente distante (o que não era verdade).

Foi assim que Ronald começou a acostumar-se com o modo de ser da família Suffield. Chegou a sentir-se muito mais chegado a eles que à família do falecido pai. O avô Tolkien morava na mesma rua, e algumas vezes levavam Ronald para vê-lo; mas John Benjamin Tolkien tinha oitenta e nove anos e fora gravemente abalado pela morte do filho. Seis meses depois de Arthur morrer, o velho estava em sua própria sepultura, e rompia-se mais um elo do menino com os Tolkiens.

Havia, no entanto, a tia Grace, irmã mais moça do pai de Ronald, que lhe contava histórias dos ancestrais dos Tolkiens, histórias que pareciam improváveis mas que estavam, como dizia a tia Grace, firmemente fundamentadas em fatos. Alegava que o antigo nome da família era “von Hohenzollern”, derivado do distrito de Hohenzollern do Sacro Império Romano, lar original da família. Um certo Georg

von Hohenzollern, dizia, lutara ao lado do arquiduque Ferdinando da Áustria no cerco de Viena em 1529 e mostrara grande audácia ao liderar um ataque extraoficial aos turcos, ocasião em que havia capturado o estandarte do Sultão. Foi por isso (dizia a tia Grace) que lhe deram o apelido de *Tollkühn*, “temerário”; e o nome pegou. Dizia-se também que a família tinha ligações com a França, e que houvera casamentos com a nobreza daquele país, onde adquirira uma versão francesa do apelido, *du Téméraire*. Os Tolkiens tinham opiniões divergentes quanto ao motivo e à época em que os ancestrais haviam chegado à Inglaterra. Os mais prosaicos diziam que a família possuía terras na Saxônia e havia fugido em 1756 para escapar da invasão prussiana. Tia Grace preferia a história mais romântica e implausível – um dos *du Téméraires* atravessara o Canal em 1794 para escapar a guilhotina e aparentemente havia adotado uma forma do antigo nome, “Tolkien”. O cavalheiro fora reputadamente um habilidoso cravista e consertador de relógios. Esta versão das origens da família – típica entre as famílias de classe média – certamente parece confirmar que os Tolkiens estavam em Londres no início do século XIX, ganhando a vida como fabricantes de relógios e de pianos. E seria na condição de fabricante de pianos e vendedor de partituras que John Benjamin Tolkien, pai de Arthur, viria para Birmingham e montaria um negócio alguns anos depois.

Os Tolkiens sempre gostavam de contar histórias que emprestassem às suas origens um colorido romântico; mas, qualquer que fosse a verdade nelas contida, a família era, ao tempo da infância de Ronald, inteiramente inglesa no caráter e na aparência, indistinguível das milhares de famílias de comerciantes de classe média que populavam os subúrbios de Birmingham. De qualquer modo, Ronald interessava-se mais pela família da mãe. Logo nasceu uma forte afeição pelos Suffields e pelo que eles representavam. Descobriu que, embora a maior parte da família estivesse naquela época em Birmingham, suas origens se encontravam no tranquilo vilarejo de Evesham em Worcestershire, onde haviam vivido Suffields por muitas gerações. Já que, de certa forma, era uma criança sem lar – pois a partida da África do Sul e as peregrinações que então começaram incutiram nele um sentimento de falta de raízes – agarrou-se ao conceito de Evesham em particular e das West Midlands em geral como o seu verdadeiro lar. Escreveu certa vez: “Apesar de Tolkien no nome, sou Suffield por gosto, talentos e criação.” E sobre Worcestershire disse: “Qualquer canto daquele condado (não importa quão belo ou miserável) é, de um modo indefinível, como nenhuma outra parte do mundo, o meu ‘lar’.”

Por volta do verão de 1896 Mabel Tolkien encontrou um local barato o bastante para que ela e as crianças levassem uma vida independente. Mudaram-se para o vilarejo de Sarehole, cerca de um quilômetro e meio ao sul de Birmingham. O efeito desta mudança sobre Ronald foi profundo e permanente. Exatamente na idade em que sua imaginação despontava, ele se viu na região rural da Inglaterra.

O novo endereço era Gracewell 5, a última de uma fileira de casas geminadas, alugada de um proprietário de terras local. Diante do portão a estrada subia pela colina até a vila de Moseley, e de lá continuava em direção a Birmingham. Na outra direção levava a Stratford-upon-Avon. Mas o tráfego limitava-se às carroças de um ou outro fazendeiro ou negociante, e era fácil esquecer que a cidade estava tão próxima.

Do outro lado da estrada, depois do prado, estava o rio Cole, pouco mais que um riacho largo, e, à margem deste, o moinho de Sarehole, um antigo edifício de tijolos com uma alta chaminé. Durante três séculos havia-se moído trigo ali, mas os tempos estavam mudando. Fora instalada uma máquina a vapor para fornecer energia quando o rio estivesse baixo, e agora o principal serviço do moinho era moer ossos para produzir adubo. Ainda assim, a água ainda se precipitava pelo dique e corria por baixo da grande roda, enquanto o interior do edifício era coberto por um pó fino e branco. Hilary Tolkien tinha apenas dois anos e meio, mas logo estava acompanhando o irmão mais velho em expedições pelo

prado até o moinho, onde, através da cerca, observavam a roda-d'água girando na sua caverna escura. Às vezes corriam para o outro lado, até o pátio onde os sacos eram atirados na carroça que os aguardava. Às vezes aventuravam-se pelo portão e contemplavam uma porta aberta, onde podiam ver as grandes correias de couro, as polias, os eixos e os homens trabalhando. Havia dois moleiros, pai e filho. O velho tinha uma barba negra, mas era o filho que assustava os meninos com as suas roupas brancas e poeirentas e o rosto de olhar penetrante. Ronald chamava-o “o Ogro Branco”. Quando gritava-lhes que fossem embora eles saíam do pátio em disparada, e davam a volta correndo para trás do moinho, até o lago silencioso onde nadavam cisnes. Ao pé do lago as escuras águas subitamente se arremessavam por sobre a comporta até a grande roda embaixo: um local perigoso e excitante.

Não longe do moinho de Sarehole, subindo um pouco a colina em direção a Moseley, havia uma profunda cava de areia margeada de árvores, outro ponto predileto dos meninos. De fato, podia-se explorar em muitas direções, apesar de haver riscos. Um velho fazendeiro que certa vez perseguiu Ronald por apanhar cogumelos foi apelidado de “o Ogro Negro” pelos meninos. Tais terrores deliciosos eram a essência daqueles dias em Sarehole, que Hilary Tolkien, quase oitenta anos depois, lembrou desse modo:

“Passamos verões adoráveis apenas colhendo flores e invadindo propriedades alheias. O Ogro Negro costumava pegar os sapatos e as meias do pessoal que ia brincar na água e saía correndo com eles. Quando iam pedi-los, ele lhes dava uma surra! O Ogro Branco não era tão mau assim. Mas para chegar ao lugar onde costumávamos colher amoras pretas (o Valezinho) tínhamos de atravessar as terras do Branco, e ele não gostava muito de nós porque o caminho através do seu campo era estreito, e nós saíamos dele atrás de agrostemas e outras coisas bonitas. Minha mãe preparou um almoço para comermos nesse lugar adorável, mas ao chegar fez uma voz grossa, e nós dois saímos correndo!”

Havia poucas casas em Sarehole além da fileira de chalés onde moravam os Tolkiens, mas o vilarejo de Hall Green ficava apenas um pouco além, depois de uma alameda e um vau. Ronald e Hilary às vezes compravam doces de uma velha senhora desdentada que tinha lá uma barraquinha. Pouco a pouco tornaram-se amigos das crianças locais. Não foi fácil, pois seus sotaques de classe média, os cabelos longos e os bibes eram objetos de chacota; eles, por sua vez, não estavam acostumados com o dialeto de Warwickshire e os modos rudes dos meninos do campo. Mas começaram a adotar parte do vocabulário local, incorporando palavras de dialeto à sua própria fala: *chawl* para bochecha de porco, *miskin* para lata de lixo, *pikelet* para pão-de-minuto, e *gamgee* para algodão cru. Esta última devia sua origem a um certo dr. Gamgee de Birmingham, que inventara o *gamgee-tissue*, uma atadura cirúrgica feita de algodão cru. Seu nome tornara-se um termo cotidiano no distrito.

Mabel logo principiou a educar os filhos, que não poderiam ter melhor professora – nem ela poderia ter um aluno mais apto que Ronald, que sabia ler aos quatro anos e logo aprenderia a escrever com perfeição. A caligrafia de Mabel era deliciosamente anticonvencional. Dona da mesma habilidade do pai, ela optou por um estilo vertical e elaborado, ornamentando suas maiúsculas com delicadas circunvoluções. Ronald logo começou a praticar uma letra que, apesar de diferente da da mãe, tornar-se-ia igualmente elegante e idiossincrática. Mas suas lições favoritas eram as de línguas. Nos primeiros dias em Sarehole a mãe começou a ensinar-lhe os rudimentos do latim, e isso o entusiasmou. Estava tão interessado nos sons e nas formas das palavras quanto em seus significados, e ela percebeu que ele tinha uma aptidão especial para línguas. Começou a ensinar-lhe francês. Ele já não gostou tanto – não havia nenhum motivo especial, mas os sons não lhe agradavam tanto quanto os do latim e do inglês. Ela também tentou despertar seu interesse pelo piano, mas sem sucesso. Para ele, aparentemente, as palavras tomavam o lugar da música; apreciava escutá-las, lê-las e recitá-las, quase sem se importar com o que significavam.

Era também um bom desenhista, principalmente quando o tema era uma paisagem ou árvore. A mãe ensinou-lhe um bocado de botânica, ele foi receptivo e logo se tornou um perito. Mas, também neste caso, estava mais interessado na forma e na textura das plantas que em seus detalhes botânicos, especialmente no que dizia respeito a árvores. E, apesar de gostar de desenhar árvores, gostava mais ainda de estar *com* árvores. Escalava-as, encostava-se nelas, e até falava com elas. Entristeceu-o descobrir que nem todos compartilhavam esse sentimento. Um incidente em particular permaneceu em sua lembrança: “Havia um salgueiro na margem do lago do moinho, seus ramos pendiam sobre a água, e eu aprendi a subir nele. Pertencia a um açougueiro da estrada de Stratford, acho eu. Um dia cortaram-no. Não fizeram nada com ele: o tronco simplesmente ficou jogado lá. Nunca me esqueci disso.”

Fora dos horários de aula, a mãe dava-lhe uma porção de livros de histórias. Ele se divertiu com *Alice no País das Maravilhas* embora não desejasse ter aventuras como as de Alice. Não gostou da *Ilha do Tesouro*, nem das histórias de Hans Andersen, nem do *Flautista de Hamelin*. Mas gostava de histórias de índios e tinha muita vontade de atirar com arco e flecha. Agradaram-lhe ainda mais livros de “Curdie”, de George Macdonald, que se passavam num reino remoto onde diabretes deformados e malévolos se esgueiravam sob as montanhas. As lendas arturianas também o deixaram entusiasmado. Mas, acima de tudo, o que mais o deliciava eram os livros de fadas de Andrew Lang, especialmente o *Red Fairy Book*, pois, nas suas últimas páginas, estava a melhor história que já lera. Era a história de Sigurd, que matou o dragão Fafnir – uma narrativa estranha e vigorosa que se passava num Norte inominado. Sempre que a lia, Ronald ficava fascinado. “Eu desejava dragões com um desejo profundo”, disse muito tempo depois. “Eu, medroso, naturalmente não os desejava na vizinhança. Mas o mundo que contivesse mesmo que apenas a imaginação de Fafnir seria mais rico e mais belo, qualquer que fosse o custo do perigo.”

Ele não se contentou meramente em *ler* histórias de dragões. Quando tinha uns sete anos começou a compor a sua própria história “Não me recordo de nada a respeito, exceto um fato filológico”, lembrou. “Minha mãe não disse nada sobre o dragão, mas observou que não se podia dizer ‘um verde dragão grande’, mas sim ‘um grande dragão verde’. Fiquei me perguntando e ainda me pergunto, por quê. O fato de me lembrar disto talvez seja significativo, pois penso que não tentei voltar a escrever uma história por muitos anos, e passei a me interessar pela língua.”

O tempo ia passando em Sarehole. O Jubileu de Diamante da rainha Vitória foi comemorado, o colégio no topo da colina em Moseley iluminado com luzes coloridas. De alguma forma, Mabel conseguiu alimentar e vestir os meninos com seus parcos proventos, complementados de vez em quando por contribuições das famílias Tolkien ou Suffield. Hilary tornou-se cada vez mais parecido com o pai, ao passo que Ronald logo desenvolveu o rosto comprido e estreito dos Suffields. Ocasionalmente um estranho sonho vinha perturbá-lo: uma grande onda que se erguia e avançava inelutavelmente por sobre as árvores e os campos verdes, postando-se, suspensa, prestes a tragá-lo e tudo que o cercava. O sonho repetir-se-ia por muitos anos. Mais tarde chegou a pensar nele como “o meu complexo de Atlântida”. Mas normalmente seu sono era tranquilo, e, em meio às preocupações diárias da existência marcada pela pobreza da família, brilhava seu amor pela mãe e pela região rural de Sarehole, um local de aventura e refúgio, onde se divertia com um prazer desesperado, talvez pressentindo que um dia esse paraíso se perderia. E assim foi, cedo demais.

O cristianismo desempenhou um papel cada vez mais importante na vida de Mabel Tolkien desde a morte de seu marido, e todos os domingos ela levava os meninos para uma longa caminhada até um templo da High Church². Então, certo domingo, Ronald e Hilary perceberam que percorriam ruas estranhas, e que o local de culto era outro: a igreja de Sant’Ana, na Alcester Street, no bairro pobre

próximo ao centro de Birmingham. Era uma igreja católica romana.

Já havia algum tempo, Mabel pensava em tornar-se católica. Foi um passo que não deu sozinha. A irmã, May Incedon, voltara da África do Sul com duas crianças; o marido, Walter, iria juntar-se a ela quando terminasse seus negócios. Sem que ele o soubesse, também ela decidira tornar-se católica. Durante a primavera de 1900, May e Mabel receberam instrução na igreja de Sant'Ana e, em junho do mesmo ano, foram recebidas na Igreja de Roma.

Imediatamente a ira da família desabou sobre elas. O pai, John Suffield, fora educado numa escola metodista, e era agora um unitário³. Para ele era um ultraje inacreditável que as filhas se tornassem papistas. O marido de May, Walter Incedon, considerava-se um dos esteios da igreja anglicana local, e estava simplesmente fora de cogitação permitir que May se associasse à Igreja de Roma. Quando voltou a Birmingham, ele a proibiu de voltar a entrar em uma igreja católica, e ela teve de obedecer; no entanto, por consolo – ou foi por vingança? – voltou-se para o espiritualismo.

Walter Incedon proporcionara uma pequena ajuda financeira a Mabel Tolkien desde a morte de Arthur. Mas agora não haveria mais dinheiro dessa fonte. Em vez disso, Mabel teria de enfrentar a hostilidade de Walter e outros membros da sua família, sem falar nos Tolkiens, muitos dos quais eram batistas e se opunham vigorosamente ao catolicismo. A tensão resultante, aliada as dificuldades financeiras adicionais, não fez bem algum à sua saúde; mas nada abalaria sua lealdade à nova fé, e, a despeito de toda a oposição, começou a instruir Ronald e Hilary na religião católica.

Entrementes, chegara o momento de mandar Ronald à escola. No outono de 1899, aos sete anos, ele prestou o exame de admissão na King Edward's, a antiga escola de seu pai. Não conseguiu obter uma colocação, pois a mãe provavelmente fora muito complacente em seus ensinamentos. Mas, um ano depois, voltou a prestar o exame e passou, ingressando na King Edward's em setembro de 1900. Um tio Tolkien, com uma boa vontade atípica para com Mabel, pagou a anuidade de doze libras. A escola ficava no centro de Birmingham, a seis quilômetros e meio de Sarehole, e nas primeiras semanas Ronald teve de fazer grande parte do caminho a pé, pois a mãe não podia pagar a passagem de trem e os bondes não passavam perto de onde moravam. Estava claro que essa situação não podia continuar, e, pesadamente, Mabel decidiu que seus dias no campo haviam chegado ao fim. Encontrou uma casa para alugar em Moseley, próxima do centro da cidade e do percurso do bonde, e no fim de 1900 ela e os meninos juntaram seus pertences e deixaram o chalé onde haviam sido tão felizes por quatro anos. “Quatro anos”, como escreveu Ronald Tolkien, já velho, “mas que me pareceram os mais longos da minha vida e que foram os mais importantes na minha formação.”

A King Edward's School não podia passar despercebida a um viajante que chegasse a Birmingham pela ferrovia London & North Western; ela se erguia majestosamente sobre a fumaça e o vapor subterrâneos da estação de New Street. Semelhante ao salão de jantar de um rico colégio de Oxford, era um pesado e fuliginoso ensaio de gótico vitoriano projetado por Barry, arquiteto que reconstruía as Casas do Parlamento⁴. A escola, fundada por Eduardo VI, teve uma dotação generosa, e os reitores conseguiram abrir outras escolas em muitas das partes mais pobres da cidade. Mas o nível educacional da King Edward's, a “Escola Alta”, ainda não tinha rival em Birmingham, e muitos das centenas de meninos que se sentaram nas suas carteiras gastas, destrinchando César enquanto as locomotivas apitavam lá embaixo, vieram a ganhar prêmios nas grandes universidades.

Por volta de 1900, a King Edward's quase não cabia mais em seus prédios; estava apertada, superlotada e barulhenta. Apresentava um aspecto ameaçador a um menino criado num tranquilo vilarejo rural, e não é de surpreender que Ronald Tolkien tenha passado grande parte do primeiro período ausente da escola em razão de problemas de saúde. Mas gradativamente ele se acostumou com o tumulto e o barulho e, de fato, logo passou a gostar deles, encaixando-se alegremente na rotina da

escola, apesar de ainda não demonstrar nenhuma aptidão extraordinária nos trabalhos de classe.

Entrementes, a vida em casa era muito diferente da que conhecera em Sarehole. A mãe alugara uma pequena casa na estrada principal do subúrbio de Moseley, e a vista das janelas contrastava tristemente com a zona rural de Warwickshire: bondes resfolegando morro acima, as faces sem brilho dos transeuntes e, ao longe, as chaminés fumegantes das fábricas de Sparkbrook e Small Heath. A casa de Moseley ficaria na lembrança de Ronald como “medonha”. E, nem bem haviam se instalado, tiveram de mudar-se: a casa seria demolida para dar lugar a um quartel de bombeiros. Mabel encontrou uma *villa* a um quilômetro e meio de distância, atrás da estação de King’s Heath. Não estavam agora longe da casa de seus pais, mas o que determinou a escolha foi a presença, na mesma via, da nova igreja católica romana de S. Dunstan, com a sua fachada ondulada e o revestimento de pinho no interior.

Ronald ainda se sentia profundamente infeliz por ter saído de Sarehole, mas encontrou certo consolo no novo lar. Os fundos da casa de King’s Heath davam para uma linha ferroviária, e a vida era pontuada pelo rugido dos trens e o desvio de vagões na carvoaria mais próxima. Mas o corte da ferrovia tinha encostas gramadas, e aí ele descobriu flores e plantas. E algo mais atraiu sua atenção: os nomes estranhos nos vagões de carvão que via nos desvios, nomes esquisitos que ele não sabia pronunciar, mas que exerciam sobre ele uma estranha atração. Foi assim que, meditando sobre *Nantyglo*, *Senghenydd*, *Blaen-Rbondda*, *Penrhiwceiber* e *Tredegar*, descobriu a existência da língua galesa.

Mais tarde, ainda criança, foi a Gales de trem, e, enquanto os nomes das estações passavam num lampejo distante de seus olhos, deu-se conta de que ali estavam palavras mais apaixonantes do que quaisquer outras que jamais encontrara, uma língua antiga e, no entanto, viva. Saiu a cata de informações sobre ela, mas os únicos livros galeses que conseguiu obter eram incompreensíveis. No entanto, apesar de breve e frustrante, esse primeiro contato permitiu-lhe entrever um outro mundo linguístico.

Nesse ínterim, sua mãe começava a ficar inquieta. Não gostava da casa de King’s Heath, e descobrira que não gostava da igreja de S. Dunstan. Assim, reiniciou a procura e, mais uma vez, retomou as longas caminhadas dominicais com os meninos em busca de um local de culto que fosse do seu agrado. Logo descobriu o Oratório de Birmingham, uma grande igreja no subúrbio de Edgbaston, administrada por uma comunidade de sacerdotes. Com certeza encontraria um amigo e um confessor compreensivo entre eles. Além disso, ligada ao Oratório e sob a direção do mesmo clero, havia a escola secundária de S. Felipe, com anuidades mais baixas que em King Edward’s, e onde os filhos poderiam receber uma educação católica. E (fator decisivo) havia uma casa para alugar pegada à escola. Assim, no começo de 1902, ela e os meninos mudaram-se de King’s Heath para Edgbaston, e Ronald e Hilary, com dez e oito anos respectivamente, foram matriculados na escola de S. Felipe.

O Oratório de Birmingham fora fundado em 1849 por John Henry Newman, então recentemente convertido a fé católica, que passaria entre seus muros quatro décadas de sua vida e lá morreria em 1890. O espírito de Newman ainda dominava as salas altas da Casa do Oratório em Hagley Road, e em 1902 a comunidade ainda abrigava muitos sacerdotes que haviam sido seus amigos e servido sob o seu comando. Entre eles, estava o padre Francis Xavier Morgan, com quarenta e três anos, que, logo após a mudança dos Tolkiens, assumiu o cargo de pároco e foi visitá-los. Mabel encontrou nele não apenas um sacerdote compreensivo, mas também um valioso amigo. Meio galês e meio anglo-espanhol (a família de sua mãe era proeminente no comércio de xerez), Francis Morgan não era um homem de grande intelecto, mas possuía um imenso estoque de bondade e humor e uma personalidade exuberante, muitas vezes atribuída ao seu sangue espanhol. De fato, era um homem muito barulhento, espalhafatoso e afetuoso, de início constrangedor para crianças pequenas, as quais, porém, o adoravam

quando vinham a conhecê-lo melhor. Logo tornou-se presença indispensável na casa dos Tolkiens.

Sem a sua amizade, a vida de Mabel e seus filhos pouco teria melhorado em relação aos dois anos anteriores. Moravam em Oliver Road 26, numa casa pouco melhor que um pardieiro. Em redor deles havia becos desprezíveis. A Escola de S. Felipe ficava apenas a um passo da porta, mas os tijolos nus das suas salas de aula eram um pobre substituto dos esplendores góticos de King Edward's, e seu padrão acadêmico era correspondentemente mais baixo. Não demorou muito para que Ronald passasse a frente dos seus colegas de classe e Mabel percebesse que S. Felipe não poderia oferecer-lhe a educação de que ele necessitava. Tirou-o da escola, e de novo encarregou-se ela mesma da sua instrução – com muito sucesso, já que, alguns meses depois, ele ganhou uma bolsa de estudos e voltou para King Edward's no outono de 1903. Hilary também havia sido retirado de S. Felipe, mas não conseguiu passar no exame de admissão para King Edward's; “não por culpa minha”, escreveu a mãe a um parente, “ou por que ele não soubesse as coisas; mas ele é tão sonhador e lento no escrever”. Provisoriamente, ela continuou a ensinar o caçula em casa.

Ao voltar a King Edward's, Ronald foi colocado na sexta classe. Começou a aprender grego. Mais tarde, escreveria sobre o seu primeiro contato com essa língua: “A fluidez do grego, pontuada por dureza, e com seu brilho superficial, cativaram-me. Mas parte da atração era a antiguidade e a remota estranheza (para mim): não me tocou profundamente.” O responsável pela sexta classe era um homem enérgico chamado George Brewerton, um dos poucos professores-assistentes da escola especializado no ensino de literatura inglesa. A matéria dificilmente aparecia no currículo, e quando era ensinada resumia-se principalmente a um estudo das peças de Shakespeare, que Ronald logo descobriu que “detestava cordialmente”. Anos depois, lembraria especialmente o “amargo desapontamento e a indignação que senti quando estava na escola e descobri o uso trivial que Shakespeare fizera da vinda da ‘Grande Floresta de Birnam à alta colina de Dunsinane’⁵: eu ansiava por uma montagem onde as árvores pudessem realmente marchar para a guerra”. Mas se Shakespeare deixou de agradar, havia outros pratos mais adequados ao seu gosto. Por inclinação, o mestre Brewerton era um medievalista. Sempre um professor feroz, exigia que seus alunos empregassem as antigas e simples palavras da língua inglesa. Se um menino usasse o termo *manure* (estrume), Brewerton rugia: “*Manure? Chame-o muck! Repita três vezes! Muck, muck, muck!*” Brewerton encorajava os alunos a ler Chaucer, e recitava os *Contos de Canterbury* no médio inglês original. Aos ouvidos de Ronald Tolkien, isto foi uma revelação, e ele resolveu aprender mais sobre a história da língua.

No Natal de 1903, Mabel Tolkien escreveu à sua sogra:

Minha cara sra. Tolkien,

A senhora disse que preferia um desenho dos meninos a qualquer coisa que eles pudessem comprar com o seu dinheiro; assim, eles fizeram estes para a senhora. Ronald na verdade fez o seu esplendidamente este ano – acaba de fazer uma exposição e tanto na sala do padre Francis. Ele tem trabalhado bastante desde o encerramento das aulas em 16 de dezembro, e eu também, para achar novos assuntos. Não saio de casa há quase um mês – nem ao Oratório eu tenho ido! – o tempo ruim, úmido e abafado não me tem feito bem e, desde que terminaram as aulas de Ronald, tenho conseguido descansar pela manhã. Continuo tendo *semanas* de absoluta insônia. Isso, o frio que me corrói por dentro e a doença – é quase impossível seguir em frente.

Encontrei um vale postal de 2 xelins e 6 *pence* que a senhora mandou aos meninos algum tempo atrás – um ano no mínimo – que se havia perdido. Os dois estiveram na cidade a tarde toda, gastando esse dinheiro e um pouco mais em presentes; eles fizeram todas as minhas compras de Natal. Ronald consegue combinar forros de seda ou qualquer tom artístico com a habilidade de uma “Modista Parisiense” – qual será o lado da sua ascendência que está se manifestando: o Artista ou o Negociante de Fazendas? Ele está progredindo rapidamente na escola – sabe muito mais grego do que eu sei latim – e diz que vai aprender alemão comigo nessas férias. Contudo, no momento sinto mais é vontade de ficar na cama.

Um rapaz do clero, jovem e alegre, está ensinando Ronald a jogar xadrez – diz que ele leu *demais* tudo que é adequado a um menino com menos de quinze anos, e não sabe de nenhum clássico que possa lhe recomendar. Ronald fará sua Primeira

Comunhão neste Natal – uma grande festa para nós este ano. Não digo isto para aborrecê-la – é que a senhora diz que gosta de saber tudo sobre eles.

Sempre afetuosamente sua,
Mab.

O Ano Novo não começou bem. Ronald e Hilary ficaram de cama com sarampo, seguido de coqueluche, e, no caso de Hilary, pneumonia. A tensão adicional de cuidar deles foi demais para Mabel, e, como ela temia, ficou “impossível seguir em frente”. Em abril de 1904 ela estava no hospital com diabetes.

A casa de Oliver Road foi fechada, o parco mobiliário foi armazenado, e os meninos foram morar com parentes, Hilary com os avós Suffield e Ronald com a família de Edwin Neave, o securitário ruivo que agora morava em Hove, casado com a tia Jane. Ainda não existia o tratamento com insulina para pacientes diabéticos, e o estado de Mabel causou grande ansiedade. No verão, porém, ela havia se recuperado o suficiente para ter alta do hospital. Era óbvio que teria de se submeter a uma longa e cuidadosa convalescença. O padre Francis Morgan propôs um plano. Em Rednal, um vilarejo de Worcestershire alguns quilômetros além da divisa de Birmingham, o cardeal Newman construíra uma modesta casa de campo que servia de retiro para o clero do Oratório. No limite de suas terras havia um pequeno chalé ocupado pelo carteiro local, cuja esposa poderia ceder-lhes um dormitório e uma sala de estar, além de cozinhar para eles. Seria um ambiente ideal para a recuperação, e todos os três se beneficiariam com o contato renovado com o ar do campo. Assim, em fins de junho de 1904, os meninos reencontraram-se com a mãe e foram todos passar o verão em Rednal.

Foi como se houvessem voltado a Sarehole. O chalé ficava perto de uma alameda tranquila; atrás dele ficavam os bosques da Casa do Oratório, com o pequeno cemitério contíguo à capela onde estavam sepultados os padres do Oratório e o próprio Newman. Os meninos tinham liberdade para circular pela propriedade e mais além podiam explorar os íngremes caminhos por entre as árvores que levavam à alta colina de Lickey. A sra. Till, a esposa do carteiro, dava-lhes boas refeições, e um mês depois Mabel escrevia num cartão-postal à sogra: “O aspecto dos meninos é *ridiculamente* bom quando comparado com o dos fantasmas débeis e pálidos que se encontraram comigo no trem há quatro semanas!!! Hilary ganhou um terno de *tweed* e seu primeiro colarinho de Eton⁶ hoje! Ele parece *imenso*. O tempo tem sido perfeito. Os meninos escreverão assim que houver um dia chuvoso. Colher uvas-do-monte, tomar chá nos montes de feno, soltar pipas com o padre Francis, desenhar, subir em árvores – eles nunca se divertiram tanto nas férias.”

O padre Francis visitava-os com frequência. Ele tinha um cão em Rednal chamado “Lord Roberts”, e costuma sentar-se na varanda coberta de hera da Casa do Oratório fumando um grande cachimbo de cerejeira – “mais notável”, lembraria Ronald, “porque ele nunca fumava em nenhum outro lugar. É possível que o meu vício de fumar cachimbo venha daí”. Quando não estavam lá nem o padre Francis nem outro sacerdote, Mabel e os meninos iam à missa em Bromsgrove, compartilhando uma carruagem alugada com o sr. e a sra. Church, o jardineiro e a zeladora dos padres do Oratório. Era uma vida idílica.

Cedo demais, em setembro, recomeçaram as aulas, e Ronald, agora saudável e em boa forma, teve de voltar para King Edward’s. A mãe, porém, ainda não podia deixar o chalé onde haviam sido tão felizes e voltar à fumaça e à sujeira de Birmingham. Assim, por algum tempo, Ronald teria de se levantar cedo e andar mais de um quilômetro e meio até a estação para apanhar o trem que o levaria à escola. Já estava escuro quando voltava para casa, e Hilary às vezes ia encontrá-lo com uma lanterna.

Sem que os filhos percebessem, a saúde de Mabel começou a se deteriorar novamente. No início de

novembro, ela sucumbiu de um modo que lhes pareceu súbito e aterrador. Entrou em coma diabético e, seis dias depois, em 14 de novembro, tendo ao seu lado o padre Francis e sua irmã, May Inledon, ela morreu.

3. “*Ling. particulares*” – e Edith

“Minha querida mãe foi de fato uma mártir, e não é a qualquer um que Deus concede um acesso tão fácil às suas grandes dádivas como concedeu a Hilary e a mim, dando-nos uma mãe que se matou de trabalho e preocupação para assegurar que mantivéssemos a fé.”

Ronald Tolkien escreveu isto nove anos após a morte da mãe. De certo modo, indica a forma como ele associava a figura da mãe à sua condição de católico. De fato, pode-se dizer que depois da sua morte, a religião ocupou em suas afeições o espaço antes ocupado pela mãe. A religião proporcionou-lhe consolo não apenas espiritual, mas também emocional. Talvez sua morte também tenha contribuído para consolidar o estudo de idiomas. Foi ela, afinal, a primeira professora, aquela que o encorajou a interessar-se pelas palavras. Agora que ela se fora, ele seguiria esse caminho imperturbavelmente. E, certamente, a perda da mãe teve um profundo efeito sobre sua personalidade. Tornou-o pessimista.

Ou melhor, transformou-o em duas pessoas. Era por natureza uma pessoa alegre, quase irreprimível, com um grande gosto pela vida; adorava uma boa conversa e a atividade física. Tinha um grande senso de humor e uma enorme capacidade de fazer amigos. Mas, desde então, haveria um segundo lado, mais particular, porém predominante nos diários e cartas, um lado propenso a acessos de intenso desespero. Quando se encontrava em tal estado tinha uma misteriosa sensação de perda iminente. Nada era seguro. Nada iria durar. Nenhuma batalha seria vencida para sempre.

Mabel Tolkien foi sepultada no cemitério católico de Bromsgrove. Sobre a sepultura o padre Francis Morgan colocou uma cruz de pedra igual às dos padres do Oratório enterrados no cemitério de Rednal. Em seu testamento, Mabel o designara tutor dos dois filhos – uma sábia escolha, pois sua generosidade e afeto foram sempre infalíveis. Essa generosidade assumiu uma forma prática; ele dispunha de uma renda privada proveniente dos negócios de xerez da família, e, já que os membros do Oratório não eram obrigados a entregar seus bens à comunidade, podia usar o dinheiro para seus próprios fins. Mabel deixara apenas oitocentas libras de capital investido para sustentar os meninos, montante que o padre Francis suplementou silenciosamente com seu próprio dinheiro, garantindo assim que Ronald e Hilary não sentiriam falta de nada que fosse essencial para seu bem-estar.

Logo após a morte de Mabel, ele teve de encontrar um local para os garotos viverem – um problema espinhoso, pois, embora o ideal fosse que morassem com os próprios parentes, havia o perigo de que os tios e tias Suffield e Tolkien tentassem resgatá-los do controle da igreja católica. Algumas vezes já contestavam o testamento de Mabel e propunham que os meninos fossem enviados para um internato protestante. Havia, porém, uma parenta, tia por casamento, sem opiniões religiosas definidas, que tinha um quarto para alugar; vivia em Birmingham, perto do Oratório, e o padre Francis decidiu que, no momento, sua casa seria um lar tão bom quanto qualquer outro. Assim, algumas semanas após a morte da mãe, Ronald e Hilary (com treze e onze anos, respectivamente) mudaram-se para o dormitório no andar superior da casa dessa tia.

Seu nome era Beatrice Suffield. Morava numa casa escura em Stirling Road, uma longa rua lateral no bairro de Edgbaston. Os meninos tinham um grande quarto, só para si, e Hilary gostava de debruçar-se da janela e jogar pedras nos gatos lá embaixo. Ronald, no entanto, ainda atordoado com o choque ocasionado pela morte da mãe, odiava a vista – uma sucessão praticamente ininterrupta de tetos, e, mais adiante, as chaminés das fábricas. Havia apenas um vislumbre de verde à distância; o campo, porém, agora pertencia a um passado remoto e irrecuperável. Estava aprisionado na cidade. A

morte da mãe separara-o do ar livre, da colina de Lickey onde apanham uvas-do-monte, e do chalé de Rednal onde haviam sido tão felizes. E porque fora a perda da mãe que o afastara de todas estas coisas, ele passou a associá-las com a sua lembrança. Seus sentimentos em relação à paisagem rural, já aguçado anteriormente pela partida de Sarehole, agora ligavam-se emocionalmente a uma privação pessoal. Este amor pela lembrança dos campos de sua juventude tornar-se-ia mais tarde uma parte central de seus escritos, intimamente relacionado com seu amor pela memória da mãe.

Tia Beatrice deu a ele e ao irmão alimento e abrigo, mas pouco mais que isso. Viúva havia pouco tempo, não tinha filhos e sua situação financeira não era das melhores. Infelizmente, faltava-lhe também afeto, e ela demonstrou pouca compreensão pelo estado de espírito dos meninos. Um dia, Ronald entrou na cozinha, viu um monte de cinzas na lareira; ela queimara todos os papéis e cartas pessoais de sua mãe. Nem lhe passara pela cabeça que ele talvez quisesse guardá-los.

Felizmente o Oratório ficava perto, e logo transformou-se no verdadeiro lar de Ronald e Hilary. De manhãzinha, eles corriam para lá para auxiliar o padre Francis na missa, no altar lateral predileto da igreja do Oratório. Faziam depois o desjejum no austero refeitório e então, depois do jogo habitual que consistia em rodar o gato da cozinha na portinhola giratória das refeições, saíam para a escola. Hilary passara no exame de admissão e frequentava agora a King Edward's, e os dois meninos andavam juntos até New Street, quando havia tempo, ou então tomavam o ônibus puxado a cavalo quando o relógio em Five Ways indicava que estavam atrasados.

Ronald fez muitos amigos na escola, e um menino em particular tornou-se logo um companheiro inseparável. Seu nome era Christopher Wiseman. Era um ano mais jovem que Ronald, filho de um pastor wesleyano que morava em Edgbaston; tinha cabelos claros, um rosto largo e bonachão, e modos energeticamente críticos. Os dois meninos conheceram-se na quinta classe no outono de 1905. Tolkien conseguiu o primeiro lugar – mostrava nitidamente um grande potencial acadêmico – e Wiseman classificou-se em segundo. A rivalidade logo transformou-se em amizade, baseada no interesse comum pelo estudo de latim e grego, na paixão pelo rúgbi (não se jogava futebol na King Edward's), e um entusiasmo pela discussão de todo e qualquer assunto. Wiseman era um metodista convicto, mas os dois meninos descobriram que podiam discutir religião sem nenhum rancor.

Juntos, foram sendo promovidos classe por classe. Claramente Ronald Tolkien tinha uma aptidão para línguas – sua mãe o havia notado – e a King Edward's era um ambiente ideal para que esta aptidão florescesse. O estudo de latim e grego era a espinha dorsal do currículo, e ambas as línguas eram ensinadas particularmente bem na primeira classe (ou classe sênior), que Ronald alcançou logo depois de completar dezesseis anos. A primeira classe estava sob a atenção perspicaz do diretor, Robert Cary Gilson, um homem notável com uma barbicha bem cuidada, inventor diletante e cientista consumado, além de hábil professor de línguas clássicas; entre suas invenções havia um moinho de vento que carregava baterias e fornecia luz elétrica à sua casa, uma espécie de mimeógrafo que duplicava as folhas de exames da escola (segundo os meninos, as cópias eram ilegíveis), e um pequeno canhão que atirava bolas de golfe. Quando ensinava, encorajava seus alunos a explorar os caminhos pouco frequentados do saber e a ser peritos em tudo o que lhes passasse pela frente – um exemplo que muito impressionou Ronald Tolkien. Embora fosse discursivo, Gilson também encorajava seus alunos a estudar detalhadamente a linguística clássica, algo que ia ao encontro das inclinações de Tolkien; e, em parte como resultado dos ensinamentos de Gilson, ele começou a se interessar pelos princípios gerais da linguagem.

Uma coisa era saber latim, grego, francês e alemão; outra era compreender *por que* essas línguas eram o que eram. Tolkien começava a procurar os ossos, os elementos comuns a todas as línguas – começava, na verdade, a estudar filologia, a ciência das palavras; e sentiu-se mais encorajado ainda

quando travou conhecimento com o anglo-saxão.

Isto ocorreu graças a George Brewerton, o mestre que preferia *muck* a *manure*. Sob sua tutela, Ronald Tolkien mostrara-se interessado pelo inglês de Chaucer. Brewerton gostou e ofereceu-lhe emprestado um livro elementar de anglo-saxão. A oferta foi aceita avidamente.

Abrindo, Tolkien viu-se frente a frente com a língua falada pelos ingleses antes que os primeiros normandos pusessem os pés na sua terra. O anglo-saxão, também denominado antigo inglês, como antepassado da sua própria língua, era-lhe familiar e reconhecível e, no entanto, era ao mesmo tempo remoto e obscuro. O livro explicava a língua claramente em termos que ele podia entender com facilidade, e, pouco depois, ele já conseguia traduzir com facilidade os exemplos em prosa do final do livro. Descobriu que o antigo inglês lhe agradava, apesar de não possuir o encanto estético do galês. Tratava-se de um interesse histórico, a atração de estudar o antepassado de sua própria língua. O verdadeiro entusiasmo começou quando deixou os textos simples e voltou-se para o grande poema *Beowulf*. Ao lê-lo, primeiro em tradução e depois no antigo inglês, percebeu que era um dos poemas mais extraordinários de todos os tempos: a história do guerreiro Beowulf, sua luta com dois monstros, e sua morte após a batalha contra um dragão.

Tolkien retornou ao médio inglês e descobriu *Sir Gawain and the Green Knight* (Sir Gawain e o Cavaleiro Verde), outro poema que inflamaria sua imaginação: a história medieval de um cavaleiro arturiano em busca do misterioso gigante que lhe desfecharia uma terrível machadada. Tolkien deleitou-se com o poema e também com a sua linguagem, pois percebeu que o dialeto era aproximadamente o mesmo que fora falado pelos antepassados de sua mãe, nas West Midlands. Continuou a explorar o médio inglês e leu *Pearl* (Pérola), poema alegórico sobre uma criança morta que se crê ter sido escrito pelo autor de *Sir Gawain*. Voltou-se então para uma língua diferente e ensaiou alguns passos hesitantes no antigo norueguês, lendo linha após linha, nas palavras originais, a história de Sigurd e do dragão Fafnir, a mesma que o fascinara na infância no *Red Fairy Book* de Andrew Lang. A esta altura, adquirira um nível de conhecimento linguístico notável para um escolar.

Ele continuou a procurar os “ossos” por trás de todas essas línguas, remexendo a biblioteca da escola e explorando as prateleiras mais remotas da livraria Cornish. Por fim, começou a descobrir – e a amealhar dinheiro bastante para comprar – livros alemães sobre filologia, áridos, mas que poderiam fornecer-lhe respostas às suas perguntas. Filologia: “o amor das palavras”. Pois era isso que o motivava. Não um interesse estéril pelos princípios científicos da linguagem, mas um profundo amor pelo aspecto e pelo som das palavras, nascido já nas primeiras lições de latim que a mãe lhe dera.

E, como resultado deste amor das palavras, ele começara a inventar suas próprias línguas.

A maioria das crianças inventa suas próprias palavras. Algumas têm até línguas rudimentares só suas, que compartilham umas com as outras. Era isto que as jovens primas de Tolkien, Mary e Marjorie Incledon, haviam feito. Sua linguagem chamava-se “animálico” e era construída principalmente de nomes de animais; por exemplo, *Cão rouxinol pica-pau quarenta* significava “Você é um asno”. Os Incledons viviam agora fora de Birmingham, em Barnt Green, o vilarejo vizinho a Rednal, e Ronald e Hilary costumavam passar parte das férias lá. Ronald aprendeu “animálico” e divertia-se com ele. Algo mais tarde, Marjorie (a irmã mais velha) perdeu o interesse, e, quando se desligou, Mary e Ronald colaboraram na invenção de uma linguagem nova e mais sofisticada. Era o “Nevbosh”, ou “Novo Disparate”, e logo estava suficientemente desenvolvida para que os dois primos cantassem *limericks*⁷ nela:

*Pys go iskili far maino woc?
Pro si go fys do roc de
Do cat ym maino bocte
De volt fact soc ma taimful gyroc!*⁸

Esta espécie de coisa causava muita diversão em Barnt Green e, quando Ronald se tornou adolescente, teve uma ideia. Já quando começara a aprender grego havia-se entretido criando palavras de estilo grego. Não seria possível levar isto adiante e inventar uma língua completa, algo mais sério e organizado que o Nevbosh – que em sua maior parte era apenas inglês, francês ou latim disfarçado? Tal língua poderia não ter nenhuma utilidade especial – apesar de o Esperanto, uma língua inventada, ser muito popular na época – mas serviria para diverti-lo e permitiria que colocasse no papel todos os seus sons prediletos. A tentativa certamente parecia valer a pena. Se tivesse se interessado por música, provavelmente desejaria compor melodias; então, por que não criar um sistema pessoal de palavras que seria como que uma sinfonia particular?

Na idade adulta, Tolkien acreditava que seu impulso de invenção linguística era semelhante ao que sentiam muitos escolares. Certa vez, ao falar sobre a invenção de línguas, ele observou: “Não é tão incomum. Muitas crianças, muito mais do que normalmente se supõe, possuem o que poderíamos chamar elemento criativo, e este não se limita necessariamente a certas coisas – elas podem não querer pintar ou desenhar, ou talvez não possuam muita musicalidade, mas, não obstante, elas querem criar algo. E se a massa principal da educação assumir forma linguística, sua criação também assumirá forma linguística. É tão extraordinariamente comum que já pensei que deveria existir alguma pesquisa organizada a esse respeito.”

Quando o jovem Tolkien começou a trabalhar na invenção linguística a partir de uma base organizada, decidiu tomar uma língua existente como modelo ou, pelo menos, como ponto de partida. O galês não estava disponível em quantidade suficiente, de forma que se voltou para outra fonte favorita de palavras, a coleção de livros espanhóis na sala do padre Francis. Seu tutor falava espanhol fluentemente, e Ronald muitas vezes pedira que ele lhe ensinasse o idioma. Não conseguiu, mas obteve permissão para consultar os livros. Passou a usá-los de novo e começou a trabalhar em uma língua inventada que chamou “Naffarin”, com forte influência espanhola, mas com seu próprio sistema de fonologia e gramática. Trabalhava nela de vez em quando, e poderia tê-la desenvolvido mais se não houvesse descoberto uma língua que o entusiasma muito mais que o espanhol.

Um de seus colegas de escola comprara um livro em uma venda de missionários; ao descobrir que não tinha utilidade para ele, vendeu-o a Tolkien. Era o *Primer of the Gothic Language* (Manual da Língua Gótica) de Joseph Wright. Tolkien abriu-o e imediatamente experimentou “uma sensação no mínimo tão deleitosa quanto a de olhar pela primeira vez o *Homero* de Chapman”. O gótico deixou de ser falado com o declínio dos povos góticos, mas alguns fragmentos escritos sobreviveram para a posteridade, e Tolkien achou-os imensamente atraentes. Não se contentou em simplesmente aprender a língua; começou a inventar palavras góticas “suplementares” para preencher lacunas no limitado vocabulário que sobrevivera, e depois partiu para a construção de uma língua germânica supostamente não registrada, porém histórica. Comunicou seu entusiasmo a Christopher Wiseman, um excelente ouvinte, já que ele mesmo estudava o egípcio e seus hieróglifos. Tolkien também começou a desenvolver suas línguas inventadas de *trás para diante*; isto é, a postular as palavras “mais antigas”, hipotéticas, que achava necessárias à invenção por meio de um sistema “histórico” organizado. Trabalhava também em alfabetos inventados; um de seus cadernos dos dias de escola contém um sistema de símbolos em código para cada letra do alfabeto inglês. Mas o que mais o ocupava eram as línguas, e muitas vezes ele se trancou no quarto que compartilhava com Hilary e, como escreveu em

seu diário, “trabalhou um bocado em ling. particulares”.

O padre Francis fizera bastante pelos meninos Tolkiens desde a morte de sua mãe. Todo verão levava-os de férias até Lyme Regis, onde hospedavam-se no Three Cups Hotel e visitavam seus amigos na vizinhança. Ronald, apreciava a paisagem de Lyme e gostava de esboçá-la nos dias úmidos; nos dias bonitos preferia perambular ao longo da costa ou visitar o espetacular deslizamento de terra que ocorrera recentemente nos penhascos próximos à cidade. Certa vez, encontrou uma mandíbula pré-histórica naquele local, que ele supôs ser um pedaço de dragão petrificado. Nesses períodos de férias, o padre Francis conversava muito com os meninos, e acabou por descobrir que não eram felizes na casa de tia Beatrice. De volta a Birmingham, tratou de procurar algo melhor. Lembrou-se da sra. Faulkner, que morava em Duchess Road, atrás do Oratório. Ela promovia tardes musicais frequentadas por vários padres e também alugava quartos. Ele decidiu que essa casa poderia ser um lar mais agradável para Ronald e Hilary. A sra. Faulkner concordou em acolhê-los, e, no início de 1908, os meninos mudaram-se para Duchess Road 37.

Era uma casa sombria, coberta de trepadeiras, com cortinas de renda encardidas. Ronald e Hilary receberam um quarto no segundo andar. Os outros moradores da casa eram Louis, marido da sra. Faulkner (negociante de vinho com uma queda pelas próprias mercadorias), a filha Helen, Annie, a criada, e outra inquilina, uma garota de dezenove anos que morava no primeiro andar, abaixo do dormitório dos meninos, e passava a maior parte do tempo à máquina de costura. Seu nome era Edith Bratt.

Era bastante bonita, baixa, esguia, de olhos cinzentos, um rosto firme e límpido e cabelos curtos e escuros. Os meninos descobriram que ela também era órfã; a mãe falecera havia cinco anos, e o pai, algum tempo antes disso. Na verdade, ela era ilegítima. Sua mãe, Frances Bratt, dera-a à luz em 21 de janeiro de 1889, em Gloucester, para onde fora talvez para evitar escândalos, já que a família morava em Wolverhampton, onde possuía um negócio de fabricação de botas e calçados. Frances tinha trinta anos ao tempo do nascimento de Edith. Mais tarde voltara ao bairro de Birmingham para enfrentar as fofocas dos vizinhos e criar a filha no subúrbio de Handsworth. Frances Bratt nunca chegou a casar-se, e o pai da criança não constava da certidão de nascimento, embora Frances guardasse sua fotografia, e a sua identidade fosse conhecida da família Bratt. Mas, se Edith conhecia o nome de seu pai, nunca o comunicou a seus próprios filhos.

Edith tivera uma infância moderadamente feliz. Fora criada em Handsworth pela mãe e uma prima, Jennie Grove. O parentesco com os Groves era muito valorizado pelos Bratts, pois ligava-os ao renomado sir George Grove, organizador do dicionário musical. A própria Edith demonstrou possuir talento para música. Tocava piano muito bem e, depois da morte da mãe, foi enviada para um internato de meninas especializado em música. Na época em que saiu da escola esperava-se que pudesse fazer carreira como professora de piano ou, quem sabe, concertista. Mas seu tutor, o procurador da família, aparentemente não sabia que providências tomar. Encontrou um quarto para ela na casa da sra. Faulkner, supondo que, já que a senhoria apreciava música, a atmosfera compreensiva e a presença de um piano seriam suficientes. Mas suas ideias não iam muito além disso, e nem havia pressa, pois Edith herdara algumas terras em várias partes de Birmingham, que produziam renda suficiente para mantê-la. Por enquanto, nada mais precisava ser feito; e nada foi feito. Edith ficou morando com a sra. Faulkner, mas logo descobriu que, embora a senhoria se deleitasse com uma inquilina que tocasse e acompanhasse solistas em seus saraus, a questão de efetivamente *praticar* piano era bem outra coisa. “Bem, Edith querida”, dizia a sra. Faulkner, entrando impetuosamente na sala assim que começavam as escalas e os arpejos, “já basta!” E Edith voltava tristemente ao seu quarto e à sua máquina de costura.

Então chegaram à casa os irmãos Tolkiens. Ela os achou muito agradáveis. Gostou particularmente

de Ronald, com seu rosto sério e maneiras perfeitas; enquanto Ronald, apesar de conhecer poucas garotas da sua própria idade, descobriu que a intimidade bastava para dissipar qualquer nervosismo. Ele e Edith tornaram-se amigos.

É verdade que ele tinha dezesseis anos e ela dezenove. Contudo, ele parecia mais velho, e ela, mais jovem. Além disso, ela era elegante, baixinha e excepcionalmente bonita. É claro que não compartilhava o interesse dele por línguas e recebera uma educação um tanto limitada, mas seus modos eram cativantes. Tomaram-se aliados contra “a Velha Senhora”, como chamavam a sra. Faulkner. Edith persuadia a criada Annie a contrabandear petiscos da cozinha para os esfomeados garotos do segundo andar, e quando a Velha Senhora saía eles iam ao quarto de Edith e promoviam banquetes secretos.

Edith e Ronald começaram a frequentar casas de chá de Birmingham, especialmente uma que tinha um balcão que dava para a calçada. Lá eles se sentavam e ficavam jogando torrões de açúcar nos chapéus dos transeuntes, passando para a mesa seguinte quando o açucareiro ficava vazio. Mais tarde, inventaram um assobio particular. Quando o escutava de manhãzinha ou na hora de deitar-se, Ronald ia para a janela e debruçava-se – Edith estava lá embaixo, na sua janela, esperando por ele.

Entre duas pessoas com tais personalidades e em tais circunstâncias, era inevitável que nascesse um romance. Ambos eram órfãos com carências afetivas, e descobriram que podiam dar afeto um ao outro. Durante o verão de 1909, chegaram à conclusão de que estavam apaixonados.

Escrevendo a Edith muito tempo depois, Ronald lembrou “meu primeiro beijo para você e seu primeiro beijo para mim (que foi quase acidental) – e o momento em que dizíamos boa noite, quando você, às vezes, estava com a sua pequena camisola branca, e nossas conversas longas e absurdas na janela; e como víamos o sol nascendo sobre a cidade, em meio ao nevoeiro, e o Big Bem batendo hora após hora, e as mariposas que quase a afugentavam e nosso assobio – e nossos passeios de bicicleta – e as conversas ao pé do fogo – e os três grandes beijos”.

Ronald deveria estar trabalhando para obter uma bolsa de estudos em Oxford, mas era difícil concentrar-se em textos clássicos quando metade da sua mente estava ocupada com a invenção de línguas e a outra com Edith. Havia também uma nova atração para ele na escola: a Sociedade de Debates, bastante popular entre os veteranos. Ele ainda não falara em debates, talvez por causa da voz esganiçada de adolescente, e da reputação, já adquirida, de mau orador. Neste período, porém, impelido por uma confiança recém-conquistada, fez seu discurso de estreia, uma moção de apoio aos objetivos e táticas das sufragistas. Foi julgado um bom esforço, embora a revista da escola afirmasse que seu talento como debatedor fora “um tanto prejudicado pela apresentação defeituosa”. Em outro discurso, na moção (provavelmente de sua própria autoria) no sentido de “Que esta Casa lamenta que tenha ocorrido a Conquista Normanda”, atacou (segundo a revista) “o influxo de barbaridades polissilábicas que expulsaram as palavras nativas, mais honestas apesar de mais humildes”; num debate sobre a autoria das peças de Shakespeare, ele “derramou um dilúvio súbito e irrestrito de ofensas contra Shakespeare, sua imunda cidade natal, seu ambiente miserável, e seu sórdido caráter”. Tolkien fez também muito sucesso no campo de rúgbi. Era magro, quase esquelético, mas já aprendera a compensar a falta de peso com um jogo feroz. Passou a se esforçar mais ainda e foi recompensado quando entrou para o time da escola. Uma vez lá, jogou como nunca jogara antes. Anos mais tarde, refletindo sobre isto, atribuiu o fato ao impulso cavalheiresco: “Como tive uma criação romântica, levei a sério a aventura de menino e menina, e fiz dela minha fonte de esforços.”

Então, um dia, perto do fim do período de outono de 1909, Tolkien combinou com Edith um passeio de bicicleta no campo. “Achamos que havíamos sido muito espertos”, escreveu ele. “Edith partiu de

bicicleta, a pretexto de visitar a prima, Jennie Grove. Depois de algum tempo, eu saí ‘para o campo de esportes da escola’; então nós nos encontramos e fomos para as Lickeys.” Os dois passaram a tarde nas colinas e depois foram para o vilarejo de Rednal tomar chá em uma casa onde Ronald morara alguns meses antes, quando estava tentando obter sua bolsa de estudos. Depois, voltaram para casa, tendo o cuidado de chegar separados em Duchess Road, para não levantar suspeitas. Contudo, não haviam contado com a possibilidade de mexericos. A mulher que lhes serviu o chá contou a sra. Church, zeladora da Casa do Oratório, que o jovem sr. Ronald fora visitá-la e trouxera uma moça desconhecida. A sra. Church comentou o fato com a cozinheira do Oratório. E a cozinheira, que sempre gostara de contar histórias, contou tudo ao padre Francis.

O tutor de Ronald fora como um pai para ele, e pode-se imaginar seus sentimentos quando descobriu que o tutelado a quem dedicara tanto afeto, cuidado e dinheiro não concentrava suas habilidades nos trabalhos de escola, mas (como a investigação logo revelou) mantinha um caso amoroso clandestino com uma garota três anos mais velha, que morava na mesma casa que ele. O padre Francis chamou Ronald ao Oratório, disse-lhe que estava profundamente perturbado, e exigiu que o romance terminasse. Em seguida, fez preparativos para que Ronald e Hilary se mudassem para novos alojamentos, de forma a afastar Ronald da garota.

Pode parecer estranho que Ronald não tenha simplesmente desobedecido ao padre Francis e prosseguido abertamente com o romance, mas as convenções sociais da época exigiam que os jovens obedecessem a seus pais ou tutores; além disso, Ronald tinha grande afeto pelo padre Francis, dependia dele financeiramente, e não era um jovem rebelde. Levando em consideração tudo isto, não é de espantar que tenha concordado em fazer o que lhe foi ordenado.

No apogeu da tempestade acerca de Edith, Ronald teve de ir a Oxford para prestar o exame da bolsa de estudos. Se seu estado de espírito fosse mais sereno, ter-se-ia deleitado com sua primeira visão de Oxford. Vistos do Corpus Christi College, onde esteve alojado, as torres e os parapeitos ofereciam-lhe um panorama do qual sua escola era apenas uma mísera sombra. Oxford era nova para ele sob todos os aspectos, pois seus antepassados nunca haviam sido universitários. Agora, ali estava ele, com uma oportunidade de honrar o nome dos Tolkiens e dos Suffields, de retribuir o afeto e a generosidade do padre Francis e de provar que seu amor por Edith não o afastara do trabalho. Mas não foi tão fácil assim. Olhando o quadro de avisos após o exame, viu que não conseguira nada. Voltou as costas aflito à Merton Street e à Oriel Square, e andou até a estação ferroviária, perguntando-se, talvez, se voltaria algum dia.

Na verdade, porém, seu fracasso não foi surpreendente nem desastroso. A competição por bolsas de estudos em Oxford sempre fora extremamente severa, e aquela era apenas a primeira tentativa. Poderia tentar de novo em dezembro; contudo, teria então quase dezenove anos e, se fracassasse mais uma vez, não teria mais chances de frequentar Oxford, pois as anuidades estariam além das posses de seu tutor. Sem dúvida, teria de trabalhar com muito mais afinco.

“Deprimido e nas trevas como nunca estive”, escreveu ele no seu diário, no dia de Ano Novo em 1910. “Deus me ajude. Sinto-me fraco e cansado.” (Era a primeira vez que mantinha um diário; ou, pelo menos, este é o mais antigo preservado. Nessa época, assim como faria mais tarde, Tolkien usava o diário principalmente para registrar pesar e infortúnio; no mesmo ano, seu sofrimento se dissipou, e ele deixou de atualizá-lo.) Estava diante de um dilema, pois, apesar de ele e Hilary haverem se mudado, não estavam distantes da casa da sra. Faulkner, onde Edith continuou a morar. O padre Francis exigira que a aventura amorosa fosse interrompida, mas não proibira especificamente que Ronald se encontrasse com Edith. Ronald detestava enganar seu tutor, mas ele e Edith decidiram ter encontros clandestinos. Certo dia, foram para o campo de trem e passaram a tarde juntos, discutindo seus planos.

Visitaram também uma joalheria, onde Edith comprou uma caneta para o décimo oitavo aniversário de Ronald, e ele, um relógio de pulso de dez xelins e seis *pence* pelo vigésimo primeiro dela, que comemoraram em uma casa de chá no dia seguinte. Edith decidira aceitar um convite para ir morar em Cheltenham com um procurador idoso e sua esposa, que haviam feito amizade com ela. Quando contou isto a Ronald, ele escreveu “Graças a Deus” em seu diário, pois era a melhor solução.

Mas, uma vez mais, haviam sido vistos juntos. Desta vez, o padre Francis foi bastante claro: Ronald não deveria encontrar-se com Edith ou mesmo escrever-lhe. Poderia vê-la uma vez mais, para despedir-se dela no dia em que partisse para Cheltenham. Depois disso, não deveriam comunicar-se até que ele fizesse vinte e um anos, quando então seu tutor não seria mais responsável por ele. Isto significava uma espera de três anos. Ronald escreveu em seu diário: “Três anos é apavorante.”

Um jovem mais rebelde poderia ter-se recusado a obedecer; mesmo Ronald, leal ao padre Francis, achou penoso obedecer ao tutor. Em 16 de fevereiro, ele escreveu: “Na noite passada rezei para ver E. por acaso. Oração atendida. Vi-a às 12:55 na Príncipe de Gales. Disse-lhe que não podia escrever e combinei que me despediria dela uma quinzena depois de quinta-feira. Mais feliz, porém anseio tanto por vê-la, só mais uma vez, para animá-la. Não consigo pensar em mais nada.” Depois, em 21 de fevereiro: “Vi passar um pequeno vulto, chapinhando melancolicamente, com uma capa de chuva e um chapéu de *tweed*. Não pude deixar de atravessar a rua para dizer-lhe uma palavra de amor e animação. Isto reanimou-me um pouco durante algum tempo’. Rezei e meditei muito.” E em 23 de fevereiro: “Encontrei-a vindo da Catedral onde fora rezar por mim.”

Apesar de acidentais, os encontros tiveram as piores consequências possíveis. Em 26 de fevereiro, Ronald recebeu “uma carta terrível do Pe. F. dizendo que eu fora visto na companhia de uma garota outra vez e que isso era mau e tolo. Ameaçou interromper minha carreira universitária se eu não parasse. Quer dizer que não posso ver E. Nem escrever. Deus me ajude. Vi E. ao meio-dia mas não quis estar com ela. Devo tudo ao Pe. F., de forma que preciso obedecer”. Quando Edith soube o que ocorrera, escreveu a Ronald: “Chegou a época mais difícil para nós.”

Na quarta-feira, 2 de março, Edith partiu de Duchess Road para seu novo lar em Cheltenham. A despeito da proibição do tutor, Ronald rezou para poder vê-la uma última vez. Quando chegou a hora da partida ele vasculhou as ruas, inicialmente em vão. Mas então: “Na esquina de Francis Road, ela passou por mim de bicicleta, a caminho da estação. Talvez eu não a veja por três anos.”

4. “T.C., B.S. etc.”

O padre Francis não era um homem astuto e não percebeu que, forçando Ronald e Edith a se separarem, estava transformando uma aventura amorosa de crianças em um romance frustrado. O próprio Ronald escreveu trinta anos depois: “Provavelmente nada mais teria fortalecido a vontade para dar permanência a uma tal aventura (por mais genuinamente que fosse um caso de verdadeiro amor).”

Nas semanas que se seguiram à partida de Edith, ele esteve mórbido e deprimido. Não podia contar com a ajuda do padre Francis, ainda profundamente ofendido com o engano que sofrera. Na Páscoa, Ronald pediu permissão ao tutor para escrever a Edith; ele a concedeu, mas com relutância. Ele escreveu, e ela respondeu, dizendo que estava feliz no seu novo lar, e que “todo aquele tempo horrível na Duchess Road parece agora apenas um sonho”.

De fato, ela achou bem agradável a vida em Cheltenham. Vivía na casa de C. H. Jessop e sua esposa, que ela chamava “tio” e “titia”, apesar de não serem seus parentes. O “tio” tinha uma tendência à rabugice, que a “titia” sempre contrabalançava com bondade. Poucas pessoas visitavam a casa além do vigário e de amigos idosos dos Jessops, mas Edith conseguiu encontrar companhia da mesma idade na pessoa de uma colega de escola, Molly Field, cuja família morava por perto. Praticava piano todos os dias, tinha lições de órgão, e começou a tocar nos cultos da igreja paroquial anglicana, que ela frequentava regularmente. Envolveu-se nos assuntos da igreja, assistindo no Clube dos Meninos e nas excursões do coro. Entrou para a Primrose League² e passou a frequentar reuniões do Partido Conservador. Estava fazendo sua própria vida, uma vida como nunca tivera antes, e à qual renunciaria com pesar quando chegasse a hora.

Para Ronald, a escola tornou-se o centro da sua vida. O relacionamento com o padre Francis ainda era tenso, e o Oratório já não podia reclamar em suas afeições o mesmo espaço que ocupara antes. Contudo, encontrou bons companheiros e amigos na King Edward’s. A escola era um externato, sem “frescos” ou “janotas” como os que revoltaram C. S. Lewis no seu colégio interno (mais tarde descritos por ele em *Surprised by Joy*). Certamente os rapazes mais velhos tinham prestígio aos olhos dos mais jovens, mas tratava-se antes do prestígio da idade e das realizações, não o da casta, e, quanto à homossexualidade, Tolkien afirmou que aos dezenove anos nem conhecia a palavra. No entanto, a sociedade em que ingressou na época era uma sociedade totalmente masculina. Na idade em que muitos jovens descobriam os encantos da companhia feminina, ele se esforçava por esquecê-los e por relegar o romance a um plano secundário. Todos os prazeres e descobertas dos três anos seguintes – foram anos vitais em seu desenvolvimento, tão vitais quanto os que passara com a mãe – seriam compartilhados não com Edith, mas com outros rapazes, de modo que passou a associar a companhia masculina a muitas coisas boas da vida.

A biblioteca da escola era uma instituição importante na King Edward’s. Nominalmente sob o controle de um mestre assistente, era administrada na prática por certo número de veteranos, que recebiam o título de Bibliotecário. Em 1911, esse grupo era formado por Ronald Tolkien, Christopher Wiseman, R. Q. Gilson (filho do diretor) e mais uns três ou quatro rapazes. Esta pequena roda acabou por constituir um grupo oficioso chamado *Tea Club* (Clube do chá). Eis o relato de Wiseman sobre suas origens, feito sessenta e quatro anos depois:

Começou no período do verão, com enorme audácia. Os exames estendiam-se por seis semanas, e, quando não estávamos fazendo alguma prova, não havia realmente nada para fazer; então, começamos a tomar chá na biblioteca da escola. As pessoas costumavam trazer “subvenções”: Lembro que alguém trouxe uma lata de peixe e, como ninguém se interessou, ela foi parar numa prateleira, em cima de uns livros, e ficou lá um tempão até que alguém a achasse! A água nós fervíamos numa espreiteira; o

grande problema era o que fazer com as folhas de chá. Bem, o *Tea Club* muitas vezes continuava reunido depois das aulas; as faxineiras chegavam com os esfregões e baldes e vassouras, jogavam serragem no chão e depois varriam tudo; nós começamos então a por as folhas de chá nos baldes. Os primeiros chás aconteceram num cubículo da biblioteca. Depois, como era verão, começamos a sair para tomar chá na loja Barrow, na Corporation Street. No Salão de Chá havia uma espécie de compartimento, uma mesa para seis entre dois grandes sofás, bem isolado; era conhecido como o Vagão Ferroviário. Tornou-se o nosso lugar predileto, e mudamos nosso título para *Barrovian Society*, em homenagem às lojas Barrow. Mais tarde, quando fui editor da *Crônica da Escola*, tive de publicar uma lista com os nomes de pessoas que haviam ganhado várias distinções; na frente do nome dos sócios, pus um asterisco, e, no pé da página, escrevi: “Também membros do T. C., da B. S. etc.” Todo o mundo ficou curioso para saber o que significava aquilo!

O quadro de associados desse órgão curioso e informal era um tanto quanto instável, mas logo se definiu um núcleo constante, formado por Tolkien, Wiseman e Robert Quilter Gilson. “R. Q.” herdara do pai um rosto vivaz e um cérebro ágil, mas, talvez como reação ao entusiasmo paterno pela invenção científica, devotava sua energia particular ao desenho, para o qual revelou certo talento. Tinha a fala mansa, mas era espirituoso, gostava da pintura renascentista e do século XVIII. Nesse ponto, seus gostos e especialidades contrastavam com os dos dois outros. Wiseman dedicava-se às ciências naturais e à música – era um excelente matemático e compositor amador. “John Ronald”, como chamavam Tolkien, era versado em línguas germânicas e filologia, e vivia imerso em textos nórdicos. Contudo, havia em comum entre esses três entusiásticos escolares um meticuloso conhecimento da literatura greco-latina; e desse equilíbrio entre gostos semelhantes e dessemelhantes, entre conhecimentos compartilhados ou não, nasceu a amizade.

A contribuição de Tolkien à “T.C.B.S”, como passaram a denominar o grupo, refletia a ampla gama das leituras que já realizara. Deleitava seus amigos com recitações de *Beowulf*, *Pearl* e *Sir Gawain and the Green Knight* e recontava episódios horrendos da *Völsungasaga* norueguesa, temperados ocasionalmente com uma referência zombeteira a Wagner, cuja interpretação dos mitos ele desprezava. Estas atuações eruditas de forma nenhuma causavam estranheza a seus amigos; de fato, nas palavras de Wiseman, “a T.C.B.S. aceitava isso como mais um exemplo do fato de que a própria T.C.B.S. era estranha”. Talvez fosse; não obstante, tais rodas não eram (nem são) incomuns entre adolescentes de boa educação passando por um estágio de entusiástica descoberta intelectual.

Mais tarde, um quarto membro foi admitido no grupo. Era Geoffrey Bache Smith, um ano mais jovem que Gilson e quase três mais jovem que Tolkien. Não era um classicista como os outros; vinha do lado moderno da escola. Morava com o irmão e a mãe viúva em West Bromwich, e possuía o que seus amigos consideravam a espiritualidade das Midlands. A T.C.B.S. acolheu-o em suas fileiras em parte por isso e em parte por ele possuir uma qualificação bastante rara na King Edward’s: era conhecedor de literatura inglesa, especialmente poesia; na verdade, ele próprio era um poeta com certa competência. Sob a influência de “G. B. S.”, a T.C.B.S. começou a despertar para a significação da poesia – como Tolkien já despertara.

Apenas dois mestres da King Edward’s faziam qualquer tentativa séria de ensinar literatura inglesa. Um era George Brewerton e o outro era R. W. Reynolds. Outrora crítico literário de um periódico londrino, “Dickie” Reynolds tentava inculcar em seus alunos algumas ideias de gosto e estilo. Não teve especial sucesso com Ronald Tolkien, que preferia poesia latina e grega a Milton e Keats. Mas as lições de Reynolds podem estar relacionadas com o fato de que aos dezoito anos Tolkien começou a escrever versos. Não escreveu muitos, e os que escreveu não eram muito bons, certamente não melhores que a média dos esforços juvenis da época. Na verdade, houve apenas um leve prenúncio de algo incomum em julho de 1910, numa peça descritiva sobre uma cena na floresta, intitulada “Wood-sunshine” (Sol na Floresta), surgiram estes versos:

*Vinde cantar, seres leves, fadas saltitando tão joviais,
Como visões, como reluzentes reflexos de alegria
Todos feitos de radiância, descuidados do pesar,
Por sobre este tapete verde e pardo; não vos apresseis em ir.
Oh! Vinde a mim! Dançai para mim! Duendes do bosque,
O! vinde a mim! Cantai para mim uma vez antes de desaparecerdes!*¹⁰

Fadas dançando na relva do bosque parecem uma estranha escolha de tema para um jovem de dezoito anos, jogador de rúgbi, com um pronunciado interesse por Grendel e o dragão Fafnir. Por que Tolkien escreveria sobre eles?

J. M. Barrie pode ter algo a ver com isso. Em abril de 1910, Tolkien assistiu a *Peter Pan* em um teatro de Birmingham, e escreveu no seu diário: “Indescritível, mas nunca o esquecerei enquanto viver. Gostaria que E. estivesse comigo.” É possível, porém, que o seu entusiasmo pelo poeta místico católico Francis Thompson tenha desempenhado um papel mais importante. No final de sua carreira escolar, já conhecia bem os versos de Thompson, e mais tarde tornou-se uma espécie de perito no poeta. Em “Wood-sunshine” há uma nítida semelhança com um episódio da primeira parte das “Sister Songs” de Thompson, no qual o poeta vê numa clareira primeiro um elfo, e depois uma multidão de espíritos da floresta; quando ele se move, eles desaparecem. Talvez esta fosse uma das fontes do interesse de Tolkien por tais coisas. No entanto, quaisquer que sejam suas origens, elfos dançando surgiriam muitas vezes nos seus primeiros poemas.

Sua principal preocupação durante o ano de 1910 foi trabalhar muito, preparando-se para uma segunda tentativa de obter a bolsa de estudos em Oxford. Investiu no estudo tantas horas quanto pôde, mas as distrações eram muitas, e o rúgbi não era a menor delas – passou muitas tardes no enlameado campo de esportes da escola, na Eastern Road; o caminho para casa era longo, percorrido muitas vezes no escuro, com uma lanterna a óleo tremeluzindo na traseira da bicicleta. O rúgbi às vezes produzia ferimentos: certa vez, quebrou o nariz, que nunca voltou a recuperar inteiramente sua forma original; em outra ocasião cortou a língua, e, apesar de a ferida cicatrizar satisfatoriamente, ele mais tarde apontou o acidente como principal responsável pela sua pronúncia pouco nítida. (Na verdade, antes mesmo de cortar a língua, sua má pronúncia já era notória; a má articulação, na verdade, devia-se mais ao fato de ter muito a dizer, não a alguma incapacidade física. Era capaz de recitar poesias, e realmente o fazia, com a maior clareza.) Passava também um bom tempo estudando línguas, tanto históricas como inventadas. No período da Quaresma de 1910, ele proferiu diante da primeira classe da King Edward’s uma preleção com o grave título: “As Línguas Modernas da Europa – Derivações e Potencialidades.” Gastou três aulas de uma hora cada para lê-la, e, mesmo assim, o mestre encarregado deteve-o antes que chegasse às “Potencialidades”. Dedicava também muito tempo à Sociedade de Debates. Havia na King Edward’s o costume de conduzir um debate inteiramente em latim, mas isso era fácil demais para Tolkien, e, certa vez, durante um debate, quando desempenhava o papel do embaixador grego no Senado, falou apenas em grego. Em outra ocasião, deixou atônitos os colegas quando, caracterizado como um emissário bárbaro, largou a falar em gótico fluente; numa terceira ocasião falou em anglo-saxão. Estas atividades ocupavam muitas horas, e ele não podia realmente dizer que estudara o suficiente para obter a bolsa. Não obstante, partiu para Oxford em dezembro de 1910, bem mais confiante quanto às suas chances.

Desta vez teve sucesso. Em 17 de dezembro de 1910, soube que conquistara uma “Open Classical Exhibition” no Exeter College. O resultado não era tão agradável quanto poderia ter sido, pois ele tinha competência bastante para ganhar uma bolsa de estudos mais valiosa, e esta Exhibition (um prêmio pouco inferior) valia apenas sessenta libras por ano. No entanto, a façanha não era medíocre, e, com o

auxílio de uma verba de conclusão escolar da King Edward's e ajuda adicional do padre Francis, seria possível ir para Oxford.

Com o futuro imediato assegurado, não estava mais sob pressão no que dizia respeito aos trabalhos escolares. Mas ainda havia bastante a ocupá-lo em seus períodos finais na King Edward's. Tornou-se monitor, secretário da Sociedade de Debates e secretário de Futebol. Leu um trabalho diante da Sociedade Literária da escola a respeito das Sagas Nórdicas, ilustrando-o com leituras na língua original. E foi por volta desta época que descobriu o *Kalevala*, ou “Terra dos Heróis”, a compilação de poemas que é o principal repositório da mitologia da Finlândia. Pouco tempo depois, escreveu elogiosamente sobre “esse estranho povo e esses novos deuses, essa raça de heróis indissimulados, simplórios e escandalosos”, acrescentando que “quanto mais o leio, mais me sinto em casa e me deleito”. Descobriu o *Kalevala* na edição Everyman, traduzido por W. H. Kirby, e decidiu encontrar uma edição no original finlandês assim que fosse possível.

O período de verão de 1911 foi o último que passou na King Edward's. Terminou, como de costume, com a apresentação de uma peça grega com coros adaptados a melodias de *music-hall*. Nesse ano, a peça escolhida foi *A Paz* de Aristófanes, na qual Tolkien fez o papel de Hermes. Depois (outro costume da King Edward's) o Hino Nacional foi cantado em grego, e, finalmente, caiu o pano sobre sua carreira escolar. “Parentes que me esperavam enviaram o porteiro da escola à minha procura”, lembrou anos depois. “Ele disse que minha aparição poderia sofrer um atraso. ‘No momento’, disse, ‘ele é a vida e a alma da festa.’ Diplomático. Na verdade, como acabara de representar em uma peça grega, eu trajava himátion e sandálias, e estava oferecendo o que julgava ser uma imitação razoável de uma frenética dança báquica.” Mas, de repente, tudo acabou. Amara sua escola e, chegando o momento, detestava ter de deixá-la. “Sentia-me”, disse ele, “como um filhote de pardal escorraçado do ninho.”

Nas férias de verão que se seguiram, fez uma viagem à Suíça. Ele e o irmão Hilary faziam parte de um grupo organizado por uma família chamada Brookes-Smith, que possuía uma fazenda em Sussex onde trabalhava Hilary, que deixara a escola cedo para dedicar-se à agricultura. O grupo tinha cerca de uma dúzia de viajantes: o casal Brookes-Smith, seus filhos, Ronald e Hilary Tolkien, sua tia Jane (agora viúva), e uma ou duas professoras solteiras que eram amigas da sra. Brookes-Smith. Depois de chegarem a Interlaken, partiram a pé. Cinquenta e seis anos depois, Ronald lembrou suas aventuras:

Fizemos praticamente todo o caminho de Interlaken a Lauterbrunnen a pé, carregando grandes fardos, percorrendo principalmente trilhas montanhesas; de lá caminhamos até Mürren e finalmente chegamos às cabeceiras do Lauterbrunnenthal, em uma região erma de morainas. Dormíamos como podíamos – os homens -, muitas vezes em celeiros de feno ou estábulos, pois estávamos seguindo o mapa, evitando as estradas e nunca fazíamos reservas; e após um frugal desjejum fazíamos as refeições ao ar livre. Depois devemos ter ido para o leste, por sobre os dois Scheidegge até Grindelwald, com Eiger e Münch à nossa direita, e por fim chegamos a Meiringen. Deixei com profundo pesar a visão do Jungfrau e a silhueta do Silberhorn recortada contra o azul-escuro do céu.

Chegamos a pé a Brig – uma mera lembrança de ruídos, de bondes guinchando nos trilhos durante o que me pareceu no mínimo vinte horas. Depois de uma noite assim, escalamos muitas centenas de metros até um “vilarejo” ao pé da geleira de Aletsch, e lá passamos algumas noites numa estalagem, debaixo de um teto e em camas (ou melhor, debaixo delas: a *Bett* era um saco informe sob o qual nos aconchegávamos).

Certo dia empreendemos uma longa marcha pela geleira de Aletsch – foi quando eu quase morri. Tínhamos guias, mas, ou bem os efeitos daquele quente verão estavam além de sua experiência, ou então eles não estavam muito preocupados; pode ser também que tenhamos partido tarde. Seja como for, ao meio-dia estávamos enfileirados ao longo de uma estreita trilha, com uma encosta de neve do lado direito que alcançava o horizonte, e à esquerda um precipício que dava para uma ravina. O verão daquele ano derretera muita neve, e havia pedras e rochedos expostos que (suponho) normalmente ficavam cobertos. O calor do dia continuou a derreter a neve, e, alarmados, vimos muitas pedras começarem a rolar encosta abaixo numa velocidade cada vez maior; havia desde pedras com o tamanho de laranjas até rochas grandes como bolas de futebol, e algumas bem maiores. Elas atravessavam a trilha zunindo e precipitavam-se na ravina. Começavam devagar, e então normalmente desciam em linha reta, mas a trilha era acidentada e tínhamos também de olhar para nossos pés. Lembro-me de que a pessoa imediatamente a minha

frente (uma professora de certa idade) deu um grito súbito e saltou para a frente – uma rocha enorme passou entre nós, no máximo uns trinta centímetros à frente de meus pouco másculos joelhos.

Depois disso continuamos até Valais, e minhas lembranças são menos claras; lembro-me, porém, de certa tarde, da nossa chegada a Zermatt, todos sujos, e dos olhares de *lorgnon* das *bourgeoises dames* francesas. Fizemos uma escalada com guias até uma cabana do Clube Alpino, presos a cordas (ou eu teria caído em uma fenda na neve), e lembro-me da brancura ofuscante do deserto de neve entre nós e o corno negro do Matterhorn a alguns quilômetros de distância.

Antes de voltar à Inglaterra, Tolkien comprou alguns cartões-postais ilustrados. Entre eles havia uma reprodução de um quadro do artista alemão J. Madelener. Chamava-se *Der Berggeist*, o espírito da montanha, e mostrava um velho sentado numa rocha sob um pinheiro. Tinha uma barba branca e usava um chapéu redondo de abas largas e uma longa capa. Falava a uma corça branca que roçava o focinho nas palmas de suas mãos; sua expressão era jocosa, porém compassiva; podiam-se entrever montanhas rochosas ao longe. Tolkien guardou cuidadosamente este cartão-postal, e muito tempo depois escreveu no envelope onde o guardava: “Origem de Gandalf.”

O grupo de viajantes voltou à Inglaterra no começo de setembro. De volta a Birmingham, Tolkien empacotou suas posses. Então, no fim da segunda semana de outubro, aceitou uma generosa carona no automóvel de seu antigo mestre “Dickie” Reynolds e foi para Oxford iniciar o primeiro período na universidade.

5. Oxford

Já quando o carro entrava em Oxford, ele decidira que lá seria feliz. Aquela era uma cidade que podia amar e venerar, após a esqualidez e monotonia de Birmingham. É certo que, aos olhos de um observador ocasional, seu colégio, Exeter, não era dos mais belos. A fachada insípida de George Gilbert Scott e a capela, uma cópia sem gosto da Sainte Chapelle, não eram mais notáveis que a imitação de gótico da escola de Barry em Birmingham. Contudo, alguns metros adiante estava o Fellows' Garden, onde bétulas prateadas erguiam-se acima dos telhados e plátanos e castanheiras estendiam seus ramos por sobre o muro, debruçando-se por sobre a Brasenose Lane e a Radcliffe Square. E, para Ronald Tolkien, aquele era o *seu* colégio, o seu lar, o primeiro lar verdadeiro que conhecia desde a morte da mãe. Ao pé da escadaria, seu nome estava pintado numa tabuleta, e, depois dos degraus irregulares de madeira, do largo corrimão negro, estavam os seus aposentos, um dormitório e uma sala de estar, simples mas bonita, com vista para a estreita Turl Street. Era perfeito.

Em 1911, a maioria dos estudantes de Oxford vinha de prósperas famílias de classe alta. Muitos eram membros da aristocracia. Era a esta classe de jovens que a universidade (nessa época) atendia primariamente; daí o estilo de vida comparativamente luxuoso, com “scouts” (criados do colégio) que serviam aos estudantes em seus aposentos. Mas ao lado dos ricos e aristocratas havia um grupo bem diferente de estudantes: os “poor scholars” (escolares pobres) que, se bem que não fossem realmente pobres, ao menos não provinham de famílias ricas e podiam frequentar a universidade graças apenas à ajuda financeira proporcionada pelas bolsas. O primeiro grupo nem sempre tornava agradável a vida do segundo, e se Tolkien (como estudante oriundo da classe média) fosse parar num dos colégios mais elegantes, provavelmente teria sido vítima de uma boa dose de esnobismo. Ao contrário de tais colégios, e felizmente para ele, o Exeter College não possuía essa tradição de distinções sociais.

No entanto, foi bom para Tolkien encontrar entre os secundanistas de seu colégio alguns católicos, que o procuraram e providenciaram para que se instalasse bem. Depois disso, ele fez amigos com rapidez, apesar de precisar ser cauteloso com o dinheiro; sua renda era minúscula, e não era fácil viver economicamente numa sociedade voltada para os gostos dos ricos. Todas as manhãs o seu *scout* trazia-lhe o desjejum, que podia resumir-se a uma frugal refeição de torradas e café; mas era tradição convidar os amigos para o desjejum, e isso implicava proporcionar algo mais substancioso com o próprio dinheiro. O almoço era apenas pão, queijo e cerveja, mais uma vez trazido pelo *scout*; o jantar, por sua vez, servido formalmente no Salão, não era uma refeição cara; mas era agradável aceitar no jantar uma oferta de cerveja ou vinho dos amigos, e, naturalmente, esse gesto tinha de ser retribuído. Todos os sábados de manhã era apresentada a “battel”, a conta do colégio, que às vezes podia ser desagradavelmente alta. Também era preciso comprar roupas e algumas peças de mobília para os aposentos, pois o colégio proporcionava apenas as necessidades básicas. As despesas logo aumentaram, e, embora os comerciantes de Oxford costumassem conceder crédito quase que ilimitado, as contas tinham de ser pagas algum dia. Um ano depois de chegar a Oxford, Tolkien escreveu que tinha “umas tantas contas a pagar”, e acrescentou: “A situação financeira não é muito animadora.”

Não demorou muito para que se lançasse de todo coração nas atividades universitárias. Jogava rúgbi, muito embora não viesse a se tornar um líder no time do colégio. Não praticava remo, pois este esporte, mais do que todos os outros em Oxford, era exclusividade dos alunos provenientes das melhores escolas; tornou-se, porém, membro do Clube de Ensaio e da Sociedade Dialética do colégio. Associou-se também à Stapeldon, a sociedade de debates do colégio; e, não contente, fundou seu

próprio clube. Chamava-se *Apolausticks* (“amantes da boa vida”), era formado principalmente por calouros como ele, e promovia preleções, discussões e debates, além de jantares enormes e extravagantes. Um grau mais sofisticado que os chás na biblioteca da escola, o clube era uma expressão do mesmo instinto que ajudara a criar a T.C.B.S. De fato, Tolkien sentia-se mais feliz em rodas onde havia boa conversa, bastante tabaco (era agora um firme adepto do cachimbo, e vez ou outra fumava cigarros caros) e companhia masculina.

Em Oxford a companhia tinha de ser masculina. É certo que havia várias mulheres que assistiam às conferências, mas elas moravam em colégios femininos, austeros enclaves nos arredores da cidade, e tinham de ter severas acompanhantes quando quer que se aproximassem de um rapaz. De qualquer maneira os homens realmente preferiam a companhia uns dos outros. A maioria deles eram recém-chegados das reservas masculinas das escolas particulares e aceitavam prazerosamente o tom masculino de Oxford.

Usavam também entre si uma curiosa gíria, que convertia *breakfast* (desjejum) em *brekker*, *lecture* (aula) em *lekker*, *the Union* (diretório acadêmico) em *the Ugger*, e *sing-song* (conversa monótona, lenga-lenga) e *practical joke* (trote) em *sigger-sogger* e *pragger-jogger*. Tolkien adotou este modo de falar, e também aliou-se entusiasmado às disputas da Cidade contra a Beca, que eram populares na época. Eis seu relato de uma noite típica de diversão:

Às dez para as nove ouvimos um rugido distante de vozes e percebemos que algo estava acontecendo; então, saímos correndo do Colégio e passamos duas horas no grosso da farra. Durante cerca de uma hora atazanamos a cidade, a polícia e os supervisores, todos juntos. Geoffrey e eu “capturamos” um ônibus e o conduzimos até Cornmarket, fazendo uma barulheira absurda e seguidos por uma multidão doida de universitários e “cidadãos”. O ônibus estava apinhado de estudantes antes de chegar ao Carfax. Lá dirigi algumas palavras comoventes a uma enorme turba, antes de desembarcar e dirigir-me ao “*maggers memugger*” ou *Martyr’s Memorial*, onde voltei a discursar para a multidão. Tudo isso não teve consequências disciplinares!

Essa espécie de comportamento, barulhento, impetuoso e rude, era mais comum entre os estudantes da classe alta do que entre os “poor scholars” como Tolkien, a maior parte dos quais evitava tais brincadeiras e devotava-se aos estudos; mas Tolkien era sociável demais para afastar-se de qualquer coisa animada que estivesse acontecendo. Em parte por causa disso, não estava produzindo muito.

Estava estudando letras clássicas e tinha de frequentar com regularidade conferências e aulas com um orientador; contudo, o Exeter College esteve sem um orientador residente durante os primeiros dois períodos, e na época em que o cargo foi preenchido (por E. A. Barber, um grande erudito mas um mestre seco), Tolkien assumira uma atitude displicente. Enfadara-se dos autores latinos e gregos e estava muito mais entusiasmado com a literatura germânica. Não tinha interesse algum por conferências sobre Cícero e Demóstenes e preferia escapar para seus aposentos, onde podia continuar a trabalhar em suas línguas inventadas. Havia, porém, uma área do currículo que o interessava. Escolhera como matéria especial a Filologia Comparada, e isso significava frequentar aulas e conferências do extraordinário Joseph Wright.

Joe Wright era de Yorkshire, um verdadeiro autodidata que lutara para ascender das mais humildes origens e tornar-se professor de Filologia Comparada. Com seis anos de idade empregara-se em uma usina de lã, o que inicialmente não lhe deu nenhuma oportunidade de aprender a ler e escrever. Aos quinze anos sentiu inveja dos colegas de trabalho que compreendiam os jornais e aprendeu a ler sozinho. Isso não levou muito tempo, e apenas aumentou o seu desejo de aprender, tanto que passou a frequentar uma escola noturna e a estudar francês e alemão. Também aprendeu sozinho latim e matemática, sentado diante dos livros até as duas horas da madrugada e levantando-se para ir trabalhar às cinco. Ao completar dezoito anos sentiu que era seu dever transmitir seu conhecimento aos outros e abriu uma escola noturna no dormitório do chalé de sua mãe viúva, cobrando dos colegas de trabalho

dois *pence* por semana. Aos vinte e um anos decidi usar suas economias para financiar um período de estudos em uma universidade alemã e embarcou num navio para Antuérpia, caminhando depois etapa após etapa até chegar a Heidelberg, onde se interessou por filologia. Assim, o ex-operário estudou sânscrito, gótico, antigo búlgaro, lituano, russo, amigo norueguês, antigo saxão, antigo e médio alto alemão e antigo inglês, chegando por fim ao doutorado. De volta à Inglaterra, estabeleceu-se em Oxford, onde logo foi nomeado Professor Adjunto de Filologia Comparada. Conseguiu alugar uma casinha em Norham Road e contratou uma governanta. Vivia com a frugalidade de um verdadeiro nativo de Yorkshire – costumava beber cerveja comprada em um barrilete, mas, achando que a consumia muito depressa, incumbiu Sarah, a governanta, de comprar a cerveja, que ele pagaria a cada copo que consumisse. Continuou a trabalhar sem cessar, dando início a uma série de compêndios de línguas, entre os quais o livro de gótico que foi tamanha revelação para Tolkien. Mais importante que tudo, iniciou seu Dicionário de Dialectos Ingleses, publicado em seis enormes volumes. Ele próprio nunca perdera seu sotaque de Yorkshire, e permanecia fluente no dialeto de seu vilarejo natal. Todas as noites trabalhava até a madrugada. Morava numa casa geminada e na outra metade do edifício vivia o dr. Neubauer, Leitor de Literatura Rabinica. Neubauer tinha a vista ruim e não conseguia trabalhar com luz artificial. Quando Joe Wright se deitava ao amanhecer, batia na parede para acordar o vizinho, gritava “Bom dia!” e Neubauer respondia “Boa noite!”

Wright casou-se com uma ex-aluna. Tiveram dois filhos, mas ambos faleceram ainda crianças. Não obstante, os Wrights mantiveram uma existência estoica e animada numa casa enorme, construída em Banbury Road de acordo com um projeto de Joe. Em 1912, Ronald Tolkien tornou-se aluno de Wright, e, mais tarde, sempre lembraria “a vastidão da mesa na sala de jantar de Joe Wright, onde eu me sentava sozinho em uma extremidade, aprendendo os elementos da filologia grega que vinham do reluzente par de óculos na escuridão à minha frente”. Tampouco conseguiria esquecer os lautos chás à moda de Yorkshire servidos pelos Wrights nas tardes de domingo, quando Joe cortava gargantuanas fatias de um bolo de passas peso-pesado, e Jack, o *terrier* de Aberdeen, exibia seu truque especial: lambe os beiços ruidosamente quando o dono pronunciava a palavra gótica para figueira, *smakka-bagms*.

Como professor, Wright comunicou a Tolkien seu enorme entusiasmo pela filologia, o assunto que o trouxera da miserável obscuridade. Wright sempre foi um professor exigente, e era exatamente disso que Tolkien precisava. Com sua ampla gama de conhecimentos linguísticos, havia começado a sentir-se um pouco superior aos seus colegas classicistas. Ali, porém, estava alguém que podia dizer-lhe que havia um longo caminho pela frente. Ao mesmo tempo, Joe Wright encorajava-o a mostrar iniciativa. Sabendo do interesse embrionário de Tolkien pelo galês, aconselhou-o a persistir – deu esse conselho, porém, à moda típica de Yorkshire: “Vá ocupar-se do céltico, rapaz; aí está o dinheiro.”

Tolkien seguiu o conselho, mas não exatamente da forma que Joe Wright pretendia. Conseguiu encontrar livros de galês medieval e começou a ler a língua que o fascinara desde que vira algumas palavras suas em vagões de carvão. Não se decepcionou; na verdade, todas as suas expectativas de beleza confirmaram-se. *Beleza* – era isso que lhe agradava no galês; a aparência e o som das palavras, quase independentemente do seu significado. Disse certa vez: “A maioria dos falantes de inglês, por exemplo, admitirão que *cellar door* (porta de porão) é ‘belo’, especialmente se for dissociado do seu significado (e da sua ortografia). Mais belo do que, digamos, *sky* (céu), e muito mais belo que *beautiful* (belo). Pois bem, em galês, *cellar doors* são para mim extraordinariamente frequentes.” Tolkien tanto se entusiasmou pelo galês que é surpreendente que não tenha visitado Gales durante seus dias de estudante. Mas, de certa forma, isso foi característico de sua vida. Apesar de estudar a literatura antiga de muitos países, visitou poucos deles, muitas vezes por força das circunstâncias, mas em parte talvez

por falta de propensão. E, de fato, a página de um texto medieval pode ser mais potente que a moderna realidade do país que a originou.

Durante seus dias de estudante, Tolkien desenvolveu o seu interesse de infância pela pintura e pelo desenho, e começou a demonstrar uma certa habilidade, principalmente no esboço de paisagens. Começou a dedicar também bastante atenção à letra manuscrita e à caligrafia e tornou-se perito em muitos estilos de manuscritos. Esse interesse era uma combinação de seu entusiasmo pelas palavras e o seu olho artístico, mas refletia também sua personalidade multifacetada, pois, como observou alguém que o conheceu durante esses anos (quase que sem exagero): “Ele tinha um estilo de caligrafia diferente para cada amigo.”

Tolkien passou suas primeiras férias da universidade, no Natal de 1911, visitando lugares que outrora frequentara. A T.C.B.S. sobrevivera à sua partida da King Edward’s, e o clube preparava-se agora para o maior evento de sua curta história, uma apresentação de *The Rivals* de Sheridan. R. Q. Gilson, entusiasta do século XVIII, começara tudo, e como seu pai era diretor não houve dificuldade em obter a permissão, embora nunca antes uma peça de dramaturgo inglês houvesse sido representada na escola. Ele e Christopher Wiseman, ambos ainda alunos da King Edward’s, distribuíram os papéis entre os amigos. G. B. Smith sem dúvida teria de ser incluído, pois, apesar de ainda não ser considerado um membro da T.C.B.S., já era muito apreciado por eles. E quem assumiria o crucial papel cômico da sra. Malaprop? Quem senão o próprio John Ronald? Assim, Tolkien, ao fim do primeiro período em Oxford, foi para Birmingham e participou dos ensaios finais.

Haveria apenas uma apresentação. O ensaio geral terminou muito antes da hora de subir o pano e, em vez de matar tempo lá mesmo, a T.C.B.S. decidiu ir tomar chá na Barrow’s (a loja de departamentos que acrescentara o “B” a “T.C.B.S.”), usando casacos sobre as roupas da peça. Como o “Vagão Ferroviário” estava vazio quando chegaram, eles tiraram os casacos. O espanto da garçonete e dos lojistas permaneceu em suas lembranças pelo resto de suas vidas.

Veio então a apresentação. A revista da escola relatou: “A sra. *Malaprop* de J. R. R. Tolkien foi uma verdadeira criação, excelente sob todos os aspectos e não menos na maquilagem. R. Q. Gilson como *Capitão Absolute* foi um herói muito atraente, levando com admirável espírito e habilidade o encargo de um papel bem pesado; e no papel do velho colérico *Sir Anthony C. L. Wiseman* foi extremamente eficaz. Entre os personagens menores, a representação de G. B. Smith, do difícil e ingrato papel de *Faulkland*, foi merecedora de altos louvores.” A ocasião consolidou a amizade de Tolkien com G. B. Smith. Essa amizade seria duradoura e produtiva, e Smith dali por diante foi considerado membro pleno da T.C.B.S.

Nas férias de verão de 1912 Tolkien foi acampar durante uma quinzena com o King Edward’s Horse, um regimento territorial de cavalaria em que se alistara recentemente. Apreciou a experiência de galopar pelas planícies de Kent – o acampamento era próximo a Folkestone – mas a umidade e o vento foram muito fortes, e as barracas muitas vezes desabavam durante a noite. Esta breve experiência, montado a cavalo e debaixo de lona, foi suficiente para que saísse do regimento alguns meses depois. Após o acampamento, fez uma expedição a pé em Berkshire, durante a qual fez esboços dos vilarejos e escalou as colinas. E então, cedo demais, terminou o seu primeiro ano de universidade.

Havia estudado muito pouco e começara a cultivar hábitos preguiçosos. Em Birmingham, ele assistia à missa várias vezes por semana, mas, sem o padre Francis por perto para vigiá-lo, achava agora mais cômodo ficar na cama até mais tarde, especialmente depois de uma longa noite fumando e conversando com os amigos diante da lareira. Seus primeiros períodos em Oxford, registrou com tristeza, passaram-se “com praticamente nenhuma ou pouquíssima prática religiosa”. Tentou-se

emendar-se, e passou a manter um diário para Edith onde registrava todas as suas más condutas e falhas. Mas, apesar de ela ser um brilhante ideal para ele – não haviam empenhado seu amor; e isso não nos comprometia mutuamente? -, ainda estava proibido de escrever-lhe ou de vê-la antes de completar vinte e um anos, e isso ainda levaria muitos meses. Entrementes, era fácil gastar o tempo em jantares caros, conversas até tarde da noite e estudos de galês medieval e línguas inventadas.

Foi nesta época que descobriu o finlandês. Desde que lera a tradução inglesa do *Kalevala*, esperava adquirir algum conhecimento dessa língua, e na biblioteca do Exeter College havia uma gramática finlandesa. Com a sua ajuda, começou a dar os primeiros passos no aprendizado da língua original do poema. Tolkien mais tarde diria: “Foi como descobrir uma adega cheia de garrafas de um vinho espantoso, de qualidade e sabor nunca provado antes. Fiquei completamente inebriado.”

Nunca chegou a aprender o suficiente para ler mais do que uma parte do *Kalevala* original, mas o efeito desse aprendizado sobre o seu processo de invenção de línguas foi fundamental e notável. Abandonou o neogótico e começou a criar uma língua particular intensamente influenciada pelo finlandês, língua que mais tarde surgiria em suas histórias como “Quenya”, ou alto-élfico. Ainda demoraria muitos anos para acontecer; mas em sua mente já germinava um princípio do que estava por vir. Leu um trabalho sobre o *Kalevala* diante de uma sociedade do colégio, e nele começou a falar da importância do tipo de mitologia encontrado nos poemas finlandeses. “Estas baladas mitológicas”, disse, “estão cheia daquele substrato muito primitivo que a literatura da Europa como um todo vem mutilando e reduzindo continuamente por muitos séculos, com diferentes graus de eficiência e rapidez entre diferentes povos.” E acrescentou: “Gostaria que nos houvesse restado mais – de algo semelhante que pertencesse aos ingleses.” Uma ideia excitante. E talvez já pensasse em criar ele mesmo essa mitologia para a Inglaterra.

O Natal de 1912 foi passado com os parentes Incedon em Barnt Green, perto de Birmingham. Como era costume na família, a temporada foi animada com teatro, e desta vez o próprio Ronald escreveu a peça que representaram. Chamava-se *The Bloodhound, the Chef and the Suffragette* (O Sabujo, o Cozinheiro e a Sufragista). Quando ficou mais velho disse que não gostava de teatro, mas nessa ocasião foi não apenas o autor, mas também o ator principal, representando o “professor Joseph Quilter, M.A., B.A., A.B.C., vulgo detetive, mundial Sexton Q. Blake-Holmes, o Sabujo”, que buscava uma herdeira perdida chamada Gwendoline Goodchild. Enquanto isso, ela se apaixonara por um estudante sem um tostão que encontrara quando ambos moravam na mesma pensão; ela tinha de permanecer escondida do próprio pai até seu vigésimo primeiro aniversário, dali a dois dias, quando então estaria livre para casar-se.

Esta peça de asneira familiar era muito mais a propósito do que os Incedons supunham. Não apenas Ronald comemoraria seu vigésimo primeiro aniversário poucos dias após a apresentação, mas pretendia também reencontrar-se com Edith Bratt, por quem esperara durante quase três anos, e que, ele tinha toda a certeza, esperara por ele. Quando o relógio deu meia-noite, marcando o começo de 3 de janeiro de 1913, sua maioridade, sentou-se na cama e escreveu uma carta, renovando sua declaração de amor e perguntando-lhe: “Quanto tempo mais até que possamos nos unir diante de Deus e do mundo?”

Mas quando Edith escreveu em resposta, foi para dizer-lhe que estava noiva e iria casar-se com George Field, irmão de sua colega de escola Molly.

6. Reencontro

Ele poderia ter decidido esquecê-la completamente. Seus amigos não sabiam da sua existência, e seus tios e primos nunca haviam ouvido falar nela. Somente o padre Francis sabia, e, apesar de não ser mais o tutor legal de Ronald, não desejava que o romance com Edith recomeçasse. Assim, Ronald poderia ter rasgado a carta de Edith e deixado que se casasse com George Field.

No entanto, Ronald sentia que as declarações e promessas dos dias de Duchess Road não podiam ser rompidas levemente. Além disso, Edith fora seu ideal nos últimos três anos, sua inspiração e sua esperança para o futuro. Ele acalentara e cultivara seu amor por ela; esse amor crescera em segredo, alimentado apenas pelas lembranças do romance adolescente e de algumas fotografias dela quando criança. Ele entrevia agora uma única atitude possível: tinha de ir a Cheltenham, persuadi-la a desistir de George Field, e pedir-lhe que se casasse com ele.

Na verdade, sabia que ela diria sim. Ela o insinuara na carta, explicando que ficara noiva de George apenas porque ele fora gentil com ela, ela se sentia “encalhada”, não conhecia nenhum outro jovem e desistira de acreditar que Ronald iria querer revê-la depois de três anos. “Comecei a duvidar de você, Ronald”, dizia-lhe na carta, “e a achar que você deixaria de gostar de mim.” Mas, agora que ele escrevera para reafirmar seu amor, ela dava a entender que tudo mudara.

Assim, na quarta-feira, 8 de janeiro de 1913, ele tomou um trem para Cheltenham e foi recebido por Edith na plataforma. Os dois caminharam pelo campo e sentaram-se sob um viaduto ferroviário para conversar. No fim do dia, Edith declarou que desistiria de George Field e se casaria com Ronald Tolkien.

Ela escreveu a George e devolveu-lhe a aliança; ele, pobre jovem, ficou terrivelmente perturbado, sua família sentiu-se insultada e ficou furiosa. Mas, por fim, não se falou mais no assunto, e todos voltaram a ser amigos. Edith e Ronald não anunciaram o noivado; estavam apreensivos quanto à reação dos familiares e queriam esperar até que as perspectivas de Ronald para o futuro se mostrassem mais definidas. Ronald, porém, voltou para Oxford “explodindo de felicidade”.

Uma de suas primeiras atitudes ao chegar foi escrever ao padre Francis comunicando que ele e Edith pretendiam casar-se. Ficou muito apreensivo, mas a resposta do padre Francis foi calma e resignada, apesar de nem um pouco entusiasmada. Era bom que assim fosse, pois apesar de não ser mais tutor legal de Ronald, ele ainda lhe dava o tão necessário sustento financeiro; assim, era essencial que ele tolerasse o noivado.

Agora que se reencontrara com Edith, Ronald tinha de concentrar toda a sua atenção nas *Honour Moderations*¹¹, o primeiro dos dois exames que lhe dariam o diploma em Letras Clássicas. Em seis semanas ele tentou realizar o trabalho que deveria ter feito durante os quatro períodos anteriores; não era fácil, porém, deixar o hábito de ficar conversando até tarde com os amigos e depois acordar cedo; ele, no entanto, como muitos outros, culparia o clima úmido de Oxford em vez de seus serões. Em fins de fevereiro, quando começaram as *Honour Moderations*, ainda estava mal preparado para muitos dos exames. Ficou aliviado quando soube que pelo menos conseguira classificar-se na Segunda Classe.

Contudo, sabia que deveria ter se saído melhor. Não é fácil conseguir uma classificação de Primeira Classe nas “*Modes*”, mas está dentro das possibilidades de um estudante dedicado. É o que se espera certamente de alguém que pretenda seguir uma carreira acadêmica, e Tolkien já pensava em tal carreira. No entanto, ele conseguira um “alfa puro”, ou seja, um exame praticamente impecável, em sua matéria especial, Filologia Comparada. Em parte, isto era um tributo à excelência dos ensinamentos

de Joe Wright, mas indicava também que os maiores talentos de Tolkien estavam neste campo. O Exeter College percebeu; a escola ficou desapontada por ele, um de seus bolsistas, não ter conseguido uma classificação melhor, mas sugeriu que, já que ele ganhara um alfa em filologia, deveria tornar-se filólogo. O dr. Farnell, reitor de Exeter, sabia do seu interesse pelo antigo e médio inglês e outras línguas germânicas. Não seria sensato que ele se transferisse para a Escola de Inglês? Tolkien concordou, e no início do período de verão de 1913, abandonou os estudos de letras clássicas e passou a estudar inglês.

A Honour School of English Language and Literature ainda era jovem pelos padrões de Oxford, e estava dividida. De um lado ficavam os filólogos e medievalistas, que consideravam que qualquer literatura posterior a Chaucer não era desafiadora o suficiente para constituir a base do currículo de um curso de graduação. Do outro lado, ficavam os entusiastas da literatura “moderna” (como designavam a literatura desde Chaucer até o século XIX), que consideravam o estudo de filologia e do antigo e médio inglês “tráfico de palavras e pedantismo”. Sob vários aspectos era um erro tentar espremer as duas facções na mesma escola. O resultado era que os estudantes que resolviam especializar-se em “Língua” (isto é, antigo e médio inglês e filologia) eram, não obstante, obrigados a estudar grande quantidade de literatura moderna, enquanto aqueles que desejavam estudar “Literatura” (o curso moderno) tinham também de enfrentar textos do *Anglo-Saxon Reader* de Sweet e familiarizar-se com certa quantidade de filologia. Ambos os cursos eram concessões mútuas, e nenhum dos lados estava inteiramente satisfeito.

Não havia dúvidas quanto a facção que conquistaria Tolkien. Iria especializar-se em estudos linguísticos, e seu tutor seria Kenneth Sisam, um jovem neozelandês, assistente de A. S. Napier, o professor de Língua e Literatura Inglesa. Depois de encontrar-se com Sisam e examinar o currículo, Tolkien foi “tomado de pânico, pois não consigo entender como me proporcionará trabalho honesto por dois anos e mais um período”. Tudo parecia fácil e familiar demais – já conhecia bem muitos dos textos que teria de estudar, e conhecia até mesmo um pouco de antigo norueguês, que seria oferecido como matéria especial (dada por W. A. Craigie, perito em islandês). Além disso, à primeira vista, Sisam não lhe pareceu um tutor muito inspirador. Homem de fala mansa, apenas quatro anos mais velho que Tolkien, certamente faltava-lhe a presença imponente de Joe Wright; mas era um estudioso esforçado e metucioso, e não demorou para que Tolkien viesse a respeitá-lo e apreciá-lo. Quanto ao trabalho, Tolkien passou a gastar mais tempo na escrivania do que quando estudava os clássicos. Não era tão fácil quanto esperara, pois o nível da Escola de Inglês de Oxford era muito elevado; mas logo ele dominaria o currículo com firmeza e começaria a escrever longos e intrincados ensaios sobre “Problemas da disseminação da mutação fonética”, “O alongamento das vogais na época do antigo e do médio inglês” e “O elemento anglo-normando no inglês”. Seu interesse particular era ampliar seu conhecimento sobre o dialeto do oeste das Midlands no médio inglês, em virtude das associações deste com sua infância e seus antepassados; além disso, estava estudando várias obras em antigo inglês que não encontrara antes.

Entre elas estava o *Crist* de Cynewulf, um grupo de poemas religiosos anglo-saxões. Dois versos causaram-lhe grande impacto:

*Eala Earendel engla beorhast
ofer middangeard monnum sende.*

“Salve, Earendel, mais brilhante dos anjos / sobre a terra-média mandado aos homens.” *Earendel* é

interpretado no dicionário anglo-saxão como “luz brilhante, raio”, mas aqui o termo tem claramente um significado especial. Tolkien interpretou-o como uma referência a João Batista, mas acreditava que “Earendel” fora originalmente o nome da estrela que anuncia a aurora, isto é, Vênus. Sua aparição nos versos de *Cynewull* teve um estranho efeito sobre ele. “Senti um curioso frêmito”, escreveu muito tempo depois, “como se algo parcialmente adormecido estremecesse dentro de mim. Havia algo muito remoto, estranho e belo por trás dessas palavras, algo que eu não podia compreender, muito além do inglês arcaico.”

Encontrou mais coisas ainda para excitar sua imaginação na sua matéria especial. O antigo norueguês (ou antigo islandês: os nomes são intercambiáveis) é a língua trazida à Islândia pelos noruegueses que fugiram de sua terra natal no século IX. Tolkien já possuía um conhecimento moderado do norueguês, e deu início então a um estudo minucioso de sua literatura. Leu as sagas e o *Edda* em Prosa ou *Edda* Novo. Estudou também o *Edda* Poético ou *Edda* Antigo; e foi assim que descobriu o antigo repositório dos mitos e das lendas islandesas.

“Edda Antigo” é o nome que se dá a uma coleção de poemas, alguns incompletos ou textualmente adulterados, cujo manuscrito principal data do século XIII; muitos dos poemas, porém, são mais antigos, originários talvez de um período mais remoto, anterior à colonização da Islândia. Alguns são heroicos e descrevem o mundo dos homens, enquanto outros são mitológicos e tratam dos feitos dos deuses. Entre os poemas mitológicos do Edda Antigo, nenhum é mais notável que o *Völuspá* ou Profecia da Vidente, que conta a história do cosmos desde sua criação, e prevê o seu fim. O mais notável de todos os poemas mitológicos germânicos data do fim do paganismo nórdico, quando o cristianismo tomava o lugar dos velhos deuses; transmite, porém, uma sensação de mito vivo, um sentimento de reverência e mistério, na sua representação de um cosmos pagão. Seu efeito sobre a imaginação de Tolkien foi profundo.

Nos meses que se seguiram ao seu reencontro, o problema da religião de Edith causou certa preocupação a ela e a Ronald. Para que o casamento fosse abençoado pela igreja dele, ela teria de tornar-se católica. Teoricamente, faria isso com satisfação – na verdade, acreditava que sua família fora católica muito tempo antes. Mas a questão não era tão simples. Ela era um membro da Igreja da Inglaterra, e muito ativa. Durante a separação do casal, boa parte de sua vida em Cheltenham concentrara-se na igreja paroquial; ela se tornara um membro útil da igreja; conseqüentemente, adquirira uma posição proeminente na paróquia, uma paróquia distinta, típica da elegante cidade. Agora Ronald queria que renunciasse a tudo isso e fosse para uma igreja onde ninguém a conhecia; e, vista por este prisma, a perspectiva não lhe agradava. Além disso, temia que o “tio” Jessop, em cuja casa morava, se enfurecesse, pois, como muitos outros da sua idade e classe, ele era um anticatólico ferrenho. Se ela se tornasse papista, ele permitiria que ela continuasse vivendo sob seu teto até o casamento? A situação era desconfortável, e ela propôs a Ronald que o assunto fosse adiado até que o noivado fosse oficializado ou até que a data do casamento estivesse próxima. Mas ele não concordou. Queria que ela agisse rapidamente. Desprezava a Igreja da Inglaterra, dizia que era uma “patética e sombria miscelânea de tradições semiesquecidas e crenças mutiladas”. E se Edith fosse perseguida em virtude de sua decisão de tornar-se católica, ora, fora precisamente isso que acontecera à sua querida mãe, e ela o suportara. “Creio fervorosamente”, escreveu a Edith, “que nem a indiferença nem o temor mundano devem nos impedir de seguir resolutamente a luz.” (Ele voltara a frequentar a missa regularmente e talvez tenha resolvido esquecer os lapsos do ano anterior.) Claramente, a conversão de Edith se tornara para ele uma questão emocional; em parte, embora ele não o admitisse, é possível também que quisesse pôr à prova o amor de Edith após a infidelidade do noivado com George Field.

Assim, ela fez o que ele queria. Disse aos Jessops que pretendia tornar-se católica, e o “tio” reagiu exatamente como ela temera – ordenou que saísse de sua casa assim que conseguisse achar outro alojamento. Diante desta crise, Edith decidiu morar com sua prima de meia-idade, Jennie Grove, uma mulher mirrada, decidida, com uma deformidade na coluna. Juntas, elas começaram a procurar acomodações. Parece que se cogitou a possibilidade de irem para Oxford, para que Edith pudesse ficar perto de Ronald, mas, pelo visto, ela não quis. Talvez se ressentisse por ter sido pressionada a se converter, e, com certeza, ela queria manter uma vida independente até que se casassem. Ela e Jennie escolheram Warwick, não distante da Birmingham onde haviam nascido, porém muito mais atraente. Procuraram e conseguiram encontrar aposentos temporários; Ronald as visitou em junho de 1913.

Achou Warwick, com suas árvores, sua colina e seu castelo, um lugar de notável beleza. O tempo estava quente, e o casal foi passear de barco pelo Avon. Assistiram juntos a uma ação de graças na igreja católica, “de onde”, escreveu ele, “saímos serenamente felizes, pois foi a primeira vez que pudemos ir à igreja calmamente, lado a lado”. Contudo, tiveram também de gastar algum tempo em busca de uma casa para Edith e Jennie, e, quando encontraram uma adequada, havia inúmeros arranjos a serem feitos. Ronald achou as horas passadas com problemas domésticos bastante irritantes. Na verdade, ele e Edith nem sempre eram felizes juntos. Já não se conheciam muito bem, pois haviam passado os três anos de separação em duas sociedades totalmente diferentes: uma totalmente masculina, turbulenta e acadêmica; a outra mista, refinada e doméstica. Havia crescido, mas também haviam se distanciado. Desde então, ambos teriam de fazer concessões para poderem realmente entender-se. Ronald teria de tolerar a preocupação de Edith com os detalhes diários da vida, por mais triviais que lhe parecessem. Ela teria de esforçar-se por compreender sua dedicação aos seus livros e línguas, por mais egoísta que ela lhe parecesse. Nenhum deles teve sucesso completo. Suas cartas eram cheias de afeto, mas, às vezes, também de irritação. Ronald podia dirigir-se a Edith como “pequenina” (seu nome predileto para ela), e falar ternamente de sua “pequena casa”, mas a personalidade dela estava longe de ser pequena, e, quando estavam juntos, seus ânimos frequentemente se inflamavam. Parte do problema estava no papel que Ronald assumira: o de amante sentimental, muito diferente da face que exibia aos seus amigos. O amor e a compreensão entre Ronald e Edith eram reais, mas muitas vezes ele os envolvia em chavões românticos; se tivesse mostrado a ela mais do seu lado “livresco” e feito com que ela frequentasse a companhia de seus amigos, talvez ela não se importasse tanto quando esses elementos se mostraram tão importantes durante o casamento. Ele, porém, manteve esses dois lados de sua vida firmemente separados.

Após sua visita a Warwick, Ronald partiu para Paris como tutor e acompanhante de dois meninos mexicanos. Em Paris encontraram-se com um terceiro menino e duas tias, que praticamente não falavam inglês. Ronald teve vergonha do seu espanhol, apenas rudimentar, e descobriu que até seu francês o deixava na mão quando era necessário usá-lo. Muito em Paris o fascinou, e ele gostava de sair sozinho, explorando a cidade; mas não gostou dos franceses que viu nas ruas, e escreveu a Edith sobre “a vulgaridade, a tagarelice, a cusparada e a indecência”. Muito antes dessa viagem, ele desenvolvera uma aversão pela França e pelos franceses, e o que viu então não o curou de sua galofobia. Depois do que aconteceu em seguida, ele certamente teve certa razão de odiar a França. As tias e os meninos decidiram visitar a Bretanha, uma perspectiva atraente para ele, pois os verdadeiros bretões são de estirpe céltica e falam uma língua que em muitos aspectos é semelhante ao galês; mas, no caso, o destino acabou sendo Dinard, um balneário como qualquer outro. “Bretanha!”, Ronald escreveu a Edith. “E não vejo nada a não ser excursionistas, papel sujo e carrinhos de banhistas.” O pior estava por vir. Alguns dias depois da chegada, ele andava na rua com um dos meninos e a tia mais velha. Um carro subiu na calçada e atropelou a tia, causando-lhe graves ferimentos internos. Ronald

ajudou a levá-la de volta ao hotel, mas ela faleceu algumas horas mais tarde. As férias terminaram em atormentadas providências para que o corpo pudesse ser enviado de volta ao México. Ronald trouxe os meninos de volta à Inglaterra, e disse a Edith: “Nunca mais, exceto se estiver na mais calamitosa pobreza, aceitarei outro trabalho assim.”

No outono de 1913, seu amigo G. B. Smith deixou a King Edward’s e foi para Oxford como bolsista do Corpus Christi College, onde iria estudar inglês. Como R. Q. Gilson e Christopher Wiseman já estavam em Cambridge, a T.C.B.S. estava agora igualmente representada nas duas universidades. Os quatro amigos encontravam-se de vez em quando, mas Tolkien nunca lhes mencionara a existência de Edith Bratt. Agora que se aproximava a hora em que ela seria recebida na Igreja Católica, haviam decidido formalizar o noivado, e ele teria de contar aos amigos. Ronald escreveu a Gilson e Wiseman, muito inseguro quanto ao que dizer – não lhes disse nem qual era o nome da noiva –; ele claramente sentia que aquilo tudo não tinha nada a ver com a camaradagem masculina da T.C.B.S. Os outros deram-lhe os parabéns, mas Gilson, com certa perspicácia, observou: “Não temo de maneira alguma que um fiel membro da T.C.B.S. como você possa se tomar qualquer outra coisa.”

Edith foi instruída na fé católica pelo padre Murphy, o pároco de Warwick, que se desincumbiu apenas adequadamente do serviço. No futuro, Ronald atribuiria a culpa por muitas contrariedades à qualidade insuficiente dos ensinamentos que ela recebeu nessa época. Mas ele próprio não a ajudou. Achava difícil comunicar-lhe a profunda e apaixonada natureza de sua própria fé, inextricavelmente ligada à lembrança de sua falecida mãe.

Em 8 de janeiro de 1914, Edith foi recebida na Igreja Católica Romana. A data, deliberadamente escolhida por ela e Ronald, era o primeiro aniversário de seu reencontro. Logo após a conversão, Edith e Ronald foram declarados oficialmente noivos pelo padre Murphy. Edith fez a primeira confissão e a primeira comunhão, eventos que ela considerou “uma grande e maravilhosa felicidade”. Inicialmente, ela continuou nesse estado de espírito, indo à missa regularmente e comungando com frequência. Mas a igreja católica de Warwick era pobre comparada com os esplendores de Cheltenham (até Ronald a achava “sórdida”), e, apesar de Edith auxiliar um clube da igreja para moças operárias, fez poucos amigos na congregação. Também começou a não gostar da confissão. Portanto, quando estava preocupada com o seu estado de saúde (o que era frequente), ela simplesmente deixava de ir à missa. Disse a Ronald que não era do seu feitio levantar-se cedo para ir à missa ou jejuar até a comunhão. “Quero ir”, disse-lhe, “e gostaria de poder ir com frequência, mas é realmente impossível: minha saúde não vai suportar.”

Estava levando uma vida muito enfadonha. Era bom ter sua própria casa e a companhia da prima Jennie, mas muitas vezes elas se irritavam mutuamente, e, quando Ronald não ia visitá-la, não havia ninguém com quem conversar e nada para fazer exceto cuidar da casa. Tinha seu próprio piano e podia praticar por horas a fio, mas agora sabia que nunca faria carreira na música – casar e constituir família tornariam isso impossível –, e, portanto, não havia muito incentivo para tocar. Na igreja não precisavam dela como organista. Sentia falta da vida social de Cheltenham, e não tinha dinheiro bastante para frequentar concertos ou teatros, a não ser ocasionalmente. Assim, irritava-se ao receber as cartas em que Ronald descrevia sua vida em Oxford, cheia de jantares festivos, “farras” e visitas ao cinematógrafo.

Ronald estava se tornando decididamente fino. Comprou móveis e gravuras japonesas para seus aposentos. Mandou fazer dois ternos, que, segundo ele, caíram-lhe muito bem. Fundou outro clube com seu amigo Colin Cullis, os *Chequers*, que se reunia nas noites de sábado, para jantar em seus aposentos ou nos de Cullis. Foi eleito presidente da Sociedade de Debates do colégio (um organismo influente em Exeter), após uma luta de facções que o fez sentir pela primeira vez o sabor da política do

colégio, um sabor que apreciou muito. Passeava de barco, jogava tênis, e de vez em quando trabalhava um pouco, o suficiente para ganhar o Prêmio Skeat de Inglês, conferido pelo colégio na primavera de 1914. As cinco libras do prêmio ele gastou em livros de galês medieval e várias das obras de William Morris: *Life and Death of Jason*, a tradução de Morris da *Völsungasaga* e seu romance em verso e prosa, *The House of the Wolfings*.

O próprio Morris estudara no Exeter College, e essa conexão provavelmente estimulara o interesse de Tolkien por ele; mas, até então, ele aparentemente não tivera contato com os escritos imaginativos de Morris. De fato, seus conhecimentos de literatura moderna eram, de modo geral, limitados, pois o currículo da Escola de Inglês de Oxford não exigia que ele, como linguista, fizesse mais nada além de um estudo relativamente superficial dos autores posteriores a Chaucer. Na época ele chegou a esboçar alguns comentários sobre Johnson, Dryden e o teatro da Restauração, mas nada indica que o seu interesse por eles tenha sido mais do que passageiro. Sobre a ficção contemporânea, escreveu a Edith: “Muito raramente leio um romance, como você sabe.” Para ele a literatura inglesa terminava com Chaucer; ou, dito de outra forma, todo o prazer e estímulo que poderia desejar ele os obtinha nos grandes poemas do antigo e médio inglês, e na literatura primitiva da Islândia.

No entanto, foi por essa mesma razão que achou tão empolgante *The House of the Wolfings*. A visão que Morris tinha da literatura coincidia com a sua. Neste livro Morris tentava recriar o entusiasmo que encontrara nas páginas das primitivas narrativas inglesas e islandesas. *The House of the Wolfings* passa-se em uma terra ameaçada por uma força romana invasora. Escrito parcialmente em prosa e parcialmente em versos, o livro focaliza um clã ou uma tribo familiar que habita perto de um grande rio, numa clareira da floresta chamada *Mirkwood*¹², um nome retirado da geografia e da lenda dos antigos germânicos. Muitos elementos da história parecem ter impressionado Tolkien. O estilo é altamente idiossincrático, carregado de arcaísmos e inversões poéticas, numa tentativa de recriar a aura das antigas lendas. Tolkien evidentemente notou isto, e, ao que parece, também apreciou outra faceta da obra: a habilidade de Morris, a despeito do tempo e local vagos em que a história se passa, de descrever com grande precisão os detalhes de sua paisagem imaginária. O próprio Tolkien seguiria o exemplo de Morris anos mais tarde.

Seu olho para paisagens recebeu um poderoso estímulo durante o verão de 1914 quando, após visitar Edith, foi passar férias na Cornualha; lá, hospedou-se com o padre Vincent Reade, do Oratório de Birmingham, na península Lizard. Ficou entusiasmado com a Cornualha. Todos os dias, ele e o padre Vincent faziam longas caminhadas, descritas em carta a Edith: “Andamos pelas charnecas no topo dos penhascos até a enseada de Kynance. Nada do que eu possa dizer numa simples carta poderia descrevê-la. O sol brilha sobre nós, as águas do Atlântico erguem-se numa onda gigantesca, que se despedaça e jorra sobre as rochas e os recifes. O mar escavou nos penhascos bizarras gretas e gárgulas, onde o vento soa como trombetas e a espuma se arroja como do dorso de uma baleia; e em toda parte vemos rochas negras e vermelhas, e a espuma branca contra o violeta e o verde-mar translúcido.” Tolkien nunca esqueceu essa visão do mar e da costa da Cornualha, que se tornou uma paisagem ideal na sua mente.

Um dia ele e o padre Vincent foram explorar os vilarejos que ficam um pouco terra adentro, além do promontório Lizard. Sobre esta expedição, ele registrou: “Nossa caminhada para casa, após o chá, teve início através de um rústico cenário ‘de Warwickshire’; descemos até as margens do rio Helford (quase como um fiorde), e depois subimos veredas ‘de Devonshire’ até a margem oposta, quando passamos então a um terreno mais aberto, onde o caminho se torcia e retorcia, subia e descia, até que a penumbra foi chegando e o sol vermelho começou a se pôr. Daí, após aventuras e reconsiderações de rota, saímos nas áridas e nuas colinas ‘Goonhilly’, e atravessamos um trecho reto de seis quilômetros e

meio, com relva para nossos pés doloridos. Fomos então surpreendidos pela noite nas vizinhanças de Ruan Minor, e voltamos a encontrar ladeiras e caminhos serpeantes. A luz tornou-se muito 'lúgubre'. Às vezes mergulhávamos num cinturão de árvores, e as corujas e os morcegos nos davam arrepios; às vezes, um cavalo asmático detrás de uma sebe ou um velho porco com insônia faziam nossos corações dar pulos; ou, às vezes, o pior que acontecia era nos enfiarmos dentro de um riacho inesperado. Até que os vinte e dois quilômetros chegaram ao fim – os três últimos animados pelo clarão majestoso do farol de Lizard e pelo som do mar, cada vez mais próximo.”

No fim das longas férias, foi passar alguns dias em Nottinghamshire, na fazenda que a tia Jane administrava com os Brookes-Smiths e seu irmão Hilary. Enquanto estive na fazenda, escreveu um poema, encabeçado pelo verso do *Crist* de Cynewulf que tanto o fascinara: *Eala Earendel engla beorhtast!* O título era “A Viagem de Earendel, a Estrela Vespertina”, e começava assim:

*Earendel ergueu-se da taça do Oceano
Na escuridão da borda do mundo-médio;
Da porta da Noite, como um raio de luz,
Saltou por sobre a orla do crepúsculo,
E, lançando sua barca, como uma centelha de prata,
Da areia dourada que esmaecia,
Descendo pelo ensolarado hálito de ígnea morte do Dia
Fugiu célere da Terra Ocidental¹³*

Os versos seguintes descrevem a viagem da nave-estrela, que avança pelo firmamento até a luz da manhã ofuscar totalmente a sua imagem.

Esta ideia, do marinheiro das estrelas cujo navio se arroja ao firmamento, nascera da referência a “Earendel” nos versos de Cynewulf. Contudo, o poema que então nasceu era inteiramente original. Era na verdade o início da mitologia de Tolkien.

7. Guerra

Na época em que Tolkien escrevia “A Viagem de Earendel”, no fim do verão de 1914, a Inglaterra declarou guerra à Alemanha. Os jovens já se alistavam aos milhares, respondendo ao apelo de Kitchener por soldados. Os sentimentos de Tolkien, porém, eram bem diferentes: queria ficar em Oxford até graduar-se, e tinha esperanças de classificar-se na Primeira Classe. Assim, embora seus tios e tias esperassem que ele se alistasse (seu irmão Hilary já o havia feito – era agora corneteiro), Tolkien voltou à universidade para o “Michaelmas term”¹⁴.

Inicialmente relatou: “É terrível. Realmente acho que não vou conseguir continuar: o trabalho parece impossível. Não há ninguém aqui que eu conheça, exceto Cullis.” Contudo, ficou mais animado quando soube de um programa que lhe permitiria treinar para o exército enquanto estivesse na universidade, mas retardar a convocação até o final do curso. Tolkien inscreveu-se no programa.

Assim que decidiu o que fazer, a vida ficou mais agradável. Mudou-se de seus alojamentos no colégio e foi morar na St. John’s Street, com Colin Cullis, que não entrou para o exército por causa de problemas de saúde. Tolkien gostou da mudança, “uma delícia quando comparada com a vida primitiva do colégio”. Alegrou-se também quando descobriu que o amigo G. B. Smith, da T.C.B.S., ainda estava em Oxford esperando uma patente no corpo de fuzileiros de Lancashire. Tolkien resolveu tentar obter um posto no mesmo regimento, se possível no mesmo batalhão.

Alguns dias após o início das aulas, começaram os exercícios nos Parques da Universidade, com o Corpo de Treinamento de Oficiais. Era preciso conciliar a nova atividade com o trabalho acadêmico, mas Tolkien descobriu que a vida dupla combinava com ele. “O treinamento é uma dádiva divina”, escreveu a Edith. “Estou aqui há quase uma quinzena, e ainda não senti nem um sinal da verdadeira ‘sonolência’ de Oxford.” Também estava tentando escrever. Seu entusiasmo por William Morris deralhe a ideia de dar a uma das histórias do *Kalevala* finlandês a forma de um romance em verso e prosa no estilo de Morris. Escolheu a história de Kullervo, um jovem infeliz que comete incesto sem o saber e, quando o descobre, lança-se sobre a própria espada. Tolkien começou a trabalhar na “História de Kullervo”, que, apesar de ser pouco mais que um pastiche de Morris, foi a sua primeira tentativa de compor uma lenda em verso e prosa. Deixou-a inacabada.

No começo das férias de Natal de 1914, viajou a Londres para participar de um encontro da T.C.B.S. A família de Christopher Wiseman havia se mudado para o sul, e os quatro membros do “clube”, Tolkien, Wiseman, R. Q. Gilson e G. B. Smith reuniram-se na sua casa em Wandsworth. Passaram a maior parte do fim de semana fumando cachimbo e conversando ao pé do fogo na pequena sala do andar superior. Como disse Wiseman, sentiam ter “uma estatura intelectual quadruplicada” quando estavam juntos.

Era curioso como o pequeno grupo de amigos de escola havia continuado a encontrar-se e a trocar cartas, mas o fato era que começavam a ter esperanças de que, juntos, poderiam realizar algo importante. Tolkien certa vez comparou o grupo à Irmandade Pré-Rafaelita, mas os outros zombaram da ideia. No entanto, sentiam que de alguma forma estavam destinados a criar algo novo. Talvez esse sentimento nada mais fosse que a última centelha de ambição infantil, ainda não apagada pela experiência do mundo; mas, ao menos para Tolkien, teve um resultado importante e prático – chegou à conclusão de que era um poeta.

Mais tarde, ele diria que aquela reunião da T.C.B.S., no final de 1914, ajudara-o a dar “voz a toda uma série de coisas que tinha presas dentro de si”; e acrescentaria ainda: “Sempre creditei isso à

inspiração que nos proporcionavam mesmo algumas poucas horas a quatro.”

Imediatamente após o fim de semana em Londres, começou a escrever poemas. De modo geral, não eram muito bons, e ele certamente não era muito econômico no uso das palavras. Eis alguns versos do “Sea Chant of an Elder Day” (Cântico do Mar de Dias Antigos), escrito em 4 de dezembro de 1914, baseado nas lembranças das férias de Tolkien na Cornualha alguns meses antes:

*Numa obscura, perigosa região, por cujos grandes caminhos tempestuosos
Não ouvi o som de vozes humanas; naqueles mais antigos dos dias,
Sentei-me na arruinada margem do ecoante mar de voz profunda,
Cuja música de rugidos e espuma arrebatava em infinda cadência
Na terra, sitiada para sempre em uma eternidade de assaltos,
E rompida em torres e píncaros e cavernas de grandes abóbadas.*¹⁵

Quando Tolkien mostrou este e outros poemas a Wiseman, o amigo comentou que lhe lembravam a crítica de Symons a Meredith, “quando comparou M. a uma senhora que gostava de usar todas as suas joias após o desjejum”. E Wiseman aconselhou: “Não exagere.”

Tolkien foi mais comedido em um poema que descrevia o amor que ele e Edith sentiam, escolhendo uma imagem predileta para exprimi-lo:

*Eis que somos jovens e no entanto permanecemos
como corações plantados no grande sol
do Amor tanto tempo (como duas belas árvores,
que, na floresta ou no vale aberto,
totalmente entrelaçados, respiram
os ares, e a própria luz sorvem
juntas) que nos tornamos
como uma, profundamente enraizada no solo
da Vida, emaranhada em doce crescimento.*¹⁶

Entre outros poemas escritos por Tolkien nesta época está “The Man in the Moon Came Down Too Soon” (O homem da Lua Desceu Muito Cedo) que acabou sendo publicado em *The Adventures of Tom Bombadil* (Aventuras de Tom Bombadil). Um tema relativo a “fadas” foi igualmente escolhido em “Goblin Feet” (Pés de Duende), um poema que escreveu para agradar a Edith, que dizia gostar “da primavera, das flores, das árvores e da pequena gente élfica”. “Goblin Feet” representa tudo o que Tolkien logo viria a detestar visceralmente nesse campo, de forma que é quase injusto transcrever o poema; no entanto, tem uma inegável segurança rítmica, e como foi impresso em várias antologias da época pode-se dizer que é a primeira obra de certa importância publicada por Tolkien:

*Estou descendo a estrada
Onde brilhavam as lanternas das fadas
E os lindos morceguinhos estão voando:
Uma tênue faixa cinza,
Ela segue adiante,
E as sebes e a relva suspiram.*

*O ar está cheio de asas
Dos besouros voando às tontas
Que passam zumbindo, sussurrando e zunindo.
Oh! escuto as minúsculas cornetas
De duendes encantados
E o ruído dos pés de muitos gnomos vindo.*

Oh! as luzes! Oh! os brilhos: Oh! os pequenos sons tilintantes:

Oh! o farfalhar de seus pequenos trajés silenciosos:

Oh! o eco dos seus pés, dos seus pequenos pés felizes:

*Oh! suas balouçantes lâmpadas em pequenos globos estrelados.*¹⁷

G. B. Smith leu todos os poemas de Tolkien e mandou-lhe críticas. Foi encorajador, mas observou que Tolkien poderia melhorar os seus versos se lesse mais autores ingleses. Smith sugeriu que tentasse Browne, Sidney e Bacon; mais tarde recomendou que Tolkien lesse os novos poemas de Rupert Brooke. Mas Tolkien deu-lhe pouca atenção. Já tomara seu próprio rumo poético, e não precisava que ninguém o conduzisse.

Não demorou muito, Tolkien sentiu que a composição de poemas ocasionais sem um tema que os interligasse não era o que desejava. No início de 1915, voltou aos versos originais sobre Earendel e começou a inserir esse tema dentro de uma história mais ampla. Ele havia mostrado os versos originais sobre Earendel a B. Smith, que dissera que gostava deles mas não sabia do que tratavam realmente. Tolkien respondera: “Não sei. Tentarei descobrir.” Não tentaria inventar: *tentaria descobrir*. Ele não se via como um inventor de histórias, mas como um descobridor de lendas. E isso devia-se na verdade às suas línguas particulares.

Vinha trabalhando havia algum tempo na língua influenciada pelo finlandês, e, por volta de 1915, esta já havia adquirido algum grau de complexidade. Sentia que era “um passatempo louco”, e não esperava encontrar um público para ele. Ainda assim, às vezes escrevia poemas nela, e, quanto mais trabalhava com ela, mais sentia que precisava de uma “história” que lhe desse sustentação. Em outras palavras, uma língua não podia existir sem uma raça de pessoas que a falasse. Estava aperfeiçoando a língua; agora tinha de decidir a quem ela pertencia.

Quando conversava com Edith sobre o assunto, referia-se a ela como “a minha disparatada língua de fadas”. Eis aqui parte de um poema datado de “novembro de 1915, março de 1916”. Nenhuma tradução sobreviveu¹⁸, mas as palavras *Lasselanta* (“cair das folhas”, portanto “outono”) e *Eldamar* (o “lar dos elfos” no ocidente) seriam usadas por Tolkien em muitos outros contextos:

Ai lintulinda Lasselanta

Pilingeve suyer nalla ganta

Kuluvi ya karnevalinar

V'ematte singi Eldamar.

Durante o ano de 1915 a imagem tornou-se clara na mente de Tolkien. Esta, decidiu ele, era a linguagem falada pelas fadas ou elfos que Earendel vira durante sua estranha viagem. Começou a trabalhar em uma “Lay of Earendel” (Balada de Earendel), que descrevia as andanças do marinheiro pelo mundo, antes de seu navio tornar-se uma estrela. A balada seria dividida em vários poemas, e o primeiro, “The Shores of Faery” (As Costas do Reino Encantado), falava da misteriosa terra de Valinor, onde cresciam Duas Árvores, uma que dava douradas maçãs do sol, e a outra, prateadas maçãs da lua. A essa terra chegava Earendel.

Comparativamente, o poema tem poucas relações com os conceitos mitológicos posteriores de Tolkien, mas inclui elementos que iriam aparecer no *Silmarillion*, e merece ser citado como uma indicação do que se passava na sua imaginação nessa época. Ei-lo reproduzido em sua forma mais primitiva:

A oeste da Lua, a leste do Sol

Ergue-se uma solitária Colina.

Seus pés ficam no Mar verde-pálido;

*Suas torres são brancas e silenciosas:
Além de Taníquetil
Em Valinor.
Nenhuma estrela lá chega, exceto uma,
Que caçava com a lua,
Pois lá crescem nuas as Duas Árvores
Que que concebem o redondo fruto do Meio-Dia
Em Valinor.
Lá estão as costas do Reino Encantado
Com sua praia de seixos enluzados
Cuja espuma é música de prata
No opalescente piso.
Além das grandes sombras marinhas
À margem da areia
Que se estende para sempre
Dos dourados pés de Kôr -
Além de Taníquetil
Em Valinor.*

*Oh! a oeste da Lua, a leste do Sol
Fica o Porto da Estrela;
A branca cidade do Errante
E os rochedos de Eglamar:
Lá Wingelot está ancorado
Enquanto Earendel olha ao longe
A mágica e o prodígio
Entre aqui e Eglamar -
Além, além de Taníquetil
Em Valinor – ao longe.¹⁹*

Enquanto a mente de Tolkien se ocupava com as sementes de sua mitologia, ele se preparava para o *Schools*, o exame final de Língua e Literatura Inglesa. O exame começou na segunda semana de junho de 1915, e Tolkien teve sucesso – conseguiu Honras de Primeira Classe.

Podia, portanto, ter uma razoável certeza de conseguir um emprego acadêmico quando a guerra terminasse; mas, nesse ínterim, teria de assumir seu posto como segundo-tenente no Corpo de Fuzileiros de Lancashire. Ao contrário do que esperava, não foi para o 19º Batalhão, onde G. B. Smith servia, mas para o 13º. O treinamento começou em julho, em Bedford, onde ficou alojado em uma casa com mais meia dúzia de oficiais. Aprendeu a treinar um pelotão e assistiu a conferências militares. Comprou uma bicicleta motorizada com um colega oficial, e, quando conseguia licença nos fins de semana, viajava até Warwick para visitar Edith. Deixou crescer o bigode. Durante a maior parte do tempo, sua aparência e seu comportamento eram iguais aos de qualquer outro jovem oficial.

Em agosto, foi removido para Staffordshire, e, durante as semanas seguintes, ele e seu batalhão foram deslocados de um quartel para outro com a aparente falta de planejamento que caracteriza os movimentos de tropas em tempo de guerra. As condições eram invariavelmente desconfortáveis, e, nos intervalos entre refeições intragáveis, treinamento de trincheira e preleções sobre metralhadoras, havia pouco a fazer exceto jogar bridge (do que ele gostava) e ouvir *ragtime* no gramofone (do que ele não gostava). Ele tampouco se importava com a maioria dos colegas oficiais. “Os cavalheiros são inexistentes entre os superiores”, contou a Edith, “e mesmo os seres humanos são bem raros.” Boa parte do tempo ele passava lendo textos islandeses – estava determinado a manter o ritmo do trabalho acadêmico durante a guerra -, mas o tempo custava a passar. “Estes dias cinzentos”, escreveu, “desperdiçados repassando vezes e mais vezes os monótonos tópicos, as enfadonhas minúcias da arte de matar, não são nada agradáveis.”

No início de 1916, decidiu especializar-se em sinalização, pois a perspectiva de trabalhar com palavras, mensagens e códigos era mais animadora que a fadiga e a responsabilidade de comandar um pelotão. Assim, aprendeu código Morse, sinalização com bandeiras e discos, a transmissão de mensagens por heliógrafo e lanterna, o uso de foguetes de sinalização e telefones de campanha, e mesmo como utilizar pombos-correios (que às vezes eram usados no campo de batalha). Por fim, foi nomeado oficial de sinalização do batalhão.

O momento de embarcar para a França estava próximo, e Ronald e Edith decidiram casar-se antes da partida – a aterradora lista de baixas das tropas britânicas deixava bem claro que ele poderia nunca mais voltar. De qualquer forma, já tinham esperado mais do que o suficiente, pois ele estava com vinte e quatro anos e ela com vinte e sete. Não tinham muito dinheiro, mas ao menos ele recebia um soldo regular do exército, e decidiu pedir ao padre Francis Morgan que transferisse para o seu nome todo o modesto capital em ações que possuía. Esperava também obter alguma renda com poesia. O poema “Goblin Feet” fora aceito por Blackwell para o volume anual de *Oxford Poetry*, e, encorajado pelo fato, Tolkien enviou uma seleção de seus versos aos editores Sidgwick & Jackson. Para incrementar seu capital, acabou vendendo também a sua parte na bicicleta motorizada.

Foi a Birmingham para conversar com o padre Francis sobre o dinheiro, e dizer-lhe que iria se casar com Edith. Conseguiu resolver a questão financeira, mas, quando chegou hora, não teve coragem de falar sobre o casamento com o antigo tutor, e deixou o Oratório sem dizer uma palavra a respeito; não conseguia esquecer como o padre Francis se opusera ao romance seis anos antes. Foi somente uma quinzena antes do casamento que finalmente lhe escreveu contando tudo. Recebeu uma resposta benevolente; o padre Francis escreveu desejando a ambos “todas as bênçãos e felicidade”, e declarou que ele mesmo iria celebrar a cerimônia na Igreja do Oratório. Infelizmente, era tarde demais. Já haviam sido feitos preparativos para que o casamento se realizasse na igreja católica de Warwick.

Ronald Tolkien e Edith Bratt foram casados pelo padre Murphy após a missa matinal da quarta-feira, 22 de março de 1916. Haviam escolhido uma quarta-feira porque fora nesse dia da semana, em 1913, que se haviam reencontrado. Ocorreu um infeliz incidente: Edith não se deu conta de que, ao assinar o registro, teria de informar o nome do pai, e ela nunca contara a Ronald que era filha ilegítima. Confrontada com o registro, entrou em pânico e escreveu o nome de um tio, Frederick Bratt; mas não conseguiu inventar nada para preencher o item “Posição ou Profissão do pai”, que acabou ficando em branco. Mais tarde, contou a verdade a Ronald. “Acho que a amo ainda mais ternamente por tudo isso, minha esposa”, escreveu ele, “mas devemos esquecê-lo na medida do possível e confiar tudo a Deus.” Após o casamento, partiram de trem para Clevedon em Somerset, onde iriam ficar por uma semana; na cabine, ficaram rabiscando (nas costas de um telegrama de felicitações) versões da nova assinatura de Edith: *Edith Mary Tolkien... Edith Tolkien... sra. Tolkien... sra. J. R. R. Tolkien*. Parecia esplêndido.

8. O rompimento da sociedade

Quando regressou da lua-de-mel, Tolkien encontrou uma carta de Sidgwick & Jackson rejeitando seus poemas. De certo modo, ele já esperava por isto, mas foi uma decepção. Edith voltou a Warwick, mas somente para liquidar negócios pendentes na cidade. Haviam decidido que ela não teria um lar permanente enquanto durasse a guerra; moraria em algum cômodo mobiliado tão próximo quanto possível do quartel de Ronald. Ela e a prima Jennie (que ainda morava com ela) foram para Great Haywood, um vilarejo de Staffordshire perto do quartel onde Ronald estava. Havia no vilarejo uma igreja católica com um sacerdote bondoso, e Ronald conseguiu encontrar boas acomodações; mas assim que Edith se instalou, ele recebeu ordens de embarque, e, no dia 4 de junho de 1916, domingo à tarde, partiu para Londres e de lá para a França.

Todos na Inglaterra sabiam havia tempos que “O Grande Avanço” era iminente. Um virtual impasse continuara durante todo o ano de 1915 na Frente Ocidental, e nem o gás tóxico em Ypres nem o massacre em Verdun haviam alterado as linhas em mais de alguns quilômetros. Mas, agora que centenas de milhares de novos recrutas haviam passado pelos campos de treinamento, de onde haviam saído como um “Novo Exército”, era óbvio que algo espetacular estava para acontecer.

Tolkien chegou a Calais na terça-feira, 6 de junho, e foi para um acampamento em Étaples. De alguma maneira, durante a viagem havia perdido todo o seu equipamento: a cama de campanha, o saco de dormir, o colchão, as botas de reserva, o lavatório, tudo o que escolhera com cuidado e comprara com grande custo desaparecera sem deixar vestígios nos interstícios do sistema de transportes do exército, obrigando-o a pedir, emprestar e comprar substitutos.

Os dias passavam em Étaples sem que nada acontecesse. A excitação nervosa do embarque cedeu lugar ao tédio, agravado por uma total ignorância do que estava ocorrendo. Tolkien escreveu um poema sobre a Inglaterra, participou de exercícios de treinamento, escutou as gaviotas. Juntamente com vários outros oficiais, foi transferido para o 11º Batalhão, onde encontrou pouca companhia que fosse do seu agrado. Os oficiais novatos eram todos recrutas como ele, alguns com menos de vinte e um anos; já os comandantes de companhia e ajudantes mais velhos eram, em muitos casos, soldados profissionais desenterrados da reforma, homens de mente estreita e histórias intermináveis sobre a Índia ou a Guerra dos Boêres. Esses veteranos estavam sempre dispostos a tirar vantagem de qualquer deslize cometido por um recruta, e Tolkien relatou que o tratavam como a um escolar insignificante. Tinha mais respeito pelos “homens”, os oficiais subalternos e soldados rasos que constituíam o corpo de oitocentos e tantos membros do batalhão. Alguns eram de Gales do Sul, mas a maioria era de Lancashire. Os oficiais não podiam fazer amigos entre si, pois o sistema não o permitia; mas cada um deles tinha um ordenança, um empregado incumbido de cuidar do oficial e do seu equipamento, quase como um dos *scouts* de Oxford. Foi assim que Tolkien veio a conhecer muito bem vários dos homens. Muitos anos mais tarde, ao comentar um dos principais personagens de *O Senhor dos Anéis*, Tolkien escreveu: “Meu ‘Sam Gamgee’ é, na verdade, um reflexo do soldado inglês, dos soldados rasos e ordenanças que conheci na guerra de 1914, e reconheci como tão superiores a mim.”

Após três semanas em Étaples, o batalhão partiu para a Frente. A viagem de trem foi quase que incredivelmente lenta, interrompida por inúmeras paradas, e passaram-se mais de vinte e quatro horas antes que a paisagem plana e uniforme do Pas de Calais desse lugar a um terreno mais acidentado, por onde, ao lado da estrada de ferro, corria um rio canalizado, ladeado de choupos. Era Somme. E já podiam ouvir o fogo de artilharia

O batalhão de Tolkien desembarcou em Amiens, fez uma refeição preparada em fogareiros na praça principal, e depois marchou para fora da cidade, carregando seus pesados equipamentos, desviando-se ou parando vez ou outra, para dar passagem a carroças carregadas de munição ou enormes canhões. Logo estavam nos campos da Picardia. A estrada era reta, e as casas cediam lugar a campos de papoulas escarlates ou mostardeiras amarelas. Começou a chover torrencialmente, e, em poucos instantes, a superfície poeirenta da estrada transformou-se numa extensão esbranquiçada de barro. O batalhão continuou a marcha, pingando e praguejando, até um povoado chamado Rubempré, a dezesseis quilômetros de Amiens. Ficaram alojados por lá durante uma noite, em condições às quais logo se acostuariam: catres de palha em celeiros e barracões para os soldados, camas de campanha nas casas de fazenda para os oficiais. As construções eram antigas e sólidas, com vigas empenadas e paredes de barro. Lá fora, além da encruzilhada e das casas baixas, campos de centáureas varridas pela chuva estendiam-se até o horizonte. A guerra era uma presença visível – telhados quebrados, edifícios arruinados, e, não muito longe, ouvia-se o som do qual se haviam aproximado o dia todo, o zumbido e o estrondo das bombas aliadas sobre as linhas alemãs.

Ficaram em Rubempré no dia seguinte, fazendo treinamento físico e praticando com as baionetas. Na sexta-feira, 30 de junho, mudaram-se para outro povoado mais próximo da linha de frente. Na manhã seguinte, bem cedo, começou o ataque. Não participariam dele: sua tarefa era esperar na reserva e entrar na batalha alguns dias depois, quando as linhas alemãs, segundo os cálculos do comandante-em-chefe, sir Douglas Haig, estariam rompidas e as tropas aliadas poderiam penetrar no território inimigo. Mas não foi isto que aconteceu.

No sábado, 19 de julho, às 7:30 da manhã, as tropas da linha de frente britânica iniciaram a ofensiva. Rob Gilson da T.C.B.S., servindo no regimento de Suffolk, estava entre elas. Escalaram escadas, saíram das trincheiras para o campo aberto, formaram em linha reta, como haviam sido instruídos, e começaram o lento avanço – lento porque cada homem carregava pelo menos vinte e nove quilos de equipamento. Haviam-lhes dito que as defesas alemãs já estavam virtualmente destruídas e que o arame farpado fora rompido pela barragem aliada. No entanto, podiam ver que o arame *não* estava cortado, e, ao se aproximarem, as metralhadoras alemãs abriram fogo.

O batalhão de Tolkien permaneceu na reserva, e foi transferido para um vilarejo chamado Bouzincourt: a maioria dos soldados teve de ficar em campo aberto, enquanto alguns afortunados (incluindo Tolkien) dormiam em casebres. Havia claros sinais de que os acontecimentos na frente de batalha não se haviam passado de acordo com o previsto: feridos às centenas, muitos deles terrivelmente mutilados, tropas incumbidas de cavar sepulturas, e um sinistro odor de podridão. A verdade era que no primeiro dia da batalha haviam sido mortos vinte mil aliados. As defesas alemãs não haviam sido destruídas, o arame não fora cortado, e a artilharia inimiga havia fuzilado britânicos e franceses, fila após fila, enquanto estes avançavam em passo lento, formando um alvo perfeito.

Na quinta-feira, 6 de julho, o 11º Batalhão de Fuzileiros de Lancashire entrou em ação, mas apenas a Companhia “A” foi mandada às trincheiras, e Tolkien ficou em Bouzincourt com o restante. Releu as cartas de Edith, com notícias de casa, e deu mais uma vista de olhos nos bilhetes dos outros membros da T.C.B.S. Estava preocupado com Gilson e Smith, que haviam estado no grosso da batalha – e ficou tremendamente feliz e aliviado quando, mais tarde, naquele mesmo dia, G. B. Smith apareceu em Bouzincourt, vivo e ileso. Smith permaneceu lá durante um período de descanso de alguns dias, antes de retornar às linhas; os dois amigos encontravam-se e conversavam tanto quanto podiam, discutindo poesia, a guerra e o futuro. Certa feita passearam num campo onde as papoulas ainda balançavam ao vento, a despeito da batalha que transformava a região em um monótono deserto de lama. Esperavam ansiosamente por notícias de Rob Gilson. No domingo a Companhia “A” voltou das trincheiras – uma

dúzia de mortos, mais de cem feridos, histórias de horror. Então, finalmente, na sexta-feira, 14 de julho, foi a vez de Tolkien e a Companhia “B” entrarem em ação.

O que Tolkien experimentou então já fora suportado por milhares de outros soldados: a longa marcha noturna desde os alojamentos até as trincheiras, os tropeções durante um quilômetro e meio ou mais ao longo dos caminhos de comunicação que levavam à linha de frente propriamente dita, e as horas de confusão e desespero até que se tivesse completado o turno da companhia anterior. Para os sinalizadores, como Tolkien, a desilusão foi amarga, pois, em vez da organização do período de treinamento, encontraram uma confusão de fios emaranhados, telefones de campanha inativos e cobertos de lama e, o pior, a proibição do uso de fios para quaisquer mensagens exceto as menos importantes (os alemães haviam “grampeado” as linhas telefônicas e interceptavam as ordens cruciais que precediam o ataque). Estavam proibidas até as cigarras de código Morse, e em vez disso os sinalizadores tinham de se valer de luzes, bandeiras e, em última hipótese, estafetas ou até mesmo pombos-correios. O pior de tudo eram os mortos; havia cadáveres por todos os lados, horrivelmente dilacerados pelos obuses. Os que ainda tinham rostos fitavam o nada com olhos medonhos. Além das trincheiras, a terra de ninguém estava semeada de corpos intumescidos e em decomposição. Tudo era desolação. O capim e o trigo haviam desaparecido em um mar de lama. As árvores, despojadas de folhas e ramos, eram meros troncos mutilados e enegrecidos. Tolkien nunca esquecerá o que chamou “horror animal” da guerra de trincheiras.

Tolkien entrou em combate pela primeira vez durante uma importante ofensiva planejada pelo comando aliado; sua companhia uniu-se à 7ª Brigada de Infantaria para um ataque ao arruinado vilarejo de Ovillers, ainda em poder dos alemães. O ataque fracassou, pois, mais uma vez, o arame farpado das linhas inimigas não fora totalmente cortado, e muitos homens do batalhão de Tolkien foram mortos pelo fogo de metralhadora. Ele sobreviveu ileso, e, depois de quarenta e oito horas sem descanso, finalmente pôde dormir um pouco no abrigo de uma trincheira. Vinte e quatro horas depois sua companhia foi dispensada. Ao voltar aos casebres de Bouzincourt, Tolkien encontrou uma carta de G. B. Smith.

15 de julho de 1916.

Meu caro John Ronald,

Li no jornal hoje pela manhã que Rob foi morto.

Estou a salvo, mas que importância tem isso?

Por favor, fiquem comigo, você e Christopher. Estou muito cansado e terrivelmente deprimido com essa notícia horrível.

Agora percebemos desesperados o que a T.C.B.S. realmente era.

Oh, meu caro John Ronald, o que vamos fazer?

Sempre seu,

G. B. S.

Rob Gilson morrera em La Boisselle, liderando seus homens no primeiro dia da batalha, 1º de julho.

Tolkien escreveu a Smith: “Não me sinto membro de um corpo completo. Honestamente, acho que a T.C.B.S. terminou.” Mas Smith respondeu: “A T.C.B.S. não acabou e nunca acabará.”

Dia após dia, a rotina era sempre a mesma: um período de descanso, a volta às trincheiras, mais ataques (geralmente fracassados), outro período de descanso. Tolkien esteve entre os que sustentaram o assalto ao Reduto Schwaben, uma fortificação das trincheiras alemãs. Fizeram prisioneiros, entre os quais homens de um antigo regimento saxão que, num passado distante, lutara ao lado dos Fuzileiros de Lancashire contra os franceses, em Minden, em 1759. Tolkien conversou com um oficial ferido e

ofereceu-lhe água; o prisioneiro corrigiu sua pronúncia do alemão. Às vezes, havia breves períodos de calma, e os canhões silenciavam. Num desses momentos (lembraria Tolkien) estava com a mão sobre o receptor de um telefone de trincheira quando um rato silvestre saiu de seu esconderijo e correu sobre seus dedos.

No dia 19 de agosto, sábado, Tolkien e G. B. Smith encontraram-se de novo, em Acheux. Conversaram, voltaram a se encontrar nos dias seguintes, e, antes de se despedirem, comeram juntos em Bouzincourt, debaixo do fogo inimigo. Escaparam ilesos, e Tolkien retornou às trincheiras.

Embora os combates já não fossem tão intensos quanto nos primeiros dias da Batalha do Somme, as forças britânicas continuaram a sofrer graves perdas, e muitos do batalhão de Tolkien foram mortos. Ele não sofreu nenhum ferimento, mas, quanto mais tempo permanecia nas trincheiras, maiores eram as chances de figurar entre as baixas. A possibilidade de uma licença era sempre iminente, mas nunca concedida.

Quem o salvou foi uma “pirexia de origem desconhecida”, como diziam os médicos. Para os soldados era simplesmente a “febre das trincheiras”. Transmitida por piolhos, causava elevação de temperatura e outros sintomas febris, e milhares de homens já haviam dado baixa por causa desse mal. Em 27 de outubro, sexta-feira, foi a vez de Tolkien. Na época estava aquartelado em Beauval, dezenove quilômetros atrás das linhas. Quando adoeceu foi transportado a um hospital não muito distante dali. Um dia depois, estava num trem-enfermaria com destino à costa, e, no domingo à noite, num leito do hospital de Le Touquet, onde permaneceu por uma semana.

Mas a febre não cedeu, e, em 8 de novembro, foi posto a bordo de um navio com destino à Inglaterra. Ao chegar foi de trem para Birmingham e internado num hospital. Assim, em alguns dias, viu-se transportado do horror das trincheiras para os lençóis brancos e a visão da cidade que conhecia tão bem.

Estava novamente ao lado de Edith, e, na terceira semana de dezembro, estava bem o suficiente para deixar o hospital e ir a Great Haywood para passar o Natal com ela. Lá recebeu uma carta de Christopher Wiseman, que servia na Marinha:

H.M.S. *Superb*. 16 de dezembro de 1916.

Meu caro J. R.,

Acabei de receber notícias de casa sobre G. B. S., que sucumbiu a ferimentos de obus que sofreu, em 3 de dezembro. Não posso dizer muito a esse respeito agora. Humildemente rogo a Deus todo-poderoso que possa me considerar digno dele.

Chris.

Smith estava caminhando por uma estrada, um vilarejo atrás da linha de combate, quando um obus explodiu perto dele; feriu o braço direito e a coxa. Tentaram operá-lo, mas a gangrena havia se instalado. Foi sepultado no Cemitério Britânico de Warlencourt.

Pouco tempo antes, ele escrevera a Tolkien:

Meu principal consolo é que, se eu morrer hoje – vou sair em missão daqui a alguns minutos –, ainda restará um membro da grande T.C.B.S. para expressar o que sonhei e no que todos concordamos. Pois a morte de um dos seus membros não pode, tenho certeza, dissolver a T.C.B.S. A morte pode tornar-nos repugnantes e indefesos como indivíduos, mas não pode acabar com os quatro imortais! Uma descoberta que vou comunicar a Rob antes de sair hoje à noite. E você, escreva-a também a Christopher. Deus o abençoe, meu caro John Ronald, e possa você dizer as coisas que tentei dizer, muito tempo depois de eu não estar aqui para dizê-las, se tal for o meu destino.

Sempre seu,
G.B.S.

III

1917-1925: A criação de uma mitologia

1. Contos perdidos

Possa você dizer as coisas que tentei dizer, muito tempo depois de eu não estar aqui para dizê-las. Para Ronald, as palavras de G. B. Smith foram evidentemente uma conclamação para que iniciasse a grande obra sobre a qual vinha meditando durante algum tempo, um grandioso e extraordinário projeto com poucos paralelos na história da literatura. Ele criaria uma mitologia inteira.

A ideia tivera origem no seu gosto pela invenção de línguas. Havia descoberto que, para conferir certo grau de complexidade a tal empresa, era preciso criar para as línguas uma “história” na qual elas pudessem se desenvolver. Ao escrever os primeiros poemas sobre Earendel, ele já começara a esboçar um pouco dessa história; agora queria registrá-la na sua totalidade.

Havia outra força em ação: o desejo de expressar em poesia os seus mais profundos sentimentos, um desejo que devia sua origem à inspiração da T.C.B.S. Não havia nada de extraordinário nos seus primeiros poemas, imaturos como o idealismo inexperiente dos quatro jovens; contudo, foram os primeiros passos em direção ao grande poema em prosa (pois, embora composta em prosa, a sua obra é poética) que agora começaria a escrever.

E ainda havia um terceiro elemento: o desejo de criar uma mitologia *para a Inglaterra*. Nos seus tempos de estudante, ele insinuara tal intenção quando escreveu sobre o *Kalevala* finlandês: “Gostaria que nos houvesse restado mais – de algo semelhante que pertencesse aos ingleses.” A ideia cresceu até atingir proporções grandiosas. Eis como Tolkien a expressou ao lembrá-la muitos anos depois: “Não ria! Mas certa vez (há muito tempo minha crista caiu) tive a intenção de produzir um corpo de lendas mais ou menos interligadas, que abrangesse desde o amplo e o cosmogônico até o nível do conto de fadas romântico – o maior apoiado no menor em contato com a terra, o menor sorvendo esplendor do vasto pano de fundo – cuja dedicatória pudesse ser simplesmente: ‘à Inglaterra’; ‘ao meu país’. Deveria possuir o tom e a qualidade que eu desejava, sereno e claro, com a fragrância do nosso ‘ar’ (o clima e o solo do Noroeste, isto é, da Grã-Bretanha e das regiões europeias mais próximas; não a Itália ou o Egeu, muito menos o Oriente); possuiria (se eu conseguisse) a beleza graciosa e fugidia que alguns chamam céltica (apesar de raramente encontrada nas antiguidades célticas genuínas), mas deveria, ao mesmo tempo, ser ‘elevado’, purgado do tosco, digno de uma mente mais adulta, de uma terra há muito impregnada de poesia. Eu delinearía alguns dos grandes contos na sua plenitude, e deixaria muitos apenas situados no esquema, apenas esboçados. Os ciclos deveriam ligar-se a um todo majestoso, e ainda assim deixar espaço para outras mentes e mãos, munidas de tinta, música, drama. Absurdo.”

O conceito pode ter parecido absurdamente grandioso, mas, ao voltar da França, Tolkien estava determinado a realizá-lo. Aquela era a hora e o lugar certo: mais uma vez estava com Edith e em Great Haywood, na paisagem rural inglesa que lhe era tão cara. Mesmo Christopher Wiseman, longe dali, em alto-mar, sentiu que algo estava para acontecer. Ele escreveu a Tolkien: “Você deveria começar a epopeia.” Foi o que Tolkien fez. Na capa de um caderno barato, escreveu com um grosso lápis azul o título que escolhera para seu ciclo mitológico: “The Book of Lost Tales” (O Livro dos Contos Perdidos). No interior do caderno começou a compor o que acabaria por ser conhecido como o *Silmarillion*.

Nenhum acontecimento externo da vida de Tolkien pode explicar mais do que superficialmente as origens da sua mitologia. Certamente o artifício que interligava as histórias no primeiro esboço do livro (mais tarde abandonado) deve algo a *The Earthly Paradise* de William Morris, pois, como naquela

história, um navegante chega a uma terra desconhecida onde ouvirá uma sucessão de contos. O viajante de Tolkien chamava-se Eriol, um nome que ele diz significar “o que sonha só”. Mas os contos que Eriol escuta, grandiosos, trágicos e heroicos, não podem ser considerados um mero produto de influências literárias e experiências pessoais. Quando Tolkien começou a escrever, recorreu a um veio de sua imaginação muito mais profundo, muito mais rico, do que qualquer outro que explorara até então; e esse veio continuaria a produzir pelo resto de sua vida.

As primeiras “lendas” que compõem o *Silmarillion* falam da criação do universo e do estabelecimento do mundo conhecido, que Tolkien, lembrando o *Midgard* nórdico e as palavras equivalentes no inglês primitivo, chama “Middle-earth” (Terra-média). Alguns leitores interpretaram isto como uma referência a outro planeta, mas Tolkien não teve tal intenção. “A Terra-média é o nosso mundo”, escreveu. “Localizei a ação (é claro) num período puramente imaginário (mas não totalmente impossível) da Antiguidade, quando a forma das massas continentais era diferente.”

Histórias posteriores do ciclo tratam principalmente da feitura dos “Silmarilli” (as três grandes joias dos elfos que dão nome ao livro), de como foram roubados do reino afortunado de Valinor pelo poder maligno Morgoth, e das guerras subsequentes em que os elfos tentam reconquistá-los.

Alguns ponderaram a relação entre as histórias de Tolkien e seu cristianismo, e acharam difícil compreender como um católico devoto podia escrever com tal convicção sobre um mundo onde Deus não é adorado. Mas não há mistério. O *Silmarillion* é obra de um homem profundamente religioso. Não contradiz o cristianismo, complementa-o. Nas lendas Deus não é venerado, mas está presente, mais explicitamente no *Silmarillion* que na obra que dele nasceu, *O Senhor dos Anéis*. O universo de Tolkien é governado por Deus, “O Único”. Subordinados a Ele na hierarquia estão “Os Valar”, os guardiães do mundo, que não são deuses mas potências angelicais, santos e sujeitos a Deus; num momento terrível da história, eles renunciam ao poder e o confiam às Suas mãos.

Tolkien dispôs sua mitologia desta forma porque queria que fosse remota e estranha, mas, ao mesmo tempo, que *não fosse uma mentira*. Queria que as histórias mitológicas e lendárias expressassem a sua visão moral do universo, e, como cristão, não podia colocar esta visão em um cosmos sem o Deus que ele adorava. Ao mesmo tempo, situar as histórias “realisticamente” num mundo conhecido, onde as crenças religiosas fossem explicitamente cristãs, seria privá-las do colorido imaginativo. Assim, embora Deus esteja presente no universo de Tolkien, Ele permanece invisível.

Quando escrevia o *Silmarillion*, Tolkien acreditava que, de certa maneira, estava escrevendo a verdade. Não achava que povos precisamente iguais aos que descrevera, “elfos”, “anões” e malévolos “orcs”, houvessem caminhado na terra e realizado os feitos que registrara. Mas sentia, ou esperava, que suas histórias eram, de alguma maneira, a expressão concreta de uma verdade profunda. Isto não quer dizer que estivesse escrevendo uma alegoria: longe disso. Várias vezes ele expressou seu desagrado por essa forma de literatura. “Desgosta-me a alegoria onde quer que eu a fareje”, disse certa vez, e frases semelhantes ecoam através de suas cartas aos leitores dos seus livros. Então em que sentido supunha que o *Silmarillion* fosse “verdadeiro”?

Parte da resposta pode ser encontrada no ensaio *On Fairy-Stories* (Sobre Histórias de Fadas) e na história *Leaf by Niggle* (Folha de Niggle); ambos sugerem que um homem pode receber de Deus o dom de poder registrar “um súbito vislumbre da realidade ou verdade subjacente”. Ao compor o *Silmarillion*, Tolkien certamente acreditava estar fazendo algo mais além de inventar uma história. Escreveu sobre os contos que compõem o livro: “Nasceram em minha mente como coisas ‘dadas’, e, à medida que vinham separadamente, cresciam os elos. Uma labuta absorvente, embora muitas vezes interrompida (especialmente porque, além das necessidades da vida, a mente voava para polo oposto e desdobrava-se sobre a linguística); no entanto, sempre tive a sensação de registrar algo já ‘presente’,

em algum lugar; não de ‘inventar’”.

A primeira história a ser colocada no papel – foi escrita no começo de 1917, durante a convalescença de Tolkien em Great Haywood – ocupa, na verdade, um lugar próximo ao fim do ciclo. É “A Queda de Gondolin”, que relata o ataque de Morgoth, o principal poder maligno, ao último reduto élfico. Após uma terrível batalha, um grupo de habitantes de Gondolin consegue escapar, e entre eles está Earendel²⁰, neto do rei; eis, portanto, o elo com os poemas sobre Earendel, os primeiros esboços da mitologia. O estilo de “A Queda de Gondolin” sugere que Tolkien foi influenciado por William Morris, e é razoável supor que a grande batalha que constitui a parte central da história possa ter sido inspirada pelas experiências de Tolkien no Somme – ou melhor, pela sua reação a essas experiências, pois a luta em Gondolin tem uma grandeza heroica quase que inteiramente ausente da guerra moderna. Seja como for, essas “influências” foram apenas superficiais: Tolkien não se valeu de nenhum modelo ou fonte de referências para criar a sua estranha e emocionante narrativa. Na verdade, as duas características mais notáveis da obra são criações exclusivamente suas: os nomes inventados, e o fato de que a maioria dos protagonistas são elfos.

Estritamente falando, poder-se-ia dizer que os elfos do *Silmarillion* nasceram do “povo das fadas” dos primeiros poemas de Tolkien, mas, na verdade, não há quase nenhuma relação entre eles. Os elfos podem ter surgido como resultado do seu entusiasmo pelas “Sister Songs” de Francis Thompson e da afeição de Edith pela “pequena gente élfica”, mas os elfos do *Silmarillion* não têm absolutamente nada a ver com os “minúsculos duendes” de “Pés de Duende”. São, para todos os fins e propósitos, *homens*: ou melhor, são o Homem antes da Queda que o privou de seus poderes de realização. Tolkien acreditava piamente que outrora existira um Éden na terra, e que o pecado original e a subsequente queda do homem eram responsáveis pelos males do mundo; mas os seus elfos, embora capazes de pecar e errar, não “caíram” no sentido teológico, e, assim, o seu poder ultrapassa o poder humano. São artífices, poetas, escribas, criadores de obras de uma beleza muito superior a dos artefatos humanos. E o mais importante: são imortais, a menos que sejam mortos em batalha. A idade, a doença e a morte não os atingem enquanto a sua obra estiver inacabada ou imperfeita. São, portanto, o ideal de todo artista.

São estes, então, os elfos do *Silmarillion*, e de *O Senhor dos Anéis*. O próprio Tolkien resumiu sua natureza quando escreveu: “São feitos pelo homem à sua própria imagem e semelhança; libertos, porém, das limitações que mais o oprimem. São imortais, e sua vontade é diretamente eficaz para a realização da imaginação e do desejo.”

Quanto aos nomes de pessoas e lugares em “A Queda de Gondolin” e as outras histórias do *Silmarillion*, foram construídos a partir das línguas inventadas por Tolkien. Já que a existência dessas línguas fora uma *raison d'être* de toda a mitologia, não é de surpreender que tenha dedicado tanta atenção à criação de nomes a partir delas. De fato, a feitura de nomes e o trabalho linguístico decorrente chegaram (como ele disse no trecho mencionado acima) a ocupar tanto, ou mais, da sua atenção quanto a própria composição das histórias. Assim, vale a pena (e é interessante) ter uma ideia de como realizava esse trabalho.

Tolkien esboçou uma grande quantidade de línguas inventadas quando era adolescente, e muitas delas chegaram a atingir certo nível de complexidade. Contudo, apenas uma dessas experiências foi do seu agrado e conseguiu expressar o seu gosto linguístico pessoal: uma língua com uma forte influência do finlandês, que ele denominou “Quenya”. Em 1917, esta língua já atingira um alto nível de refinamento e possuía um vocabulário de muitas centenas de palavras (baseadas, porém, em um número bastante limitado de radicais). O Quenya tinha origem, como qualquer língua “real”, em uma

língua mais primitiva, supostamente falada em uma era anterior; e, a partir deste “Eldarin Primitivo”, Tolkien criou uma segunda língua élfica, contemporânea ao Quenya, mas falada por outros povos élficos. Esta língua recebeu o nome de “Sindarin” e teve a sua fonologia moldada a partir do galês, a língua mais próxima do seu gosto linguístico pessoal depois do finlandês.

Além do Quenya e do Sindarin, Tolkien inventou muitas outras línguas élficas. Embora existissem apenas como esboço, as complexidades das suas inter-relações e a elaboração de uma “árvore” linguística ocuparam bastante a sua mente. Contudo, os nomes élficos no *Silmarillion* foram construídos quase que exclusivamente a partir do Quenya e do Sindarin.

É impossível descrever em apenas algumas sentenças como Tolkien usou suas línguas élficas para dar nomes aos personagens e lugares de suas histórias. Mas, basicamente, o que ocorria era o seguinte: quando trabalhava de acordo com um plano, formava todos esses nomes com grande cuidado, escolhendo primeiro o seu significado, depois elaborando a forma, primeiro em uma língua e depois na outra; a forma definitiva era geralmente a do Sindarin. Na prática, ele frequentemente era mais arbitrário. Isto pode parecer estranho, tendo em vista o seu profundo amor pela invenção cuidadosa; porém, no afã de escrever, ele muitas vezes construía um nome que lhe parecia adequado ao personagem, considerando apenas superficialmente as suas origens linguísticas. Mais tarde, rejeitava muitos dos nomes feitos dessa maneira, classificando-os como “sem significado”, e sujeitava outros a um severo escrutínio filológico, tentando descobrir *como* podiam ter atingido a sua estranha e aparentemente inexplicável forma. Também este é um aspecto da sua imaginação que tem de ser compreendido por qualquer um que pretenda entender como ele trabalhava. Com o passar dos anos, Tolkien, cada vez mais, passou a considerar suas línguas e narrativas como línguas “reais” e crônicas históricas que tinham de ser elucidadas. Em outras palavras, quando esta concepção se impunha e Tolkien se via diante de uma contradição na narrativa ou de um nome insatisfatório, ele não dizia: “Isto não está como eu quero; preciso modificar.” Em vez disso, abordava o problema da seguinte maneira: “O que significa isso? Preciso *descobrir*.”

Isto não ocorria porque perdera o juízo ou o senso de proporção. Em parte, era um jogo intelectual de Paciência²¹ (ele gostava muito de cartas), e, em parte, uma consequência de sua crença na *veracidade* definitiva da mitologia que criara. Em certos momentos, pensava em fazer alterações drásticas em aspectos fundamentais de toda a estrutura narrativa, exatamente como qualquer outro autor faria. Ocorriam atitudes contraditórias, é claro; mas neste caso, como em tantas áreas de sua personalidade, Tolkien era um homem de antíteses.

Foi essa, então, a notável obra que iniciou durante o período de licença em Great Haywood no começo de 1917. Edith estava contente por poder ajudá-lo, e passou a limpo “A Queda de Gondolin” num grande caderno de exercícios. Foi um interlúdio de raro contentamento. À tardinha, ela tocava piano e ele recitava seus poemas ou esboçava retratos dela. Edith engravidou nesta época. Mas o idílio não podia durar; a “febre das trincheiras” causava pouco mais que elevação de temperatura e desconforto geral, e, pelo visto, um mês passado no hospital de Birmingham fora suficiente para curá-lo. Agora, seu batalhão queria que voltasse à França. Naturalmente ele não queria ir, e seria trágico perder a vida sob o fogo alemão justamente quando estava começando a sua grande obra. Mas, o que mais podia fazer?

Sua saúde deu-lhe a resposta. Perto do final da licença em Great Haywood, ele adoeceu novamente. Melhorou após algumas semanas e ficou estacionado temporariamente em Yorkshire. Edith e a prima Jennie juntaram seus pertences e o seguiram para o norte, mudando-se para um alojamento mobiliado a alguns quilômetros do quartel, em Hornsea. Mas, logo após voltar ao serviço, Tolkien mais uma vez

ficou doente, e foi internado em um sanatório de Harrogate.

Não estava se fingindo de doente. Não há dúvida de que apresentava sintomas reais de doença. Mas, como Edith escreveu, “Cada dia na cama significa mais um dia na Inglaterra”, e ele sabia que a recuperação quase que inevitavelmente o levaria de volta às trincheiras. Assim, como ocorria com muitos outros soldados, seu corpo reagiu e manteve a temperatura acima do normal; além disso, o fato de passar dia após dia na cama, tomando doses e mais doses de aspirina, nada fazia para aumentar suas forças. Em abril, foi julgado apto outra vez e enviado a uma escola de sinalização do exército no nordeste da Inglaterra para treinamentos adicionais. Se fosse bem-sucedido nos exames, teria uma boa chance de ser nomeado Oficial Sinalizador no quartel de Yorkshire, um posto que provavelmente o manteria longe das trincheiras. Prestou o exame em julho, mas fracassou. Alguns dias depois, adoeceu novamente e na segunda semana de agosto estava de volta ao hospital.

Desta vez, estava em um ambiente inteiramente do seu agrado, no Brooklands Officer’s Hospital em Hull. Tinha como companhia um agradável grupo de pacientes, entre eles um amigo dos Fuzileiros de Lancashire. Recebia visitas das freiras de um convento local, com uma das quais iniciou uma amizade que continuaria até o fim da vida dela. Pôde também dar continuidade aos seus escritos. Nesse ínterim, Edith, agora no final da gravidez, fora morar com a prima em um alojamento miserável à beira-mar. Havia muito tempo que se arrependera de renunciar à sua casa em Warwick; a vida em Great Haywood fora razoável, mas agora era quase insuportável. Não havia piano na pensão; a escassez de comida, graças ao afundamento de navios britânicos pelos submarinos alemães, era desesperadora; e quase nunca via Ronald – era longa e cansativa a viagem de Hornsea até o hospital. A igreja católica local era uma pobre estrutura temporariamente instalada num cinema, tanto que quase se sentiu tentada a frequentar a igreja paroquial anglicana com Jennie, que pertencia à Igreja da Inglaterra; além disso, a gravidez deixava-a exausta. Decidiu voltar a Cheltenham, onde morara por três anos, e que era a única cidade de que realmente gostava. Lá, teria condições de dar à luz em um hospital confortável, e, enquanto o momento do parto não chegasse, ela e Jennie ficariam em quartos alugados. Assim, as duas partiram para Cheltenham.

Nessa época, talvez durante a internação em Hull, Tolkien compôs outra grande narrativa para “O Livro dos Contos Perdidos” – a história do infeliz Túrin, que acabou por receber o título de “Os Filhos de Húrin”. Novamente podem-se perceber certas influências literárias: a luta do herói contra um grande dragão inevitavelmente sugere uma comparação com os feitos de Sigurd e Beowulf, enquanto o incesto involuntário com a irmã e o subsequente suicídio foram conscientemente inspirados na história de Kullervo no *Kalevala*. Novamente, porém, estas “influências” são apenas superficiais. “Os Filhos de Húrin” é uma vigorosa fusão de tradições islandesas e finlandesas, mas vai muito além, e atinge um grau de complexidade dramática e uma sutileza de caracterização raramente encontradas nas antigas lendas.

Em 16 de novembro de 1917, num hospital de Cheltenham, nasceu o filho de Ronald e Edith Tolkien. Foi um parto difícil, e a vida de Edith esteve em perigo. No entanto, apesar de ter recebido alta do hospital, Ronald foi obrigado a permanecer no quartel e, para seu grande pesar, só conseguiu uma licença para viajar para o sul quase uma semana após o nascimento, quando Edith já começava a se recuperar. Decidiram chamar o bebê John Francis Reuel – “Francis” em homenagem ao padre Francis Morgan, que veio de Birmingham para batizá-lo. Após o batizado, Ronald voltou ao serviço, e Edith foi com o menino para Yorkshire, onde alugou quartos mobiliados em Roos, um vilarejo ao norte do estuário do Humber, não longe do local onde Ronald, agora promovido a tenente, estava aquartelado. Na época, parecia improvável que ele fosse enviado para o exterior outra vez.

Quando conseguia uma licença, Ronald e Edith passeavam no campo. Perto de Roos acharam um

pequeno bosque com uma vegetação rasteira de cicuta, e lá perambularam. Mais tarde, Ronald relembrou a imagem de Edith nessa época: “Seus cabelos eram negros, sua pele clara, seus olhos brilhantes, e sabia cantar – e dançar.” E ela cantou e dançou para ele no bosque, e daí veio a história que seria o centro do *Silmarillion*: a história do mortal Beren, apaixonado pela jovem élfica Lúthien Tinúviel, que ele vê pela primeira vez em um bosque, dançando entre a cicuta.

Este conto de fadas profundamente romântico encerra uma gama de emoções muito maior do que qualquer coisa que Tolkien escrevera antes, alcançando às vezes uma intensidade de paixão wagneriana. É também a primeira história de busca de Tolkien; e a viagem dos dois enamorados até a terrível fortaleza de Morgoth, onde esperam cortar um Silmaril de sua Coroa de Ferro, parece tão predestinada ao fracasso quanto a tentativa de Frodo de carregar o Anel ao seu destino.

De todas as suas lendas, o conto de Beren e Lúthien era o mais amado por Tolkien, se não por outro motivo, porque, em certo nível, identificava Lúthien com sua esposa. Após a morte de Edith, mais de cinquenta anos depois, ele escreveu ao filho Christopher, explicando por que queria incluir o nome “Lúthien” na sua lápide: “Ela era (e sabia que era) a minha Lúthien. Não direi mais agora. Mas gostaria, em breve, de conversar com você longamente. Pois se eu nunca escrever uma biografia ordenada, como parece provável – é contra a minha natureza, que expressa os sentimentos mais profundos em contos e mitos –, alguém próximo de meu coração deveria saber algo sobre coisas que os registros não registram – o sofrimento terrível de nossa infância, que juntos conseguimos aplacar; as feridas que, no entanto, não fomos capazes de curar totalmente e que muitas vezes demonstrariam ser incapacitantes; os sofrimentos que suportamos depois que nosso amor começou, todas essas coisas que (acima e além das fraquezas pessoais) poderiam ajudar a tornar perdoáveis, ou compreensíveis, os lapsos e os momentos de ignorância que por vezes tornaram difícil a nossa vida – e explicar que essas nunca afetaram o nosso íntimo nem turvaram as lembranças do amor que sentimos na juventude. O tempo todo (especialmente quando estávamos sozinhos), continuamos a nos encontrar na clareira do bosque, e muitas vezes andamos de mãos dadas para escapar à sombra da morte iminente, antes de nossa última despedida.”

Os dias de Tolkien em Roos chegaram ao fim na primavera de 1918, quando foi transferido para Penkridge, um dos quartéis de Staffordshire onde treinara antes de ir para a França. Nessa época, os homens de seu batalhão que ainda serviam na França foram todos mortos ou aprisionados em Chemin des Dames.

Edith, o bebê e Jennie Grove foram se encontrar com ele no sul. Edith estava farta daquela “vidinha miserável de andarilho sem lar”, e, mal haviam se instalado em Penkridge, Tolkien foi novamente transferido para Hull. Desta vez Edith recusou-se a mudar.

Estava cansada por causa do bebê e muitas vezes sentia dores – os efeitos do parto difícil prolongaram-se durante muito tempo. “Nunca mais vou perambular com você”, escreveu ela amargurada. Entrementes, ao voltar à Guarnição do Humber, Ronald adoeceu outra vez, e foi mandado novamente para o hospital dos oficiais em Hull. “Creio que você nunca mais deveria sentir-se cansado”, Edith escreveu, “pois a quantidade de *Cama* que você teve desde que voltou da França há quase dois anos é enorme.” No hospital, além de trabalhar na sua mitologia e nas línguas élficas, aprendia sozinho um pouco de russo e aperfeiçoava seus conhecimentos de espanhol e italiano.

Em outubro recebeu alta do hospital. A paz parecia um pouco mais próxima, e ele foi a Oxford verificar se havia alguma chance de conseguir um emprego acadêmico. As perspectivas não eram promissoras: a universidade mal funcionava, e ninguém sabia o que ocorreria quando viesse a paz. Mas, quando falou com William Craigie, que lhe ensinara islandês, recebeu notícias mais encorajadoras. Craigie fazia parte da equipe do New English Dictionary, cujas partes finais ainda

estavam sendo compiladas em Oxford, e disse a Tolkien que poderia arrumar-lhe um emprego de lexicógrafo assistente. Quando a guerra terminou, em 11 de novembro, Tolkien entrou em contato com as autoridades militares e obteve permissão para ser postado em Oxford “com a finalidade de completar sua educação” até a desmobilização. Encontrou aposentos perto do seu antigo alojamento na St. John’s Street, e no fim de novembro de 1918, ele, Edith, o bebê e Jennie Grove fixaram residência em Oxford.

2. Interlúdio em Oxford

Durante muito tempo Tolkien sonhara retornar a Oxford. Ao longo de toda a guerra sofrera as dores da nostalgia por seu colégio, seus amigos e o modo de vida que levava por quatro anos. A consciência do tempo perdido também o atormentava – estava agora com vinte e sete anos e Edith com trinta. Mas, finalmente, podiam gozar o que haviam esperado por tanto tempo: “Nosso lar juntos.”

Percebendo que ingressava em uma nova fase de sua vida, Tolkien começou (no dia de Ano Novo de 1919) a escrever um diário onde registrava os acontecimentos importantes e seus pensamentos a respeito deles. Apesar de tê-lo iniciado em letra normal, passou a usar um notável alfabeto que acabara de inventar, que parecia uma mistura de hebraico, grego e taquigrafia Pitman. Logo decidiu envolvê-lo na sua mitologia, e chamou-o “O Alfabeto de Rúmil”, nome de um sábio élfico das suas histórias. Os registros no diário eram todos em inglês, mas escritos neste alfabeto. A única dificuldade era que não conseguia dar-lhe uma forma definitiva; vivia alterando as letras e o seu uso, de forma que um sinal usado para “r” numa semana poderia ser usado para “l” na semana seguinte. Tampouco lembrava-se de manter um registro dessas alterações, e, depois de algum tempo, passou a ter dificuldades para ler registros antigos do diário. De nada adiantaram as resoluções de parar com as alterações e deixar o alfabeto em paz: nesse caso, como em muitos outros, um perfeccionismo irrequieto obrigava-o a refinar e reajustar constantemente.

Com paciência o diário pode ser decifrado; e proporciona uma imagem detalhada do novo padrão de vida de Tolkien. Após o desjejum, ele saía do nº 50 da St. John’s Street e ia para o gabinete de trabalho do *New English Dictionary*, que ficava no prédio do Old Ashmolean, na Broad Street. Lá, no que ele chamava “aquela grande oficina empoeirada, aquela mais profunda das profundas concentrações”, um pequeno grupo de peritos labutava na produção do mais abrangente dicionário da língua inglesa jamais compilado. O trabalho tivera início em 1878, e, por volta de 1900, as seções que compreendiam as letras de A a H haviam sido publicadas; mas, dezoito anos depois, com os atrasos causados pela guerra, as letras de U a Z ainda estavam incompletas. O editor original, sir James Murray, morrera em 1915, e o trabalho era agora supervisionado por Henry Bradley, um homem notável que passara vinte anos como funcionário de um canteiro de Sheffield antes de dedicar-se em tempo integral à erudição e tornar-se um eminente filólogo²².

Tolkien apreciava trabalhar no Dicionário, e gostava de seus colegas, especialmente do consumado C. T. Onions. Nas primeiras semanas deram-lhe a tarefa de pesquisar a etimologia de *warm* (quente), *wasp* (vespa), *water* (água), *wick* (pavio de lamparina) e *winter* (inverno). Para se ter uma ideia da habilidade que isto exigia basta olhar o verbete que foi finalmente impresso para *wasp*. Não é uma palavra particularmente difícil, mas o parágrafo que dela trata menciona formas comparáveis em antigo saxão, médio holandês, holandês moderno, antigo alto alemão, médio baixo alemão, médio alto alemão, alemão moderno, antigo teutônico, pré-teutônico primitivo, lituano, antigo eslavo, russo e latim. Não é de surpreender que Tolkien tenha achado essa espécie de trabalho bastante útil para o seu conhecimento sobre línguas e, certa vez, falando sobre o período 1919-20, quando trabalhou no Dicionário, disse: “Aprendi mais nesses dois anos que em qualquer outro período da minha vida.” Realizou sua tarefa de maneira notável, mesmo pelos padrões do Dicionário, e o dr. Bradley declarou: “Seu trabalho dá provas de um domínio excepcional do anglo-saxão e dos fatos e princípios da gramática comparada das línguas germânicas. Na verdade, não hesito em dizer que nunca conheci um homem da sua idade que se igualasse a ele nesses aspectos.”

Na hora do almoço e, pouco tempo depois, na hora do chá, Tolkien tinha apenas de fazer uma breve caminhada até a sua casa. O dr. Bradley era um chefe pouco exigente quanto a horários, e, de qualquer maneira, não esperava que o trabalho no Dicionário ocupasse todo o dia de Tolkien. Como outros membros da equipe, esperava-se que preenchesse o seu tempo e aumentasse a sua renda dando aulas na universidade. Ele divulgou sua disposição de aceitar alunos, e, um a um, os colégios começaram a se manifestar – especialmente os femininos, pois o Lady Margaret Hall e o St. Hugh’s precisavam desesperadamente de alguém que ensinasse anglo-saxão às suas jovens, e Tolkien tinha a vantagem de ser casado, o que significava que não era necessário mandar acompanhantes quando ele desse aulas em casa.

Em breve, ele e Edith chegaram à conclusão de que podiam pagar o aluguel de uma pequena casa, e encontraram uma adequada bem perto de onde moravam, na Alfred Street 1 (agora chamada Pusey Street). Mudaram-se para lá no fim do verão de 1919, e contrataram uma criada para cuidar da casa e cozinhar. Era uma grande alegria ter uma casa só para si. O piano de Edith foi tirado do armazém, e, pela primeira vez em vários anos, ela pôde voltar a tocar regularmente. Estava grávida mais uma vez, mas pelo menos podia dar à luz em sua própria casa e criar o bebê em um lar adequado. Na primavera de 1920, Ronald ganhava o bastante com as aulas para abandonar o trabalho no Dicionário.

Entrementes, Tolkien continuava a escrever “O Livro dos Contos Perdidos”, e certa noite leu “A Queda de Gondolin” para o Clube de Ensaios no Exeter College. A obra teve boa acolhida junto a uma plateia de estudantes que incluía dois jovens chamados Nevill Coghill e Hugo Dyson.

Subitamente os planos de família mudaram. Tolkien candidatou-se ao posto de docente de Língua Inglesa na Universidade de Leeds; não esperava que sequer levassem o seu nome em consideração, mas, no verão de 1920, pediram-lhe para comparecer a uma entrevista. George Gordon, professor de Inglês na universidade, foi encontrá-lo na estação de Leeds. Gordon fora um membro proeminente da Escola de Inglês em Oxford antes da guerra, mas Tolkien não o conhecia, e a conversa que tiveram no bonde a caminho da universidade foi um tanto formal. Começaram a falar sobre sir Walter Raleigh, professor de Literatura Inglesa em Oxford. Tolkien lembrou a ocasião: “Na verdade, eu não tinha boa opinião sobre Raleigh – naturalmente ele não era um bom professor; mas algum espírito benigno incitou-me a dizer que ele era ‘Olímpico’. As coisas foram bem; mas tudo o que eu realmente queria dizer era que ele repousava graciosamente num majestoso pináculo, acima da minha crítica. Antes de deixar Leeds eu já sabia que havia conseguido o emprego.”

3. *Aventura no norte*

Enfumaçada, encardida, envolta por um espesso nevoeiro industrial, atulhada de fábricas e casas geminadas, Leeds oferecia poucas perspectivas de boa vida. Os prédios da universidade, do fim do período vitoriano, construídos com tijolos variegados, numa imitação de gótico, ofereciam um triste contraste com o que Tolkien costumava ver. Ele nutriu sérias dúvidas quanto à sua decisão de aceitar o cargo e mudar-se para o norte da Inglaterra.

Inicialmente sua vida foi difícil. Logo após o início do período letivo de Leeds, em outubro de 1920, Edith deu à luz o segundo filho, que foi batizado Michael Hilary Reuel; Tolkien, morando em um apartamento de um cômodo em Leeds durante a semana, tinha de viajar a Oxford nos fins de semana para ver a família. Somente no início de 1921 Edith e o bebê tiveram condições de mudar-se para o norte, e mesmo então Tolkien só conseguiu encontrar acomodações temporárias para a família em quartos mobiliados. No entanto, no final de 1921, alugaram o n° 11 da St. Mark's Terrace, uma casinha escura numa rua secundária próxima à universidade, e aí estabeleceram seu novo lar.

O Departamento de Inglês na Universidade de Leeds era ainda pequeno, mas George Gordon estava promovendo sua ampliação. Gordon era mais um organizador que um erudito; Tolkien, porém, julgou-o “um verdadeiro mestre de homens”; além disso, Gordon demonstrou grande benevolência com seu novo assistente, cedendo-lhe espaço em seu próprio escritório, uma sala de tijolo vidrado, canos de água quente na parede nua, já ocupada também pelo professor de francês, e mostrando-se interessado em seus arranjos domésticos. Mais importante, ele virtualmente entregou a Tolkien a responsabilidade por todo o ensino linguístico do departamento.

Gordon decidira seguir o esquema de Oxford, dividindo o currículo de Inglês de Leeds em duas opções, uma para estudantes que quisessem especializar-se em literatura pós-chauceriana e outra para aqueles que desejassem concentrar sua atenção no anglo-saxão e no médio inglês. Este último curso acabava de ser estabelecido, e Gordon queria que Tolkien organizasse um currículo atraente e que proporcionasse aos estudantes um sólido treinamento filológico. Tolkien lançou-se ao trabalho imediatamente. Inicialmente ficou um tanto deprimido à vista dos sólidos e austeros estudantes de Yorkshire, mas logo veio a sentir grande admiração por muitos deles. Certa vez escreveu: “Sou totalmente a favor dos ‘pesadões lerdos’. Uma porcentagem espantosamente grande demonstra ser ‘educáve’: a principal qualificação para tanto é a disposição *de fazer algum trabalho*.” Muitos dos seus estudantes em Leeds trabalharam bastante, e logo começaram a obter excelentes resultados.

Por pouco, porém, Tolkien não permaneceu em Leeds. Durante seu primeiro período naquela cidade, foi convidado a propor seu nome como candidato a duas cátedras de Língua Inglesa: a Cátedra Baines em Liverpool e a nova Cátedra De Beers na Cidade do Cabo. Ele remeteu seus requerimentos. Liverpool rejeitou-o, mas, no final de janeiro de 1921, a Cidade do Cabo ofereceu-lhe o cargo. Isto significaria voltar à sua terra natal, e ele sempre quisera rever a África do Sul. Mas recusou o emprego. Edith e o bebê não estavam em condições de viajar, e ele não queria separar-se dela. No entanto, escreveu em seu diário doze meses depois: “Desde então, muitas vezes pensei se não foi a nossa chance que chegou naquela época, e não tivemos a coragem de agarrá-la.” Os acontecimentos demonstrariam que esse temor era infundado.

No início de 1922, um novo docente principiante veio se juntar ao setor linguístico do Departamento de Inglês em Leeds, um jovem chamado E. V. Gordon. Este canadense baixo e moreno (que não tinha parentesco com George Gordon) fora bolsista Rhodes²³ em Oxford, e Tolkien havia sido seu tutor

durante o ano de 1920. Agora dava-lhe as boas-vindas a Leeds. “Eric Valentine Gordon chegou, está firmemente estabelecido e é meu dedicado amigo e companheiro”, escreveu em seu diário.

Logo após a chegada de Gordon, os dois começaram a colaborar em uma grande obra erudita. Tolkien trabalhava havia algum tempo em um glossário para uma coletânea de excertos em médio inglês, organizada por seu antigo tutor Kenneth Sisam. Isto significava na verdade a compilação de um pequeno dicionário médio-inglês, uma tarefa que ele empreendeu com infinita precisão e muita imaginação. O glossário levou muito tempo para ficar completo, mas foi para o prelo no início de 1922; nessa época Tolkien queria dirigir suas atenções para alguma atividade que oferecesse perspectivas mais amplas à sua erudição. Ele e E. V. Gordon decidiram preparar uma nova edição do poema *Sir Gawain and the Green Knight*, já que não havia nenhuma à venda que se adequasse às necessidades de estudantes universitários. Tolkien seria responsável pelo texto e pelo glossário, enquanto Gordon providenciaria a maior parte das notas.

Tolkien descobriu que seu colaborador era “um diabinho diligente”, e teve de trabalhar rápido para não ficar atrás. Terminaram o livro a tempo de publicá-lo pela Clarendon Press no começo de 1925. Era uma importante contribuição ao estudo da literatura medieval embora o próprio Tolkien, anos mais tarde, divertisse as plateias de suas conferências fazendo referências depreciativas a certas interpretações dessa edição, como se ele mesmo nada tivesse a ver com ela: “Tolkien e Gordon estavam errados, completamente errados quando disseram isso! Não consigo imaginar o que eles estavam pensando!”

E. V. Gordon compartilhava o senso de humor de Tolkien. Juntos, os dois ajudaram a formar um Clube Viking entre os estudantes, que se reunia para beber grandes quantidades de cerveja, ler sagas e cantar canções cômicas. Estas eram na sua maioria escritas por Tolkien e Gordon, que inventavam versos rudes sobre os estudantes, traduziam rimas infantis para o anglo-saxão e cantavam canções de beber em antigo norueguês. Vários dos seus poemas foram impressos em caráter privado alguns anos mais tarde com o título *Songs for the Philologists* (Canções para os Filólogos). Como seria de esperar, o Clube Viking contribuiu para aumentar a popularidade de Tolkien e Gordon como professores; isto, e a excelência de seu ensino, atraiu mais e mais alunos para o setor linguístico do Departamento de Inglês. Em 1925, havia vinte alunos especializados em língua entre os estudantes, mais de um terço do número total do departamento, e uma proporção muito maior do que a que normalmente se matriculava no curso equivalente em Oxford.

A vida doméstica dos Tolkiens era em geral feliz. Edith achou deliciosamente informal a atmosfera da universidade, e fez amigas entre as esposas de outros professores. O dinheiro não era abundante e Tolkien estava poupando para comprar uma casa, e, portanto, as férias da família eram raras; no verão de 1922, porém, fizeram uma visita de algumas semanas a Filey, na costa de Yorkshire. Tolkien não gostou do lugar; chamou-o “uma estanciazinha costeira suburbana detestável”, e enquanto esteve lá teve de passar boa parte do tempo corrigindo exames para a obtenção do Certificado Escolar, uma tarefa que passara a executar para ganhar algum dinheiro extra. Mas também escreveu vários poemas.

Ele vinha compondo bastante nos últimos anos, especialmente poemas relacionados com a sua mitologia. Alguns deles chegaram a ser publicados na revista *The Gryphon*, da Universidade de Leeds, numa série local chamada *Yorkshire Poetry* e num livro de versos de autoria de membros do Departamento de Inglês intitulado *Northern Venture*. Tolkien começou a escrever uma série de poemas que chamou “Tales and Songs of Bimble Bay” (Contos e Canções da Baía Bimble). Um deles, inspirado por seus sentimentos acerca de Filey, queixa-se do caráter sórdido e ruidoso da vida urbana moderna. Outro, “The Dragon’s Visit” (A Visita do Dragão), descreve a devastação de um dragão que chega à Baía Bimble e topa com a “srta. Biggins”. Um terceiro, “Glip”, fala de uma criatura viscosa e estranha

que vive debaixo do chão de uma caverna e tem olhos pálidos e luminosos. Todos são vislumbres de importantes coisas que estavam por vir.

Em maio de 1923, Tolkien pegou um forte resfriado, doença que se prolongou e acabou se transformando em pneumonia. Seu avô, John Suffield, então com noventa anos, estava com a família na época, e Tolkien preservou na memória uma visão dele “parado ao lado da minha cama, um vulto alto, magro, trajado de preto, olhando para mim e falando-me com desdém – que eu e a minha geração éramos fracotes degenerados. Lá estava eu, lutando para respirar, mas agora ele tinha de se despedir, pois estava de saída para apanhar um navio e fazer uma viagem marítima à volta das Ilhas Britânicas!” O ancião viveu mais sete anos, boa parte deles com sua filha mais jovem, a tia Jane de Tolkien. Ela deixara Nottinghamshire e se estabeleceu em uma fazenda em Dormston, Worcestershire, no final de uma alameda sem saída, e as pessoas da região às vezes referiam-se a ela como “*Bag End*” (Bolsão)²⁴.

Quando Tolkien se recuperou da pneumonia, foi com Edith e as crianças passar algum tempo com o irmão Hilary, que, após o serviço militar, comprara um pomar e uma horta perto de Evesham, a cidade ancestral dos Suffields. A família pôs-se a trabalhar, ajudando na plantação; além disso, o tempo era ocupado também com hilariantes brincadeiras com pipas gigantes, que os dois irmãos empinavam no campo em frente à casa para divertir as crianças. Tolkien também conseguiu encontrar tempo para realizar um pouco do seu trabalho e para voltar novamente à sua mitologia.

“O Livro dos Contos Perdidos” estava quase completo. Em Oxford e Leeds Tolkien havia composto as histórias que relatam a criação do universo, a feitura dos Silmarilli e seu roubo do reino afortunado de Valinor por Morgoth. O ciclo ainda não tinha um final definido – a conclusão deveria ser a viagem da nave-estrela de Earendel, o primeiro elemento da mitologia a surgir na mente de Tolkien – e algumas histórias existiam apenas em forma de sinopse; mas um pouco mais de esforço seria o suficiente para completá-lo. Não obstante, Tolkien não se esforçou – em vez disso começou a reescrever. Era quase como se não quisesse terminá-lo. Talvez duvidasse das possibilidades de encontrar quem o editasse; a obra certamente não era convencional. Não era, porém, mais estranha que os livros de lord Dunsany, e estes haviam conquistado grande popularidade. O que então o retinha? Em primeiro lugar, o desejo de perfeição, mas, talvez, também o que Christopher Wiseman certa vez lhe dissera sobre os elfos de seus primeiros poemas: “Essas criaturas vivem para você porque você ainda as está criando. Quando terminar de criá-las, elas estarão tão mortas para você quanto os átomos que compõem o nosso alimento vivo.” Em outras palavras, Tolkien não queria terminar porque não podia suportar a ideia de não ter mais o que criar dentro de seu mundo inventado, de encerrar a “subcriação”, como ele chamaria mais tarde essa atividade.

Assim, não completou o *Silmarillion* (como veio a chamar o livro), mas voltou atrás, alterando, polindo e revendo. Também começou a redigir em forma de poema duas das histórias principais, uma indicação de que ainda aspirava tanto à poesia como à prosa. Para a história de Túrin escolheu um equivalente moderno do sistema aliterativo encontrado em *Beowulf* e para a história de Beren e Luthien adotou dísticos rimados. Chamou este último poema “The Gest of Beren and Luthien” (A Gesta de Beren e Lúthien); mais tarde rebatizou-o como “The Lay of Leithian” (A Balada de Leithian).

Entrementes, sua carreira em Leeds deu um importante passo à frente. Em 1922, George Gordon voltara a Oxford como professor de Literatura Inglesa, e Tolkien era candidato à cátedra ocupada por Gordon em Leeds. Acabou sendo nomeado Lascelles Abercrombie, mas Michael Sadler, o vice-reitor, prometeu a Tolkien que a universidade criaria em breve uma nova cadeira de Língua Inglesa especialmente para ele. Sadler cumpriu a palavra, e Tolkien tornou-se catedrático em 1924, aos trinta e dois anos de idade, notavelmente jovem pelos padrões das universidades britânicas. No mesmo ano, ele e Edith compraram uma casa nos arredores de Leeds, na Darnley Road 2, West Park. Era um grande

progresso em comparação com a casa de St. Mark's Terracer – era consideravelmente espaçosa e rodeada por campos abertos aonde Tolkien podia levar as crianças para passear.

No começo de 1924, Edith descobriu perturbada que engravidara novamente. Esperava ter uma menina, mas, em novembro, deu à luz outro menino, que foi batizado Christopher Reuel, em homenagem a Christopher Wiseman. O bebê nasceu e tornou-se especialmente encantador ao pai, que escreveu em seu diário: “Agora eu não ficaria sem o que Deus mandou.”

No início de 1925, chegou a notícia de que a cátedra de Anglo-Saxão em Oxford vagaria brevemente; Craigie, detentor do cargo, estava de partida para a América. O cargo foi anunciado, e Tolkien candidatou-se. Em teoria suas chances não eram boas, pois havia outros três candidatos com credenciais excelentes: Allen Mawer de Liverpool, R. W. Chambers de Londres e Kenneth Sisam. No entanto, Mawer decidiu não se candidatar e Chambers recusou a cátedra, de modo que a questão reduziu-se a uma disputa entre Tolkien e seu antigo tutor, Sisam.

Kenneth Sisam ocupava então uma posição superior na Clarendon Press, e, apesar de não estar ocupado integralmente com estudos, tinha boa reputação em Oxford, bem como vários partidários. Tolkien foi apoiado por muitos, inclusive George Gordon, um mestre da intriga. Na eleição, porém, houve empate, e coube a Joseph Wells, o vice-reitor, dar o voto de Minerva. Ele votou em Tolkien.

IV

1925-1949 (i): “Numa toca no chão vivia um hobbit”

E depois disto, poderíamos dizer, nada mais realmente aconteceu. Tolkien voltou a Oxford, foi professor Rawlinson e Bosworth de Anglo-Saxão durante vinte anos, foi depois eleito professor Merton de Língua e Literatura Inglesa, foi morar em um subúrbio convencional de Oxford, onde passou o começo da aposentadoria, mudou-se para uma estância à beira-mar, voltou a Oxford após a morte da esposa, e faleceu ele mesmo, de uma morte pacífica, com oitenta e um anos. Foi a vida comum e nada notável de incontáveis outros eruditos; uma vida de brilho acadêmico, certamente, mas apenas em um campo profissional muito restrito, que na verdade pouco interessa aos leigos. E teria sido só isso – não fosse pelo estranho fato de que, durante esses anos em que “nada aconteceu”, ele escreveu dois livros que se tornaram sucessos mundiais, livros que cativaram a imaginação e influenciaram o pensamento de vários milhões de leitores. E um estranho paradoxo, o fato de que *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis* sejam obra de um obscuro professor de Oxford, cuja especialidade era o dialeto medieval do centro-oeste inglês, e que vivia uma vida comum e suburbana, criando os filhos e cuidando do jardim.

Será mesmo? Não será precisamente o contrário? Não deveríamos ao invés nos admirar com o fato de que uma mente de tal brilho e imaginação se contentasse com a tacanha rotina da vida acadêmica e doméstica; que um homem cuja alma ansiava pelo som das ondas quebrando na costa da Cornualha se contentasse em conversar com velhinhas num saguão de hotel de um balneário de classe média; que um poeta em quem a alegria brotava diante da visão e do aroma de troncos crepitando na grelha de uma estalagem rural quisesse ficar sentado diante da sua lareira elétrica com brasas simuladas? Como podemos compreender isto?

Talvez em seus anos de meia-idade e velhice não possamos fazer mais do que observar e admirar-nos; ou então é possível que, lentamente, vejamos surgir um padrão.

1. Vida em Oxford

Até o fim do século XIX, a maioria dos *fellows*²⁵ de Oxford, isto é, a maioria dos professores da universidade, tinham de ser ordenados e não podiam casar-se enquanto permanecessem no cargo. Os reformadores daquela era introduziram cargos não clericais e aboliram o requisito do celibato. Assim fazendo, mudaram a face de Oxford, e mudaram-na visivelmente; pois, nos anos que seguiram, uma maré de tijolos fluiu continuamente para o norte, partindo dos antigos limites da cidade, cobrindo os campos ao longo das estradas de Banbury e Woodstock à medida que os especuladores construíam centenas de casas para os novos professores casados. No início do século XX, o norte de Oxford era uma colônia concentrada de acadêmicos, suas esposas, seus filhos e seus criados, cujos habitantes ocupavam uma variedade de mansões que se estendia do gótico e suntuoso (completo com torreões e vitrais) à vila francamente suburbana. Igrejas, escolas e conjuntos de lojas foram erigidos para servir às necessidades desta estranha comunidade, e logo restavam poucos hectares desocupados. Havia, no entanto, algumas construções ainda em andamento na década de 1920, e em uma das ruas do norte de Oxford, Tolkien encontrou e comprou uma modesta casa nova, em forma de L, feita de tijolos claros, com uma ala correndo em direção à rua. A família deixou Leeds no começo de 1926 e instalou-se na nova casa.

Ali, em Northmoor Road, permaneceram por vinte e um anos. Mais tarde, em 1929, uma casa vizinha, maior, foi desocupada pelo livreiro e editor Basil Blackwell, e os Tolkiens decidiram comprá-la, mudando-se do nº 22 para o 20 no começo do ano seguinte. Esta segunda casa era larga e cinzenta, mais imponente que a vizinha, com pequenas janelas de caixilhos de chumbo e telhado alto de ardósia. Pouco tempo antes da mudança nasceu a quarta e a última criança do casal, a filha que Edith tanto esperara, e que foi batizada Priscilla Mary Reuel.

Além destes dois incidentes, o nascimento de Priscilla em 1929 e a mudança de residência em 1930, a vida em Northmoor Road não teve eventos importantes; ou melhor, era uma vida padronizada, quase rotineira, na qual ocorriam interrupções de pouca importância, mas nenhuma alteração significativa. Assim, a melhor forma de descrevê-la talvez seja seguir Tolkien ao longo de um dia típico (apesar de inteiramente imaginário) no início de 1930.

É o dia de um santo homem, portanto começa cedo. O despertador toca às sete horas no quarto de Tolkien, um aposento nos fundos da casa, na face leste, com vista para o jardim. Trata-se, na verdade, de um banheiro conjugado com vestiário, e há uma banheira no canto, mas ele dorme ali porque seus roncos incomodam Edith, e porque ele se deita tarde, hábito que não combina com os dela. Assim, cada um tem o seu próprio quarto e um não incomoda o outro.

Levanta-se a contragosto (por natureza nunca foi de levantar cedo), decide fazer a barba após a missa e, de roupão, atravessa o corredor que leva aos quartos dos meninos para acordar Michael e Christopher. John, o primogênito, tem agora quatorze anos e está num internato católico em Berkshire, mas os dois mais jovens, com onze e sete anos respectivamente, ainda moram em casa.

Entrando no quarto de Michael, Tolkien quase tropeça numa locomotiva de brinquedo que foi deixada no meio do chão. Pragueja consigo mesmo. Michael e Christopher têm no momento paixão por ferrovias, e dedicaram todo um quarto do andar de cima a um traçado de via férrea. Também vão olhar as máquinas, e fazem (com impressionante precisão) desenhos das locomotivas da Great Western Railway. Tolkien não entende nem realmente aprova o que ele chama “mania ferroviária”; para ele,

ferrovias significam apenas barulho, sujeira e espoliação da zona rural. Mas tolera o passatempo, e em certas ocasiões pode até deixar-se persuadir e leva-os em expedições a uma estação distante, para ver passar o Cheltenham Flyer.

Depois de acordar os meninos, veste a roupa habitual de um dia de semana, calças de flanela e paletó de *tweed*. Então, ele e os filhos, que envergam os paletós azuis-marinhos da Dragon School e calças curtas, tiram as bicicletas da garagem e partem pela silenciosa Northmoor Road, onde as cortinas das outras casas ainda estão fechadas, sobem a Linton Road e entram na larga Banbury Road, onde, vez ou outra, um carro ou um ônibus passa por eles a caminho da cidade. É uma manhã de primavera; as cerejeiras debruçam-se sobre as calçadas exibindo suas flores.

Entram na cidade, pedalam pouco mais de um quilômetro, até a igreja católica de Sto. Aloísio, um edifício desgracioso ao lado do hospital na Woodstock Road. A missa é às sete e meia, de forma que, na hora de voltar para casa, estão apenas alguns minutos atrasados para o desjejum, que é sempre servido às oito em ponto – estritamente falando, às sete e cinquenta e cinco, pois Edith gosta de manter os relógios da casa cinco minutos adiantados. Ouve-se o barulho de louça – Phoebe Coles, a diarista, acabou de chegar à cozinha. Phoebe, que usa um gorro de criada e trabalha na casa o dia todo, está com a família há alguns anos, e, pelo que tudo indica, ficará por muitos mais – uma grande bênção, pois, antes de sua chegada, a família tinha dificuldades intermináveis por causa de criadas.

Durante o desjejum, Tolkien dá uma olhada no jornal, mas apenas superficialmente. Ele, como o amigo C. S. Lewis, considera as “notícias”, de modo geral, triviais e indignas de atenção, e ambos argumentam (para a irritação de muitos dos seus amigos) que a única “verdade” só pode ser encontrada na literatura. No entanto, ambos gostam das palavras-cruzadas.

Quando termina o desjejum, Tolkien vai para o estúdio acender a estufa. Não é um dia quente, e a casa (como a maioria das casas da classe média inglesa da época) não tem aquecimento central, e, portanto, ele terá de acender um bom fogo para tornar o recinto habitável. Está com pressa, pois uma aluna vai chegar às nove e ele quer conferir as anotações da aula da manhã. Assim, ele remove um tanto afoitamente as cinzas da noite anterior – ainda estão quentes, pois ele trabalhou até tarde e só foi para a cama depois das duas horas. Aceso o fogo, lança sobre ele uma boa quantidade de carvão, fecha as portas da estufa, abre completamente o registro, e então corre para cima para fazer a barba. Os meninos saem para a escola.

Não terminou de barbear-se quando toca a campainha da porta da frente. Edith vai atender e depois o chama; ele desce com metade do rosto ainda coberto de espuma. É apenas o carteiro, mas ele diz que há muita fumaça saindo da chaminé do estúdio – não seria melhor o sr. Tolkien ver se está tudo em ordem? Tolkien precipita-se para o estúdio e descobre que, como tantas vezes ocorre, o fogo subiu pela estufa e está prestes a incendiar a chaminé. Ele abafa o fogo, agradece ao carteiro, e troca com ele algumas observações sobre o cultivo de verduras de primavera. Começa então a abrir a correspondência, lembra que não acabou de se barbear, e consegue pôr-se apresentável bem a tempo da chegada de sua aluna.

É uma jovem universitária que está estudando médio inglês. Às nove e dez, ela e Tolkien estão no estúdio, imersos no trabalho, discutindo o significado de uma palavra embaraçosa do *Ancrene Wisse* (Guia para Ermitãs). Quem enfiasse a cabeça pela porta do estúdio não conseguiria vê-los – há um túnel de livros formado por uma dupla fileira de estantes, e é só depois de passar por ele que o visitante consegue ver o resto do recinto. Há janelas em dois lados, uma na face sul, que dá para o jardim do vizinho, e outra na face oeste, com vista para a rua. A escrivanhinha de Tolkien fica diante da janela sul, mas ele não está sentado lá; está de pé junto à lareira, balançando o cachimbo no ar enquanto fala. A aluna franze o cenho, confusa diante das complexidades do que ele está dizendo e da dificuldade de

ouvir tudo com clareza, pois ele está falando muito depressa e às vezes de maneira indistinta. Mas ela começa a perceber os contornos do argumento e aonde ele quer chegar, e rabisca entusiasticamente no seu caderno. Quando termina a sua “hora” de supervisão, tarde, às vinte para as onze, ela sente que ganhou um novo discernimento da forma como os autores medievais escolhiam as palavras. Ela parte de bicicleta, refletindo que, se todos os filólogos de Oxford pudessem ensinar dessa maneira, a Escola de Inglês seria um lugar mais animado.

Depois de levá-la ao portão, Tolkien corre de volta ao estúdio e pega as anotações para a aula. Não teve tempo de conferi-las, mas espera que todos os dados necessários estejam ali. Leva também um exemplar do texto sobre o qual falará durante a aula, o poema anglo-saxão *Exodus* – se acontecer o pior e suas anotações forem insuficientes, ele sempre poderá improvisar uma exposição a partir do texto. Então, levando a pasta e a beca de mestre no cesto da bicicleta, ele pedala até a cidade.

Às vezes dá aulas em seu próprio colégio, Pembroke, mas esta manhã (como ocorre com mais frequência) seu destino são as Examination Schools, na High Street, um edifício opressivamente grandioso do fim do período vitoriano. Os professores que dão conferências sobre temas populares ficam nos salões maiores, como a East School, onde hoje C. S. Lewis receberá um bom número de pessoas para a sua série de aulas sobre estudos medievais. O próprio Tolkien consegue um bom público nas suas aulas sobre *Beowulf* destinadas a alunos não especializados; hoje, porém, ele tratará de um texto que é leitura obrigatória apenas para uns poucos rapazes e moças da Escola de Inglês que optaram pelo curso de filologia; assim, ele atravessa o corredor até uma saleta escura do piso térreo, onde oito ou dez estudantes, acostumados com a sua pontualidade, já esperam por ele envergando as suas becas. Ele veste a sua, e inicia a aula no exato momento em que o som grave do sino de Merton, a quatrocentos metros de distância, dá as onze horas.

Tolkien conduz a aula com fluência, usando principalmente suas anotações, mas improvisando de vez em quando um ou outro acréscimo. Examina o texto linha por linha, discutindo o significado de certas palavras e expressões, e os problemas que elas suscitam. Os estudantes conhecem-no bem e são seguidores fiéis de suas aulas, não apenas por causa da interpretação esclarecedora dos textos, mas também porque *gostam* dele: gostam de suas piadas, estão acostumados com o seu jeito de falar aos borbotões, e acham-no muito humano, certamente mais humano que alguns dos seus colegas, que dão aulas com um total descaso pelos alunos.

Ele não precisava ter-se preocupado com a insuficiência das anotações. As badaladas do meio-dia e o ruído de pessoas no corredor fazem-no parar bem antes que possa terminar de expor o material preparado. Na verdade, nos últimos dez minutos, deixou as anotações inteiramente de lado, e esteve falando sobre um determinado aspecto da relação entre o gótico e o antigo inglês sugerido por uma palavra do texto. Agora recolhe seus papéis, conversa brevemente com um dos estudantes, e então parte para dar lugar ao próximo conferencista.

No corredor, alcança C. S. Lewis e mantém com ele uma conversa rápida. Gostaria que fosse segunda-feira, dia em que regularmente toma um quartilho de cerveja com Lewis e conversa com ele durante mais ou menos uma hora, mas nenhum dos dois tem tempo hoje, e Tolkien precisa fazer algumas compras antes de ir para casa almoçar. Ele se despede de Lewis, pega a bicicleta e vai até a movimentada galeria da High Street conhecida como Mercado Coberto, onde tem de apanhar salsichas com o açougueiro Lindsey; Edith esqueceu de incluí-las na encomenda semanal que foi entregue no dia anterior. Troca um gracejo com o sr. Lindsey, e visita também a papelaria na esquina da Market Street para comprar algumas pontas para a pena. Volta para casa pela Banbury Road, e consegue arrumar quinze minutos para escrever uma carta há muito tempo devida à E. V. Gordon, falando sobre os planos de trabalho conjunto em uma edição de *Pearl*. Ele começa a datilografar a carta em sua

máquina de escrever Hammond, uma máquina grande com tipos intercambiáveis em um disco giratório; seu modelo tem tipos itálicos e as letras anglo-saxãs þ, ð, æ. Edith toca a sineta do almoço antes que ele possa terminar.

Durante o almoço, com toda a família presente, o tema principal é a ojeriza de Michael pelas aulas de natação na escola, e determinar se um dedão inflamado deveria impedir o menino de entrar na água ou não. Após a refeição, Tolkien vai ao jardim para ver como estão indo as favas. Edith traz Priscilla para brincar no gramado, e discute com ele se deveriam escavar o resto da antiga quadra de tênis, para aumentar o tamanho da horta. Depois, enquanto Edith alimenta os canários e periquitos no viveiro ao lado da casa, ele monta novamente na bicicleta e vai para a cidade, desta vez para uma reunião na Faculdade de Inglês.

A reunião é no Merton College, pois a faculdade, exceto por uma apertada biblioteca no sótão das Examination Schools, não possui instalações próprias e Merton é o colégio mais intimamente associado a ela. O próprio Tolkien é membro do Pembroke College, mas não está muito envolvido com a instituição e, como todos os professores, sua primeira responsabilidade é para com a faculdade. A reunião começa às duas e meia. Além dos outros professores – Wyld, que ocupa a cátedra de Língua e Literatura Inglesa, e Nichol Smith, professor de Literatura Inglesa –, estão presentes cerca de uma dúzia de lentes, entre elas várias mulheres. Às vezes essas reuniões são bastante tensas, e o próprio Tolkien participou de alguns encontros em que, ao tentar propor reformas curriculares, foi alvo de duros ataques do partido da “literatura”. Mas esses dias se foram, e suas reformas foram aceitas e postas em prática. A reunião de hoje ocupa-se principalmente de assuntos rotineiros como as datas dos exames, detalhes menores do currículo e a questão dos fundos para a biblioteca da faculdade. Tudo isto toma tempo, e a reunião termina quase às quatro horas; Tolkien tem apenas alguns minutos para ir à Biblioteca Bodleiana e consultar um livro que pediu no dia anterior. Ele volta para casa novamente, a tempo para o chá das crianças às quatro e meia.

Após o chá consegue trabalhar por uma hora e meia à escrivadinha; termina a carta para E. V. Gordon e começa a preparar as anotações para a aula do dia seguinte. Quando a vida transcorre de acordo com o planejado, consegue preparar todas as aulas do curso antes do início do período, mas muitas vezes a falta de tempo força-o a deixar o trabalho para os últimos instantes. Mesmo agora ele não avança muito, pois Michael quer que ele o ajude no seu trabalho de prosa latina, e isto ocupa vinte minutos. Logo são seis e meia, e ele precisa trocar de roupa e vestir um *smoking*. Não costuma jantar fora mais do que uma ou duas vezes por semana, mas hoje à noite há convidados no Pembroke College, e ele prometeu estar lá para conhecer o convidado de um amigo. Afoitamente, dá o laço em sua gravata preta e novamente monta na bicicleta, deixando Edith para jantar cedo em casa.

Chega ao colégio a tempo de tomar xerez no Salão dos Decanos. Sua posição em Pembroke é um tanto anômala, graças às desconcertadas e desconcertantes práticas administrativas de Oxford. Pode-se quase dizer que os colégios são a universidade, pois a maioria do corpo docente é *fellow* de algum colégio, e sua responsabilidade principal é instruir estudantes nos seus próprios colégios. Mas os catedráticos (*professors*) estão em posição diferente. Basicamente, eles estão fora do sistema dos colégios, pois lecionam baseados nas faculdades, seja qual for o colégio a que seus alunos possam pertencer. No entanto, para que o catedrático não seja privado das amenidades sociais e outras conveniências da vida dos colégios, ele é incorporado a um colégio na condição de *fellow ex officio*. Isto às vezes causa ressentimentos, pois, em todas as circunstâncias, os colégios elegem seus próprios membros, enquanto os professores nas condições de Tolkien são, até certo ponto, impingidos ao colégio. Tolkien acha que há ressentimentos contra ele no Pembroke College; a atmosfera no salão é, sem dúvida, grave e hostil. Ainda bem que há um aliado presente, R. B. McCallum, um novato, homem

alegre, vários anos mais jovem que Tolkien; e ele está agora esperando para lhe apresentar o seu convidado. O jantar acaba por ser agradável – e tragável, pois a comida é simples, sem qualquer traço daquela aborrecida culinária francesa que (reflete Tolkien com desagrado) está começando a invadir os jantares solenes de vários colégios.

Após o jantar ele apresenta suas desculpas e parte cedo, atravessando a cidade até o Balliol College, onde haverá uma reunião dos “Coalbiters” (Mordedores de Carvão) nos aposentos de John Bryson. Os *Kolbítar*, para usar o título islandês (significa *aqueles que no inverno descansam tão perto do fogo que mordem o carvão*), são um clube informal de leitura fundado por Tolkien mais ou menos nos moldes do Viking Club de Leeds, com a diferença de que seus membros são todos acadêmicos. Reúnem-se à noite, várias vezes em cada período, para ler sagas islandesas. A frequência hoje está boa: George Gordon, presidente do Magdalen College, Nevill Coghill do Exeter College, C. T. Onions do Dicionário, Dawkins, professor de grego bizantino e moderno, o próprio Bryson e – Tolkien nota com satisfação – C. S. Lewis, que o repreende ruidosamente pelo atraso. Estão atualmente lendo a *Saga de Grettir*, e, como de costume, o próprio Tolkien dá início à leitura, já que ele é, com certeza, o maior especialista em islandês do clube. Ele retoma o trecho onde pararam da última vez, improvisando uma tradução fluente do texto que tem apoiado sobre os joelhos. Depois de ler algumas páginas, Dawkins toma o seu lugar. Sua leitura também é fluente, embora não tanto quanto a de Tolkien; mas, quando chega a vez dos demais, a leitura é muito mais lenta, e ninguém traduz mais do que meia página, pois nenhum deles se considera mais do que principiante nessa língua. Esta, no entanto, é a finalidade dos Mordedores de Carvão, pois Tolkien organizou o clube para convencer os amigos de que vale a pena ler a literatura islandesa na sua língua original; ele encoraja seus passos vacilantes e aplaude seus esforços.

Depois de mais ou menos uma hora, chegam a um trecho adequado para uma interrupção, abrem a garrafa de uísque e discutem a saga. Escutam um poema indecente e muito engraçado que Tolkien acabou de escrever sobre outro membro da Faculdade de Inglês. São mais de onze horas quando se separam. Tolkien caminha com Lewis até o fim da Broad Street, e então cada um segue seu caminho, Lewis segue pela Holywell Street em direção ao Magdalen College (ele é solteiro e normalmente pernoita no colégio durante o período letivo) e Tolkien volta de bicicleta à Northmoor Road.

Edith foi deitar-se, e a casa está às escuras quando ele chega. Atiça o fogo na estufa e enche o cachimbo. Sabe que deveria trabalhar um pouco mais em suas anotações para a aula da manhã seguinte, mas não resiste à tentação de desenterrar da gaveta o manuscrito semiacabado de uma história que está escrevendo para divertir-se e aos filhos. Provavelmente, ele suspeita, é uma perda de tempo; se pretende dedicar alguma atenção a este tipo de coisa, deveria fazê-lo com o *Silmarillion*. Mas algo o atrai de volta, noite após noite, àquela historinha divertida – pelo menos ela parece divertir os meninos. Senta-se à escrivaninha, coloca uma ponta nova na pena (que ele prefere à caneta-tinteiro), desatarraxa a tampa do tinteiro, pega uma prova velha (que ainda traz no verso o ensaio de um candidato sobre a batalha de Maldon), e começa a escrever: “Quando Bilbo abriu os olhos, ficou imaginando se realmente os abrira; pois estava exatamente tão escuro quanto de olhos fechados. Não havia ninguém em lugar algum perto dele. Imagine só o seu susto!...”

Vamos deixá-lo agora. Ele continuará sentado à escrivaninha até uma e meia, duas horas, ou talvez até mais tarde ainda, o silêncio interrompido apenas pelo arranhar da pena sobre o papel, enquanto à sua volta a Northmoor Road dorme.

2. Observando fotografias

São estes, portanto, alguns dos aspectos externos de sua vida: a rotina doméstica, as aulas, os preparativos para aulas, a correspondência, uma ou outra noite passada com os amigos – e, na verdade, a noite em que houvesse um jantar no colégio e uma reunião dos Mordedores de Carvão seria bastante incomum; estes e outros eventos irregulares, como a reunião da faculdade, foram incluídos num mesmo dia imaginário simplesmente para sugerir a gama de suas atividades. Um dia verdadeiramente comum seria mais desinteressante.

Ou talvez o leitor julgue desinteressantes *todos* os acontecimentos descritos aqui, destituídos de qualquer lampejo de excitação: as atividades triviais de um homem fechado num modo de vida restrito, sem nenhum interesse para qualquer pessoa que não esteja inserida nele. Tudo isto, diz o leitor, acender a estufa, ir de bicicleta para a aula, sentir-se mal acolhido num salão do colégio, tudo isto nada diz sobre o homem que escreveu o *Silmarillion*, *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis*, em nada contribui para explicar a natureza de sua mente e a maneira como sua imaginação era influenciada pelo seu ambiente. Certamente o próprio Tolkien teria concordado com isto. Uma de suas opiniões mais categóricas era que a investigação da vida de um autor revela muito pouco sobre o mecanismo da sua mente. Pode ser; mas, antes de abandonarmos nossa tarefa como totalmente sem esperança, talvez possamos adotar um ponto de vista um pouco mais próximo do que o escolhido para a descrição de um dia imaginário, chegar mais perto e observar, ou pelo menos arriscar algumas conjeturas sobre alguns dos aspectos mais evidentes da sua personalidade. E, depois disso, se não conseguirmos compreender melhor *por que* ele escreveu seus livros, pelo menos saberemos um pouco mais sobre o homem que os escreveu.

Poderíamos talvez começar com fotografias, que existem em abundância, pois os Tolkiens tiravam e guardavam incontáveis instantâneos. Inicialmente não chegamos a lugar algum. Fotografias de Tolkien na meia-idade não revelam virtualmente nada. Diante da câmera está um inglês comum de classe média, de compleição delicada e estatura mediana. Não é muito bonito, e tem um rosto comprido – é praticamente tudo que se pode dizer. Sem dúvida, tem um olhar penetrante, que sugere uma mente vivaz, mas nada mais se revela – nada exceto seus trajes, que são excepcionalmente *comuns*.

Naturalmente, sua maneira de se vestir era em parte o resultado das circunstâncias, da necessidade de sustentar família numerosa com uma renda relativamente baixa, que não lhe permitia gastos pessoais extravagantes. Mais tarde, quando se tornou um homem rico, ele sem dúvida permitiu-se o luxo de usar coletes coloridos. Mas sua escolha de trajes na meia-idade era também sinal de ojeriza pelo dandismo, sentimento que compartilhava com C. S. Lewis. Nenhum deles suportava qualquer afetação no vestir, que lhes parecia algo pouco masculino e, portanto, censurável. Lewis levou esta postura ao extremo, não somente comprando roupas indiferentes mas também usando-as com indiferença; Tolkien, sempre mais exigente, ao menos mantinha passadas as suas calças. Fundamentalmente, porém, ambos tinham a mesma atitude em relação à aparência, uma atitude que era compartilhada por muitos dos seus contemporâneos. Esta preferência por roupas masculinas simples talvez fosse em parte uma reação ao excessivo dandismo e ao homossexualismo implícito dos “estetas”, que deixaram sua primeira marca em Oxford na época de Wilde e ainda tinham sucessores na década de 1920 e no começo da década de 1930, adeptos dos tons delicados no vestuário e das nuances ambíguas nas suas maneiras. Seu modo de vida era rejeitado por Tolkien e pela maioria dos seus amigos; daí sua preferência quase exagerada por paletós de *tweed*, calças de flanela, gravatas sem

graça, sólidos sapatos marrons, próprios para caminhadas no campo, capas de chuva e chapéus de cores foscas, cabelos curtos. O modo de Tolkien se vestir também refletia alguns de seus valores positivos, o seu amor por tudo o que fosse moderado, sensato, discreto e inglês. Fora isso, porém, suas roupas não podiam nem sugerir a delicada e complexa natureza interior do homem que as usava.

O que mais podemos descobrir nas suas fotografias? Existe na maior parte delas algo tão óbvio que corremos o risco de não percebê-lo: o caráter quase que invariavelmente comum dos cenários. Em uma fotografia ele está sentado no jardim tomando chá; em outra, parado no sol no canto de sua casa; em outra, cavando a areia com os filhos em algum balneário. Começamos a crer que ele era inteiramente convencional na escolha dos lugares em que vivia, e até mesmo dos lugares que visitava.

E é verdade. Ele morava em uma casa no norte de Oxford que, tanto por dentro como por fora, era quase que indistinguível de muitas centenas de outras naquele bairro – na verdade, era mais discreta que muitas das suas vizinhas. Nas férias, ele levava a família a locais comuns. Durante os anos centrais de sua vida, o período mais rico em criatividade, não saiu nem uma vez das Ilhas Britânicas. Mais uma vez, isto se deve em parte às circunstâncias, à escassez de recursos, não à falta de vontade: por exemplo, gostaria de ter seguido o exemplo de E. V. Gordon e visitado a Islândia. Mais tarde, quando tinha mais dinheiro e menos laços familiares, Tolkien fez algumas viagens ao exterior. Mas as viagens nunca desempenharam um papel preponderante em sua vida – simplesmente porque não tinha necessidade de estimular a imaginação com paisagens e culturas desconhecidas. O mais surpreendente é que também negava a si muitos estímulos que lhe poderiam proporcionar os lugares que conhecia e apreciava e que estavam perto do seu lar. É verdade que, enquanto teve um carro (de 1932 até o começo da Segunda Guerra Mundial), adorava explorar os vilarejos de Oxfordshire, principalmente os do leste do condado; mas, por hábito, não era um caminhante de longas distâncias, e apenas uma ou duas vezes juntou-se a C. S. Lewis para as longas excursões a pé que eram parte tão importante da vida do amigo. Conhecia as montanhas de Gales, mas raramente as visitava; amava o mar, mas suas únicas expedições até ele assumiram a forma de férias em balneários comuns. Neste caso, mais uma vez, a pressão da responsabilidade doméstica é uma explicação, e, mais uma vez, a resposta não está completa. Aos poucos, começa a se delinear em nossa mente a imagem de um homem que, de modo geral, não se importava muito com os lugares onde estava.

Por um lado, isto não é verdade, por outro é. Ele com certeza não era insensível ao seu ambiente, pois a destruição da paisagem pelo homem deixava-o furioso. Eis a angustiada descrição, retirada do seu diário, de como voltou à paisagem de infância no moinho de Sarehole em 1933, quando levava a família de carro a Birmingham para visitarem parentes:

Omito as pontadas que senti ao passar por Hall Green – que se tornou um enorme subúrbio dominado por bondes e sem significado, onde cheguei a me perder – e pelo que restou das queridas alamedas da infância, e mesmo pelo portão do nosso chalé, agora rodeado por um mar de tijolos vermelhos. O velho moinho ainda está de pé, e a casa da sra. Hunt ainda avança até a estrada, no trecho em que esta sobe a colina; mas a encruzilhada além da lagoa, agora cercada, o lugar em que se encontravam a alameda onde cresciam campainhas e a alameda que dava no moinho, é agora um cruzamento perigoso, cheio de motores e semáforos vermelhos. A casa do Ogro Branco (que deixou as crianças alvoroçadas) tornou-se um posto de gasolina, e a maior parte da Short Avenue, e dos olmos entre ela e a encruzilhada, desapareceu. Como invejo aqueles que não tiveram a preciosa paisagem da infância exposta a uma alteração tão violenta e particularmente hedionda.

Da mesma forma, não era indiferente aos danos causados à zona rural de Oxfordshire pela construção de aeródromos durante a guerra e pela “melhoria” das estradas. Mais tarde, quando suas opiniões mais firmes começaram a se transformar em obsessões, ele contemplava uma nova estrada, aberta no canto de um campo, e exclamava: “Lá vai o último terreno arável da Inglaterra!” Nessa época da vida ele dizia que não restara uma única floresta ou encosta intacta no país e que, se ainda existisse,

ele se recusaria a visitá-la por temer encontrá-la contaminada pelo lixo. Em vez disto, optou por morar em ambientes onde as marcas da presença humana eram quase que excessivas: os subúrbios de Oxford e, mais tarde, de Bournemouth, lugares quase tão “sem significado” quanto o deserto de tijolos vermelhos que outrora fora Sarehole. Como podemos reconciliar tais perspectivas?

Novamente, parte da resposta está nas circunstâncias. Os lugares onde morava na realidade não eram escolhidos por ele: eram simplesmente os lugares onde, por uma série de razões, ele ia parar. Pode ser. Mas, neste caso, por que sua alma não se rebelou contra eles? Pode-se responder que às vezes ele fazia isso, em voz alta para alguns amigos íntimos ou em particular no seu diário. Durante a maior parte do tempo, porém, ele *não* o fazia, e a explicação disto parece estar na sua crença de que vivemos em um mundo decaído. Se o mundo não houvesse decaído e o homem não estivesse corrompido pelo pecado, ele teria vivido uma infância tranquila com sua mãe, num paraíso – como Sarehole se tornara na sua memória. Mas a maldade do mundo havia lhe arrebatado a mãe (pois ele acreditava que ela morreria por causa da crueldade e da negligência da família), e agora até mesmo a paisagem de Sarehole era insensivelmente destruída. Num mundo assim, onde eram impossíveis a perfeição e a verdadeira felicidade, que importância poderiam ter o lugar onde morava, as roupas que vestia ou o alimento que comia (contanto que fosse simples)? Eram todas imperfeições temporárias; apesar de imperfeitas, eram meramente transitórias. Nesse sentido, sua postura diante da vida era profundamente cristã e ascética.

Há outra explicação para o aparente descaso pelos aspectos externos da existência. Quando chegou à meia-idade, sua imaginação não mais necessitava do estímulo da experiência, ou melhor, recebera todos os estímulos requeridos nos primeiros anos de vida, anos de eventos e de paisagens cambiantes; ela agora podia se nutrir das lembranças acumuladas. Eis como ele mesmo explicou este processo, ao descrever a criação de *O Senhor dos Anéis*: “Escreve-se uma tal história não a partir das folhas de árvores ainda a serem observadas, nem por meio da botânica e da ciência do solo; ela cresce como uma semente na escuridão, a partir do húmus das folhas da mente: a partir de tudo que foi visto, pensado ou lido, que foi há muito tempo esquecido, que desceu às profundezas. Sem dúvida seleciona-se muito, como fazem os jardineiros: o que cada um acrescenta ao preparar o seu adubo; e, evidentemente, a maior parte de meu húmus é feito de matéria linguística.”

A matéria vegetal tem de decompor-se por longo tempo antes de poder ser usada no enriquecimento do solo, e Tolkien diz aqui que foi quase que exclusivamente com experiências *primitivas*, suficientemente dissociadas pelo tempo, que nutriu as sementes da sua imaginação. Experiências posteriores não foram necessárias, e não foram procuradas.

Parece que descobrimos um pouco sobre ele examinando velhas fotografias; assim, talvez valha a pena passarmos da observação da sua aparência e do seu ambiente à consideração de outra característica externa, sua voz e sua maneira de falar. Da adolescência até o fim de sua vida, a velocidade e a falta de clareza de sua fala foram notáveis, quase notórias. Na verdade, é fácil exagerar tais características, e transformá-lo numa caricatura cômica do professor que fica resmungando inaudivelmente consigo mesmo. Na realidade não era bem assim. Falava, sim, depressa e não muito claramente, mas, uma vez acostumado com o maneirismo, o ouvinte tinha pouca dificuldade para entender a maior parte do que dizia. E a dificuldade era mais intelectual do que física. Ele passava depressa de uma ideia para outra e falava com tantas alusões, pressupondo que o ouvinte possuía um conhecimento igual ao seu, que todos, exceto os que tinham uma erudição comparável à sua, acabavam ficando para trás. Não que falar com demasiado refinamento seja necessariamente mais desculpável do que falar com demasiada rapidez, e Tolkien pode ser acusado com justiça de superestimar os poderes intelectuais dos seus ouvintes. Pode-se dizer também que ele não se

preocupava com a clareza porque estava na realidade falando consigo mesmo, expondo suas próprias ideias, não tentando conversar. Isto certamente ocorria com frequência nos seus últimos anos de vida, quase que destituídos de companhia intelectual; o resultado era que simplesmente não estava acostumado a conversar e tendia a falar em monólogos. Mas, mesmo nesses dias, era possível desafiá-lo verbalmente, envolvê-lo num diálogo verdadeiro, e ele escutava e respondia com entusiasmo.

Na verdade, nunca ostentou a marca do homem verdadeiramente egoísta, do homem que não escuta mais ninguém. Tolkien sempre escutou, sempre teve uma profunda consideração pelas alegrias e tristezas alheias. Assim, embora fosse sob muitos aspectos um homem tímido, fazia amigos com facilidade. Gostava de puxar conversa com um refugiado da Europa Central num trem, o garçom de um restaurante favorito, ou um porteiro de hotel. Na companhia de tais pessoas sempre se sentia inteiramente feliz. Ele descreveu uma viagem de trem em 1953, quando voltava para casa depois de uma conferência sobre *Sir Gawain* em Glasgow: “Percorri todo o caminho de Motherwell a Wolverhampton na companhia de uma mãe escocesa e uma menininha, que salvei de ficarem em pé no corredor de um trem lotado; permitiram-lhes viajar de ‘primeira’ sem pagar porque eu disse ao inspetor que apreciava a sua companhia. Meu prêmio antes de nos despedirmos foi ser informado de que (enquanto eu almoçava) a menininha declarou: ‘Gosto dele, mas não entendo uma palavra do que ele diz.’ Ao que só consegui responder, de forma pouco convincente, que este último fato era universal, mas o primeiro não era tão comum.”

Durante os últimos anos de sua vida, Tolkien fez amizade com os motoristas de táxi cujos carros costumava tomar, com o policial que patrulhava as ruas em volta de seu bangalô de Bournemouth e com um *scout* do colégio e sua esposa, que cuidaram dele no fim da vida. Não havia nenhum elemento de condescendência nessas amizades; ele simplesmente gostava de companhia, e essas pessoas eram as que estavam mais próximas. Não que lhe faltasse consciência de classe: pelo contrário. Mas era precisamente por causa da certeza de sua própria posição na vida que nada havia nele de presunção intelectual ou social. Sua visão do mundo, segundo a qual cada homem ocupava ou deveria ocupar uma “posição” específica, fosse alta ou baixa, implica, por um lado, que era um conservador antiquado. Mas, por outro, tornava-o extremamente compreensivo para com o próximo, pois, verdadeiramente cruéis são aqueles que estão inseguros quanto à sua posição no mundo, que sentem a necessidade de se afirmar e, se necessário, de rebaixar outros homens para tanto. Tolkien era, no jargão moderno, “de direita” porque honrava seu monarca e seu país, e não acreditava no governo do povo; no entanto, ele se opunha à democracia simplesmente porque acreditava que seus semelhantes não se beneficiariam dela. Certa vez escreveu: “Não sou ‘democrata’, se não por outro motivo, apenas porque a ‘humildade’ e a igualdade são princípios espirituais corrompidos pela tentativa de mecanizá-los e formalizá-los, e, como resultado, temos não pequenez e humildade universais, mas sim grandeza e orgulho universais, até que algum Orc se apodere de um anel do poder – quando então temos, e estamos tendo, escravidão.” Quanto às virtudes de uma antiquada sociedade feudal, eis o que disse certa vez sobre o respeito aos superiores: “Tirar o chapéu para o senhor pode ser ruim à beça para o senhor, mas é bom à beça para você.”

O que mais podemos observar? Talvez o relato imaginário de um dia típico nos diga algo pelo fato de começar com uma missa na igreja de Sto. Aloísio; e qualquer exame cuidadoso da sua vida tem de levar em conta a importância da sua religião. Seu compromisso com o cristianismo, e em particular com a Igreja Católica, era total. Não que a prática da fé fosse sempre uma fonte de consolo – ele se impunha um rigoroso código de conduta, especialmente no que dizia respeito a confessar-se antes da comunhão, e quando (como acontecia frequentemente) não tinha condições de se confessar, negava a si mesmo a comunhão e vivia um patético estado de depressão espiritual. Outra fonte de infelicidade

em seus últimos anos foi a introdução da missa em vernáculo, pois o uso do inglês na liturgia, em lugar do latim que conheceu e amara desde a infância, causava-lhe profunda mágoa. Contudo, mesmo durante uma missa em inglês na despojada igreja moderna de Headington, que passou a frequentar durante a aposentadoria, onde às vezes se irritava com o canto do coro infantil e o choro dos bebês, ao receber a comunhão ele experimentava uma profunda alegria espiritual, um estado de contentamento que não podia atingir de outra forma. Sua religião, portanto, era um dos elementos mais profundos e vigorosos da sua personalidade.

Em certo nível, sua devoção ao catolicismo pode ser explicada unicamente como um fato espiritual; em outro, estava muito intimamente relacionada com o seu amor pela mãe, que fizera dele um católico e que falecera (assim acreditava ele) pelo seu catolicismo. De fato, pode-se ver seu amor pela memória dela como um motivo dominante ao longo de toda a sua vida e sua obra. A morte da mãe tornou-o pessimista; ou melhor, tornou seu espírito propenso a violentas oscilações de ânimo. Uma vez que a perdera, não havia segurança; seu otimismo natural era contrabalançado por uma profunda incerteza. Talvez como resultado disso nunca foi moderado: o amor, o entusiasmo intelectual, a repugnância, a raiva, a insegurança, a culpa, a alegria, cada sentimento que experimentava ocupava sua mente com exclusividade e força total, e, naquele momento, não permitia que nenhuma outra emoção a modificasse. Assim, era um homem de contrastes extremos. Quando seu humor era sombrio, sentia que não havia esperança, nem para ele nem para o mundo; e, visto que frequentemente era este estado de espírito que o impelia a registrar seus sentimentos no papel, seus diários tendem a mostrar apenas o lado triste da sua natureza. Porém, cinco minutos mais tarde, na companhia de um amigo, ele esquecia essa negra melancolia e seu humor era o melhor possível.

Alguém tão fortemente guiado pelas emoções dificilmente se torna um cínico, e Tolkien nunca o foi – seu interesse por tudo era demasiado profundo para que pudesse adotar uma postura de distanciamento intelectual diante das coisas. Na verdade, era incapaz de sustentar uma opinião sem entusiasmo, de ficar indiferente a qualquer tópico que o interessasse. Isto por vezes levava-o a adotar posturas estranhas. Por exemplo, sua galofobia (quase inexplicável por si só) deixava-o irado não só com o que considerava ser a influência perniciosa da culinária francesa na Inglaterra, mas com a própria Conquista Normanda, que lhe doía como se tivesse acontecido durante a sua vida. Essa força emocional refletia-se também na sua paixão pela perfeição em qualquer tipo de trabalho escrito, e na sua incapacidade de deixar passar serenamente algum desastre doméstico. Mais uma vez, o seu interesse pelas coisas era muito profundo.

Se fosse orgulhoso, suas fortes emoções provavelmente teriam feito dele um homem insuportável. Mas, na verdade, era muito humilde. Isto não quer dizer que não tivesse consciência dos próprios talentos – sabia muito bem do que era capaz e acreditava firmemente na sua capacidade como estudioso e como escritor. Não considerava, porém, que esses talentos fossem particularmente importantes (tanto que mais tarde ficou espantado com a sua fama), e com certeza não sentia nenhum orgulho pessoal pelo próprio caráter. Longe disso; tinha de si mesmo uma visão quase trágica, de homem fraco – outra causa de suas profundas crises de pessimismo. Mas essa humildade produziu um outro resultado: um profundo senso de comédia, fruto da imagem que tinha de si mesmo, a de mais um débil membro da raça humana.

Podia rir de qualquer um, porém, não mais do que de si mesmo, e sua completa falta de senso de dignidade podia fazer, e frequentemente fazia, com que se comportasse como um estudante bagunceiro. Ele era capaz, por exemplo, numa festa de Ano Novo na década de 1930, de vestir um tapete islandês de pele de carneiro e pintar o rosto de branco para imitar um urso polar; ou então de se fantasiar de guerreiro anglo-saxão, com machado e tudo, e perseguir um estupefato vizinho rua abaixo.

Mais velho, ele se deliciava em oferecer a lojistas desatentos a sua dentadura no meio de um punhado de troco. “Tenho”, escreveu certa vez, “um senso de humor muito simples, que cansa até mesmo os críticos que me são favoráveis.”

Era um homem estranho e complexo, e esta tentativa de estudar sua personalidade não nos ensinou muito. Mas, nas palavras que C. S. Lewis atribui a um personagem de um de seus romances, “acontece que acredito que não se pode estudar os homens, pode-se apenas conhecê-los, o que é uma coisa bem diferente.”

3. “Ele esteve dentro da língua”

Quem se interessa por Tolkien principalmente como o autor de *O Senhor dos Anéis* pode assustar-se com a perspectiva de um capítulo que discute “Tolkien, o erudito e o professor”. Expressado em tais termos, o tema com certeza parece muito enfadonho. Assim, a primeira coisa a ser dita é que *não* é enfadonho. Não havia dois Tolkiens, um acadêmico e um escritor. Eram o mesmo homem, e seus dois lados sobrepunham-se de tal maneira que é impossível distingui-los – ou melhor, nem eram dois lados, mas sim expressões diferentes da mesma mente, da mesma imaginação. Assim, se quisermos compreender algo sobre sua obra de escritor, é melhor dispensarmos um pouco da nossa atenção ao exame do seu trabalho acadêmico.

A primeira coisa a ser compreendida é por que ele gostava de línguas. Sabemos bastante a esse respeito pelo relato de sua infância. O fato de ficar *emocionado* com os nomes galeses nos vagões de carvão, o “brilho superficial” do grego, as estranhas formas das palavras góticas no livro que comprou por acaso, o finlandês do *Kalevala*, mostra que ele tinha uma sensibilidade incomum ao som e ao aspecto das palavras. Para Tolkien, elas preenchiam o espaço que a música ocupa na vida de muitos. Na verdade, a reação que as palavras provocavam nele era quase que inteiramente emocional.

Mas por que teria decidido especializar-se em inglês primitivo? Seria mais provável que alguém tão apaixonado por palavras estranhas concentrasse sua atenção em línguas estrangeiras. A resposta novamente pode ser encontrada em sua capacidade de *emocionar-se*. Já sabemos de sua resposta emocional ao finlandês, ao galês e ao gótico, e devemos compreender que algo igualmente emocionante ocorreu quando começou a perceber que uma boa parte da poesia e da prosa da Inglaterra anglo-saxã fora escrita no dialeto falado pelos antepassados de sua mãe. Em outras palavras, tratava-se de algo remoto, mas, ao mesmo tempo, intensamente pessoal.

Já sabemos que estava profundamente ligado ao centro-oeste inglês por associá-lo com sua mãe. A família dela era de Evesham, e ele acreditava que esse município das West Midlands e a região circundante de Worcestershire fora o lar de sua família, os Suffields, por incontáveis gerações. Ele mesmo também passara grande parte da infância em Sarehole, um vilarejo das West Midlands. Aquela parte da zona rural inglesa exercia, portanto, uma forte atração emocional sobre ele; e, conseqüentemente, também a sua língua.

Certa vez, Tolkien escreveu a W. H. Auden: “Sou um nativo das West Midlands pelo sangue, e adotei o médio inglês das West Midlands como uma língua conhecida assim que pus os olhos sobre ele.” *Uma língua conhecida*: algo que já lhe parecia familiar. Poderíamos considerar isto um absurdo, pois, como podia “reconhecer” uma língua que tinha setecentos e cinquenta anos? No entanto, ele realmente acreditava nisso, que herdara uma tênue memória ancestral da língua falada por distantes gerações de Suffields. E, assim que essa ideia lhe ocorreu, era inevitável que estudasse a língua cuidadosamente e fizesse dela o centro da obra de toda a sua vida como estudioso.

Isto não significa que tenha estudado apenas o primitivo inglês das West Midlands. Tornou-se versado em todos os dialetos do anglo-saxão e do médio inglês, e (como vimos) também lia bastante em islandês. Além disso, durante os anos de 1919 e 1920, quando trabalhava no Dicionário de Oxford, familiarizou-se com um bom número de outras línguas germânicas primitivas. Conseqüentemente, quando começou a trabalhar na Universidade de Leeds em 1920, seu campo de conhecimento linguístico era notavelmente amplo.

Em Leeds e, mais tarde, em Oxford, demonstrou ser um bom professor. Não era perfeito na sala de

aula, onde sua maneira rápida de falar e sua articulação pouco clara obrigavam os alunos a um enorme esforço de concentração para ouvi-lo. Também não era invariavelmente bom quando se tratava de explicar algo em termos claros, pois achava difícil deixar de lado tudo o que sabia sobre um tema e simplificá-lo para que seus alunos pudessem compreender tudo que dizia. Invariavelmente, porém, ele dava vida ao tema e demonstrava o quanto importava para ele.

O exemplo mais celebrado, lembrado por todos a quem deu aulas, era a abertura de seu curso sobre *Beowulf*. Entrava na sala em silêncio, fixava a plateia com o olhar e subitamente começava a declamar em voz ressoante os versos iniciais do poema em anglo-saxão, principiando com um grande grito de "Hwæt!" (a primeira palavra deste e de vários outros poemas no antigo inglês), que alguns estudantes acreditavam que fosse "Quietos!". Não era tanto uma recitação, mas uma representação dramática, uma encarnação de um bardo anglo-saxão no salão do hidromel, e impressionou gerações de estudantes porque os fez perceber que *Beowulf* não era simplesmente um texto obrigatório a ser lido para um exame, mas uma poderosa peça de poesia dramática. Como expressou um ex-aluno, o escritor J. I. M. Stewart: "Ele conseguia transformar uma sala de aula em um salão de hidromel, onde ele era o bardo e nós éramos os convivas que se banquetevavam e escutavam." Outro que esteve presente nessas aulas foi W. H. Auden, que, muitos anos mais tarde, escreveu a Tolkien: "Acho que nunca lhe contei que inesquecível experiência foi para mim, como estudante, ouvi-lo recitar *Beowulf*. A voz era a voz de Gandalf."

Um dos motivos para a eficácia de Tolkien como professor era o fato de, além de filólogo, ser também escritor e poeta, um homem que não apenas estudava as palavras, mas que as usava para fins poéticos. Conseguia encontrar poesia no som das próprias palavras, como fizera desde a infância; mas tinha também uma compreensão de poeta de como a língua é usada. Isto foi expressado em uma frase memorável do seu obituário no *Times* (indubitavelmente escrito por C. S. Lewis muito antes de Tolkien falecer), que fala de seu "discernimento excepcional, da linguagem da poesia e, ao mesmo tempo, da poesia da linguagem". Em termos práticos isto queria dizer que conseguia mostrar a um aluno não apenas o que as palavras significavam, mas também *por que* o autor escolhera aquela determinada forma de expressão, e como ela se encaixava em seu esquema de imagens. Ao fazê-lo, encorajava os estudiosos de textos antigos a tratá-los não como meros exemplares de uma língua em desenvolvimento, mas como uma literatura merecedora de apreciação e críticas sérias.

Mesmo quando tratava somente dos assuntos técnicos da linguagem, Tolkien era um professor apaixonado. Lewis sugere no obituário que isto em parte era produto da longa atenção que dispensara às suas línguas particulares, do fato de não ser simplesmente um estudioso, mas um inventor de línguas: "Por estranho que pareça, foi esta indubitavelmente a fonte de toda aquela riqueza e concretude sem paralelo que mais tarde iriam torná-lo diferente de todos os outros filólogos. Ele esteve dentro da língua."

"Diferente de todos os outros filólogos" soa como um exagero, mas é a pura verdade. A filologia comparada nasceu na Alemanha no século XIX, e, apesar de seus praticantes serem de uma exatidão rigorosa, seus escritos eram de um tédio quase que irredimível. O próprio mentor de Tolkien, Joseph Wright, formara-se na Alemanha, e seus livros, embora constituam uma valiosa contribuição para a ciência da linguagem, não refletem praticamente nada da vigorosa personalidade de Wright. Por mais que amasse seu antigo professor, Tolkien talvez estivesse pensando também em Wright quando escreveu sobre "o filólogo de óculos, inglês mas formado na Alemanha, onde perdeu a sua alma literária".

Tolkien jamais perdeu sua alma literária. Seus escritos filológicos invariavelmente refletem a riqueza de sua mente. Trazia mesmo aos mais intrincados aspectos de seu tema uma graça de expressão e uma

percepção do significado mais amplo do tema. Em nenhum lugar isto está mais bem demonstrado do que em seu artigo (publicado em 1929) sobre o *Ancrene Wisse*, um livro medieval de instrução para um grupo de ermitãs, que provavelmente teve origem nas West Midlands. Numa obra de notável e sutil erudição, Tolkien demonstrou que a linguagem de dois importantes manuscritos desse texto (um deles num colégio de Cambridge, o outro na Biblioteca Bodleiana em Oxford) não era um mero dialeto sem polimento, mas sim uma linguagem literária, com uma tradição ininterrupta, anterior mesmo à Conquista. Expressiu esta conclusão em termos vívidos – e dever-se-ia considerar que aqui ele está realmente falando do seu amado dialeto do centro-oeste como um todo:

“Esta língua não é algo há muito relegado às ‘terras altas’, lutando mais uma vez por expressão, numa emulação apologética do que lhe é superior ou por compaixão pelo decaído, mas sim uma que nunca ‘decaiu’, e que conseguiu, em tempos turbulentos, manter o porte de um cavalheiro, se bem que de um cavalheiro do interior. Tem tradições e alguma familiaridade com os livros e a pena, mas está também em contato íntimo com uma boa fala viva – um solo em algum lugar da Inglaterra.”

Este tipo de texto, vigoroso nas imagens, caracterizava todos os seus artigos e conferências, por mais abstruso ou pouco promissor que pudesse parecer o tema. Nesse aspecto, ele quase fundou uma nova escola de filologia; certamente não houve ninguém antes dele que trouxesse tal humanidade, pode-se mesmo dizer tal emoção, ao assunto; e esse enfoque influenciou muitos de seus mais capazes alunos, que se tornaram, eles mesmos, distintos filólogos.

Deve-se dizer também que ele era extremamente cuidadoso. Enunciados abrangentes e categóricos como o que foi transcrito acima podem ter sido característicos na sua obra; não eram, porém, meras asserções, mas sim o produto de incontáveis horas de pesquisa minuciosa. Mesmo pelos padrões normalmente escrupulosos da filologia comparada, Tolkien era extraordinário. Sua preocupação com a exatidão não pode ser enfatizada em demasia, e essa qualidade era duplamente valiosa por estar aliada a um talento para detectar padrões e relações. “Detectar” é um bom termo, pois não seria uma fantasia descabida imaginá-lo como um Sherlock Holmes linguístico, deduzindo, a partir de uma série aparentemente desconexa de fatos, verdades sobre algum tema de importância vital. Tolkien também demonstrou sua capacidade de “detectar” em um nível mais simples, pois, quando discutia uma palavra ou expressão com um aluno, citava um amplo leque de formas e expressões comparáveis em outras línguas. De forma semelhante, em conversas informais, divertia-se emitindo comentários inesperados sobre nomes, dizendo, por exemplo, que o nome “Waugh” é historicamente o singular de “Wales” (Gales).

Mas tudo isto provavelmente nos faz lembrar a imagem do estudioso em sua torre de marfim. O que *fazia*? Em termos práticos, o que significava ser professor de anglo-saxão em Oxford? A resposta mais simples é que significava uma boa quantidade de trabalho pesado. Os estatutos exigiam que Tolkien desse um mínimo de trinta e seis conferências ou aulas por ano, mas ele não considerava esse número suficiente para abranger toda a matéria, e, no segundo ano após ser eleito, deu cento e trinta e seis. Em parte, isto ocorreu porque havia comparativamente poucos professores de anglo-saxão e médio inglês. Mais tarde, conseguiu a nomeação de um assistente, outro filólogo, professor excelente, se bem que atemorizante, chamado Charles Wrenn, e então pôde adotar um programa de trabalho um pouco menos extenuante. Contudo, ao longo de toda a década de 1930, continuou a dar pelo menos o dobro do número obrigatório de conferências e aulas todos os anos, bem mais do que empreendia a maioria dos seus colegas.

Assim, as aulas e seus preparativos ocupavam uma enorme proporção do seu tempo. Na verdade, esta pesada carga era às vezes mais do que podia administrar com eficiência, e ocasionalmente

abandonava um curso por não dispor de tempo suficiente para preparar as aulas. Oxford explorou avidamente esta falta e conferiu-lhe a reputação de um professor que não conseguia preparar adequadamente as suas aulas, quando, na verdade, ele as preparava com cuidado demasiado. Seu envolvimento era tão profundo que o impedia de dispensar a um tema de tratamento que não fosse absolutamente exaustivo; conseqüentemente, ele muitas vezes se perdia considerando detalhes subsidiários, e não conseguia concluir a exposição do tópico principal.

Seu trabalho também requeria que ele supervisionasse os estudos de pós-graduandos e aplicasse exames dentro da universidade. Adicionalmente ele empreendeu uma boa quantidade de trabalho “freelance” como examinador externo para outras universidades, pois, com quatro filhos para criar, precisava aumentar os seus rendimentos. Durante as décadas de 1920 e 1930 fez frequentes visitas a várias das universidades britânicas na qualidade de examinador, e passou horas incontáveis corrigindo provas. Após a Segunda Guerra Mundial restringiu esta atividade à aplicação regular de exames para a Universidade Católica da Irlanda, quando então passeava pelo Eire e fazia amigos. Isto era bem a seu gosto. Menos atraente, na verdade sempre um esforço desagradável, era a correção dos exames para a obtenção do Certificado Escolar (na época o exame obrigatório das escolas secundárias britânicas), o que fazia anualmente antes da guerra para ganhar dinheiro extra. Seu tempo teria sido mais bem empregado pesquisando ou escrevendo, mas a preocupação com a renda familiar fazia com que no verão gastasse muitas horas nesta tarefa irritante.

Boa parte da sua atenção era ocupada também por assuntos administrativos. Deve-se entender que um catedrático de Oxford, ao contrário dos de muitas outras universidades, não está necessariamente numa posição de poder dentro da sua faculdade. Não tem autoridade sobre os tutores dos colégios, que provavelmente constituem a maior parte da equipe da faculdade, pois são indicados por seus colégios e não são responsáveis perante ele. Assim, se quiser iniciar alguma importante mudança de política, ele tem de adotar táticas persuasivas, não autoritárias. E, ao voltar a Oxford em 1925, Tolkien realmente queria efetuar uma importante mudança: reformar certos aspectos do currículo de Língua e Literatura Inglesa.

Depois da Primeira Guerra Mundial, aumentaram as desavenças entre os cursos de Língua e de Literatura, e cada facção da Escola de Inglês – e eram realmente facções, com animosidades não apenas acadêmicas, mas pessoais – adorava intrometer-se no currículo da outra. A facção da “Língua” fazia questão de que os alunos de “Literatura” passassem boa parte do tempo estudando os ramos mais obscuros da filologia inglesa, enquanto o campo da “Literatura” insistia que os alunos de “Língua” reservassem muitas horas de suas especializações (anglo-saxão e médio inglês) para estudar as obras de Milton e Shakespeare. Tolkien acreditava que isto devia ser remediado. O que achava ainda mais lamentável era que os cursos linguísticos dessem considerável ênfase ao estudo da filologia teórica, sem sugerir que os estudantes fizessem amplas leituras de textos antigos e medievais. Seu amor pela filologia sempre estivera fundamentado num sólido conhecimento de literatura, e ele estava determinado a mudar esse estado de coisas. Outra proposta sua era ampliar o espaço ocupado pelo islandês no currículo, e foi esta esperança um dos motivos que o levou a formar o grupo dos “Mordedores de Carvão”.

Suas propostas necessitavam da aprovação de toda a faculdade, e, no início, ele encontrou bastante oposição. Mesmo C. S. Lewis, que ainda não era seu amigo, estava entre os que votaram contra ele. No entanto, com o passar do tempo, Lewis e muitos outros passaram para o lado de Tolkien e lhe deram seu apoio ativo. Em 1931, ele conseguira (“além de minhas esperanças mais irracionais”, escreveu no diário) obter aprovação geral para a maioria de suas propostas. O currículo revisto foi posto em operação, e, pela primeira vez na história da Escola de Inglês de Oxford, obteve-se algo parecido com

um verdadeiro *rapprochement* entre “Líng.” e “Lit”.

Além da responsabilidade das aulas e dos assuntos administrativos, os catedráticos de Oxford, como em qualquer outro lugar, devem dedicar boa parte do seu tempo à pesquisa. Os contemporâneos de Tolkien tinham grandes esperanças quanto ao seu trabalho nessa área, pois seu glossário para o livro de Sisam, a edição de *Sir Gawain and the Green Knight* com E. V. Gordon e o artigo sobre os manuscritos de *Ancrene Wisse* demonstravam que possuía um domínio inigualável do médio inglês das West Midlands; esperava-se que continuasse a oferecer valiosas contribuições nesse campo. Ele próprio tinha intenção de fazê-lo: prometeu à *Early English Text Society* uma edição do manuscrito de Cambridge do *Ancrene Wisse*, e fez amplas pesquisas sobre este ramo do primitivo inglês medieval, essa língua com “o porte de um cavaleiro, se bem que de um cavaleiro do interior” que tanto amava. Mas a edição permaneceu incompleta por muitos anos, e a maior parte do seu trabalho de pesquisa nunca foi publicado.

Um dos motivos era a falta de tempo. Ele decidira dedicar a maior parte de sua vida profissional em Oxford ao ensino, e isto bastava para limitar a sua capacidade de realização no campo da pesquisa. A correção de provas, para prover o dinheiro necessário, também consumia tempo. Mas, além de tudo isso, havia a questão do perfeccionismo.

Tolkien era obcecado pela perfeição em obras escritas de qualquer espécie, fossem elas narrativas ou trabalhos de filologia. Essa paixão nascia de seu envolvimento emocional com seu trabalho, que lhe permitia tratá-lo apenas com a mais absoluta seriedade. Nada chegava ao prelo sem ter sido antes revisto, reconsiderado e polido – e, nesse aspecto, ele era o oposto de C. S. Lewis, que enviava manuscritos para serem publicados sem ao menos uma segunda leitura. Lewis, bem consciente desta diferença entre ambos, escreveu sobre Tolkien: “Seu padrão de autocritica era alto, e a simples ideia de publicação geralmente bastava para levá-lo a fazer uma revisão, no decorrer da qual lhe ocorriam tantas ideias novas que, quando os amigos esperavam pelo texto final de uma obra antiga, recebiam na verdade o primeiro rascunho de uma obra nova.”

Este é o principal motivo que levou Tolkien a permitir que apenas uma pequena proporção de suas obras fosse impressa. Mas o que chegou a publicar na década de 1930 foi uma importante contribuição aos eruditos. Seu trabalho sobre os dialetos do *Reeve’s Tale* (Conto do Feitor) de Chaucer é leitura obrigatória para quem quiser compreender as variações regionais do inglês do século XIV. (Foi lido perante a Philological Society em 1931, mas só foi publicado em 1934, e mesmo então com uma desculpa típica de Tolkien – o autor ainda achava necessário que o trabalho fosse revisto e melhorado.) E sua conferência *Beowulf: The Monsters and the Critics* (Beowulf: os Monstros e os Críticos), apresentada à Academia Britânica em 25 de novembro de 1936 e publicada no ano seguinte, é um marco na história da crítica deste grande poema anglo-saxão ocidental.

Beowulf, disse Tolkien na conferência, é um poema e não (como frequentemente haviam sugerido outros comentaristas) um mero aglomerado de confusas tradições literárias, ou um texto para exames acadêmicos. E descreveu, em termos caracteristicamente imaginosos, a maneira como os críticos anteriores haviam tratado a obra do poeta de *Beowulf*: “Um homem herdou um campo onde havia um acúmulo de pedras antigas, parte de um edifício mais velho. Algumas das pedras já haviam sido usadas na construção da casa onde ele efetivamente morava, não longe da velha casa de seus ancestrais. Ele tomou algumas das restantes e construiu uma torre. Mas seus amigos, ao chegarem, perceberam imediatamente (sem se darem ao trabalho de subir os degraus) que essas pedras haviam pertencido a uma construção mais antiga. Assim, derrubaram a torre, não sem muito esforço, para procurar entalhes e inscrições ocultas, ou para descobrir de onde os longínquos antepassados do homem haviam obtido seu material de construção. Alguns, suspeitando que houvesse um depósito de carvão

no subsolo, começaram a procurá-lo, e se esqueceram até mesmo das pedras. Todos diziam: ‘Esta torre é extremamente interessante.’ Mas também diziam (depois de a terem derrubado): ‘Em que desordem ela está!’ E até mesmo os descendentes do homem, que deveriam considerar as suas intenções, murmuravam: ‘É um camarada tão esquisito! Imagine, usar essas velhas pedras só para construir uma torre sem sentido! Por que não restaurou a antiga casa? Ele não tinha senso de proporção.’ Mas, do alto daquela torre, o homem pudera contemplar o mar.”

Em sua conferência Tolkien pleiteou a reconstrução daquela torre. Afirmou que, embora *Beowulf* tratasse de monstros e de um dragão, isto não o torna desprezível como poesia heroica. “Um dragão não é imaginação vã”, disse à sua plateia. “Mesmo hoje em dia (a despeito dos críticos) é possível encontrar homens não alheios à lenda trágica e à história, que ouviram falar de heróis e de fato os viram, e que, no entanto, foram capturados pelo fascínio do dragão.”

Este era Tolkien falando, não primariamente como filólogo ou mesmo como crítico literário, mas como contador de histórias. Assim como Lewis, ao falar sobre seu trabalho como filólogo, disse que “Ele esteve dentro da língua”, poderíamos também observar que, quando falava do dragão de *Beowulf*, Tolkien falava como autor do *Silmarillion* e – na época – de *O Hobbit*. Ele esteve no covil do dragão.

Desde que a conferência foi publicada, muitos leitores de *Beowulf* discordaram da visão estrutural do poema adotada por Tolkien. Contudo, mesmo um dos mais severos críticos de sua interpretação, seu antigo tutor, Kenneth Sisam, admitiu que a conferência tem uma “fineza de percepção e elegância de expressão” que a distinguem de muitas outras nesse campo.

A conferência sobre *Beowulf* e o trabalho sobre o *Reeve’s Tale* foram as únicas obras filológicas importantes publicadas por Tolkien na década de 1930. Ele planejava muito mais: além de seu trabalho sobre o *Ancrene Wisse*, pretendia preparar uma edição do poema anglo-saxão *Exodus*, e, de fato, quase a completou, mas o trabalho nunca alcançou uma forma que considerasse satisfatória. Também planejava realizar mais trabalhos com E. V. Gordon, em particular uma edição de *Pearl* (um acompanhamento natural para *Gawain*) e das elegias anglo-saxãs *The Wanderer* (O Caminhante) e *The Seafarer* (O Navegante). Gordon e Tolkien, porém, estavam agora muito afastados geograficamente. Em 1931, Gordon, que fora nomeado sucessor de Tolkien em Leeds, deixou o posto para assumir uma cátedra na Universidade de Manchester, e, apesar de se encontrarem e de trocarem correspondência com frequência, a cooperação demonstrou ser tecnicamente mais difícil do que quando estavam no mesmo lugar. Gordon trabalhou bastante nos três projetos, usando Tolkien como consultor e não como colaborador pleno, mas nada foi publicado até 1938.

No verão desse ano, Gordon foi hospitalizado para uma operação de cálculos biliares. Aparentemente a operação foi bem-sucedida, mas suas condições deterioraram-se subitamente, e ele faleceu de uma doença renal antes insuspeita, aos quarenta e dois anos.

A morte de Gordon privou Tolkien não apenas de um grande amigo, mas também do colaborador profissional ideal; e a esta altura era evidente que *precisava* de um colaborador, nem que fosse apenas para obrigá-lo a entregar algum material ao editor²⁶. Na verdade, havia travado conhecimento com outra filóloga que demonstrou ser uma boa parceira de trabalho, Simonne d’Ardenne, uma graduada belga que estudara médio inglês com ele e obtivera o bacharelado em literatura em Oxford, no começo da década de 1930. Tolkien fez importantes contribuições para a sua edição da *Vida e Paixão de Sta. Juliana*, uma obra religiosa medieval escrita no dialeto do *Ancrene Wisse*. De fato, a *Juliana* de d’Ardenne paradoxalmente contém mais das opiniões de Tolkien sobre o primitivo médio inglês do que qualquer outro trabalho publicado em seu nome. Mlle. d’Ardenne tornou-se professora em Liège, e os dois planejavam preparar uma edição de *Katerine*, outro texto médio-inglês ocidental do mesmo

grupo. Mas sobreveio a guerra e a comunicação entre eles tornou-se impossível durante muito anos, e, após 1945, nada foi produzido por eles exceto alguns artigos curtos sobre tópicos relacionados com o manuscrito do texto. Tolkien poderia ter trabalhado com Mlle. d'Ardenne quando esteve na Bélgica, participando de um congresso filológico em 1951, mas, para sua tristeza, ela percebeu que a cooperação com ele já era impossível – Tolkien tinha sua atenção inteiramente voltada para suas histórias.

Contudo, mesmo considerando lamentável o fato de não ter publicado mais em seu campo profissional, devemos levar em conta a sua ampla influência, pois suas teorias e deduções foram citadas (com ou sem o crédito devido) onde quer que se estude filologia inglesa.

Tampouco podemos esquecer as traduções que fez de *Pearl*, *Sir Gawain and the Green Knight* e *Sir Orfeo*. Tolkien iniciou a tradução de *Pearl* em Leeds na década de 1920, atraído pelo desafio da complexa estrutura métrica e verbal do poema. Terminou-a em 1926, mas não fez nada para publicá-la até que Basil Blackwell propôs a sua publicação na década de 1940, em troca de uma quantia a ser creditada à conta, altamente devedora, de Tolkien na livraria de Blackwell em Oxford. A tradução foi composta, mas Blackwell esperou em vão que Tolkien escrevesse a introdução do volume, e, por fim, o projeto foi abandonado. A tradução de *Gawain*, provavelmente iniciada na década de 1930 ou 1940, ficou pronta a tempo de ser transmitida em forma dramatizada pela BBC em 1953, com uma breve introdução do próprio Tolkien e uma palestra final mais longa. Após o sucesso de *O Senhor dos Anéis*, a editora Allen & Unwin resolveu publicar as traduções de *Gawain* e *Pearl* em um volume. Tendo isto em vista, Tolkien fez uma ampla revisão de ambas as traduções, porém, mais uma vez, fazia-se necessária uma introdução, e ele achou extremamente difícil escrevê-la, indeciso quanto ao que deveria ser explicado ao leitor não erudito a quem se destinava o livro. Novamente, o projeto fracassou, e foi somente após a sua morte que as duas traduções foram publicadas, juntamente com uma versão em inglês moderno de um terceiro poema do mesmo período, *Sir Orfeo*, que Tolkien traduzira durante a guerra para um curso de cadetes em Oxford. A introdução ao volume foi montada por Christopher Tolkien a partir do material que pôde ser encontrado entre os papéis de seu pai.

Estas traduções foram, na verdade, as últimas obras publicadas de Tolkien no campo de filologia, pois, embora não sejam acompanhadas por notas ou comentários, são o resultado de um minucioso estudo de sessenta anos dos poemas, e em muitos trechos proporcionam uma interpretação sólida e esclarecedora de passagens difíceis e ambíguas dos originais. Mais importante, elas trazem esses poemas a um público que não os poderia ter lido em médio inglês, e constituem, portanto, uma digna conclusão da obra de um homem que acreditava que a principal função do linguista era interpretar a literatura, e que a principal função da literatura é proporcionar prazer.

4. Jack

Quando Tolkien retornou a Oxford em 1925, faltava um elemento em sua vida. Desaparecera com o rompimento da T.C.B.S. na batalha do Somme, pois, desde aqueles dias, nunca mais tivera amizade com o mesmo nível de envolvimento emocional e intelectual. Continuara a manter contato com o outro membro sobrevivente da T.C.B.S., Christopher Wiseman; Wiseman, porém, estava agora muito ocupado com os seus deveres como diretor de uma escola particular metodista²⁷, e, quando os dois se encontravam, descobriam que havia pouco em comum entre eles.

Em 11 de maio de 1926, Tolkien participou de uma reunião da Faculdade de Inglês no Merton College. Em meio aos rostos familiares, destacava-se um recém-chegado, um homem de complexão robusta, de vinte e sete anos, usando roupas folgadas, que fora recentemente eleito membro e tutor de Língua e Literatura Inglesa no Magdalen College. Era Clive Staples Lewis, conhecido entre os amigos como “Jack”.

A princípio os dois mantiveram-se cautelosamente arredios. Tolkien sabia que Lewis, apesar de medievalista, fazia parte da facção “literária” e, portanto, era um adversário em potencial, ao passo que Lewis escreveu em seu diário que Tolkien era “um sujeitinho liso, pálido, fluente”, acrescentando que “não há mal nele: só precisa de um ou dois socos”. Lewis, porém, logo veio a sentir uma profunda afeição por aquele homem de rosto comprido e olhos penetrantes, que gostava de boa conversa, risada e cerveja, ao passo que Tolkien tornou-se acessível à mente ágil de Lewis e ao seu espírito generoso, enorme como as suas disformes calças de flanela. Em maio de 1927, Tolkien havia introduzido Lewis no grupo dos Mordedores de Carvão, para participar das leituras de sagas islandesas. Começava uma longa e complexa amizade.

Quem quiser saber algo sobre a importância dessa amizade nas vidas de Tolkien e Lewis deveria ler o ensaio de Lewis sobre a Amizade em seu livro *The Four Loves*. Está tudo lá, o relato de como dois companheiros se tornam amigos quando descobrem uma percepção compartilhada, como sua amizade não é ciumenta mas busca a companhia de outros, como tais amizades são quase que uma necessidade entre os homens, como o maior prazer de todos é um grupo de amigos chegar a uma estalagem após um dia de dura caminhada: “São as sessões douradas”, escreve Lewis, “quando estamos de chinelos, pés estendidos diante do fogo, as bebidas ao lado; quando o mundo todo, e algo além do mundo, abre-se às nossas mentes enquanto conversamos; e nenhum tem qualquer direito ou responsabilidade perante os outros; são todos homens livres e iguais como se nos tivéssemos encontrado pela primeira vez uma hora antes, e, no entanto, ao mesmo tempo, um Afeto amadurecido pelos anos nos envolve. A vida – a vida natural – não tem melhor dádiva para conceder.”²⁸

Era disso que se tratava, dos anos de companheirismo, das excursões a pé, dos amigos reunidos nos aposentos de Lewis nas noites de quinta-feira. Era em parte o espírito da época – como o companheirismo masculino encontrado nos escritos de Chesterton; e era um sentimento compartilhado, se bem que com menos autoconsciência, por muitos homens da época. Tem precedentes nas civilizações antigas e, mais próximo de nós, como decorrência, em parte, da Primeira Guerra Mundial, onde tantos amigos haviam morrido que os sobreviventes sentiam a necessidade de ficar bem próximos. Este tipo de amizade era notável, e ao mesmo tempo inteiramente natural e inevitável. Não era homossexual (Lewis rejeita essa sugestão com merecido ridículo) e, no entanto, excluía as mulheres. É o grande mistério da vida de Tolkien, e pouco compreenderemos se tentarmos analisá-lo. Ao mesmo tempo, quem houver desfrutado uma amizade dessa espécie, saberá exatamente

de que se tratava. E, mesmo que isso nos seja negado, poderemos encontrar algo assim em *O Senhor dos Anéis*.

Como começou? Talvez o “espírito nórdico” fosse a percepção compartilhada que deu início a tudo. Desde o começo da adolescência, Lewis era fascinado pela mitologia nórdica e, ao encontrar em Tolkien outro que se deleitava com os mistérios do Edda e as complexidades da lenda Völsung, percebeu que teriam muito que compartilhar. Começaram a encontrar-se regularmente nos aposentos de Lewis no Magdalen College, quando então chegavam a ficar noite a dentro conversando sobre os deuses e gigantes de Asgard ou discutindo a política da Escola de Inglês. Além disso, também trocavam impressões sobre a sua produção poética. Tolkien emprestou a Lewis o texto datilografado de seu longo poema, “A Gesta de Beren e Luthien”, e Lewis, após ler a obra, escreveu: “Posso dizer com toda a honestidade que há séculos não tenho uma noite tão deliciosa: e o interesse pessoal em ler a obra de um amigo teve muito pouco a ver com isso – eu o teria apreciado da mesma maneira como fosse o trabalho de um autor desconhecido que eu houvesse encontrado numa livraria.” Ele enviou a Tolkien críticas detalhadas do poema, às quais, por brincadeira, deu a forma de uma crítica textual simulada, completa com os nomes de estudiosos fictícios (“Pumpnickel” “Peabody” e “Schick”), que sugeriam que os versos fracos do poema de Tolkien eram simplesmente o produto de erros dos copistas do manuscrito, e não a obra autêntica do poeta. Tolkien divertiu-se, mas não aceitou nenhuma das emendas sugeridas por Lewis²⁹. Contudo, reescreveu quase todos os trechos que Lewis criticara, e de tal maneira que “A Gesta de Beren e Luthien” revista mal podia ser considerada o mesmo poema. Lewis logo descobriu que isto era característico de seu amigo. “Ele tem apenas duas reações à crítica”, observou. “Ou reescreve toda a obra desde o começo, ou então não dá a mínima importância.”

Nessa época – no fim de 1929 – Lewis apoiava os planos de Tolkien para mudanças na Escola de Inglês. Os dois faziam intrigas e discutiam. Lewis escreveu a Tolkien em tom conspiratório: “Perdoe-me se o lembro, mas há orcs disfarçados atrás de cada árvore.” Juntos, empreenderam uma hábil campanha, e foi em parte graças ao apoio de Lewis no Conselho da Faculdade que Tolkien conseguiu a aceitação das suas propostas de reformulação do currículo em 1931.

Em *Surprised by Joy* Lewis escreveu que a amizade com Tolkien “marcou a ruptura de dois antigos preconceitos. Quando vim ao mundo fui prevenido (implicitamente) de nunca confiar num Papista e, quando entrei na Faculdade de Inglês, fui prevenido (explicitamente) de nunca confiar num filólogo. Tolkien era ambas as coisas”. Vencido o segundo preconceito, a amizade concentrou-se no primeiro.

Lewis, filho de um procurador de Belfast, fora criado como um protestante do Ulster. Na adolescência, professara o agnosticismo, ou melhor, descobrira que para ele o maior prazer não estava no cristianismo, mas nas mitologias pagãs. Contudo, ele reviu essa perspectiva. Em meados da década de 1920, após obter uma classificação de Primeira Classe na Escola de Inglês (antes disso, conseguira o mesmo feito duas vezes em Letras Clássicas), e vivendo precariamente como tutor, alcançou o que veio a chamar sua “Nova Visão”, a crença de que o “mito” cristão transmite tanta verdade quanto a maioria dos homens pode compreender. Em 1926, avançou ainda mais, chegando à conclusão de que, ao procurar pela fonte do que chamava “Felicidade”, estava na verdade procurando por Deus. Logo ficou evidente que teria de aceitar ou rejeitar Deus. Nesse momento crítico, tornou-se amigo de Tolkien.

Em Tolkien ele encontrou uma pessoa com o espírito e a verve de um intelectual, e que, não obstante, era um cristão devoto. Durante os primeiros anos da amizade, passaram horas juntos nas novas instalações do Magdalen College, Tolkien refestelado em uma das despojadas poltronas de Lewis, no centro da grande sala de estar, enquanto Lewis, o cachimbo na mão pesada, as sobrancelhas franzidas por trás de uma nuvem de fumaça, caminhava de um lado para outro, falando, escutando,

voltando-se subitamente para exclamar “*Distinguo, Tollers! Distinguo!*”, quando o outro, também envolto em fumaça, fazia uma afirmação por demais ampla. Lewis debatia, mas em termos de crença convencia-se, cada vez mais, de que Tolkien tinha razão. No verão de 1929, chegou a professar o teísmo, uma simples fé em Deus. Mas ainda não era cristão.

Geralmente as discussões com Tolkien tinham lugar na segunda-feira pela manhã, quando conversavam durante uma ou duas horas e depois tomavam uma cerveja no Eastgate, um *pub* próximo. Mas, no dia 19 de setembro de 1931, um sábado, encontraram-se no final da tarde. Lewis convidara Tolkien para jantar em Magdalen, e tinha mais outro convidado, Hugo Dyson, que Tolkien conhecera no Exeter College em 1919. Dyson era então lente de Literatura Inglesa na Universidade de Reading e visitava Oxford com frequência. Era cristão, e um homem de sagacidade felina. Após o jantar, Lewis, Tolkien e Dyson saíram para tomar ar. Era uma noite tempestuosa, mas eles seguiram em frente, pela Addison’s Walk enquanto discutiam o propósito dos mitos. Lewis, apesar de já ser um crente, ainda não conseguia compreender a função de Cristo no cristianismo, não conseguia perceber o significado da Crucificação e da Ressurreição. Disse que tinha de entender o propósito desses eventos – ou, como diria mais tarde numa carta a um amigo, “como a vida e a morte de Outra Pessoa (quem quer que fosse) há dois mil anos pode ajudar- nos aqui e agora – exceto na medida em que seu *exemplo* nos possa ajudar”.

À medida que a noite passava, Tolkien e Dyson mostraram-lhe que estava fazendo uma exigência totalmente desnecessária. Quando encontrava a ideia de sacrifício na mitologia de uma religião pagã, ele a admirava e se emocionava com ela; a ideia da deidade que morre e renasce sempre tocava sua imaginação desde que lera a história do deus nórdico Balder. Mas dos Evangelhos (diziam eles) ele estava exigindo algo a mais, um significado claro além do mito. Não poderia transferir seu apreço comparativamente tácito pelo mito para a história verdadeira?

*Mas, disse Lewis, mitos são mentiras, mesmo que sejam mentiras envoltas em prata.*³⁰

Não, disse Tolkien, não são.

E, indicando as grandes árvores do bosque de Magdalen cujos ramos se curvavam ao vento, enveredou por uma linha diferente de argumentação.

Você chama uma árvore de árvore, disse, e não pensa mais na palavra. Mas não era “árvore” até que alguém lhe desse esse nome. Você chama uma estrela de estrela, e diz que é só uma bola de matéria que se move numa trajetória matemática. Mas isto é meramente como *você* a vê. Nomeando e descrevendo as coisas desta maneira, você está apenas inventando seus próprios termos para elas. E assim como a fala é uma invenção sobre objetos e ideias, assim também o mito é uma invenção sobre a verdade.

Vimos de Deus (continuou Tolkien), e inevitavelmente os mitos que tecemos, apesar de conterem erros, refletem também um fragmento da verdadeira luz, da verdade eterna que está com Deus. De fato, apenas ao fazer mitos, ao se tornar “subcriador” e inventar histórias, é que o Homem pode se aproximar do estado de perfeição que conhecia antes da Queda. Nossos mitos podem ser mal orientados, mas dirigem-se, ainda que vacilantes, para o porto verdadeiro, ao passo que o “progresso” materialista conduz apenas a um enorme abismo e à Coroa de Ferro do poder do mal.

Expondo esta crença na *verdade* inerente da mitologia, Tolkien desnudara o cerne de sua filosofia como escritor, o credo que jaz no coração do *Silmarillion*.

Dyson, à sua própria maneira, afirmou o mesmo que Tolkien. Quer dizer, perguntou Lewis, que a história de Cristo é simplesmente um mito verdadeiro, um mito que nos afeta da mesma forma que os outros, mas um mito que *realmente aconteceu*? Nesse caso, disse ele, começo a compreender.

Finalmente o vento os fez entrar, e a conversa prosseguiu nos aposentos de Lewis até as três da

madrugada, quando Tolkien foi para casa. Após se despedirem dele na High Street, Lewis e Dyson ficaram andando de um lado para outro no claustro de Magdalen, ainda conversando, até o céu clarear.

Doze dias depois, Lewis escreveu ao amigo Arthur Greeves: “Acabo de converter-me da crença em Deus à crença definitiva em Cristo – no cristianismo. Tentarei explicar isto em outra ocasião. Minha longa conversa noturna com Dyson e Tolkien teve muito a ver com isso.”

Entrementes Tolkien, enquanto fiscalizava as Examination Schools, compunha um longo poema registrando o que dissera a Lewis. Chamou-o “Mythopoeia”, a criação de mitos. E escreveu em seu diário: “A amizade com Lewis compensa muita coisa, e além de dar prazer e conforto constantes me fez muito bem pelo contato com um homem ao mesmo tempo honesto, valente, intelectual – um erudito, um poeta e um filósofo – e um amante, ao menos após uma longa peregrinação, de Nosso Senhor.”

Lewis e Tolkien continuaram encontrando-se com frequência. Tolkien lia o *Silmarillion* em voz alta, e Lewis o encorajava a prosseguir e completar a obra. Tolkien mais tarde disse acerca disto: “A dívida inestimável que tenho com ele não é uma ‘influência’ no sentido comum da palavra, mas puro incentivo. Por muito tempo, ele foi o meu único público. Foi somente ele que me fez considerar a ideia de que meu ‘material’ pudesse ser mais do que um passatempo particular.”

A conversão de Lewis ao cristianismo marcou o início de uma nova etapa na amizade com Tolkien. No começo da década de 1930, os dois passaram a depender menos um do outro e a procurar a companhia de outros homens. Em *The Four Loves* Lewis afirma que “dois, longe de ser o número necessário para a Amizade, não é sequer o melhor”, e sugere que cada amigo acrescentado a um grupo traz à luz alguma característica especial nos demais. Tolkien experimentara isto na T.C.B.S.; e o grupo de amigos que agora começava a se reunir era a expressão definitiva do princípio da T.C.B.S., do impulso “gregário” que Tolkien sentira desde a adolescência. Este grupo era conhecido como os Inklings.

O grupo começou a se formar por volta da época (início dos anos trinta) em que os Mordedores de Carvão pararam de se reunir, depois de terem lido todas as principais sagas islandesas e o Edda Antigo. “Inklings” originalmente era o nome de uma sociedade literária fundada em 1931 por um estudante do University College chamado Tangye Lean. Lewis e Tolkien frequentavam as suas reuniões, durante as quais eram lidas e criticadas obras inéditas dos seus membros. Depois que Lean deixou Oxford, o clube se manteve vivo; ou melhor, seu nome, meio por brincadeira, foi transferido para o círculo de amigos que se reunia em torno de Lewis em intervalos regulares.

Os Inklings hoje são parte da história da literatura, e já se escreveu muita coisa sobre eles, a maior parte num tom excessivamente solene. Não eram nada mais (e nada menos) que um grupo de amigos, homens, cristãos, a maioria dos quais se interessava por literatura. Várias pessoas foram apontadas como “membros” neste ou naquele período, quando na verdade não havia um sistema formalizado de associação. Alguns participavam mais ou menos regularmente em diferentes períodos, ao passo que outros eram apenas visitantes ocasionais. Lewis era o núcleo invariável, sem o qual qualquer reunião teria sido inconcebível. Uma lista de outros nomes revelará muito pouco sobre a verdadeira natureza do grupo; mas, se os nomes importam, além de Lewis e Tolkien (quase sempre presente), entre os que participaram das reuniões antes e durante a guerra estavam o major Warren Lewis (irmão de C. S. Lewis, conhecido como “Warnie”), R. E. Havard (um médico de Oxford que frequentava as casas de Lewis e Tolkien), Owen Barfield, amigo de Lewis desde longa data (se bem que, sendo procurador em Londres, Barfield raramente comparecia às reuniões), e Hugo Dyson.

A organização do grupo era absolutamente informal. Não se deve imaginar que as mesmas pessoas

aparecessem semana após semana, ou mandassem desculpas quando não podiam comparecer. Não obstante, havia certos elementos invariáveis. O grupo, ou diversos membros dele, encontrava-se pela manhã, num dia de semana, em um *pub*, geralmente às terças-feiras no Eagle and Child (Águia e Criança), conhecido familiarmente “Bird and Baby” (Pássaro e Bebê); no entanto, durante a guerra, quando a cerveja era escassa e os *pubs* estavam apinhados de soldados, seus hábitos eram mais flexíveis. Nas noites de quinta-feira, eles se encontravam na grande sala de estar de Lewis em Magdalen, depois das nove. Faziam chá, acendiam os cachimbos, e então Lewis dizia, retumbante: “Bem, ninguém tem nada para ler?” Alguém surgia com um manuscrito e começava a lê-lo em voz alta – podia ser um poema, uma história, um capítulo. Em seguida vinham as críticas: às vezes elogios, às vezes censuras, pois os Inklings não eram uma sociedade de admiração mútua. Podia haver mais leituras, mas logo os trâmites do grupo acabavam se transformando em conversas de todos os tipos, às vezes debates acalorados, que iam até tarde da noite.

No fim dos anos trinta, os Inklings foram uma parte importante da vida de Tolkien, e entre suas contribuições às assembleias estiveram leituras do manuscrito ainda inédito de *O Hobbit*. Quando a guerra irrompeu em 1939, outro homem foi recrutado para o grupo de amigos. Era Charles Williams, que trabalhara para a Oxford University Press no escritório de Londres e que, com o resto da equipe, fora transferido para Oxford. Williams tinha cinquenta e tantos anos; seus pensamentos e escritos – era romancista, poeta, teólogo e crítico – já eram conhecidos e respeitados, se bem que por um reduzido círculo de leitores. Em particular, os seus “*thrillers* espirituais” (como foram denominados), romances que tratam de eventos sobrenaturais e místicos em um ambiente mundano, haviam encontrado um público pequeno mas entusiástico. Lewis conhecia e admirava Williams havia algum tempo, mas Tolkien só o encontrara uma ou duas vezes, e, depois de sua entrada no grupo, adotou para com ele uma postura complexa.

Williams, com seu rosto peculiar (meio anjo, meio macaco, como disse Lewis), seu terno azul muito pouco oxfordiano, o cigarro pendendo da boca e um feixe de laudas embrulhadas no *Time & Tide* debaixo do braço, era uma pessoa de um grande encanto natural. Tolkien lembrou vinte anos depois: “Gostávamos um do outro e gostávamos de conversar (especialmente quando se tratava de brincadeira).” Mas acrescentou: “Nada tínhamos para dizer um ao outro em níveis mais profundos (ou mais elevados).” Em parte isto ocorria porque, embora Williams tenha apreciado os capítulos de *O Senhor dos Anéis* apresentados ao grupo, na época, Tolkien não gostava dos livros de Williams, ou, pelo menos, daqueles que lera. Declarou que os achava “totalmente estranhos, às vezes de muito mau gosto, e ocasionalmente ridículos”. E talvez sua reserva em relação a Williams, ou ao lugar de Williams entre os Inklings, não fosse inteiramente intelectual. Lewis acreditava, e declarou em *The Four Loves*, que amigos de verdade não podem se enciumar quando outro se junta a eles. Mas, neste caso, Lewis estava falando de Lewis, não de Tolkien. Obviamente, havia um pouco de ciúme ou ressentimento da parte de Tolkien, e não sem causa, pois agora o foco do entusiasmo de Lewis deslocava-se quase que imperceptivelmente para Williams. Muito tempo depois, Tolkien escreveria que “Lewis era um homem muito impressionável” e mencionaria, em outro contexto, a “influência dominante” que, segundo ele, Williams exercera sobre Lewis, especialmente sobre o seu terceiro romance, *That Hideous Strength*.

Assim, a chegada de Williams a Oxford marcou o princípio de uma terceira fase na amizade de Tolkien por Lewis, um leve distanciamento da parte de Tolkien, que provavelmente o próprio Lewis mal chegava a perceber. Outro elemento contribuía para o arrefecimento da relação, algo ainda mais sutil: a crescente reputação de Lewis como apologista cristão. Como Tolkien desempenhara um papel tão importante no retorno do amigo ao cristianismo, sempre lamentou que Lewis houvesse começado a frequentar a igreja anglicana local, retomando as práticas religiosas da infância, em vez de se tornar

católico como ele. Tolkien nutria um profundo ressentimento pela Igreja da Inglaterra, um ressentimento que às vezes estendia aos seus edifícios; dizia que a apreciação da beleza destes era perturbada pela tristeza de saber que haviam sido corrompidos (a seu ver) ao serem arrebatados ao catolicismo. Quando Lewis publicou uma alegoria em prosa contando a história de sua conversão, com o título *The Pilgrim's Regress*³¹, Tolkien considerou o título irônico. “Lewis tinha de regressar”, disse. “Ele não voltaria ao cristianismo por uma nova porta, mas pela velha: ao menos no sentido de que, ao retomar o cristianismo, também retomaria, ou ressuscitaria, os preconceitos tão persistentemente implantados na infância e na mocidade. Tornou-se novamente um protestante da Irlanda no Norte.”

Em meados dos anos quarenta, Lewis recebia bastante publicidade (“demais”, disse Tolkien, “para o gosto dele ou de qualquer um de nós”) por causa de seus escritos cristãos, *The Problem of Pain* e *The Screwtape Letters*. Ao observar a fama crescente do amigo no campo da religião, Tolkien talvez se sentisse na posição de um mestre ultrapassado pelo aluno que conquista uma fama quase que injustificada. Certa vez, referiu-se a Lewis, de forma não exatamente elogiosa, como “O Teólogo de Todo Mundo”.

Mas, se alguma dessas ideias estava presente na mente de Tolkien no início dos anos quarenta, estava muito abaixo da superfície. Ainda sentia por Lewis um afeto quase ilimitado – na verdade, é possível que ainda tivesse esperanças de que o amigo viesse a se converter ao catolicismo. E os Inklings continuavam a lhe proporcionar prazer e incentivo. “*Hwæt! we Inclinga*”, escreveu parodiando os versos iniciais de *Beowulf*, “*on ardagum searopancolra snyttru gehierdon*.” “Eis que ouvimos nos dias antigos da sabedoria dos Inklings de mentes astutas; como esses sábios sentavam-se juntos em suas deliberações, habilmente recitando o saber e o engenho da canção, meditando sinceramente. Isto era alegria verdadeira!”

5. *Northmoor Road*

“O que faziam as mulheres enquanto isso? Como vou saber? Sou um homem e nunca espionei os mistérios da Bona Dea.” Assim escreve C. S. Lewis em *The Four Loves*, enquanto especula sobre a história da amizade masculina. Este é o corolário inevitável de uma vida centrada na companhia de homens, e em grupos como os Inklings: as mulheres ficam de fora.

Edith Tolkien recebeu uma educação apenas limitada em um internato de meninas que, apesar do bom nível no ensino de música, era apenas medíocre nas outras matérias. Passou alguns anos numa pensão de Birmingham, depois um período em Cheltenham, num lar de classe média, marcadamente não intelectual, e, finalmente, um longo tempo morando com Jennie, uma prima de meia-idade com pouquíssima instrução. Não teve oportunidade de continuar sua educação nem de cultivar sua mente. Mais do que isso, perdeu uma grande parte da sua independência. Preparara-se para uma carreira de professora de piano e, quem sabe, de solista, mas a perspectiva simplesmente se esvanecera, primeiro porque não sentira a necessidade imediata de ganhar a vida, e depois porque se casara com Ronald Tolkien. Naquela época, em circunstâncias normais, não se cogitava que uma esposa de classe média continuasse a ganhar a vida depois de casada, pois isso seria uma indicação de que o marido não conseguia ganhar o suficiente sozinho. Assim, tocar piano tornou-se um mero passatempo, embora ela continuasse a tocar regularmente até a velhice, e sua música deleitasse Ronald. Ele não a incentivou a empreender qualquer atividade intelectual, em parte porque não considerava que isso fosse parte necessária de seu papel de esposa e mãe, e em parte porque a postura que assumira em relação a ela durante o namoro (exemplificada por seu termo favorito para ela, “pequenina”) não estava associada à sua vida intelectual; Tolkien mostrava a Edith um lado da sua personalidade completamente diverso do que exibia aos seus amigos homens. Assim como gostava de ser um homem entre homens com os colegas, em casa esperava viver no que considerava primordialmente um mundo feminino.

Apesar disso, Edith poderia ter contribuído positivamente para a vida de seu marido na universidade. Várias esposas de professores de Oxford conseguiam fazê-lo. Algumas mulheres de sorte, como Lizzie, esposa de Joseph Wright, eram elas mesmas peritas na matéria dos maridos, e podiam assisti-los no trabalho. Muitas outras esposas que, como Edith, não tinham formação universitária podiam, por meio de uma hábil administração doméstica, transformar seus lares em uma espécie de centro social para os amigos dos maridos, e, desse modo, participar de boa parte da sua vida.

Infelizmente, o caso de Edith foi bem diferente. Ela tendia a ser tímida, pois tivera uma vida social muito limitada na infância e na adolescência, e quando foi morar em Oxford, em 1918, ficou amedrontada com o que encontrou. Ela, Ronald e o bebê (e sua prima Jennie, que continuaria a viver com eles até que se mudassem para Leeds) moravam em aposentos modestos numa rua secundária da cidade, e, aos olhos de alguém que não conhecia Oxford, a universidade parecia uma fortaleza quase impenetrável, uma falange de edifícios imponentes onde homens de aspecto importante caminhavam de um lado para outro envergando becas, o lugar onde Ronald desaparecia todos os dias para trabalhar. Quando a universidade se dignava a cruzar a soleira de sua porta, fazia-o na pessoa de jovens polidos mas desajeitados, amigos de Ronald que não sabiam conversar com mulheres, e aos quais ela não sabia o que dizer, pois não havia simplesmente nenhum ponto de contato entre seus mundos. Pior ainda, as visitas podiam ser esposas de professores, como a aterradora sra. Farnell, esposa do reitor de Exeter, cuja presença amedrontava até Ronald. Essas mulheres apenas confirmavam a crença de Edith de que a universidade era inacessível na sua eminência. Elas vinham de suas impressionantes residências nos

colégios ou de suas mansões com torreões no norte de Oxford, arrulhavam condescendentes para o bebê John, e, antes de partir deixavam seus cartões de visita na bandeja do saguão (*um* cartão com seu próprio nome, *dois* cartões com o nome do marido), indicando que a sra. Tolkien deveria naturalmente *retribuir* a visita após um breve intervalo. Edith, porém, não tinha coragem. O que poderia dizer àquela gente se fosse às suas casas? Como conversaria com aquelas mulheres ativas, que falavam sobre gente de quem nunca ouvira falar, sobre filhas de professores, primos portadores de títulos e outras anfitriãs de Oxford? Ronald preocupava-se, pois sabia que seria uma tremenda impropriedade sua esposa não seguir a rígida etiqueta de Oxford. Persuadiu-a a retribuir uma visita a Lizzie Wright, que, apesar de muito culta, não era como a maioria das esposas de professores, pois tinha muito da franqueza e do bom senso do marido; ainda assim, Ronald teve de levá-la à porta dos Wrights, tocar a campainha e depois sair correndo. Todos os outros cartões de visita ficavam juntando pó, as visitas ficavam sem retorno, e tornou-se notório que a esposa do sr. Tolkien *não fazia visitas* e, portanto, deveria ser discretamente excluída da ronda de jantares e recepções.

Então os Tolkiens mudaram-se para Leeds, e Edith descobriu que lá as coisas eram diferentes. As pessoas viviam em casas comuns e modestas, e não havia aquela bobagem dos cartões de visita. Perto da sua, no St. Mark's Terrace, morava a esposa de outro professor que ia visitá-la com frequência. Edith começou também a encontrar vários alunos de Ronald, que iam até sua casa para aulas particulares ou para o chá, e veio a gostar bastante de muitos deles. Muitos desses alunos tornaram-se amigos da família e continuaram a manter contato com ela e a visitá-la. Edith apreciava os bailes informais da universidade, e mesmo as crianças (John, Michael e, no final de sua permanência em Leeds, Christopher) não eram esquecidas, pois a universidade organizava esplêndidas festas de Natal, onde o vice-reitor costumava vestir-se de Papai Noel. Mais tarde, Ronald conseguiu comprar uma casa maior em Darnley Road, longe da fumaça e da sujeira da cidade. Contrataram uma criada e uma babá para as crianças. De modo geral, Edith estava contente.

Mas então, de repente, estavam de volta a Oxford. A primeira casa em Northmoor Road foi comprada por Ronald enquanto Edith ainda estava em Leeds, sem que ela jamais a tivesse visto, e ela achou que era pequena demais. Os meninos mais velhos haviam apanhado tinha depois de usar o pente de um estúdio fotográfico em Leeds, e tiveram de ser submetidos a um tratamento prolongado e caro. Depois da recuperação, passaram a frequentar a Dragon School, onde, no princípio, sentiram-se infelizes no meio da turbulência dos outros garotos. Edith engravidou novamente. Foi só após o nascimento de Priscilla, em 1929, e depois de se mudarem para a casa vizinha, maior, em 1930, que pôde sentir-se estabelecida.

Mesmo assim, a vida familiar nunca chegou a recuperar o equilíbrio que atingira em Leeds. Edith começou a sentir-se ignorada por Ronald. No que diz respeito ao tempo, ele até que ficava bastante em casa; grande parte de sua atividade como professor era realizada lá e não costumava sair mais do que uma ou duas noites por semana. Tratava-se, na verdade, de uma questão afetiva. Ele era amoroso e atencioso, preocupava-se muito com a sua saúde (tanto quanto ela se preocupava com a dele) e era sempre solícito em questões domésticas. Contudo, ela podia perceber que um lado de sua personalidade só vinha à tona quando estava na companhia de homens da sua espécie. Mais especificamente, ela notava, ressentida, a devoção que ele tinha por Jack Lewis.

As crianças gostavam das visitas de Lewis à Northmoor Road porque ele não as tratava com condescendência e dava-lhes livros de E. Nesbit. Na frente de Edith, porém, ele era tímido e desajeitado. Assim ela não conseguia compreender por que Ronald gostava tanto da sua companhia, e começou a sentir um pouco de ciúme. Havia outras dificuldades. Durante a infância, ela tivera uma vida doméstica das mais limitadas e, portanto, não tinha nenhum modelo no qual pudesse se basear

para administrar a casa. Não é de surpreender que camuflasse insegurança com autoritarismo, exigindo que as refeições fossem servidas com rigorosa pontualidade, que as crianças comessem até a última migalha e que os criados executassem o serviço de modo impecável. Por baixo de tudo isto, ela se sentia muito solitária, muitas vezes tendo por companhia, enquanto Ronald estava fora ou no estúdio, apenas os criados e os filhos. A sociedade de Oxford estava gradativamente tornando-se menos rígida, mas ela não confiava nessa sociedade, e fez poucas amigas nas famílias dos demais professores, à exceção de Agnes, esposa de Charles Wrenn. Sofria também de graves dores de cabeça que podiam prostrá-la durante um dia inteiro ou mais.

Ronald logo percebeu que Edith não estava satisfeita com Oxford e, mais especificamente, com os amigos dele; deu-se conta, na verdade, de que sua necessidade de amizades masculinas não era inteiramente compatível com a vida de casado. Acreditava, no entanto, que esse era um dos tristes fatos de um mundo decaído, mas que um homem tem direito a prazeres masculinos e, se necessário, deveria insistir neles. A um filho que pretendia casar-se, escreveu: “Há muitas coisas que um homem sente serem legítimas apesar de causarem encrenca. Ele que não minta a seu respeito, à esposa ou namorada! Que as elimine – ou, se valerem a briga, que insista. Tais assuntos podem surgir frequentemente – o copo de cerveja, o cachimbo, as cartas que não são escritas, o outro amigo etc. etc. Se as reivindicações do outro lado forem realmente desarrazoadas (como às vezes o são entre pessoas que realmente se amam e nos casamentos mais felizes), será muito melhor que sejam resolvidas com uma recusa inequívoca e uma ‘encrenca’ do que com subterfúgios.”

Havia também o problema da atitude de Edith frente ao catolicismo. Antes de se casarem, Ronald a persuadira a deixar a Igreja da Inglaterra e tornar-se católica, e na época ela se melindrara um pouco com isso. Nos anos subsequentes, ela quase desistira de ir à missa. Na segunda década de casamento, seus sentimentos anticatólicos tornaram-se mais exacerbados e, quando a família retornou a Oxford em 1925, ela não escondia o seu ressentimento quando Ronald levava as crianças à igreja. Em parte, isso se devia ao fato de Ronald insistir em confissões frequentes de forma rígida, quase medieval, e Edith sempre detestara confessar seus pecados a um padre. Ele também não conseguia discutir o assunto racionalmente com ela, certamente não com a lucidez que demonstrava nas suas argumentações teológicas com Lewis; mostrava-lhe apenas a sua ligação emocional com a religião, que ela não conseguia compreender. Ocasionalmente, a raiva contida explodia em ataques de fúria; mas, finalmente, após uma dessas explosões em 1940, houve uma reconciliação verdadeira entre Edith e Ronald, quando ela explicou seus sentimentos e até disse que desejava retomar a prática da sua religião. Ela não voltou a frequentar a igreja regularmente, mas, pelo resto da vida, não exibiu mais nenhum sinal de ser contrária ao catolicismo, demonstrando mesmo um grande interesse pelos assuntos da igreja, de modo que até aos amigos católicos dava a impressão de ser uma ativa frequentadora.

Até certo ponto Ronald e Edith viviam vidas separadas em Northmoor Road, dormindo em quartos diferentes e mantendo horários diferentes. Ele trabalhava até tarde, em parte por ter pouco tempo durante o dia, mas também porque só conseguia sentar-se à escrivaninha sem interrupções após ela ter-se deitado. Durante o dia, mal começava a trabalhar, ela o convocava para algum dever doméstico ou para tomar chá com um amigo. Por mais que as suportasse com paciência, essas frequentes interrupções, que em si nada mais eram que uma compreensível exigência de afeto e atenção, deixavam-no profundamente irritado.

Seria errado, porém, ver Edith como alguém totalmente alheia ao trabalho do marido. Durante esses anos ele não compartilhou seus escritos com Edith na mesma medida em que o fizera em Great Haywood; desde então ela não fora incentivada a participar em suas obras, e, entre os seus

manuscritos, apenas as primeiras páginas de “O Livro dos Contos Perdidos” estão na letra dela. Inevitavelmente, porém, ela compartilhou o interesse da família quando ele escrevia *O Hobbit* e *Senhor dos Anéis* e, embora não estivesse bem familiarizada com os detalhes dos livros e não os compreendesse profundamente, essa faceta da vida de Ronald não lhe era inacessível. Na verdade, ela foi a primeira pessoa a ler duas de suas histórias, *Leaf by Niggle* (Folha de Niggle) e *Smith of Wootton Major* (O Ferreiro de Wootton Major); e ele sempre se sentiu animado e encorajado com a aprovação dela.

Ronald e Edith tinham muitos amigos em comum. Alguns tinham ligações com a vida acadêmica, como Rosfrith Murray (filha de sir James Murray, o editor original do Oxford Dictionary) e seu sobrinho Robert Murray, e antigos alunos e colegas como Simonne d’Ardenne, Elaine Griffiths, Stella Mills e Mary Salu. Todos eram amigos da família, parte tanto da vida de Edith como da de Ronald, e isto por si só era uma força que contribuía para uni-los. Ela e Ronald não falavam sempre das mesmas coisas às mesmas pessoas, e, à medida que envelheciam, cada um foi seguindo seu caminho nesse aspecto – Ronald ficava discorrendo sobre um topônimo inglês, aparentemente alheio ao fato de que Edith, no mesmo instante, conversava com a mesma pessoa acerca do sarampo de um neto. Mas isto era algo que os hóspedes regulares aprendiam a enfrentar.

Estes amigos, e outros que conheceram Ronald e Edith Tolkien ao longo dos anos, nunca duvidaram do profundo afeto que os unia, visível, por um lado, nas pequenas coisas – na preocupação quase absurda que cada um demonstrava pela saúde do outro, no cuidado com que escolhiam e embrulhavam seus respectivos presentes de aniversário; e, por outro lado, nos assuntos importantes, no modo como Ronald voluntariamente abandonou tamanha parcela de sua vida de aposentado para dar a Edith os derradeiros anos em Bournemouth, que ele achava que ela merecia, no orgulho que ela demonstrava pela fama de seu marido como autor.

Uma importante fonte de alegria era a família que partilhavam, uma força, talvez a mais poderosa em seu casamento, que os manteve unidos até o fim de suas vidas. Eles adoravam discutir e ruminar cada detalhe da vida dos filhos e, mais tarde, dos netos. Ficaram muito orgulhosos quando Michael ganhou a Medalha George na Segunda Guerra Mundial pela ação como artilheiro antiaéreo, defendendo aeroportos na Batalha da Grã-Bretanha; e sentiram um orgulho semelhante quando John foi ordenado sacerdote pela Igreja Católica, logo após a guerra. Tolkien era imensamente bondoso e compreensivo como pai, nunca se envergonhando de beijar os filhos em público, mesmo depois que se tornaram homens feitos, e nunca reprimindo suas demonstrações de afeto e amor.

Se para nós, que lemos a respeito tantos anos mais tarde, a vida em Northmoor Road parece enfadonha e rotineira, devemos nos dar conta de que não era assim que a família a enxergava na época. Para eles, era uma vida cheia de acontecimentos. Houve a inesquecível ocasião em 1932 quando Tolkien comprou seu primeiro carro, um Morris Cowley apelidado de “Jo” em virtude das duas primeiras letras de seu registro. Depois de aprender a dirigir, foi, com toda a família, visitar o irmão Hilary na sua plantação de frutas em Evesham. Durante a viagem, “Jo” teve dois pneus furados e derrubou parte de um muro de pedras perto de Chipping Norton. Edith recusou-se a viajar no carro durante meses – não sem alguma razão, pois Tolkien era mais audaz que habilidoso no volante. Quando acelerava numa movimentada rua de Oxford para entrar numa lateral, ignorava todos os demais veículos e gritava “*Ataque-os e eles debandam!*” – e de fato debandavam. “Jo” foi mais tarde substituído por um segundo Morris que serviu até o início da Segunda Guerra Mundial, quando o racionamento de gasolina tornou impossível mantê-lo. A esta altura Tolkien percebera os danos que o motor de combustão interna e as novas estradas estavam infligindo à paisagem e, após a guerra, não

comprou outro carro nem voltou a dirigir.

Que mais restou na lembrança dos filhos? Longas horas de verão escavando o asfalto da velha quadra de tênis da Northmoor Road 20 para ampliar a horta, sob a supervisão do pai, que (assim como a mãe) era um entusiástico jardineiro, embora deixasse a John a maior parte do trabalho prático do cultivo de verduras e da poda de árvores, preferindo concentrar sua atenção nas roseiras e no gramado, do qual removia todas as ervas daninhas imagináveis. Os primeiros anos na Northmoor Road, quando houve uma sucessão de jovens babás islandesas, que contavam histórias folclóricas sobre *trolls*. Visitas ao teatro, que o pai sempre parecia apreciar, apesar de afirmar que não aprovava o teatro. O caminho de bicicleta à missa matutina na igreja de Sto. Aloísio, ou na de S. Gregório na Woodstock Road, ou no convento carmelita ali perto. O barril de cerveja na carvoeira atrás da cozinha, que costumava pingar, fazendo (dizia a mãe) com que a casa cheirasse como uma cervejaria. Tardes de julho e agosto passeando de barco no rio Cherwell (era só descer a estrada), flutuando no barco alugado por uma temporada, descendo ao longo dos Parques até a ponte Magdalen, ou, melhor ainda, rio acima em direção a Water Eaton e Islip, onde podiam tomar chá e fazer piqueniques na margem. Caminhadas através dos campos até Wood Eaton, procurando borboletas, voltando depois ao longo do rio, onde Michael se escondia no oco de um velho salgueiro; caminhadas em que seu pai parecia ter um infundável estoque de conhecimento sobre árvores e plantas. Férias de verão à beira-mar, em Lyme Regis, quando o velho padre Francis Morgan vinha de Birmingham para juntar-se a eles, constrangendo as crianças com seus modos ruidosos e turbulentos, como já constrangera Ronald e Hilary em Lyme vinte e cinco anos antes. As férias da família na enseada de Lamorna, na Cornualha, em 1932, com Charles Wrenn, a esposa e a filha, quando Wrenn e Tolkien competiram nadando com chapéus panamá e cachimbos acesos. Foi sobre estas férias que Tolkien escreveu mais tarde: “Havia um sujeito esquisito do lugar, um velho que andava por lá mexericando, falando sobre o tempo e coisas assim. Para divertir meus garotos chamei-o *Gaffer Gamgee* (Vovô Gamgee) e tornou-se costume da família usar o nome para designar velhinhos desse tipo. Escolhi Gamgee principalmente por causa da aliteração, mas não inventei o nome. Na verdade, quando eu era pequeno (em Birmingham) era esse o nome que se usava para ‘algodão cru.’” E as férias em Sidmouth, com caminhadas pelas colinas e maravilhosas lagoas de rochas à beira-mar, quando o pai começava a escrever *O Senhor dos Anéis*; os passeios de carro aos vilarejos a leste de Oxford nas tardes de outono – Worminghall, Brill, Charlton-on-Otmoor – ou para o oeste em Berkshire, onde subiam a White Horse Hill, para ver a mamoa³² conhecida como Forja de Wayland; as lembranças de Oxford, do campo e das histórias que seu pai lhes contava.

6. O contador de histórias

Essas histórias haviam começado nos anos passados em Leeds. John, o filho mais velho, muitas vezes tinha dificuldades para pegar no sono. Quando isso acontecia, seu pai sentava-se na beira da cama e contava-lhe uma história sobre “Carrots”, um menino ruivo que entrava num relógio-cuco e vivia uma série de estranhas aventuras.

Desta forma Tolkien descobriu que podia usar a imaginação que estava criando as complexidades do *Silmarillion* para inventar histórias mais simples. Ele tinha um senso de humor afável e infantil, que se manifestava – à medida que seus filhos cresciam – nas ruidosas brincadeiras com os garotos e nas histórias que contava a Michael quando ele tinha pesadelos. Essas histórias, inventadas nos primeiros dias de Northmoor Road, tinham como protagonista o irreprimível vilão “Bill Stickers”, um homem enorme que sempre conseguia escapar impune. Seu nome fora tirado de um aviso num portão em Oxford que dizia COLADORES DE CARTAZES SERÃO PROCESSADOS³³, e uma fonte semelhante produziu o nome do justiceiro que estava sempre perseguindo Stickers, o major “Road Ahead.”³⁴

As histórias de “Bill Stickers” nunca foram escritas, mas outras foram. Quando tirava férias em Filey com a família, no verão de 1925, Tolkien compôs uma longa história para John e Michael. Michael havia perdido um cachorro de brinquedo na praia, e para consolá-lo o pai começou a inventar e a narrar as aventuras de Rover, um cãozinho que aborrece um feiticeiro, é transformado num brinquedo e depois perdido na praia por um garotinho. Mas isto é apenas o começo, pois Rover é encontrado pelo mago da areia, Psamathos Psamathides, que lhe devolve o poder de mover-se e o envia para visitar a Lua, onde vive muitas estranhas aventuras, especialmente um encontro com o Dragão Branco. Tolkien escreveu esta história com o título de “Roverandom”. Muitos anos depois ofereceu-a a seus editores, hesitantemente, como um possível sucessor para *O Hobbit*; mas na ocasião a história não foi considerada adequada, e Tolkien não voltou a oferecê-la.

O entusiasmo dos filhos por “Roverandom” incentivou-o a escrever mais histórias para diverti-los. Muitas começaram bem mas nunca foram concluídas. Algumas, de fato, nunca passaram de algumas frases, como a história de Timothy Titus, um homem muito pequeno que é chamado “Tim Tit” pelos amigos. Entre outras histórias que foram iniciadas mas logo abandonadas havia o conto de Tom Bombadil, que se passa nos “Dias do Rei Bonhedig” e descreve um personagem que, com certeza, estava destinado a ser o herói do conto: “Tom Bombadil era o nome de um dos mais antigos habitantes do reino; mas era um sujeito robusto e cordial. De botas, tinha quatro pés de altura, e três de largura. Usava um chapéu alto com uma pena azul, sua jaqueta era azul, e suas botas eram amarelas.”

No papel, a história não passou deste ponto, mas Tom Bombadil era uma figura bem conhecida na família Tolkien, já que o personagem tinha como modelo um boneco holandês que pertencia a Michael. O boneco tinha um esplêndido aspecto com sua pena no chapéu, mas John não gostava dele e certo dia enfiou-o no vaso sanitário. Tom foi resgatado e sobreviveu para tornar-se o herói de um poema. “The Adventures of Tom Bombadil” (As Aventuras de Tom Bombadil), publicado na *Oxford Magazine* em 1934. Relata os encontros de Tom com “Goldberry, filha da Mulher do Rio”, com o “Velho Salgueiro” que o encerra no seu tronco oco (uma ideia, disse Tolkien certa vez, provavelmente inspirada nos desenhos de árvores de Arthur Rackham), com uma família de texugos, e com um “Espectro da Tumba”, o fantasma de um túmulo pré-histórico do tipo encontrado nas colinas de Berkshire, próximas a Oxford. Por si só, o poema parece o esboço de algo mais longo, e, em 1937, quando estavam em discussão possíveis sucessores de *O Hobbit*, Tolkien sugeriu a seus editores que

poderia expandi-lo, explicando que Tom Bombadil devia representar “o espírito da (esvanecente) região campestre de Oxford e Berkshire”. A ideia não foi aceita pelos editores, mas Tom e suas aventuras acabaram se tornando parte de *O Senhor dos Anéis*.

Em 1932, a compra de um carro e os subsequentes infortúnios de Tolkien ao volante levaram-no a escrever outra história infantil, “Mr. Bliss”. É um conto sobre um homem alto e magro que vive numa casa alta e estreita, e que compra um automóvel amarelo-vivo por cinco xelins, e sofre notáveis consequências (e um bom número de colisões). A história foi abundantemente ilustrada por Tolkien com tinta e lápis de cor, o texto foi escrito em uma bela caligrafia, e o trabalho foi encadernado em um pequeno volume. “Mr. Bliss” deve um pouco a Beatrix Potter pelo seu humor irônico e a Edward Lear pelo estilo de seus desenhos, embora a abordagem de Tolkien seja menos grotesca e mais delicada que a de Lear. Como “Roverandom” e o poema sobre Bombadil, também esta história foi mostrada aos editores de Tolkien em 1937, e foi recebida com muito entusiasmo. Foram feitos acertos preliminares para sua publicação, não tanto como um sucessor de *O Hobbit*, mas como um divertido tapa-buraco, até que ficasse pronta a verdadeira continuação. No entanto, as figuras multicoloridas implicavam custos mais altos, e os editores perguntaram a Tolkien se não poderia desenhá-las em estilo mais simples. Ele concordou, mas não conseguiu tempo para empreender a tarefa, e o manuscrito de “Mr. Bliss” ficou engavetado durante anos, até ser vendido à Universidade Marquette nos Estados Unidos, juntamente com os manuscritos das histórias publicadas de Tolkien³⁵.

O fato de “Mr. Bliss” ser tão abundantemente ilustrado – de ter, na verdade, sido construído em função dos desenhos – é uma indicação de como Tolkien estava levando a sério o desenho e a pintura. Ele nunca abandonara por completo seu passatempo de infância e, quando estudava em Oxford, ilustrara vários de seus próprios poemas, usando aquarela, tinta colorida ou lápis, começando a desenvolver um estilo que denunciava seu gosto pelas gravuras japonesas – mas com um tratamento bastante pessoal da linha e da cor. A atividade foi interrompida pela guerra e pelo trabalho, mas, em 1925, voltou a desenhar com regularidade, e um dos primeiros resultados concretos foi uma série de ilustrações para “Roverandom”. Mais tarde, nas férias em Lyme Regis em 1927 e 1928, desenhou cenas do *Silmarillion*. Elas mostram como Tolkien visualizava com clareza as paisagens onde suas lendas se passavam, pois em diversos desenhos a própria paisagem de Lyme foi absorvida pelas histórias e investida de mistério.

Nessa época, já era um artista muito talentoso, se bem que, ao desenhar pessoas, não demonstrasse a mesma habilidade que ao desenhar paisagens. Era melhor quando retratava suas amadas árvores e, como Arthur Rackham (cuja obra admirava), conseguia dar às raízes e aos ramos retorcidos uma sinistra mobilidade que, ao mesmo tempo, era absolutamente fiel à natureza.

O talento de Tolkien como contador de histórias e como ilustrador combinavam-se no mês de dezembro, quando chegava uma carta de Papai Noel para as crianças. Em 1920, quando John tinha três anos de idade e a família estava prestes a mudar-se para Leeds, Tolkien escrevera um bilhete para o filho, com uma caligrafia trêmula, assinando “Seu dedicado P. No.”. Desde então, passou a compor uma carta semelhante a cada Natal. Depois deste início singelo, as “Cartas de Papai Noel” tornaram-se maiores e vieram a incluir muitos personagens, como o Urso Polar que mora com Papai Noel, o Homem de Neve que é o seu jardineiro, um elfo chamado Ilbereth que é seu secretário, elfos da neve, gnomos, e uma legião de malévolos duendes que vivem nas cavernas sob a casa de Papai Noel. A cada Natal, muitas vezes em cima da hora, Tolkien escrevia um relato dos recentes acontecimentos no Polo Norte usando a trêmula caligrafia de Papai Noel, as maiúsculas semelhantes a runas do Urso Polar, ou a graciosa caligrafia de Ilbereth. Acrescentava então desenhos, escrevia o endereço no envelope (com sobrescritos tais como “Via gnomo. Urgência imediata!”), pintava e recortava um selo do correio do

Polo Norte, extremamente realista. Por fim entregava a carta. Isto era feito de várias maneiras. A mais simples era deixá-la na lareira como se tivesse sido trazida pela chaminé, e fazer, de manhãzinha, alguns estranhos ruídos, que, juntamente com uma pegada marcada com neve no tapete, indicava que o próprio Papai Noel os visitara. Mais tarde, o carteiro local tornou-se cúmplice e costumava ele mesmo entregar as cartas – assim, como podiam as crianças não acreditar? Continuaram acreditando, de fato, até que cada um chegasse à adolescência e descobrisse, por acaso ou dedução, que seu pai era o verdadeiro autor das cartas. Mesmo então, nada era dito que pudesse destruir a ilusão das crianças mais novas.

Além de se entreterem com as histórias do pai, os filhos Tolkien tinham as estantes sempre repletas de livros infantis. Boa parte de suas leituras era constituída pelos favoritos de infância do próprio Tolkien, como as histórias de “Curdie” de George Macdonald e as coleções de contos de fadas de Andrew Lang, mas também possuíam contribuições mais recentes à literatura infantil, como *The Marvellous Land of the Snergs* (A Maravilhosa Terra dos Snergs) de E. A. Wyke-Smith, publicada em 1927. Tolkien observou que seus filhos divertiam-se muito com os Snergs, “uma raça de gente só um pouco mais alta que uma mesa normal, mas de ombros largos e grande força”.

O próprio Tolkien só encontrava tempo ou disposição para ler uma quantidade limitada de ficção, em geral os romances contemporâneos mais leves. Gostava das histórias de John Buchan e também leu parte da obra de Sinclair Lewis; certamente conhecia *Babbitt*, o romance publicado em 1922 que tinha como protagonista um homem de negócios americano de meia-idade cuja vida bem organizada gradativamente escapa ao seu controle.

O cadinho onde se processa a criação literária contém às vezes estranhos ingredientes, e tanto a *Terra dos Snergs* como *Babbitt* desempenharam um pequeno papel em *O Hobbit*. Tolkien escreveu a W. H. Auden que o primeiro “foi provavelmente uma fonte inconsciente: para os Hobbits, e nada mais”, e disse a um entrevistador que a palavra *hobbit* “pode ter alguma ligação com o Babbitt de Sinclair Lewis! Certamente não com coelho (*rabbit*), como alguns pensam. Babbitt tem a mesma presunção burguesa que os hobbits. Seu mundo é o mesmo lugar limitado”.

Há menos mistérios em torno das origens de outra história que Tolkien escreveu nos anos trinta, em parte talvez para divertir os filhos, mas principalmente para agradecer a si mesmo. Trata-se de *Farmer Giles of Ham* (Mestre Gil de Ham), cujo território, “O Pequeno Reino”, é Oxfordshire e Buckinghamshire, e que evidentemente surgiu das implicações do topônimo Worminghall (que significa “salão do réptil” ou “salão do dragão”), um vilarejo alguns quilômetros a leste de Oxford. A primeira versão da história, consideravelmente mais curta do que o texto finalmente publicado, é um simples conto cujo humor vem mais dos acontecimentos que do estilo da narrativa. Também este trabalho foi oferecido como um possível sucessor para *O Hobbit*, e, como os outros, foi considerado excelente, mas recusado por não corresponder às expectativas dos editores.

Alguns meses depois, no início de 1938, Tolkien devia ler uma conferência sobre contos de fadas para uma sociedade estudantil do Worcester College. Mas a conferência não havia sido escrita, e à medida que o dia se aproximava Tolkien decidiu ler *Farmer Giles* em seu lugar. Decidiu que podia fazer algumas melhorias e na reformulação que se seguiu transformou a obra em uma história mais longa, de humor mais refinado. Poucas noites depois leu-a no Worcester College. “Fiquei muito surpreso com o resultado”, registrou mais tarde. “A plateia aparentemente não se entediou – na verdade, teve convulsões de riso.” Quando ficou evidente que a continuação de *O Hobbit* levaria um tempo considerável para ficar pronta, ele ofereceu aos editores o *Farmer Giles* revisto, e este foi aceito com entusiasmo; mas os atrasos provocados pela guerra e a insatisfação de Tolkien com a escolha de um ilustrador fizeram com que o livro fosse publicado apenas em 1949, com desenhos de uma jovem

artista chamada Pauline Diana Baynes. Tolkien gostou muito do estilo “medieval” dos desenhos e escreveu: “São mais que ilustrações, são um tema colateral.” O sucesso da srta. Baynes com *Farmer Giles* fez com que fosse escolhida como ilustradora das histórias de Nárnia de C. S. Lewis, e, mais tarde, da antologia de poemas de Tolkien e de *Smith of Wootton Major*; ela e o marido tornaram-se mais tarde amigos dos Tolkiens.

Farmer Giles não atraiu muita atenção na época em que foi publicado, e atingiu um público amplo apenas quando o sucesso de *O Senhor dos Anéis* se refletiu sobre as vendas dos demais livros de Tolkien. Em certa época, Tolkien tencionava escrever uma continuação, e esboçou a trama com certo detalhe: a ação se desenrolaria no mesmo lugar e giraria em torno do filho de Giles, George Worming, e de um pajem chamado Suet, e representaria o dragão Chrysophylax. Contudo, em 1945, a paisagem de Oxfordshire, que Tolkien tanto amava, estava marcada pela guerra. Tolkien escreveu aos editores: “A continuação (de *Farmer Giles*) está tramada mas não escrita, e provavelmente assim permanecerá. O Pequeno Reino perdeu seu coração, e os bosques e planícies são aeródromos e alvos para treinamento de bombardeio.”

Embora às vezes tocassem sentimentos profundos, os contos que Tolkien escreveu para os filhos nos anos vinte e trinta eram na verdade *jeux d’esprit*. Seu compromisso real era com temas mais grandiosos, tanto em verso quanto em prosa.

Continuou a trabalhar em seu longo poema “A Gesta de Beren e Lúthien” e nos versos aliterativos que contavam a história de Túrin e do dragão. Em 1926, mandou estes e outros poemas a R. W. Reynolds, seu antigo professor de literatura inglesa na King Edward’s School, e pediu sua apreciação crítica. Reynolds aprovou as peças curtas enviadas por Tolkien, mas não demonstrou muito entusiasmo pelos principais poemas mitológicos. Sem se desencorajar, e incentivado pela opinião favorável de C. S. Lewis ao poema sobre Beren e Lúthien, Tolkien continuou trabalhando em ambos. Contudo, embora o poema sobre Túrin chegasse a mais de dois mil versos, e a “Gesta” a mais de quatro mil, nenhum foi completado, e, na época em que Tolkien começou a rever o *Silmarillion* (depois de escrever *O Senhor dos Anéis*), provavelmente já desistira de incorporá-los ao texto publicado do ciclo. Não obstante, ambos os poemas foram importantes no desenvolvimento das lendas, principalmente a “Gesta”, que contém a versão mais completa da história de Beren e Lúthien.

Os poemas foram também importantes para a evolução técnica de Tolkien como escritor. Os dísticos rimados das estrofes iniciais da “Gesta” têm às vezes um ritmo monótono e rimas banais, mas, à medida que Tolkien adquiria mais experiência nesse estilo, o poema foi se tornando muito mais seguro, e apresenta vários trechos excelentes. Os versos de Túrin são aliterativos, uma versão moderna da forma de versificação anglo-saxã nos quais Tolkien demonstra grande habilidade. Este trecho descreve a infância e a adolescência de Túrin no reino élfico de Doriath:

*Muito aprendeu, e a sabedoria amou
Mas a sorte poucos desejos lhe atendeu;
Muitas vezes o que fazia erro se tomava;
O que amava perdeu, o que desejava não teve;
E amizade plena foi difícil encontrar,
Assim como o amor, pois seu rosto era triste.
Tinha o coração sombrio, raras vezes alegre,
Da dor cruenta que lhe crestou a juventude.
Na idade viril, era tido como poderoso
No manejo das armas; e no tecer da canção
Tinha a mestria do menestrel, mas sem alegria.*³⁶

Ao adaptar e modernizar este antigo estilo poético para seus próprios objetivos, Tolkien realizava um feito incomum e de notável vigor. É pena que tenha escrito – ou publicado – tão poucos poemas aliterativos, pois eles eram muito mais adequados à sua imaginação do que os esquemas de versificação modernos.

Escreveu outros poemas bastante longos durante os anos trinta, nem todos diretamente ligados à sua própria mitologia. Um deles, inspirado nas lendas célticas da Bretanha, era “Aotrou e Itroun” (“Senhor e Senhora” em bretão), cujo manuscrito mais antigo data de setembro de 1930. O poema conta a história de um senhor sem filhos que obtém uma poção de uma feiticeira ou “Corrigan” (o termo genérico bretão para uma pessoa da raça das fadas). Como resultado do filtro, a esposa do senhor dá à luz um par de gêmeos, mas a Corrigan exige, como pagamento, que o senhor se case com ela, e sua recusa tem consequências trágicas. “Aotrou e Itroun” foi publicado alguns anos mais tarde pelo amigo e colega filólogo de Tolkien, Gwyn Jones, na *Welsh Review*. É escrito em versos aliterativos e incorpora também um esquema de rimas.

Há outro importante poema neste período, composto em versos aliterativos, mas sem rimas. É *The Fall of Arthur* (A Queda de Arthur), a única incursão de Tolkien no ciclo arturiano, cujas lendas apreciava desde a infância, apesar de considerá-las “pródigas, fantásticas, incoerentes e repetitivas demais”. As histórias arturianas também não o satisfaziam enquanto mitos por se referirem explicitamente ao cristianismo. Tolkien não mencionou o Graal em seu poema arturiano, mas inicia uma versão pessoal da Morte d’Arthur, onde o rei e Gawain vão à guerra em “terras saxãs”, mas voltam depois de saber da traição de Mordred. O poema não foi concluído, mas recebeu a aprovação de E. V. Gordon e R. W. Chambers, catedrático de Inglês na Universidade de Londres, que o considerou “excelente – realmente heróico, independentemente de seu valor como prova de que a métrica de *Beowulf* pode ser usada no inglês moderno”. É também interessante por ser uma das poucas obras escritas em que Tolkien trata explicitamente da paixão sexual, descrevendo o desejo não correspondido de Mordred por Guinever (a forma como Tolkien decidiu escrever seu nome):

*Seu leito era deserto; lá negros fantasmas
de desejo insaciado e fúria selvagem
pairavam em seu cérebro até a desolada manhã.*³⁷

Mas a Guinever de Tolkien não é a heroína trágica apreciada pela maioria dos escritores arturianos; é, ao invés, descrita como

*cruel senhora,
bela como mulher-fada, mente desumana,
andando no mundo para desgraça dos homens.*³⁸

Embora tivesse abandonado “A Queda de Arthur” em meados dos anos trinta, Tolkien ainda em 1955 escreveu que esperava completá-la. A obra, porém, permaneceu incompleta.

Uma ou duas vezes, Tolkien afastou-se do mítico, lendário e fantástico, e chegou a escrever um conto convencional para adultos, num ambiente moderno. Os resultados não foram notáveis, demonstrando que sua imaginação precisava do mito e da lenda para atingir seu potencial pleno. E, de fato, a maior parte de sua atenção estava ainda ocupada pelo *Silmarillion*. Depois de realizar inúmeras revisões e de reordenar as principais histórias do ciclo, decidiu abandonar a forma “Eriol”, o nome do navegante original a quem eram contadas as histórias, e substituí-la por “Ælfwine”, ou “amigo dos

elfos”. Tolkien também consumia muito tempo (provavelmente mais do que dedicava às histórias propriamente ditas) na elaboração das línguas e dos alfabetos élficos; acabava de inventar um novo alfabeto que inicialmente chamou “Quenyático” e depois “Fëanoriano”, e a partir de 1926 passou a usá-lo em seu diário; também voltava sua atenção com frequência à geografia e a outros tópicos subsidiários dentro do ciclo de lendas.

No final dos anos trinta, todo este trabalho no *Silmarillion* resultara num grande volume de manuscritos, muitos em requintada caligrafia. Tolkien, porém, ainda não tomara nenhuma medida com vistas à publicação de qualquer parte da obra. Na verdade, poucas pessoas sabiam da sua existência. A única pessoa fora da família que tinha conhecimento do fato era C. S. Lewis. Dentre os membros da família, o mais assíduo ouvinte das histórias era Christopher, o terceiro filho de Tolkien. O menino, escreveu Tolkien no seu diário, tornara-se “uma pessoa nervosa, irritadiça, intratável, atormentada, insolente. No entanto, há nele algo de intensamente adorável, pelo menos para mim, justamente por causa da semelhança entre nós”. No início dos anos trinta, Christopher aninhava-se à noite perto da estufa do estúdio para se aquecer e, imóvel, ficava escutando o pai contar (mais de improviso que a partir do texto) sobre as guerras élficas contra o negro poder, e sobre a perigosa viagem de Beren e Lúthien ao coração da férrea fortaleza de Morgoth. Não eram meras histórias: eram lendas que adquiriam vida à medida que seu pai falava, relatos vívidos de um mundo implacável onde abomináveis orcs e um sinistro Necromante vigiavam o trajeto, e um terrível lobo de olhos vermelhos estraçalhava um por um os companheiros élficos de Beren; mas também um mundo onde as três grandes joias élficas, os Silmarilli, brilhavam com uma luz estranha e poderosa, um mundo onde, contrariando todas as probabilidades, a busca podia ser vitoriosa.

Os sentimentos de Tolkien pelo seu terceiro filho talvez tenham contribuído para que começasse um novo livro. Mais explicitamente, este devia suas origens a C. S. Lewis, que disse um dia: “Tollers, as histórias têm muito pouco do que nós realmente apreciamos. Receio que teremos de tentar escrever algumas nós mesmos.” “Combinamos”, disse Tolkien, “que ele tentaria uma ‘viagem no espaço’, e eu uma ‘viagem no tempo’.” Decidiram também que cada história deveria conduzir à descoberta do Mito.

A história de Lewis foi *Out of the Silent Planet*, que acabou sendo o primeiro livro da sua trilogia “Ransom”³⁹. Tolkien respondeu ao desafio com uma história chamada *The Lost Road*, onde dois viajantes no tempo, pai e filho, descobrem a mitologia do *Silmarillion*, ao viajarem à terra de Númenor.

A lenda de Tolkien sobre Númenor, a grande ilha no Ocidente dada aos homens que auxiliaram os Elfos nas guerras contra Morgoth, foi provavelmente composta algum tempo antes de *The Lost Road*, no fim dos anos vinte ou no início dos trinta. Uma de suas origens é o pesadelo que o perturbava desde a infância, a sua “assombração de Atlântida” onde “tinha o apavorante sonho da inelutável Onda, que ora subia de um mar tranquilo, ora pairava, enorme, sobre o verde da terra”. Quando Sauron (o lugar-tenente de Morgoth que já aparecera no longo poema sobre Beren e Lúthien) engana os habitantes de Númenor, fazendo com que desobedeçam a um mandamento divino e naveguem para o Ocidente em direção às terras proibidas, ergue-se uma grande tormenta, uma enorme onda abate-se sobre Númenor, e toda a ilha é lançada no abismo. Atlântida submergiu.

A história de Númenor combina a lenda platônica de Atlântida com as qualidades imaginativas do *Silmarillion*. No fim, Tolkien conta como o mundo, após o desastre de Númenor, tem a sua forma alterada, e as terras do Ocidente são “removidas para sempre dos círculos do mundo”. O próprio mundo é curvado, no entanto a Estrada Reta até o Antigo Ocidente ainda resta para aqueles que conseguirem encontrá-la. É a “Estrada Perdida” que dá nome ao novo livro.

The Lost Road (ao contrário do conto de Númenor ao qual devia servir de introdução) é claramente uma espécie de autobiografia idealizada. Seus protagonistas são um pai e seu filho. O pai, um professor

de história chamado Alboin (a forma lombarda de “Ælfwine”), inventa línguas, ou melhor, descobre que palavras lhe são transmitidas, palavras que parecem ser fragmentos de línguas antigas e esquecidas. Muitas destas palavras referem-se à queda de Númenor, e a história se interrompe, inacabada, quando Alboin e seu filho partem em sua viagem pelo tempo em busca da própria Númenor. A história é um tanto pesada quando retrata o relacionamento entre pai e filho como Tolkien gostaria que fosse; e é notável que nem Alboin nem seu pai (que aparece no início da história) têm de se preocupar com esposas, já que enviuvaram ainda jovens. A história provavelmente foi lida para os Inklings; certamente Lewis escutou a lenda de Númenor, pois refere-se a ela em *That Hideous Strength* usando a grafia incorreta “Numinor”. (Também tomou emprestado a Tolkien quando deu ao seu herói Ransom o prenome “Elwin”, que é uma versão de “Ælfwine”; e, outra vez, quando chamou o Adão e a Eva de *Perelandra* “Tor e Tinidril”, que Tolkien considerava “com certeza um eco” de Tuor e Idril de “A Queda de Gondolin”.)

The Lost Road foi abandonada (“devido à minha lentidão e incerteza”, disse Tolkien) logo depois que os viajantes do tempo chegam a Númenor. Mas Tolkien retomou o tema da viagem no tempo como forma de introduzir a lenda de Númenor no final de 1945, quando começou a escrever “The Notion Club Papers”. A história tem os próprios Inklings (debilmente disfarçados) como ponto de partida, e desta vez são dois professores de Oxford, membros do clube literário informal que dá nome à obra, que partem em viagem pelo tempo. Mas, como sua antecessora, a história é interrompida no final da narrativa introdutória, com uma descrição apenas superficial da viagem no tempo propriamente dita. “The Notion Club Papers” capta grande parte do espírito dos Inklings, embora Tolkien mal esboce um retrato dos amigos. Parte da história chegou a ser impressa, um poema sobre a viagem medieval de S. Brendan, uma lenda que Tolkien adaptou à sua mitologia. Com o título “Imram” (“viagem” em gaélico), o poema foi publicado em *Time & Tide* em 1955. A história em si é um tanto pobre, um melancólico monumento a uma história promissora e inacabada.

Assim, durante os anos vinte e trinta, a imaginação de Tolkien percorria duas trilhas diferentes que não se encontravam. De um lado estavam as histórias compostas por mera diversão, muitas vezes especificamente para o entretenimento de seus filhos. Do outro estavam os temas mais grandiosos, às vezes arturianos ou célticos, mas geralmente associados com as suas próprias lendas. Entrementes nada estava sendo impresso, além de uns poucos poemas na *Oxford Magazine*, que indicavam aos seus colegas que Tolkien se divertia com tesouros de dragões e homenzinhos engraçados com nomes como Tom Bombadil – um passatempo inofensivo, pensavam, se bem que um pouco infantil.

Algo estava faltando, algo que unisse as duas facetas de sua imaginação e produzisse uma história heroica e mítica e, ao mesmo tempo, afinada com a imaginação popular. Naturalmente, ele não se deu conta disto e, quando a peça que faltava repentinamente surgiu, não lhe atribuiu nenhum significado especial.

Foi num dia de verão, quando ele estava sentado à janela do estúdio da Northmoor Road, corrigindo provas do School Certificate. Anos mais tarde, lembrou: “Um dos candidatos misericordiosamente havia deixado uma página sem nada escrito (a melhor coisa que pode acontecer a um examinador), e escrevi nela: ‘*Numa toca no chão vivia um hobbit.*’ Nomes sempre geram uma história em minha mente. Por fim achei que seria melhor eu descobrir como eram os hobbits. Mas isso é apenas o começo.”

V

1925-1949 (ii): A terceira era

1. O sr. Baggins entra em cena

Na verdade, a peça que faltava estivera com ele o tempo todo. Era o lado Suffield da sua personalidade.

O sentimento arraigado de que seu lar era a zona rural do centro-oeste inglês havia definido, desde os tempos de estudante, a natureza do trabalho erudito de Tolkien. Os mesmos motivos que o haviam levado a estudar *Beowulf*, *Gawain* e o *Ancrene Wisse* criaram então um personagem que incorporava tudo que amava no centro-oeste da Inglaterra: o sr. Bilbo Baggins, o hobbit.

Podemos perceber certos precedentes superficiais para esta invenção: os Snergs, o nome Babbitt e, nas histórias do próprio Tolkien, o Tom Bombadil original, de um metro e vinte, e o minúsculo Timothy Titus. Mas isto não nos diz muito. O elemento pessoal é mais revelador. Na história, Bilbo Baggins, filho da vivaz Belladonna Took, uma das três notáveis filhas do velho Took, descendente também dos respeitáveis e sólidos Baggins, é um indivíduo de meia-idade nada aventureiro, que veste roupas sensatas mas gosta de cores vivas, e aprecia comida simples; mas há algo estranho no seu caráter que desperta quando a aventura começa. John Ronald Reuel Tolkien, filho da enérgica Mabel Suffield, uma das três notáveis filhas do velho John Suffield (que viveu quase até os cem anos), descendente também dos respeitáveis e sólidos Tolkiens, era um indivíduo de meia-idade com tendência ao pessimismo, que vestia roupas sensatas mas gostava de coletes coloridos quando podia se dar a esse luxo, e apreciava comida simples. Mas havia algo incomum no seu caráter que já se manifestara na criação de uma mitologia, e o levava agora a começar esta nova história.

O próprio Tolkien tinha plena consciência da semelhança entre o criador e a criação. “Sou de fato um hobbit”, escreveu certa vez, “em tudo exceto no tamanho. Gosto de jardins, árvores e fazendas não mecanizadas; fumo cachimbo, gosto de comida simples (sem refrigeração), mas detesto a cozinha francesa; gosto, e até ousa vesti-los nestes dias aborrecidos, de coletes ornamentais. Aprecio cogumelos (colhidos no campo); tenho um senso de humor muito simples (que cansa até mesmo os críticos que me são favoráveis); deito-me tarde e levanto-me tarde (quando possível). Não viajo muito.” E, como que para enfatizar o paralelo pessoal, Tolkien escolheu para a casa do hobbit o nome “Bag End” (Bolsão), o nome que davam à fazenda de sua tia Jane em Worcestershire. Worcestershire, o condado de onde se originavam os Suffields, e onde seu irmão Hilary cultivava a terra naquela época, é, dentre todos os distritos do centro-oeste inglês, O Condado (The Shire) dos hobbits; Tolkien escreveu sobre ele: “Qualquer canto daquele condado (não importa quão belo ou miserável) é, de um modo indefinível, como nenhuma outra parte do mundo, o meu ‘lar’.” Mas o vilarejo de Hobbiton propriamente dito, com seu moinho e seu rio, encontra-se não em Worcestershire mas sim em Warwickshire, agora meio escondido no cinturão de tijolos vermelhos de Birmingham, mas ainda identificável como a Sarehole onde Ronald Tolkien passou quatro anos de formação.

Os hobbits não devem suas origens meramente a paralelos pessoais. Tolkien certa vez disse a um entrevistador: “Os hobbits são apenas gente rústica inglesa, que criei pequenos de tamanho porque isso reflete o alcance geralmente pequeno da sua imaginação – não o alcance pequeno da sua coragem ou dos seus poderes latentes.” Dito de outra maneira, os hobbits representam a combinação de imaginação reduzida e grande coragem que (como Tolkien vira nas trincheiras durante a Primeira Guerra Mundial) frequentemente conduzia à sobrevivência a despeito de todas as probabilidades. “Sempre fiquei impressionado”, disse certa vez, “com o fato de que estamos aqui, vivos, por causa da indômita coragem de gente bem pequena frente a probabilidades impossíveis.”

De certa maneira, é errado falar dos hobbits como a “peça que faltava” para que as duas facetas da imaginação de Tolkien durante os anos vinte e trinta pudessem encontrar-se e fundir-se; errado ao menos cronologicamente, pois Tolkien provavelmente começou a escrever *O Hobbit* logo no início deste período. Seria mais exato dizer que foi apenas quando concluiu e publicou o livro – na verdade, apenas quando começou a escrever a continuação – que ele percebeu a significação dos hobbits, e viu que eles tinham um papel crucial a desempenhar em sua mitologia. Em si *O Hobbit* começou meramente como mais uma história para diversão. Além disso, quase sofreu o destino de tantas outras, o de permanecer inacabada.

Embora possamos perceber com clareza por que Tolkien começou a escrever a história, é impossível determinar exatamente quando o fez. O manuscrito não fornece nenhuma indicação da data, e o próprio Tolkien era incapaz de lembrar-se das origens precisas do livro. Em um relato disse: “Não tenho certeza, mas acho que “Uma festa inesperada” (o primeiro capítulo) foi escrito às pressas antes de 1935, mas certamente após 1930, quando me mudei para a Northmoor Road 20.” Em outro lugar escreveu: “Sobre uma folha em branco rabisquei ‘*Numa toca no chão vivia um hobbit*’. Eu não sabia e não sei por quê. Não fiz nada a respeito por um bom tempo e durante alguns anos não fiz mais nada além do mapa de Thrór. Mas transformou-se no *Hobbit* no começo dos anos trinta.” A lembrança de um hiato entre a ideia original e a composição do texto principal da história é confirmada por uma anotação de Tolkien numa página do primeiro capítulo original: “Única página preservada da primeira cópia rabiscada de *O Hobbit*, que não passou do primeiro capítulo.” Em 1937, logo após a publicação do livro, Christopher Tolkien registrou (em sua carta ao Papai Noel) este relato das origens do livro: “Papai escreveu faz um tempão e leu para John, para Michael e para mim nas nossas ‘Leituras’ de inverno depois do chá da tarde; mas os capítulos finais eram bem toscos, e nem estavam datilografados; ele terminou há mais ou menos um ano.” E, escrevendo a seus editores durante o mesmo ano, Tolkien declarou: “Meu filho mais velho tinha treze anos quando ouviu a sequência. Não agradou aos mais jovens, que tiveram de crescer para apreciá-la.”

Estas declarações levam a concluir que o livro foi iniciado em 1930 ou 1931 (quando John, o menino mais velho, tinha treze anos); certamente existia um texto datilografado completo (ao qual faltavam somente os capítulos finais) a tempo de ser mostrado a C. S. Lewis no fim de 1932. No entanto, John e Michael Tolkien não creem que este seja o panorama completo, pois lembram-se claramente de terem ouvido certos elementos da história no estúdio da Northmoor Road 22, isto é, antes de 1930. Eles não têm certeza se o que ouviram na época era necessariamente uma história escrita: acreditam que pode muito bem ter sido certo número de contos improvisados que mais tarde foram absorvidos pelo *Hobbit* propriamente dito.

O manuscrito de *O Hobbit* sugere que a composição efetiva da parte principal da história aconteceu num período comparativamente breve: a tinta, o papel e o estilo caligráfico apresentam-se uniformes ao longo do trabalho, as páginas estão numeradas consecutivamente e quase não há divisões em capítulos. Parece também que Tolkien escreveu a história com fluência e pouca hesitação, pois, comparativamente, há poucas rasuras ou revisões. Originalmente o dragão chamava-se “Pryftan”, o nome “Gandalf” pertencia ao chefe dos anões e o mago chamava-se “Bladorthin”. O nome do dragão foi logo alterado para “Smaug”, do verbo germânico *smugan*, que significa “espremer-se por um buraco” – Tolkien disse que era “uma piada filológica sem graça”. Mas o nome “Bladorthin” foi mantido durante algum tempo, e só quando o rascunho estava bem avançado é que o chefe dos anões recebeu o novo nome “Thorin Oakenshield” (Thorin Escudo de Carvalho) e o nome “Gandalf” (tirado, como todos os nomes dos anões, do Edda Antigo) foi dado ao mago, ao qual se adequava perfeitamente em virtude do seu significado em islandês, “elfo-feiticeiro” e, portanto, “mago”.

A história começou, portanto, como um simples divertimento pessoal. Com certeza, inicialmente Tolkien não tinha intenção alguma de relacionar o mundo burguês e confortável de Bilbo Baggins com a vasta paisagem mitológica do *Silmarillion*. Gradativamente, no entanto, elementos da sua mitologia começaram a insinuar-se na obra. Inevitavelmente, uma conexão foi sugerida pelos anões, pois “dwarves” haviam desempenhado um papel na obra anterior; e quando, no primeiro capítulo de *O Hobbit*, o mago mencionava “o Necromante”, havia aí uma referência à lenda de Beren e Lúthien. Logo ficou evidente que a viagem de Bilbo Baggins e seus companheiros passava por um canto daquela Terra-média cuja história primitiva fora relatada no *Silmarillion*. Nas palavras de Tolkien, esse era “o mundo no qual o sr. Baggins se extraviou”. E se os acontecimentos da nova história se passavam evidentemente muito tempo depois dos do *Silmarillion*, então, já que as crônicas anteriores registravam a história da Primeira e da Segunda Era da Terra-média, parecia que *O Hobbit* estava destinado a ser um conto da Terceira Era.

“Escreve-se uma tal história”, disse Tolkien, “a partir do húmus das folhas da mente”; e embora ainda possamos detectar a forma de algumas folhas – a caminhada alpina de 1911, os duendes dos livros de “Curdie” de George Macdonald, um episódio de *Beowulf* onde um cálice é roubado de um dragão adormecido – não é este o ponto essencial da metáfora de Tolkien. Pouco se aprende passando o ancinho por uma pilha de adubo para descobrir quais plantas mortas entraram na sua composição. É muito melhor observar o seu efeito sobre as plantas em desenvolvimento que ele está fertilizando. E no *Hobbit* o húmus das folhas da mente de Tolkien nutriu uma rica vegetação com a qual bem poucos livros de literatura infantil podem comparar-se.

Pois *O Hobbit* é uma história para crianças. Apesar de tê-la integrado à sua mitologia, Tolkien não permitiu que se tornasse esmagadoramente séria ou mesmo adulta no seu tom, mas manteve a intenção original de divertir os próprios filhos e talvez os de outros. Na verdade, essa intenção é por demais consciente e deliberada no primeiro rascunho, que contém um grande número de “apartes” como “Agora você sabe o bastante para continuar” e “Como veremos no final”. Mais tarde, removeu muitos deles, mas alguns permanecem no texto publicado – para pesar dele, pois passou a vê-los com maus olhos e a crer que é um grande erro numa história dirigir-se às crianças com condescendência. “Esqueça os jovens!”, escreveu certa vez. “Não estou interessado na ‘criança’ como tal, moderna ou não, e certamente não tenho intenção de ir ao encontro dele/dela a meio caminho, ou a um quarto do caminho. De qualquer forma, é uma atitude errada – inútil (quando aplicada aos burros) ou perniciosa (quando imposta aos talentosos).” Mas, ao escrever *O Hobbit*, Tolkien ainda sofria do que viria a denominar “as ilusões dos contemporâneos sobre ‘contos de fadas’ e crianças” – enganos aos quais mais tarde renunciaria conscientemente.

A composição da história progrediu com fluência até o trecho, próximo do fim, em que o dragão Smaug está prestes a morrer. Neste episódio Tolkien hesitou, e experimentou novas direções para a narrativa em anotações toscas – algo que faria frequentemente em *O Senhor dos Anéis*, mas que parece ter feito raramente em *O Hobbit*. Essas anotações sugerem que Bilbo Baggins poderia esgueirar-se para dentro do covil do dragão e apunhalá-lo. “Bilbo enterra sua pequena faca mágica”, escreveu. “Espasmos do dragão. Estraçalha as paredes e a entrada do túnel.” Mas esta ideia, que se adequava mal ao caráter do hobbit e não dava a Smaug uma morte suficientemente grandiosa, foi rejeitada em favor da versão publicada, onde o dragão é morto pelo arqueiro Bard. E então, logo após ter descrito a morte do dragão, Tolkien abandonou a história.

Ou, para ser mais exato, não escreveu mais nenhuma parte dela. Para os filhos, havia narrado uma conclusão improvisada da história, mas, como disse Christopher Tolkien, “os capítulos finais eram bem toscos, e nem estavam datilografados”. Na verdade, nem haviam sido escritos. A versão datilografada

da história quase acabada, executada com os tipos pequenos e bem-feitos da máquina Hammond, usando itálicos nas canções, era às vezes mostrada a amigos privilegiados, juntamente com os mapas que a acompanhavam (e talvez já algumas ilustrações), mas não saía com frequência do estúdio de Tolkien, onde jazia, incompleta e com probabilidade de assim permanecer. Os meninos estavam crescendo e não pediam mais “leituras de inverno”, de modo que não havia motivo para terminar *O Hobbit*.

Entre as poucas pessoas a quem foi mostrada a versão datilografada de *O Hobbit* estava uma estudante chamada Elaine Griffiths, que fora aluna de Tolkien e se tornara amiga da família. Por recomendação sua, ela foi empregada pelos editores George Allen & Unwin de Londres para rever a tradução de *Beowulf* feita por Clark Hall, uma popular “cola” dos estudantes. Certo dia em 1936 (algum tempo após *O Hobbit* ter sido abandonado) um membro da equipe da Allen & Unwin veio a Oxford para falar sobre o projeto com Elaine Griffiths. Era Susan Dagnall, que estudara inglês em Oxford na mesma época que Elaine Griffiths e a conhecia bem. Por meio dela, soube da existência da história infantil notável e inacabada que o professor Tolkien escrevera. Elaine Griffiths sugeriu que Susan Dagnall fosse a Northmoor Road e tentasse pedir emprestado o texto datilografado. Susan Dagnall foi, encontrou-se com Tolkien e pediu-lhe o texto. Levou-o para Londres, leu-o e decidiu que certamente valia a atenção de Allen & Unwin. Porém, a história era interrompida logo após a morte do dragão. Ela mandou o texto de volta a Tolkien, pedindo que o concluísse, de preferência logo, para que o livro pudesse ter sua publicação prevista para o ano seguinte.

Tolkien pôs-se a trabalhar. Em 10 de agosto de 1936, escreveu: “*O Hobbit* está agora quase terminado, e os editores clamam por ele.” Tolkien empregou o filho Michael, que sofrera um corte profundo na mão direita numa janela da escola, para ajudar na datilografia usando a mão esquerda. O trabalho foi concluído na primeira semana de outubro, e o texto datilografado foi enviado aos escritórios da Allen & Unwin, perto do Museu Britânico, com o título *The Hobbit, or There and Back Again* (O Hobbit, ou Lá e de Volta Outra Vez).

Stanley Unwin, presidente da empresa, acreditava que os melhores juízes de livros infantis eram as crianças; assim, entregou *O Hobbit* a seu filho Rayner, de dez anos, que o leu e escreveu este relatório:

Bilbo Baggins era um hobbit que vivia em sua toca de hobbit e *nunca* saía para aventuras. Finalmente Gandalf o mago e seus anões o persuadiram a ir. Foi muito emocionante combater contra duendes e wargs. Finalmente chegaram à montanha solitária; Smaug, o dragão que a guarda, é morto e após uma espetacular batalha contra os duendes ele voltou para casa – rico! Este livro, com a ajuda de mapas, não precisa de nenhuma ilustração é bom e deve agradar a todas as crianças entre 5 e 9 anos.

O menino ganhou um xelim pelo relatório, e o livro foi aceito para publicação.

A despeito do que Rayner Unwin escrevera, decidiu-se que *O Hobbit* necessitava de ilustrações. Tolkien era modesto quanto aos seus dotes artísticos e quando, por sugestão dos editores, apresentou alguns desenhos que fizera para a história, comentou: “Para mim os desenhos parecem demonstrar principalmente que o autor não sabe desenhar.” Mas a Allen & Unwin não concordou e aceitou com prazer oito das suas ilustrações em preto e branco.

Embora Tolkien fizesse alguma ideia dos processos envolvidos na produção de livros, surpreendeu-se com o número de dificuldades e desilusões dos meses seguintes; na verdade, as maquinações e às vezes a franca incompetência dos editores e impressores continuaram a espantá-lo até o fim de sua vida. Os mapas de *O Hobbit* tiveram de ser redesenhados porque os originais tinham cores demais. O plano de Tolkien, colocar o mapa geral na guarda e o mapa de Thrór no interior do texto do primeiro capítulo, não foi seguido. Os editores decidiram que ambos os mapas seriam colocados nas guardas, e,

consequentemente, sua ideia de incluir “escrita invisível”, que apareceria quando o mapa de Thror fosse colocado contra a luz, teve de ser abandonado. Tolkien teve também de gastar muito tempo com as provas – se bem que a culpa fosse inteiramente sua. Quando as provas paginadas chegaram à Northmoor Road em fevereiro de 1937, decidiu que teria de fazer substanciais revisões em várias partes do livro, pois enviara o original sem conferi-lo com a sua habitual minúcia, e agora estava descontente com uma série de trechos da história; em particular, não gostava de muitos “apartes” condescendentes aos leitores juvenis, e percebia também uma série de incoerências na descrição da topografia, detalhes que somente o leitor mais agudo e cuidadoso perceberia, mas que ele, com sua paixão pela perfeição, não poderia deixar passar. Em poucos dias, as provas estavam cheias de alterações. Com sua típica deferência aos impressores, certificou-se de que suas revisões ocupassem uma área impressa idêntica à das palavras originais – desperdiçou seu tempo, pois os impressores decidiram recompor todas as seções que revisara.

O Hobbit foi publicado em 21 de setembro de 1937. Tolkien estava um pouco apreensivo com a reação de Oxford, especialmente por ser na época detentor de uma bolsa de pesquisa Leverhulme, e observou: “Agora será muito difícil fazer as pessoas acreditarem que este não é o principal fruto da ‘pesquisa’ 1936-7.” Não precisava ter-se preocupado: a princípio, Oxford quase não prestou atenção.

Alguns dias após sua publicação, o livro recebeu uma homenagem nas colunas do *Times*. “Todos os que apreciam a espécie de livro infantil que pode ser lido e relido pelos adultos”, escreveu o autor da resenha, “devem tomar nota de que uma nova estrela apareceu nessa constelação. Ao olho treinado alguns personagens parecerão quase mitopeicos.” O olho em questão era de C. S. Lewis, na época crítico regular do *Times Literary Supplement*, que conseguira inserir no jornal-matriz esta observação sobre o livro do amigo. Naturalmente, fez também uma resenha entusiástica do livro no próprio *Supplement*. Houve reações igualmente entusiasmadas de muitos outros críticos, embora alguns se divertissem apontando a inépcia da publicidade da editora, que comparava o livro a *Alice no País das Maravilhas* simplesmente porque ambos eram obras de professores de Oxford; e havia algumas vozes discordantes, entre elas a do crítico que escreveu (um tanto enigmaticamente) em *Junior Bookshelf*: “Não aparece a corajosa liberdade da verdadeira aventura.”

A primeira edição de *O Hobbit* esgotou-se no Natal. Fez-se uma apressada reimpressão, na qual foram incluídas quatro das cinco ilustrações coloridas que Tolkien desenhara para o livro; aparentemente ele nunca as oferecera à Allen & Unwin, e só quando passaram pelo escritório da editora a caminho da Houghton Mifflin, que editaria o livro nos Estados Unidos, é que a sua existência foi descoberta. A edição americana, publicada alguns meses depois, também recebeu a aprovação da maioria dos críticos, e mereceu o prêmio de melhor livro juvenil da temporada do *New York Herald Tribune*. Stanley Unwin percebeu que tinha em seu catálogo um *best-seller* infantil. Escreveu a Tolkien: “No ano que vem um grande público estará clamando para ouvir mais de você sobre Hobbits!”

2. “O novo hobbit”

Algumas semanas após a publicação de *O Hobbit*, Tolkien foi a Londres e almoçou com Stanley Unwin para discutir um possível sucessor do livro. Achou que o editor, baixo, de olhos brilhantes e barbudo, parecia-se “exatamente com um dos meus anões, só que não acho que ele fume”. Unwin certamente não fumava, nem bebia álcool (vinha de uma família estritamente não conformista), e também ele achou Tolkien estranho. Unwin soube que Tolkien queria publicar uma grande obra mitológica chamada *Silmarillion*, embora admitisse que não era muito adequada como sucessora das aventuras de Bilbo Baggins; disse também que tinha várias histórias infantis curtas, “Mr. Bliss”, “Farmer Giles of Ham” e “Roverandom”, e um romance inacabado chamado *The Lost Road*. Unwin pediu a Tolkien que mandasse todos os manuscritos ao seu escritório na Museum Street.

Os originais foram enviados e lidos. As histórias infantis foram todas apreciadas, mas nenhuma delas era sobre hobbits, e Stanley Unwin tinha certeza de que era isso o que queriam as pessoas que haviam gostado do primeiro livro. Quanto a *The Lost Road*, era obviamente inadequado a uma plateia juvenil. *O Silmarillion*, porém, constituía um problema mais complexo.

O manuscrito desta longa obra – ou melhor, o monte de manuscritos – chegara à editora num estado um tanto quanto desordenado, e a única seção obviamente contínua parecia ser o longo poema “A Gesta de Beren e Lúthien”. Assim, o poema foi entregue para apreciação a um leitor da editora. O leitor não fez muito caso dele; na verdade foi muito rude ao avaliar os dísticos rimados. Mas apressou-se em dizer que achara cativante a versão em prosa da história de Beren e Lúthien – Tolkien presumivelmente a anexara ao poema com o propósito de completar a história, pois o poema propriamente dito estava inacabado. “Aqui o conto prossegue num ritmo vigoroso”, dizia o relatório recebido por Stanley Unwin; e, entusiasmado (se bem que usando elogios um tanto disparatados), prosseguia: “Ele é contado com uma brevidade e uma dignidade pitoresca que cativam o interesse do leitor a despeito de seus nomes célticos de entortar os olhos. Tem qualquer coisa daquela beleza louca, de olhos brilhantes, que deixa perplexos todos os anglo-saxões que se veem diante da arte céltica.”

Não há provas de que alguma outra parte do *Silmarillion* tenha sido lida pela Allen & Unwin nesta ocasião. Não obstante, Stanley Unwin escreveu a Tolkien em 15 de dezembro de 1937:

O *Silmarillion* contém muito material maravilhoso; na verdade, mais do que um livro em si, é uma mina a ser explorada na composição de mais livros como *O Hobbit*. Creio que essa foi, em parte, a sua própria opinião, não foi? O que necessitamos desesperadamente é de outro livro para reforçar nosso sucesso com *O Hobbit*, e, infelizmente, nenhum destes manuscritos (o poema e o próprio *Silmarillion*) satisfaz nossas necessidades plenamente. Ainda espero que o senhor se inspire a escrever outro livro sobre o Hobbit.

Em sua carta, Unwin também transmitiu a Tolkien os cumprimentos entusiasmados, se bem que mal orientados, do leitor sobre a seção que examinara do *Silmarillion*.

Tolkien respondeu (a 16 de dezembro de 1937):

Minha principal alegria vem de saber que o *Silmarillion* não foi rejeitado com desprezo. Tenho sofrido de um sentimento de temor e privação, bem ridículo, desde que deixei sair essa tolice particular e querida; e penso que se lhe tivesse parecido uma tolice eu me teria sentido realmente arrasado. Mas agora certamente espero poder um dia publicar o *Silmarillion*! Fiquei deliciado com os comentários de seu leitor. Sinto muito que os nomes tenham entortado os seus olhos – eu pessoalmente creio (e creio ser um bom juiz neste aspecto) que são bons e responsáveis por boa parte do efeito. São coerentes e harmoniosos, e feitos a

partir de duas fórmulas linguísticas aparentadas, de modo que atingem uma realidade que não é plenamente atingida por outros inventores de nomes (digamos, Swift ou Dunsany!). Desnecessário dizer que não são célticos! Nem os contos.

Eu não acreditava que algum dos originais que descarreguei em cima do senhor pudesse corresponder às suas expectativas. Mas eu queria saber se algum deles possuía algum valor exterior ou não pessoal. Independentemente destas considerações, penso que, sem dúvida, faz-se necessária uma continuação de *O Hobbit*. Prometo considerar o assunto. Mas tenho certeza de que o senhor compreenderá se eu disser que a construção de uma mitologia elaborada e coerente (e de duas línguas) ocupa bastante a mente, e os Silmarilli estão no meu coração. Assim, sabe-se lá o que vai acontecer. O sr. Baggins começou como um conto humorístico entre anões de conto de fadas de Grimm, convencionais e inconsequentes, e acabou sendo empurrado até os seus limites – de modo que até Sauron, o terrível, deu uma espiada por cima da beirada. E o que mais podem fazer os hobbits? Podem ser cômicos, mas sua comédia é suburbana a não ser que se defronte com coisas mais elementares, poderosas. Mas a verdadeira graça dos orcs e dragões (na minha opinião) foi antes do seu tempo. Talvez uma nova linha (ainda que similar)?

Stanley Unwin provavelmente não compreendeu muito dessa carta, mas, fosse como fosse, Tolkien estava realmente pensando em voz alta e começando a planejar, pois, apenas três dias depois, em 19 de dezembro de 1937, escreveu a Charles Furth, membro da equipe editorial de Allen & Unwin: “Escrevi o primeiro capítulo de uma nova história sobre hobbits – ‘Uma festa muito esperada’.”

A nova história começava de modo muito semelhante ao primeiro conto sobre hobbits. O sr. Bilbo Baggins de Hobbiton dá uma festa para comemorar seu aniversário e, após discursar para seus convidados, coloca o anel mágico que conseguiu em *O Hobbit* e desaparece. A razão para seu desaparecimento nesse primeiro rascunho é que Bilbo “não tinha mais nenhum dinheiro ou joias” e estava partindo em busca de mais ouro de dragões. Neste ponto a primeira versão do capítulo de abertura se interrompe, inacabada.

Tolkien ainda não tinha uma ideia clara do tema da nova história. No fim de *O Hobbit* afirmara que Bilbo “permaneceu muito feliz até o fim dos seus dias, e esses foram extraordinariamente longos”. Assim, como podia o hobbit viver novas aventuras dignas desse nome, sem contradizer essa afirmativa? E ele não explorara a maior parte das possibilidades do caráter de Bilbo? Tolkien decidiu então introduzir um novo hobbit, filho de Bilbo – e dar-lhe o nome de uma família de coalas de brinquedo pertencente a seus filhos, “Os Bingos”. Riscou “Bilbo” no primeiro rascunho, e por cima escreveu “Bingo”. Ocorreu-lhe então outra ideia e ele anotou um lembrete (como faria muitas vezes durante a invenção desta nova história): “Fazer da devolução do anel um motivo.”

O anel, afinal, era um elo com o livro anterior e um dos seus poucos elementos que não havia sido plenamente desenvolvido. Bilbo conseguira-o acidentalmente do viscoso Gollum sob as Montanhas Sombrias. Seu poder de tornar invisível quem o usasse fora plenamente explorado em *O Hobbit*, mas bem que poderia ter outras propriedades. Tolkien fez mais algumas anotações: “O Anel: qual é a sua origem? Necromante? Não muito perigoso, se usado para bons fins. Mas cobra sua penalidade. Ou a gente o perde, ou *a si mesmo*” Reescreveu então o capítulo inicial, chamando o herói de “Bingo Bolger-Baggins” e tornou-o sobrinho, não filho de Bilbo. Datilografou-o, e no começo de fevereiro de 1938 enviou-o a Allen & Unwin, perguntando se Rayner, o filho de Stanley Unwin que escrevera o relatório original sobre *O Hobbit*, se importaria de lhe dar sua opinião a respeito.

Stanley Unwin escreveu em 11 de fevereiro dizendo que Rayner lera o texto e estava encantado: “Vá em frente.”

Tolkien sentiu-se incentivado, mas respondeu: “Acho fácil demais escrever capítulos de abertura – e no momento a história não está se desdobrando. Esbanjei tanto no ‘Hobbit’ original (do qual eu não pretendia escrever uma continuação) que é difícil encontrar qualquer coisa nova naquele mundo.” Não obstante, pôs-se de novo a trabalhar, e escreveu um segundo capítulo que intitulou “Três não é Demais”. Contava como Bingo, com seus primos Odo e Frodo, partia sob as estrelas numa jornada pelo

campo.

“As histórias tendem a descontrolar-se”, Tolkien escreveu a seu editor algumas semanas mais tarde, “e esta deu uma reviravolta não premeditada.” Ele se referia à aparição, que ele não planejara, de um sinistro “Cavaleiro Negro” que evidentemente está procurando pelos hobbits. Era na verdade a primeira de várias reviravoltas não premeditadas que a história sofreria. Inconscientemente, e normalmente sem antecipação, Tolkien desviava seu conto do estilo jovial de *O Hobbit* em direção a algo mais sombrio e grandioso, e mais próximo em concepção ao *Silmarillion*.

Foi escrito um terceiro capítulo, sem título, mas essencialmente o mesmo capítulo que acabou sendo publicado como “Atalho até Cogumelos”. Tolkien datilografou então tudo que escrevera (e reescrevera), e mais uma vez enviou-o a Rayner Unwin para comentários. Mais uma vez o garoto o aprovou, apesar de dizer que havia “muita conversa de hobbit”, e perguntou como se chamaria o livro.

Como, de fato? E, muito mais importante, Tolkien ainda não tinha nem uma ideia clara do tema nem muito tempo para dedicar ao assunto. Além das atividades que normalmente exigiam a sua atenção – aulas, exames, administração, pesquisa – havia a preocupação adicional de um misterioso mal cardíaco diagnosticado no filho Christopher; o menino, que, como os irmãos, fora recentemente internado numa escola católica de Berkshire, teve de ficar em casa por muitos meses, deitado de costas. O pai dedicou-lhe muito tempo e cuidado, e, durante muitas semanas, a nova história não foi reconsiderada. Tolkien fizera uma anotação no fim dos três capítulos que já escrevera: “Bingo vai tomar alguma providência em relação ao Necromante, que planeja um ataque ao Condado. Eles têm de encontrar Gollum e descobrir onde ele obteve o anel, pois três são necessários.” Mas, por mais promissor que isto possa ter parecido inicialmente, não produziu resultados imediatos, e em 24 de julho de 1938, ele escreveu a Charles Furth da Allen & Unwin: “A continuação de *O Hobbit* ficou onde parou. Perdeu minhas graças, e não tenho ideia do que fazer com ela.”

Pouco tempo depois chegou a notícia da morte de E. V. Gordon no hospital, e este golpe contribuiu mais ainda para atrasar a nova história. Nessa época, porém, Tolkien começou a organizar suas ideias sobre o tema central do Anel, e começou a escrever um diálogo entre Bingo e o elfo Gildor, explicando sua natureza. É, diz o elfo, um de vários anéis que foram feitos pelo Necromante, e parece que *ele* está à sua procura. Os Cavaleiros Negros, explica o elfo, são “Espectros do Anel”, que se tornaram permanentemente invisíveis valendo-se de outros anéis. As ideias finalmente começavam a fluir, e Tolkien escreveu um trecho de diálogo entre Bingo e o mago Gandalf onde se determina que o Anel seja levado por muitas centenas de milhas até a sombria terra de Mordor, e lá arremessado em “uma das Fendas da Terra” onde arde um grande fogo. Esta base era suficiente para continuar a história, e conduziu os hobbits à casa de Tom Bombadil. Feito isto, Tolkien escreveu a Allen & Unwin em 31 de agosto de 1938, dizendo que o livro estava “fluindo, e fugindo bastante ao controle. Chegou mais ou menos ao Capítulo VII e progride em direção a metas bem imprevisíveis”. Então saiu em férias para Sidmouth com a família, inclusive Christopher, cuja saúde melhorara bastante.

Lá, trabalhou muito na história, levando os hobbits a uma estalagem num vilarejo chamado “Bree”, onde encontraram um estranho personagem, outro elemento não premeditado na narrativa. Nos primeiros rascunhos Tolkien descreveu esse indivíduo como “um hobbit de aspecto esquisito e rosto moreno”, chamando-o “Trotter”. Mais tarde ele seria remodelado como um homem de estatura heroica, o rei cuja volta ao poder dá título ao terceiro volume do livro; mas, naquela ocasião, Tolkien sabia tanto quanto os hobbits quem era ele. A composição continuou, levando Bingo a Rivendell, e, por volta dessa época, Tolkien rabiscou numa folha solta: “Hobbits demais. Também Bingo Bolger-Baggins é nome ruim. Seja Bingo = Frodo.” Mas debaixo disto escreveu: “Não – agora estou acostumado demais com Bingo.” Havia também o problema de determinar por que o Anel parecia tão importante

para todos – este elemento ainda não fora estabelecido com clareza. Subitamente ocorreu-lhe uma ideia, e escreveu: “O anel de Bilbo demonstrou ser o *um Anel dominante* – todos os outros tinham voltado a Mordor: mas este havia se perdido.”

O anel dominante que controlava todos os demais; o anel que era a fonte e o instrumento do poder de Sauron, o Sombrio Senhor de Mordor; o anel que devia ser levado à sua destruição pelos hobbits, ou, do contrário, o mundo todo cairia sob o domínio de Sauron. Agora tudo se encaixava, e a história ascendeu do nível “juvenil” de *O Hobbit* à esfera do romance grandioso e heroico. Havia até um nome para ela: quando escreveu novamente a respeito para a Allen & Unwin, Tolkien referiu-se ao livro como “O Senhor dos Anéis”.

O que ocorrera era quase inevitável. Tolkien não queria realmente escrever mais histórias como *O Hobbit*; queria continuar com a atividade séria de sua mitologia. E era isto que agora podia fazer. A nova história ligara-se firmemente ao *Silmarillion*, e iria adquirir a dignidade de propósito e o elevado estilo do livro mais antigo. É verdade que os hobbits ainda eram hobbits, gatinha de pés peludos e nomes engraçados como Baggins e Gamgee (a piada familiar sobre o “Vovô Gamgee” levava-o a incluir um personagem com esse nome e, mais importante, à invenção de seu filho “Sam”, que desempenharia um papel vital na história). Em certo sentido, os hobbits haviam saído do livro anterior e entrado na história por acaso. Mas agora, pela primeira vez, Tolkien percebeu o significado dos hobbits na Terra-média. O tema de sua nova história era amplo, mas estaria centralizado na coragem dessa gatinha; e o coração do livro podia ser encontrado nas estalagens e nos jardins do Condado, a representação de Tolkien de tudo o que mais amava na Inglaterra.

Agora que a natureza plena da história se tornara evidente, passaram a ocorrer menos falhas ou reconsiderações. Depois das férias em Sidmouth, Tolkien passou muitas horas do outono de 1938 dando prosseguimento à narrativa, de modo que, no fim do ano, já ia bem avançado o que acabaria por se tornar o Livro II. Geralmente trabalhava à noite, como era seu costume, aquecido pela idiossincrática estufa na lareira de seu estúdio em Northmoor Road, escrevendo no verso de velhas folhas de provas – de modo que grande parte de *O Senhor dos Anéis* está entremeado com fragmentos de ensaios há muito esquecidos, escritos por estudantes. Cada capítulo começava com um rascunho rabiscado e frequentemente ilegível; em seguida vinha uma revisão com letra mais cuidadosa e, finalmente, um texto datilografado na máquina Hammond. A única alteração importante que ainda restava era a questão do nome de herói. Após um breve período no verão de 1939, quando pensou em mudar tudo o que fizera até então e começar tudo de novo, mas tendo Bilbo como herói – presumivelmente baseado no princípio de que o herói do primeiro livro tinha de ser o herói do segundo –, Tolkien voltou à sua intenção de usar o personagem “Bingo”; mas, como o nome “Bingo” se tornara totalmente insuportável para ele, à vista da natureza séria que a história adquirira, mudou-o para “Frodo”, um nome que já pertencia a um personagem secundário. E “Frodo” permaneceu.

Por volta da época em que Tolkien decidiu dar ao livro o título de *O Senhor dos Anéis*, Chamberlain assinou o tratado de Munique com Hitler. Tolkien, como muitos outros na época, não suspeitava tanto das intenções alemãs quanto das da Rússia Soviética; escreveu que tinha “uma aversão a ficar de qualquer lado que inclua a Rússia”, e acrescentou: “Pode-se imaginar que, em última análise, a Rússia provavelmente é muito mais responsável pela atual crise e pela escolha do momento que Hitler.” No entanto, isto não significa que localizar Mordor (a sede do mal em *O Senhor dos Anéis*) no leste seja uma referência alegórica à política mundial contemporânea, pois, segundo o próprio Tolkien, tratava-se de uma “simples necessidade narrativa e geográfica”. Em outra ocasião, ele distinguiu cuidadosamente alegoria e aplicabilidade: “Desagrada-me cordialmente a alegoria em todas as suas manifestações, e,

desde que me tornei velho e cauteloso o bastante para detectar sua presença, sempre me desagradou. Prefiro muito mais a história, verdadeira ou imaginada, com sua variada aplicabilidade ao pensamento e à experiência dos leitores. Penso que muitos confundem ‘aplicabilidade’ com ‘alegoria’, mas uma repousa na liberdade do leitor, e a outra na dominação proposital do autor.” Como C. S. Lewis escreveu sobre *O Senhor dos Anéis*: “Estas coisas não foram criadas para refletir qualquer situação particular no mundo real. Foi o inverso; os eventos reais começaram, horrivelmente, a se conformar ao modelo que ele livremente inventara.”

Tolkien esperava continuar trabalhando no livro nos primeiros meses de 1939, mas houve infindáveis perturbações, entre elas o compromisso de proferir a Conferência Andrew Lang na Universidade de St. Andrews no início de março. Como assunto ele escolhera o tópico prometido à sociedade de estudantes do Worcester College no ano anterior: contos de fadas. Era um tema adequado à ocasião – merecera considerável atenção do próprio Lang e era uma presença constante na mente de Tolkien durante a composição de *O Senhor dos Anéis*. *O Hobbit* era claramente destinado a crianças e o *Silmarillion* a adultos, mas ele tinha consciência de que *O Senhor dos Anéis* não se prestava tão facilmente a uma classificação. Em outubro de 1938, escreveu a Stanley Unwin dizendo que a história estava “esquecendo as ‘crianças’ e tornando-se mais aterradora que *O Hobbit*”. E acrescentou: “Talvez ela se mostre totalmente inadequada.” Contudo, ele acreditava sinceramente que os contos de fadas não se destinavam necessariamente a crianças, e decidiu dedicar grande parte da conferência à demonstração desse argumento.

O ponto crucial fora abordado no poema “Mythopoeia”, escrito para C. S. Lewis muitos anos antes, e ele decidiu citá-lo na conferência:

*O coração do homem não se compõe de mentiras,
mas retira alguma sabedoria do único Sábio,
e ainda O relembra. Embora há muito alheado,
o Homem não está totalmente perdido ou mudado.
Degradado talvez, mas não destronado,
mantém os farrapos do domínio outrora seu:
o Homem, Subcriador, a luz refratada
através da qual um único Branco se fende
em muitos tons, e infinitamente combinada
em formas vivas que se movem de uma mente à outra.
Embora tenhamos preenchido todas as frestas do mundo
com Elfos e Duendes, ousado moldar
Deuses e suas casas com a escuridão e a luz,
e semeado a semente de dragões – era nosso direito
(usado ou abusado). Esse direito não decaiu:
ainda criamos pela lei na qual fomos criados.⁴⁰*

“O Homem, Subcriador”, de certa forma, era um novo modo de expressar o que se costuma chamar “a suspensão voluntária da incredulidade”, e Tolkien fez deste tema o argumento central da conferência.

“O que realmente acontece”, escreveu, “é que o fazedor de histórias é um ‘subcriador’ bem-sucedido. Ele cria um Mundo Secundário onde nossa mente pode entrar. Dentro desse mundo, o que ele relata é ‘verdadeiro’ – conforma-se às leis daquele mundo. Portanto, enquanto estamos, por assim dizer, do lado de dentro, acreditamos no que diz. No momento em que surge a incredulidade, o encanto se rompe, a mágica, ou melhor, a arte falhou. Estamos então de volta ao exterior, ao Mundo Primário, contemplando de fora o pequeno e malogrado Mundo Secundário.”

Na conferência, desenvolveu uma série de teses, talvez até em demasia para uma argumentação

inteiramente convincente. Mas, no fim, afirmou em termos vigorosos que não há função mais elevada para o homem do que a “subcriação” de um Mundo Secundário, tal como ele fazia em *O Senhor aos Anéis*, e exprimiu a sua esperança de que, em certo sentido, essa história e toda a mitologia a ela relacionada pudessem ser consideradas “verdadeiras”. “Todo escritor que cria um mundo secundário”, declarou, “deseja até certo ponto ser um verdadeiro criador, ou espera criar a partir da realidade – que a qualidade peculiar desse mundo secundário (se não todos os detalhes) tenha origem na Realidade ou flua para ela.” Chegou mesmo a afirmar que criar uma história como a que estava escrevendo era um empreendimento especificamente cristão. “O cristão”, disse, “pode agora perceber que todas as suas inclinações e faculdades têm um propósito, que pode ser redimido. É tão grande a graça que recebeu que agora talvez possa ousar crer, com justiça, que na Fantasia ele realmente pode assistir no desdobramento e enriquecimento múltiplo da criação.”

A conferência foi preferida em St. Andrews em 8 de março de 1939 (a data foi muitas vezes situada erroneamente em 1938 e 1940), e depois Tolkien retornou com entusiasmo redobrado à história cujo propósito justificara. A história começara como uma mera “continuação” de *O Hobbit*, por insistência do editor, mas agora, após a expressão de seus elevados propósitos na conferência, o Anel era para ele tão importante quanto os Silmarilli. Na verdade, agora estava claro que *O Senhor dos Anéis* não era tanto uma continuação de *O Hobbit*, mas antes uma continuação do *Silmarillion*. Todos os aspectos da obra anterior desempenhavam um papel na nova história: a mitologia, que lhe conferia um fundo histórico e um sentido de profundidade, as línguas élficas, que desenvolvera de maneira tão minuciosa e completa ao longo de mais de vinte e cinco anos, e até mesmo o alfabeto Fëanoriano, que usara no seu diário de 1926 a 1933, era agora empregado nas inscrições élficas da história. Ainda assim, para os amigos, Tolkien continuava a se referir à história em termos modestos como “o novo Hobbit” ou “a continuação do Hobbit”.

Com este título, a história foi lida perante os Inklings capítulo após capítulo, e recebida com muito entusiasmo, embora nem todos ficassem encantados com a prosa de “estilo elevado” que começou a predominar no livro. Tolkien abandonara o tom relativamente coloquial dos capítulos iniciais por um modo de expressão que se tornava cada vez mais arcaico e solene. Tinha plena consciência disso; tratava-se na verdade de uma postura inteiramente voluntária, que na época chegou a ser considerada por escrito – assim como as intenções do livro haviam sido discutidas na conferência de St. Andrews. Desta vez, o contexto foi a introdução à tradução revista de *Beowulf* feita por Clark Hall. Elaine Griffiths não conseguira completar a revisão, e, como Tolkien não dispunha de tempo, encarregou da tarefa o seu colega Charles Wrenn, que estava na época na Universidade de Londres. Wrenn completou o trabalho rapidamente, mas a Allen & Unwin teve de esperar muitos meses antes de convencer Tolkien a organizar seus pensamentos o bastante para escrever a introdução que prometera para o volume. Quando afinal a escreveu, a introdução acabou por se revelar uma alentada discussão dos princípios da tradução e, particularmente, um argumento a favor da adoção de um “estilo elevado” no tratamento de temas heroicos. Conscientemente ou não, ele estava na realidade discutindo *O Senhor dos Anéis*, que nessa época (início de 1940) chegara à metade do que viria a ser o Livro II.

Na introdução, para justificar o estilo elevado, Tolkien declarou: “Estaremos sabiamente conscientes da nossa própria frivolidade se preferirmos ‘golpear’ ou ‘desferir golpes’ a *bater* e *espancar*, a ‘elocução’ e o ‘discurso’ à *fala* e à *conversa*, os ‘valorosos e intrépidos gentis-homens’ de outrora aos *nobres bem-educados, ilustres* ou *finos* (visões de colunas sociais e gordos na Riviera).” A partir desse instante, passou a pôr em prática esses conceitos estilísticos cada vez mais em *O Senhor dos Anéis*. Era quase que inevitável, pois, à medida que se tornava mais grandiosa em escala e propósito, a história assumia o estilo do *Silmarillion*; Tolkien, no entanto, não reformulou o estilo dos primeiros capítulos, escritos

num tom muito mais leve; ele próprio, ao reler o livro vinte e cinco anos mais tarde, observou: “O primeiro volume é mesmo muito diferente do resto.”

A deflagração da guerra em setembro de 1939 não teve nenhum efeito imediato sobre a vida de Tolkien; mas, durante esses dias, para seu inevitável pesar, a vida familiar sofreu mudanças com a partida dos meninos. John, o mais velho, que estudara inglês na antiga escola do pai, o Exeter College, estava sendo educado para o sacerdócio em Roma, e foi mais tarde evacuado para Lancashire com seus colegas de estudo. Michael passou um ano no Trinity College e depois tornou-se artilheiro antiaéreo. Christopher, recuperado da doença, voltou à escola por um breve período antes de seguir o irmão e entrar para o Trinity College. Apenas Priscilla, a caçula da família, ainda morava em casa. O padrão normal de vida na Northmoor Road sofreu algumas perturbações: as empregadas tornavam-se escassas, às vezes era preciso alojar pessoas de localidades evacuadas, havia galinhas no jardim para aumentar o suprimento de ovos, e Tolkien trabalhava turnos no serviço de vigilância contra ataques aéreos, dormindo na cabana pequena e úmida que servia de quartel-general local. Não houve, porém, ataques aéreos alemães a Oxford, e Tolkien não foi obrigado, como vários professores, a trabalhar para o Ministério da Guerra ou outras entidades governamentais.

À medida que a guerra prosseguia, o caráter da universidade passava por grandes alterações, pois muitos cadetes foram enviados a Oxford para participar de “cursos rápidos” antes de assumir seus deveres de oficiais; Tolkien organizou um currículo para cadetes navais na Escola de Inglês, e modificou muitas de suas aulas para adequá-las a públicos menos especializados. Em termos gerais, no entanto, sua vida era muito parecida com o que fora antes da guerra, e sua aflição diante do prosseguimento das hostilidades devia-se tanto a razões ideológicas quanto pessoais. “As pessoas neste país”, escreveu em 1941, “parecem não ter percebido ainda que temos nos alemães inimigos cujas virtudes (e são virtudes) de obediência e patriotismo são maiores que as nossas em conjunto. Sinto nesta Guerra um rancor profundo e pessoal por Adolf Hitler, aquele ignorantezinho danado que arruinou, perverteu, malbaratou e tornou para sempre maldito o nobre espírito nórdico, uma contribuição suprema à Europa, que sempre amei e tentei apresentar na sua verdadeira luz.”

Muitos anos depois, Tolkien recordou que a composição de *O Senhor dos Anéis* sofreu uma interrupção de quase um ano no final de 1940, no trecho em que a Sociedade descobre o túmulo de Balin em Moria. Se isto é verdade – e outros indícios parecem confirmar que houve um hiato por volta dessa época – esse foi apenas o primeiro de vários atrasos ou hesitações importantes na composição, nenhum deles atribuível a alguma causa externa específica.⁴¹

Quando voltou ao trabalho, Tolkien traçou linhas gerais para o fim da história – que, ele imaginava, exigiria apenas mais alguns capítulos – e começou a esboçar o episódio em que dois dos hobbits encontram Barbárvore (Treebeard), o ser que é a expressão definitiva do amor e do respeito de Tolkien pelas árvores. Ao terminar este capítulo, ele elaborou a maneira de falar de Barbárvore, “*Hrum, Hroom*”, inspirando-se (como disse a Nevill Coghill) na retumbante voz de C. S. Lewis.

No início, a Allen & Unwin esperava que a nova história estivesse pronta para publicação apenas alguns anos após o lançamento de *O Hobbit*. Essa esperança se desvanecera, e em 1942 até mesmo o *Hobbit* original teve de sair de catálogo quando o estoque de exemplares foi queimado na *blitz* de Londres. Mas Stanley Unwin continuou interessado no progresso do “novo Hobbit”, e em dezembro de 1942 recebeu uma carta de Tolkien que relatava: “Está agora se aproximando da conclusão. Espero conseguir um pouco de tempo livre nestas férias, e posso ter esperanças de terminá-lo no início do próximo ano. Chegou ao Capítulo XXXI e necessitará de, pelo menos, mais seis (já estão esboçados).”

Contudo, o Capítulo XXXI (o atual capítulo 9 do volume 2 – “Escumbros e Destroços”) situava-se apenas no fim do que viria a ser o Livro III – haveria não seis, mas trinta e um capítulos adicionais

antes de o livro estar completo. Tolkien tentou trabalhar na história durante os meses seguintes e conseguiu desenvolvê-la um pouco mais. Mas, no verão de 1943, teve de admitir que estava “empacado”.

Um dos motivos era o seu perfeccionismo. Não contente em escrever um livro volumoso e complexo, achava que cada detalhe isolado devia se ajustar de maneira satisfatória ao esquema total. A geografia, a cronologia e a nomenclatura tinham de ser inteiramente coerentes. Ele recebeu alguma ajuda na geografia – Christopher desenhou um elaborado mapa do território coberto pela história. O próprio Tolkien fazia esboços de mapas desde que começara a trabalhar no livro: “Se você vai fazer uma história complicada, deve trabalhar com um mapa; de outra forma, você nunca irá mapeá-la depois”, disse certa vez. Mas o mapa não era suficiente – ele fazia cálculos intermináveis de tempo e distância, dispondo os eventos da história em tabelas elaboradas, onde constavam datas, dias da semana, horas e às vezes até mesmo a direção do vento e a fase da lua. Em parte, era a sua habitual busca da perfeição, em parte, o prazer puro da “subcriação”, mas, principalmente, a preocupação de compor uma imagem totalmente convincente. Muito tempo depois, ele disse: “Eu queria que as pessoas simplesmente entrassem nesta história e a considerassem (em certo sentido) historicamente verdadeira.”

A criação de nomes também ocupou muito a sua atenção, como era inevitável, pois as línguas inventadas a partir das quais desenvolvia os nomes eram simultaneamente a mola-mestra da sua mitologia e, por si só, uma atividade fundamental do seu intelecto. Mais uma vez, as línguas élficas Quenya e Sindarin, agora mais elaboradas do que na época em que iniciara o *Silmarillion*, vinte e cinco anos antes, tinham um papel preponderante na criação de nomes, e eram usadas na composição de poemas e canções élficas. A história também exigia a invenção, pelo menos, dos rudimentos de diversas outras línguas, e tudo isto consumia tempo e energia. Além disso, havia chegado a um ponto em que a história se dividia em diversas cadeias de eventos independentes e complexos, e, embora acreditasse que levaria apenas dois ou três capítulos para conduzir Frodo e Sam Gamgee a Mordor, ainda não se sentia capaz de enfrentar a necessidade de solucionar a complexidade dos acontecimentos simultâneos em Gondor e Rohan. Ele levava quase seis anos para trazer a história a tal ponto – como encontraria tempo e energia para terminá-la? E para completar e rever o *Silmarillion*, que ainda clamava por atenção? Estava com cinquenta e um anos, cansado e temeroso de não conseguir realizar nada. Já ganhara a reputação de postergar suas obras filológicas quase que indefinidamente, e isto, embora entristecedor, às vezes o divertia; mas nunca terminar sua mitologia era uma perspectiva apavorante e desanimadora.

Certo dia, por volta dessa época, lady Agnew, que morava em frente à sua casa na Northmoor Road, contou-lhe que estava preocupada por causa de um grande choupo que, segundo ela, impedia o seu jardim de receber sol e poderia desabar em cima de sua casa durante uma ventania. Tolkien achou isto ridículo. “Uma ventania que conseguisse desenraizá-la e arremessá-la sobre a casa”, disse, “conseguiria acabar com ela e com a sua casa sem qualquer ajuda da árvore.” Mas o choupo já fora podado e mutilado, e, embora conseguisse salvá-lo na ocasião, Tolkien começou a pensar a respeito. Afinal ele estava “preocupado com a minha própria Árvore interior”, a sua mitologia – parecia haver uma analogia.

Certa manhã, acordou com um conto na cabeça e anotou-o às pressas. Era a história de um pintor chamado Niggle, um homem que, como Tolkien, “se preocupava”⁴² com detalhes: “Costumava passar bastante tempo numa única folha, tentando capturar sua forma, seu brilho, a cintilação das gotas de orvalho nas suas bordas. No entanto, queria pintar uma enorme árvore. Havia um quadro em particular que o incomodava. Começara com uma folha ao vento e transformara-se numa árvore; e a

árvore crescia, emitindo inúmeros ramos, e estendendo as mais fantásticas raízes. Estranhos pássaros vinham e pousavam nos galhos e tinham de receber atenção. Então, em redor da árvore, e atrás dela, nos vãos das folhas e ramos, uma paisagem começou a se revelar.”

Na história, que recebeu o nome de *Leaf by Niggle*, Tolkien expressou seus piores temores pela sua Árvore mitológica. Como Niggle, ele sentia que seria arrebatado da sua obra muito antes de tê-la concluído – se é que podia ser concluída neste mundo, pois é em outro lugar, mais luminoso, que Niggle encontra sua Árvore concluída e descobre que ela é uma árvore real, uma parte autêntica da criação.

A história levou meses para ser publicada, mas o próprio fato de escrevê-la ajudou-o a exorcizar parte do seu temor e a retomar a composição de *O Senhor dos Anéis*; o impulso imediato, porém, veio de C. S. Lewis.

No começo de 1944, *O Senhor dos Anéis* jazia intocado havia muitos meses, e Tolkien escreveu: “Parece-me que não tenho qualquer energia mental ou inventividade.” Mas Lewis notara o que estava acontecendo, e instou Tolkien a pôr-se de novo a escrever e terminar a história. “Eu precisava de um pouco de pressão”, disse Tolkien, “e provavelmente vou reagir.” No início de abril, retomou o trabalho, começando a escrever o que viria a se tornar o Livro IV, que conduz Frodo e Sam Gamgee através dos pântanos em direção a Mordor, onde esperam destruir o Anel lançando-o nas Fendas do Destino (*The Cracks of Doom*).

Christopher Tolkien fora recrutado pela Real Força Aérea e enviado à África do Sul para ser treinado como piloto (para grande desgosto do seu pai, que considerava a guerra aérea imoral e excessivamente perigosa). Tolkien já escrevia longas cartas a Christopher, e agora essas cartas passaram a conter também um relato detalhado de como o livro progredia, e das suas leituras diante dos irmãos Lewis e Charles Williams no White Horse, um *pub* que frequentavam na época. Eis alguns excertos dessas cartas:

Quarta-feira, 5 de abril de 1944: “Dei início a um esforço sério para terminar meu livro, e tenho trabalhado até bem tarde da noite: foram necessárias muitas releituras e muitas pesquisas. E voltar à carga é uma atividade dolorosa e complicada. Umhas poucas páginas por um bocado de suor; mas no momento eles acabaram de encontrar Gollum num precipício.”

Sábado, 8 de abril: “Passei parte do dia (e da noite) lutando com o capítulo. Gollum está se dando bem no seu retorno. Uma linda noite com lua alta. Por volta das duas da madrugada estive no jardim, quente e banhado em prata, desejando que nós dois pudéssemos ir passear. Daí fui deitar-me.”

Quinta-feira, 13 de abril: “Sinto sua falta a toda hora, e estou solitário sem você. Tenho amigos, naturalmente, mas raramente posso vê-los. Estive com C. S. L. e Charles Williams ontem, durante quase duas horas. Li meu capítulo recente; recebeu aprovação. Comecei outro. Cópias adicionais serão datilografadas, se possível, e mandadas a você. Agora voltarei a Frodo e Gollum por uns momentos.”

Sexta-feira, 14 de abril: “Consegui escrever por uma hora ou duas, e levei Frodo quase até os portões de Mordor. Cortando a grama de tarde. O período letivo começa na semana que vem, e vieram as provas dos exames de Gales. Ainda assim continuarei o ‘Anel’ em qualquer momento disponível”

Terça-feira, 18 de abril: “Espero encontrar C. S. L. e Charles W. amanhã de manhã e ler o capítulo seguinte – sobre a passagem dos Pântanos Mortos e a aproximação dos Portões de Mordor, que agora praticamente terminei. O período letivo está quase começando: orientei a srta. Salu durante uma hora. A tarde foi gasta com encanamentos (consertando um vazamento) e com a limpeza das aves. Estão botando generosamente (9 de novo ontem). As folhas apareceram: o cinza-esbranquiçado do marmeleiro, o verde-acinzentado das macieiras jovens, o verde profundo do estrepeiro, pendões de flores até nos choupos preguiçosos.”

Domingo, 23 de abril: “Li meu segundo capítulo, Passagem dos Pântanos, a Lewis e Williams na qua. de manhã. Foi aprovado. Agora quase terminei o terceiro: Portões da Terra das Trevas. Mas essa história toma conta de mim, e já escrevi três capítulos onde pretendia escrever um! E negligenciei muitas coisas para fazê-lo. Estou agora simplesmente enredado nela; tenho de desvencilhar a minha mente para cuidar das provas e das aulas.”

Terça-feira, 25 de abril: “Dei uma aula fraca, encontrei-me com os Lewis e C. W. (White Horse) por 1/2 hora; cortei três gramados, escrevi uma carta a John, e lutei com um trecho recalcitrante do ‘Anel’. No momento, preciso descobrir quanto tempo mais tarde a lua nasce a cada noite quando se aproxima da lua cheia, e como se faz um ensopado de coelho!”

Quinta-feira, 4 de maio: “Um novo personagem surgiu em cena (tenho certeza de que não o inventei; nem queria que aparecesse, apesar de gostar dele, mas eis que ele surge caminhando pela floresta de Ithilien): Faramir, irmão de Boromir – e ele está adiando a ‘catástrofe’ com um bocado de material sobre a história de Gondor e Rohan. Se for longe demais, boa parte do que diz terá de ser removida para os apêndices – para onde já foi algum material fascinante sobre a indústria de tabaco dos hobbits e as Línguas do Ocidente.”

Domingo, 14 de maio: “Escrevi um tanto ontem, mas duas coisas me atrapalharam: a necessidade de arrumar o estúdio (que se transformou no caos que sempre denuncia preocupações literárias ou filológicas) e cuidar de negócios; problemas com a lua. Quero dizer com isso que descobri que minhas luas, nos dias cruciais entre a fuga de Frodo e a situação atual (chegada a Minas Morgul), estavam fazendo coisas impossíveis, nascendo numa parte do território e pondo-se simultaneamente em outra. A recomposição de trechos de capítulos anteriores levou a tarde toda!”

Domingo, 21 de maio: “Tirei partido de uma semana cinzenta e extremamente fria (em que os gramados não cresceram, apesar de ter chovido um pouco) para escrever: mas topei com um trecho espinhoso. Tudo que eu esboçara ou escrevera antes acabou não servindo para nada, pois os tempos, motivos etc., todos se alteraram. No entanto, finalmente, depois de muito trabalho, e negligenciando um pouco os outros deveres, terminei, ou quase, de escrever todo o material até a captura de Frodo no desfiladeiro, bem perto de Mordor. Agora preciso retomar os outros personagens e tentar acelerar o choque final. Você acha que *Shelob* (Laracna) é um bom nome para uma criatura monstruosa parecida com uma aranha? Isso naturalmente é apenas ‘She + lob’ (= aranha), mas escrito junto parece bastante repugnante.”

Quarta-feira, 31 de maio: “Não escrevi a sério desde a segunda-feira. Até o meio-dia, hoje, suei com as provas setoriais: e levei meus manuscritos para a editora hoje, às duas da tarde – o último dia possível. Ontem: aula – pneu furado, após apanhar o peixe, de modo que tive de caminhar até a cidade e voltar, e como é simplesmente impossível conseguir que me consertem uma bicicleta, tive de gastar a tarde numa luta suja que terminou quando removi o pneu, remendei o corte e um furo na câmara, e montei tudo de novo, Io! triumphum!”

“A reunião dos Inklings [ocorrida na noite da quinta-feira anterior] foi muito agradável. Hugo estava lá: parecia um tanto cansado, mas esteve razoavelmente barulhento. A diversão principal ficou por conta de um capítulo do livro de Warnie Lewis sobre os tempos de Luís XIV (achei-o muito bom), e alguns excertos de ‘Who Goes Home’⁴³ de C. S. L. – um livro sobre o Inferno, para o qual sugeri o nome ‘Hugo’s Home’⁴⁴. Não voltei antes da meia-noite. O resto do meu tempo, sem contar tarefas dentro e fora de casa, foi ocupado pela tentativa desesperada de conduzir ‘O Anel’ a um trecho adequado para uma pausa, a captura de Frodo por Orcs nos desfiladeiros de Mordor, antes que eu seja obrigado a interrompê-lo para os exames. Consegui, trabalhando madrugada a dentro, e li os dois últimos capítulos (‘A Toca de Laracna’ e ‘As escolhas de Mestre Samwise’) a C. S. L. segunda-feira de manhã. Ele aprovou com fervor inusitado, e, na verdade, chegou às lágrimas no último capítulo; parece, portanto, que estou indo bem.”

O Livro IV de *O Senhor dos Anéis* foi datilografado e remetido a Christopher na África do Sul. O esforço deixara-o exausto. “Quando passar meu cansaço”, contou a Christopher, “continuarei a história.” Durante algum tempo, não conseguiu nada. “A inspiração para o Anel está completamente exaurida”, escreveu em agosto; e, até o fim do ano, não produziu nada além do esboço de uma sinopse para o restante da história. Considerou a hipótese de escrever e completar *The Lost Road*, a história inacabada de uma viagem no tempo iniciada muitos anos antes, discutiu com Lewis a ideia de um livro conjunto sobre a natureza, a função e a origem da linguagem. Nenhum dos projetos foi levado adiante, e Lewis, referindo-se algum tempo depois ao livro irrealizado sobre a linguagem, descreveu Tolkien como “esse grande homem, porém moroso e sem método”. “Moroso” não era totalmente justo, mas “sem método” era muitas vezes a pura verdade.

Durante 1945, *O Senhor dos Anéis* progrediu pouco, se é que alguma coisa. Em 9 de maio, a guerra na Europa terminou. No dia seguinte, Charles Williams adoeceu. Submeteu-se a uma operação em um hospital de Oxford, mas faleceu em 15 de maio. Apesar das divergências de pensamento, Williams e Tolkien eram bons amigos, e a perda de Williams foi algo amargo, um símbolo de que a paz não significava o fim de todas as atribulações – Tolkien sabia disso muito bem. Durante a guerra ele dissera a Christopher: “Estamos tentando conquistar Sauron com o Anel”, e agora escreveu: “A Guerra não acabou (e naquela que terminou, ou no episódio dela que terminou, fomos, em boa parte, perdedores). Naturalmente é errado deixarmos-nos levar por tal estado de espírito – somos sempre perdedores nas guerras, *A Guerra* sempre continua, e não adianta nada esmorecer.”

No outono de 1945, Tolkien assumiu a Cátedra Merton de Língua e Literatura Inglesa, tornando-se assim *fellow* do Merton College, uma instituição que, depois de Pembroke, achou “agradavelmente informal”. Alguns meses mais tarde, a aposentadoria de David Nichol Smith pôs em pauta a sucessão da Cátedra Merton de Literatura Inglesa. Tolkien foi um dos eleitores, e escreveu: “Deveria ser C. S. Lewis, ou talvez lord David Cecil, mas nunca se sabe.” Ambos foram preteridos, e a cátedra foi oferecida e aceita por F. P. Wilson. Se bem que não haja motivo para supor que Tolkien não tenha apoiado Lewis na eleição, a distância entre os dois amigos tornou-se maior depois do episódio, ou, para ser mais exato, houve um afastamento gradativo por parte de Tolkien. É impossível dizer exatamente por quê. No início, é possível que o próprio Lewis não tenha percebido a mudança; e quando percebeu sentiu-se profundamente entristecido. Tolkien continuou a participar das reuniões dos Inklings, bem como seu filho Christopher (que após a guerra retomou seus estudos no Trinity College); inicialmente, Christopher foi convidado a ler para os Inklings, em voz alta, trechos de *O Senhor dos Anéis*, pois Lewis alegava que ele lia melhor que o pai, e mais tarde tornou-se um Inkling por direito próprio. Mas, apesar de Tolkien continuar a frequentar o “Bird and Baby” nas manhãs de terça-feira e o Magdalen College nas noites de quinta-feira, a velha intimidade entre ele e Lewis já não existia.

Em parte, o afastamento pode ter sido acelerado pelas críticas às vezes severas que Lewis fazia a detalhes de *O Senhor dos Anéis*, particularmente seus comentários sobre os poemas, dos quais (com a notável exceção dos versos aliterativos) geralmente não gostava. Tolkien muitas vezes sentiu-se magoado com os comentários de Lewis, mas geralmente os ignorava, tanto que Lewis diria mais tarde: “Ninguém jamais influenciou Tolkien – era o mesmo que tentar influenciar um *bandersnatch*.⁴⁵” Em parte, o afastamento progressivo de Tolkien provavelmente pode ser creditado também às suas opiniões sobre “Nárnia”, a série de histórias infantis escrita por Lewis. Em 1949, Lewis começou a ler para Tolkien a primeira delas, “O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa”. A obra foi recebida com desprezo. “Assim não é possível!”, disse Tolkien a Roger Lancelyn Green. “Imagine: ‘Ninfas e seus Costumes’, ‘A Vida Amorosa de um Fauno’!” Não obstante, Lewis completou a história, e à medida que ela e suas sucessoras eram publicadas, “Nárnia” conquistou um público tão amplo e entusiasmado quanto o que apreciara *O Hobbit*. Tolkien, porém, não se sentia capaz de rever seu julgamento original. “É triste”, escreveu em 1964, “que ‘Nárnia’ e toda essa parte da obra de C. S. Lewis não possa contar com a minha compreensão, assim como boa parte da minha obra não pode contar com a dele.” Ele sem dúvida sentia que, de certa maneira, Lewis utilizara ideias e histórias de Tolkien em seus livros; e, assim como se ressentia do progresso de Lewis, de convertido a teólogo popular, talvez o aborresse saber que o amigo e crítico que escutara os contos da Terra-média houvesse, por assim dizer, se levantado da poltrona, ido até a escrivaninha, apanhado a caneta, e “experimentado” a mesma coisa. Além disso, a simples quantidade de livros infantis publicados por Lewis e a pressa quase indecente com que os produzia sem dúvida o deixavam irritado. As sete histórias de “Nárnia” foram escritas e publicadas em sete anos, menos de metade do período de gestação de *O Senhor dos Anéis* – outro motivo que contribuiu para o afastamento dos dois amigos. Após 1945, quando Lewis foi eleito para uma nova Cátedra de Literatura Medieval e Renascentista em Cambridge e obrigado a passar a maior parte do seu tempo longe de Oxford, ele e Tolkien passaram a se encontrar apenas em raras ocasiões.

Com o fim da guerra, *O Hobbit* foi reimpresso, e foram tomadas providências para a publicação de *Farmer Giles of Ham*. No verão de 1946, Tolkien disse à Allen & Unwin que fizera um enorme esforço para terminar *O Senhor dos Anéis*, mas não conseguira; a verdade era que mal tocara no livro desde o fim da primavera de 1944. Declarou: “Realmente espero tê-lo pronto antes do outono”, e, de fato, conseguiu retomar o trabalho nas semanas seguintes. No final do ano disse aos editores que estava “nos últimos capítulos”. Mas então mudou de residência.

A casa em Northmoor Road tornou-se demasiado grande e dispendiosa para a família. Assim, Tolkien solicitou uma casa do Merton College, e quando surgiu uma disponível na Manor Road, perto do centro de Oxford, tratou de alugá-la. Ele, Edith, Christopher e Priscilla mudaram-se para lá em março de 1947; John, a essa altura, exercia o sacerdócio no centro da Inglaterra, e Michael, casado e com um bebê, trabalhava como diretor de uma escola.

Quase que imediatamente Tolkien percebeu que a nova casa era insuportavelmente apertada. O nº 3 da Manor Road era uma casa de tijolos feia e muito pequena. Nela, Tolkien não dispunha de um estúdio propriamente dito, apenas um quatinho no sótão. Ficou acertado que, assim que o Merton College pudesse providenciar uma casa melhor, a família se mudaria de novo. Mas, por enquanto, aquela teria de servir.

Rayner Unwin, filho do editor de Tolkien, que em criança escrevera o relatório que assegurou a publicação de *O Hobbit*, estava estudando em Oxford e conhecera pessoalmente Tolkien. No verão de 1947, Tolkien decidiu que *O Senhor dos Anéis* estava suficientemente próximo da conclusão para que ele pudesse lhe mostrar um texto datilografado com a maior parte da história. Depois de lê-la, Rayner disse ao pai que era “um livro esquisito”, mas, não obstante, “uma história esplêndida e empolgante.” Observou que a luta entre as trevas e a luz provocava suspeitas de alegoria, e comentou: “Honestamente, não sei a quem se destina o livro: as crianças perderão boa parte, mas se os adultos não se sentirem rebaixados ao lê-la muitos sem dúvida gostarão”. Não tinha nenhuma dúvida de que o livro merecia ser publicado pela empresa do pai, e sugeriu que fosse dividido em partes, comentando que, nesse aspecto, o anel de Frodo lembrava o anel dos Nibelungos.

Stanley Unwin transmitiu os comentários do filho a Tolkien. A comparação do seu Anel com o *Nibelungenlied* e Wagner sempre aborrecia Tolkien; certa vez disse: “Ambos os anéis eram redondos, e a semelhança acaba por aí.” E, é claro, tampouco lhe agradou a sugestão de alegoria; retrucou: “Que Rayner não suspeite de ‘Alegoria’. Há uma ‘moral’, suponho, em toda a história que valha a pena ser contada. Mas não é a mesma coisa. Mesmo a luta entre as trevas e a luz (como ele a chama, não eu) é para mim apenas uma fase específica da história, um exemplo de padrão da história, talvez, mas não O Padrão; e os atores são indivíduos – cada um deles, naturalmente, contém universais, do contrário nem viveriam, mas nunca são representantes deles como tais.” De um modo geral, porém, ficou muito satisfeito com o entusiasmo de Rayner pelo livro, e concluiu dizendo: “Trata-se de terminar a coisa tal como foi tramada, e deixar então que seja julgada.”

Mesmo assim, ele não conseguia terminar o livro. Revia, preocupava-se com ninharias e corrigia capítulos anteriores, gastando com isso tanto tempo que seus colegas chegaram a considerá-lo perdido para a filologia. O ponto final definitivo era algo ainda inalcançável.

Durante o verão de 1947 esboçou uma revisão de *O Hobbit* que proporcionaria uma explicação mais satisfatória da atitude de Gollum para com o Anel, ou melhor, uma explicação mais adequada ao livro que sucederia *O Hobbit*. Pronta a revisão, ele a enviou a Stanley Unwin pedindo sua opinião a respeito. Unwin supôs erroneamente que as modificações deveriam ser incluídas na reimpressão seguinte sem qualquer discussão, e passou-as para o departamento de produção. Muitos meses depois, quando recebeu as provas paginadas da nova edição, Tolkien percebeu, atônito, que o capítulo revisto já fora impresso.

Nos meses seguintes *O Senhor dos Anéis* finalmente foi concluído. Tolkien lembrou que “chorou de verdade” ao descrever a recepção de heróis dada aos hobbits no Campo de Cormallen. Há muito resolvera que os protagonistas principais atravessariam o mar rumo ao Ocidente no fim do livro: assim, quando terminou o capítulo que descreve a partida dos Portos Cinzentos, o enorme manuscrito estava quase completo. Quase, mas não totalmente. “Gosto de amarrar pontas soltas”, Tolkien disse certa vez:

ele queria ter certeza de que não haveria pontas soltas na sua grande história e, portanto, escreveu um Epílogo em que Sam Gamgee contava aos filhos o que acontecera a cada um dos personagens principais que não navegaram para o Ocidente. Terminava com Sam escutando “o suspiro e o murmúrio do Mar sobre as costas da Terra-média”.

E esse *foi* o fim; mas agora Tolkien tinha de rever, vezes e vezes até ficar plenamente satisfeito com todo o texto, e isto levou muitos meses. Certa vez disse a respeito do livro: “Não creio que haja muitas frases que não tenham sido objeto de consideração meticulosa.” Ele então datilografou uma cópia limpa, equilibrando a máquina de escrever na cama porque não havia espaço no sótão para a escrivaninha e usando dois dedos porque nunca aprendera a datilografar com dez. Somente no outono de 1949 tudo ficou concluído.

Tolkien emprestou o texto datilografado completo a C. S. Lewis, que, após lê-lo, observou

Meu caro Trollers,

*Uton herian holbytlas*⁴⁶ mesmo. Esvaziei a rica taça e saciei uma longa sede. Uma vez que chega a deslanchar, o crescendo de grandiosidade e terror (não sem o alívio de verdes vales, sem os quais seria de fato intolerável) praticamente não tem paralelos em todo o conjunto da arte narrativa que conheço. Creio que se destaca em duas virtudes: a subcriação pura – Bombadil, Espectros da Tumba, Elfos, Ents – como se viessem de fontes inesgotáveis, e construção. Também em *gravitas*. Nenhum romance pode rechaçar a acusação de “escapismo” com tal confiança. Se erra, erra precisamente na direção oposta: todas as vitórias da esperança delongadas e o impiedoso acúmulo de probabilidades contra os heróis por pouco não são dolorosos demais. E a longa *coda* após a eucatástrofe, seja ou não proposital, tem o efeito de nos recordar de que a vitória é tão transitória quanto o conflito, que (como diz Byron) “não há moralista mais rígido que o prazer”, deixando assim uma impressão final de profunda melancolia.

Naturalmente isto não é a história toda. Há muitos trechos que eu desejaria que você tivesse escrito de outra forma ou omitido totalmente. Se não incluo nesta carta nenhuma das minhas críticas adversas é porque você já ouviu e rejeitou a maioria delas (*rejeitou* é talvez uma palavra suave demais para descrever a sua reação em pelo menos uma ocasião!). E mesmo que todas as minhas objeções fossem justas (o que evidentemente é pouco provável) as falhas que creio encontrar apenas poderiam atrasar e embaçar o apreço: o esplendor substancial do conto pode suportar todas. *Ubi plura nitent in carmine non ego paucis offendi maculis.*

Parabenizo-o. Todos os longos anos que você gastou nele estão justificados.

Seu
Jack Lewis

O próprio Tolkien não achava que a obra era isenta de falhas. Mas disse a Stanley Unwin: “Está escrita com o sangue da minha vida, tal como ele é, espesso ou ralo; e não posso fazer diferente.”

VI
1949-1966: Sucesso

1. *Trancando os portões*

Tolkien levava doze anos para escrever *O Senhor dos Anéis*. Ao terminá-lo, não estava longe do seu sexagésimo aniversário.

Agora naturalmente queria ver impresso o enorme livro. Mas não sabia exatamente se queria que fosse publicado pela Allen & Unwin, apesar de tê-lo discutido com os editores enquanto estava sendo escrito e de ter recebido o seu incentivo e a sua aprovação. Ele acreditava haver encontrado alguém que o publicaria juntamente com o *Silmarillion*.

Ao longo dos anos, ele se irritara com a Allen & Unwin por causa da rejeição do *Silmarillion* em 1937 – na verdade os editores não haviam rejeitado a obra; Stanley Unwin havia simplesmente dito que ela não era adequada como continuação de *O Hobbit*, e Tolkien acabara por se convencer de que era um caso de “uma vez rejeitado, sempre rejeitado”. O que era uma pena, pensava ele, porque queria publicar o *Silmarillion*. Era possível dizer que *O Senhor dos Anéis* funcionava como uma história independente, mas, já que incluía obscuras referências à mitologia mais primitiva, seria muito melhor que os dois livros fossem publicados em conjunto. O que mais queria, porém, era encontrar público para o livro mais antigo, e esta parecia ser a oportunidade ideal, talvez a única. Assim, quando Milton Waldman, da casa editora Collins, mostrou-se interessado em publicar ambas as obras, Tolkien sentiu-se tentado a abandonar a Allen & Unwin e aliar-se a ele.

Waldman, um católico, fora apresentado a Tolkien por Gervase Mathew, um erudito e sacerdote dominicano que participava com frequência das reuniões dos Inklings. Quando Waldman descobriu que Tolkien completara uma alentada continuação daquele grande sucesso, *O Hobbit*, expressou seu interesse, e, no final de 1949, Tolkien enviou-lhe um volumoso manuscrito. Mas não era *O Senhor dos Anéis*; era o *Silmarillion*. A obra mitológica primitiva, iniciada em 1917 como “O Livro dos Contos Perdidos”, ainda estava incompleta, mas Tolkien recomeçara a trabalhar nela enquanto acabava *O Senhor dos Anéis*, e agora estava organizada o suficiente para que Waldman pudesse lê-la. Era uma obra diferente de tudo o que Waldman já vira: uma narrativa estranha, de expressão arcaica, sobre elfos, poderes malignos e heroísmo. Parte dela estava datilografada, mas muitos trechos estavam escritos a mão com uma fina caligrafia. Waldman disse a Tolkien que achava o livro notável e queria publicá-lo – contanto que fosse concluído. Tolkien ficou encantado. Waldman passara pelo primeiro teste: aceitara (provisoriamente) o *Silmarillion*. Tolkien convidou-o para ir a Oxford e entregou-lhe o manuscrito de *O Senhor dos Anéis*. Waldman saiu em férias e iniciou a leitura.

No começo de janeiro de 1950, estava quase terminando o livro, e, mais uma vez, disse a Tolkien que estava encantado. “É uma verdadeira obra de criação”, escreveu, embora acrescentasse que o tamanho do livro o preocupava. Mas tinha grandes esperanças de que a Collins pudesse imprimi-lo. Na verdade, a casa estava numa excelente posição para fazê-lo. A maior parte das editoras, inclusive a Allen & Unwin, passavam por uma desesperadora falta de papel desde a guerra; a Collins, no entanto, não era simplesmente uma editora, mas também papelaria, fabricante de diários e gráfica, de forma que tinha acesso a uma quota de papel muito maior que a maioria das empresas. E, quanto à viabilidade comercial das longas histórias mitológicas de Tolkien, William Collins, presidente da empresa, já dissera a Waldman que ficaria contente em publicar qualquer ficção do autor de *O Hobbit*. Na verdade era o lucrativo *Hobbit* que Collins desejava adquirir, ao passo que Tolkien, descontente com a primeira reimpressão após a guerra de *O Hobbit*, que (por razões econômicas) fora privado de suas gravuras coloridas, disse a Waldman que ficaria contente se o livro fosse comprado da Allen & Unwin e

republicado de acordo com suas intenções originais. Tolkien também estava irritado com Allen & Unwin pela publicidade dada a *Farmer Giles of Ham*, que considerava inadequada, e acreditava que a Collins teria mais sucesso na venda dos seus livros. Assim, tudo parecia acertado para uma eficiente parceria entre Tolkien e Collins.

Havia, no entanto, um ponto que Waldman desejava esclarecer. “Parto do princípio”, escreveu a Tolkien, “que você não tem nenhum compromisso, moral ou legal, com a Allen & Unwin.” Tolkien respondeu: “Creio não ter nenhuma obrigação *legal*. Havia uma cláusula no contrato de *O Hobbit* que previa dois meses de consideração do meu próximo livro. Ela foi cumprida (a) pela subsequente rejeição do *Silmarillion* por Stanley Unwin e (b) por *Farmer Giles*. Mas tive relações pessoais com Stanley U. e especialmente com seu segundo filho, Rayner. Se tudo isso constitui obrigação moral, então estou sujeito a ela. No entanto, certamente tentarei desvencilhar-me, ou pelo menos o *Silmarillion* e a sua família, das malhas dilatórias da A. e U., se eu puder – se possível de maneira amigável.”

Na verdade Tolkien havia se convencido de que a Allen & Unwin, se não uma inimiga, era ao menos como uma aliada muito pouco confiável, enquanto Collins parecia representar tudo o que ele esperava. A posição real era muito mais complexa, como os acontecimentos iriam provar.

Em fevereiro de 1950 Tolkien escreveu à Allen & Unwin dizendo que *O Senhor dos Anéis* estava terminado. Mas não os encorajou a mostrar interesse. “Minha obra escapou ao meu controle”, contou-lhes, “e produzi um monstro: um romance imenso, complexo, bastante amargo e aterrador, bem pouco apropriado para crianças (se é que é apropriado para alguém); e não é realmente uma continuação de *O Hobbit*, mas sim do *Silmarillion*. Por muito que possam me considerar ridículo e tedioso, quero publicar ambos – o *Silmarillion* e *O Senhor dos Anéis*. É disto que eu gostaria. Ou largarei tudo. Não posso considerar nenhuma espécie de revisão ou condensação. Mas não guardarei nenhum rancor (nem ficarei muito surpreso) se rejeitarem uma proposta com perspectivas de lucro tão reduzidas.” Quase como uma nota de rodapé, acrescentou que os dois livros em conjunto perfaziam um total (na sua estimativa) de mais de um milhão de palavras.

Stanley Unwin admitiu que o tamanho dos livros era um problema, mas perguntou se não podiam ser subdivididos em “três ou quatro volumes até certo ponto independentes”. Não, respondeu Tolkien, não podiam; a única divisão natural era entre as duas obras. E foi ainda mais longe, deliberadamente dissuadindo Unwin de manifestar mais interesse. “Pergunto-me agora”, escreveu, “se mais alguém, além dos meus amigos, dos quais nem todos aguentaram até o fim, leriam algo tão longo. Por favor, não pense que guardarei rancor caso o senhor recuse algum compromisso.” (“Espero sinceramente que ele me deixe ir sem exigir o manuscrito”, escreveu a Waldman.)

Mas sir Stanley Unwin (que recebera o título de cavaleiro logo após a guerra) não se deixaria dissuadir tão facilmente. Escreveu ao filho Rayner, que estava estudando em Harvard, pedindo-lhe seu conselho. Rayner respondeu: “*O Senhor dos Anéis* é um grande livro, à sua maneira curiosa, e merece ser produzido de alguma forma. Eu nunca senti falta de um *Silmarillion* ao lê-lo. Mas, embora ele afirme não considerar a hipótese de uma revisão drástica etc., certamente seria o caso de confiar o trabalho a um editor que incorporaria qualquer material realmente relevante do *Silmarillion* em *O Senhor dos Anéis*, sem aumentar o seu volume, que já é enorme, e, caso fosse viável, até mesmo poderia suprimir partes deste. Tolkien não o faria, mas alguém compreensivo e de sua confiança (um dos seus filhos?) talvez pudesse fazê-lo. Se isto não for praticável, eu recomendaria a publicação de *O Senhor dos Anéis* como um livro de prestígio e, após examiná-lo pela segunda vez, rejeitaria o *Silmarillion*.” Imprudentemente, Stanley Unwin mandou uma cópia desta carta a Tolkien.

Tolkien ficou furioso e escreveu a Unwin, em abril de 1950, dizendo que a carta de Rayner

confirmava suas piores suspeitas, “i. e., que o senhor pode estar disposto a aceitar *O Senhor*, mas que isso é mais do que suficiente, e não quer acompanhamentos, certamente não o *Silmarillion*, que o senhor não tem a intenção de considerar seriamente. Afinal de contas, uma rejeição é uma rejeição, e permanece válida. Mas a questão de ‘rejeitar’ o *Silmarillion*, após um discreto artifício, e aceitar *O Senhor* (revisto) está fora de cogitação. Não ofereci, não ofereço *O Senhor dos Anéis* ao senhor, ou a qualquer outra pessoa, sob tais condições – como certamente já esclareci antes. Quero uma decisão, sim ou não, sobre a proposta que fiz, e não sobre qualquer outra possibilidade”.

Stanley Unwin respondeu em 17 de abril: “Não tenho palavras para dizer o quanto sinto pelo fato de o senhor achar necessário confrontar-me com um ultimato, especialmente em relação a um manuscrito que nunca vi na sua forma final e completa. Já que exige um ‘sim’ ou ‘não’ *imediato*, a resposta é ‘não’; mas poderia muito bem ter sido um sim, se tivesse tempo e oportunidade de ver o texto datilografado. Com pesar, sou obrigado a deixar o caso assim.”

Tolkien alcançara seu objetivo. Agora estava livre para publicar pela Collins. Enquanto isso, estava se mudando de novo: o Merton College oferecera-lhe acomodações na Holywell 99, uma casa antiga, personalíssima, espaçosa, e ele, Edith e Priscilla mudaram-se da Manor Road (que ficava apenas a algumas centenas de metros) no início da primavera de 1950. Priscilla estava estudando no Lady Margaret Hall, Christopher, que não morava mais em casa, trabalhava como tutor independente na Faculdade de Inglês e completava seu bacharelado em letras.

Milton Waldman da Collins tinha certeza de que a casa publicaria os livros de Tolkien. Organizou uma visita de Tolkien aos escritórios em Londres, onde este se encontrou com William Collins e discutiu os livros com o departamento de produção. Tudo parecia pronto para a assinatura de um contrato e a publicação de *O Senhor dos Anéis* e, quando fosse possível, do *Silmarillion*, se bem que Tolkien ainda teria de trabalhar bastante para que a publicação deste se tornasse viável. Havia apenas uma questão a ser acertada: em maio de 1950 Waldman veio a Oxford e disse a Tolkien que *O Senhor dos Anéis* “precisava de cortes urgentes”. Tolkien ficou consternado. Disse a Waldman que “já fizera vários cortes substanciais”, mas que voltaria a tentar assim que tivesse tempo. Waldman, por sua vez, ficou desconcertado quando Tolkien lhe disse que o *Silmarillion* completo teria quase que a mesma extensão de *O Senhor dos Anéis* – o manuscrito que lera estava longe disso.

A estimativa de Tolkien era na verdade de uma inexatidão tremenda. A extensão total do *Silmarillion*, tal como planejado para publicação, alcançaria na época talvez cento e vinte e cinco mil palavras, possivelmente menos, mas com certeza ficaria longe das mais ou menos quinhentas mil palavras de *O Senhor dos Anéis*. Como Tolkien conferia a mesma importância a ambos os livros, acabara por se convencer de que ambos tinham a mesma extensão. E, para complicar mais a situação naquele momento crítico, ainda entregou a Waldman vários capítulos adicionais do *Silmarillion*, sem explicar como se encaixavam na história. Waldman sentiu-se um tanto quanto confuso diante deles. “Fiquei desorientado”, disse ele. Em resumo, uma negociação que deveria ser clara e simples estava se tornando confusa.

Waldman foi então para a Itália, onde normalmente passava boa parte do ano, visitando Londres apenas na primavera e no outono. Sua ausência em nada ajudou. William Collins pouco sabia sobre os livros de Tolkien e deixara todo o negócio nas mãos de Waldman. Waldman adoeceu e sua viagem de outono a Londres foi adiada. Assim, no final de 1950, um ano após completar *O Senhor dos Anéis*, Tolkien descobriu que não estava mais perto da sua publicação. A notícia chegou aos ouvidos de Stanley Unwin, que escreveu dizendo que ainda esperava “ter o privilégio de estar ligado à sua publicação”. Mas Tolkien não se deixaria seduzir tão facilmente pela Allen & Unwin. Sua resposta foi amistosa, mas não fez nenhuma referência ao livro.

Grande parte do tempo de Tolkien estava ocupada por deveres acadêmicos e administrativos em Oxford, e por visitas à Bélgica (para trabalho filológico) e à Irlanda (como examinador); mais um ano se passaria sem que nada mais fosse feito no sentido de publicar o livro. No final de 1951, Tolkien escreveu uma longa carta a Milton Waldman, delineando em cerca de dez mil palavras a estrutura de toda a sua mitologia, esperando assim convencer Waldman de que os livros eram interdependentes e indivisíveis. Mas em março de 1952 ainda não assinara um acordo com a Collins, e o *Silmarillion* ainda não estava pronto para ser publicado. William Collins estava na África do Sul, Waldman estava na Itália e o preço do papel havia disparado. Tolkien (na verdade, tão responsável pelo atraso quanto qualquer outro) escreveu a Collins dizendo que havia desperdiçado o seu tempo. Ou publicariam *O Senhor dos Anéis* imediatamente, ou ele mandaria o manuscrito de volta à Allen & Unwin. O resultado foi inevitável, pois William Collins, assim como Stanley Unwin, não gostava de ultimatos. Voltou da África do Sul, leu a carta de Tolkien, e respondeu em 18 de abril de 1952: “Estamos assustados com a extensão do livro, que, com o custo atual do papel, significa uma despesa muito grande”; e disse a Tolkien que, de fato, parecia-lhe melhor que ele devolvesse o original à Allen & Unwin.

Mas a Allen & Unwin iria querê-lo de volta?

Em 22 de junho de 1952, Tolkien escreveu a Rayner Unwin, que voltara à Inglaterra e estava trabalhando na empresa do pai: “Quanto a *O Senhor dos Anéis* e o *Silmarillion*, estão onde estavam antes. Um acabado, o outro ainda inacabado (ou não revisto), e ambos juntando pó. Modifiquei bastante minhas opiniões. Melhor alguma coisa do que nada! Se bem que para mim sejam todos um só, e eu ache que *O Senhor dos Anéis* ficaria muito melhor (e mais fácil) como parte do todo, considerarei com satisfação a publicação de qualquer parte do material. Os anos estão se tornando preciosos. Que tal *O Senhor dos Anéis*? Alguma coisa pode ser feita a respeito, para destrancar os portões que eu mesmo tranquei?”

2. Um grande risco

Não foi preciso pedir duas vezes. Rayner Unwin propôs que Tolkien fizesse imediatamente uma remessa registrada de *O Senhor dos Anéis*. Mas Tolkien tinha apenas um texto na forma final e revista, e não queria confiá-lo ao correio. Queria entregá-lo pessoalmente – o que não foi possível por várias semanas. No mês de agosto passou as férias na Irlanda e foi visitar George Sayer, um amigo de C. S. Lewis que lecionava no Malvern College e visitava os Inklings com frequência. Enquanto esteve hospedado na casa de Sayer em Worcestershire, seu anfitrião gravou-o lendo e cantando trechos de *O Hobbit* e do texto datilografado de *O Senhor dos Anéis*, que ele trouxera consigo. Quando escutou essas gravações, Tolkien ficou “muito surpreso ao descobrir a eficácia dos textos como peças de recitação, e (se assim posso dizer) minha própria eficácia como narrador”. Muitos anos mais tarde, após a morte de Tolkien, as fitas gravadas nessa ocasião foram lançadas em disco.

Tolkien nunca estivera diante de um gravador – fingiu considerar a máquina de Sayer com grande suspeita, pronunciando o Pai-Nosso em gótico no microfone para expulsar quaisquer demônios que pudessem estar emboscados lá dentro. Mas, após as sessões de gravação em Malvern, ficou tão impressionado que adquiriu uma máquina para uso doméstico, e começou a divertir-se gravando outras fitas com obras suas. Alguns anos antes ele escrevera uma “peça radiofônica” com bons resultados. Intitulada *O Regresso ao Lar de Beorhtnoth, Filho de Beorhthelm*, é na verdade uma “continuação” do poema anglo-saxão *A Batalha de Maldon*, e relata um episódio imaginário após essa batalha, quando dois servos do duque Beorhtnoth vêm na escuridão resgatar o cadáver do senhor no campo de batalha. Escrito num equivalente moderno dos versos aliterativos anglo-saxões, retrata o ocaso da era heroica, cujas características são exemplificadas e contrastadas no jovem e romântico Torhthelm e no velho e prático fazendeiro Tídwald. *O Regresso ao Lar de Beorhtnoth* já existia em 1945, mas só foi publicado em 1953, em *Essays and Studies*. Nunca foi representado no palco, mas, um ano após sua publicação, foi transmitido no BBC Third Programme. Tolkien ficou profundamente irritado com esta produção radiofônica, que ignorou a métrica aliterativa e proferiu os versos como se fossem pentâmetros iâmbicos. Ele mesmo gravou uma versão muito mais satisfatória no gravador de sua casa, na qual não apenas desempenhava ambos os papéis, mas também improvisava alguns engenhosos efeitos sonoros. Apesar de realizada apenas por diversão, a gravação demonstra de maneira excelente o talento nada desprezível de Tolkien como ator. Ele exibira esse talento antes da guerra, em 1938 e 1939, quando representara o papel de Chaucer nas “Diversões de Verão” organizadas por Nevill Coghill e John Masefield em Oxford. Nessas ocasiões, recitara de cor *The Nun’s Priest’s Tale* (Conto do padre da freira) e, no ano seguinte, *The Reeve’s Tale* (Conto do Feitor). Tolkien não sentia nenhum entusiasmo pelo teatro como forma artística, considerando-o tediosamente antropocêntrico e, portanto, restritivo. Mas seu desagrado não se estendia à recitação dramática de versos, categoria na qual provavelmente classificava o seu *Beorhtnoth*.

Em 19 de setembro de 1952, Rayner Unwin veio a Oxford e apanhou o texto datilografado de *O Senhor dos Anéis*. Seu pai, sir Stanley Unwin, estava no Japão, de modo que as próximas iniciativas estavam a cargo do próprio Rayner. Decidiu não perder tempo relendo o volumoso texto, pois lera praticamente tudo cinco anos antes, e ainda conservava uma vívida impressão da história. Em vez disso, iniciou imediatamente a estimativa dos custos de produção, pois estava preocupado em manter o preço do livro dentro dos limites do poder aquisitivo do comprador normal (e, em particular, das

bibliotecas circulantes). Após cálculos e discussões nos escritórios da Allen & Unwin, chegou-se à conclusão de que seria melhor dividir o livro em três volumes, que poderiam ser vendidos (com uma pequena margem de lucro) a vinte e um xelins cada. Ainda era bastante dinheiro, bem mais do que o preço máximo de um romance, mas era o melhor que podia ser feito. Rayner mandou um telegrama ao pai, perguntando se poderiam publicar o livro, admitindo que era “um grande risco” e alertando-o para o fato de que a empresa poderia perder até mil libras com esse projeto. Mas concluiu dizendo que na sua opinião era um trabalho de gênio. Sir Stanley enviou um telegrama Autorizando a publicação.

Em 10 de novembro de 1952, Rayner Unwin escreveu a Tolkien dizendo que a empresa gostaria de publicar *O Senhor dos Anéis* com um acordo de divisão de lucros. Isto queria dizer que Tolkien não receberia o pagamento convencional de *royalties* baseados numa porcentagem. Receberia “metade dos lucros”, isto é, nada enquanto as vendas do livro não fossem suficientes para cobrir os custos, mas, daí em diante, compartilharia com a editora, em partes iguais, todos os lucros. Este método, que outrora fora de praxe mas que nessa época era pouco usado por outras empresas, ainda era preferido por Sir Stanley Unwin para todos os livros potencialmente antieconômicos. O sistema ajudava a manter baixo o preço de tais livros, já que não era necessário incluir nos custos uma quantia adicional que cobrisse os *royalties* do autor. Por outro lado, se o livro vendesse inesperadamente bem, os benefícios para o autor seriam mais substanciais do que os proporcionados por um acordo de *royalties*. A Allen & Unwin não esperava vender mais do que alguns milhares de exemplares de *O Senhor dos Anéis*, um livro volumoso, anticonvencional e que não era atraente para nenhum “mercado” em especial, pois não era nem um livro infantil, nem um romance para adultos.

Entre os amigos de Tolkien, logo espalhou-se a notícia de que o livro finalmente fora aceito. C. S. Lewis escreveu para lhe dar os parabéns, observando: “Penso que a gestação prolongada esgotou um pouco da sua vitalidade: haverá nova maturidade e liberdade quando o livro sair.” Mas justamente naquele momento Tolkien não se sentia nada livre. Queria ler o texto datilografado do livro mais uma vez antes que fosse para a impressão, e solucionar quaisquer incoerências que ainda pudessem restar. (Felizmente Rayner Unwin, ao contrário de Milton Waldman, não lhe pedira para fazer nenhum corte.) Havia também a espinhosa questão dos apêndices do livro, que ele planejava durante algum tempo; estes deveriam conter informações relevantes para a história, mas que não podiam ser incorporadas à narrativa. Naquele momento, os apêndices existiam apenas na forma de esboços e anotações esparsas, e Tolkien sabia que levaria muito tempo para organizá-los. Outra preocupação era a necessidade de fazer um mapa claro e preciso para o livro, pois um bom número de alterações topográficas e narrativas haviam tornado o mapa de trabalho, desenhado por Christopher muitos anos antes, impreciso e inadequado. Além de tudo isto, ainda tinha nas mãos um acúmulo de muitos anos de trabalho acadêmico que não podia mais ignorar. E decidira mudar-se uma vez mais.

A casa em Holywell Street, onde os Tolkiens haviam morado desde 1950, era uma construção de muita personalidade, mas que se tornara quase insuportável pelo fluxo de tráfego motorizado que passava rugindo por ela durante todo o dia e boa parte da noite. “Esta encantadora casa”, Tolkien escreveu, “tornou-se inabitável: sacudida, abalada pelo barulho e impregnada de gases, é impossível dormir ou trabalhar nela. Tal é a vida moderna. Mordor no meio de nós.” Ele e Edith agora estavam sozinhos, pois Priscilla deixara Oxford para trabalhar em Bristol; Edith coxeava bastante por causa do reumatismo e da artrite, de modo que se tornara penoso para ela subir e descer as muitas escadas da casa. Na primavera de 1953 Tolkien comprou uma casa em Headington, um tranquilo subúrbio a leste de Oxford. O casal mudou-se para lá em março.

Apesar do transtorno causado pela mudança, Tolkien conseguiu completar a revisão final do que viria a ser o primeiro volume de *O Senhor dos Anéis* em meados de abril, e mandou-a à Allen & Unwin

para que dessem início à composição tipográfica. Logo depois entregou o texto do segundo volume. Já discutira com Rayner Unwin a questão dos títulos independentes para os três volumes, que Unwin considerava preferível a um título único para três volumes numerados. Apesar de o livro ser uma história contínua e não uma trilogia – um fato que Tolkien sempre fez questão de enfatizar –, a editora achava melhor que os volumes fossem publicados um por um e sob diferentes títulos, procedimento que faria a obra merecer três conjuntos de resenhas em vez de um, e talvez disfarçasse o tamanho incomum do livro. Tolkien nunca se sentiu inteiramente satisfeito com a divisão, e insistiu em manter *O Senhor dos Anéis* como título global. Mas, após muita discussão, ele e Rayner acabaram chegando a um acordo quanto aos títulos: *The Fellowship of the Ring* (A Sociedade do Anel), *The Two Towers* (As Duas Torres) e *The Return of the King* (O Retorno do Rei), se bem que Tolkien realmente preferisse “A Guerra do Anel” para o terceiro volume, um título que revelava menos da história.

Os problemas de “produção” que Tolkien encontrou nessa época eram semelhantes aos que tivera com *O Hobbit*. Era muito importante para ele que seu amado livro fosse publicado tal como pretendia, mas, outra vez, muitos dos seus planos foram modificados, muitas vezes em função dos custos. Entre os itens considerados demasiadamente caros estavam a tinta vermelha para as “letras de fogo” que aparecem no Anel e o processo de fotogravura colorida que seria necessário para reproduzir o fac-símile que Tolkien fizera do “Livro de Mazarbul”, um volume queimado e esfarrapado que (na história) é encontrado nas Minas de Moria. Isso o entristeceu muito, pois gastara horas fazendo esse fac-símile, copiando as páginas em runas e escrita élfica, e depois danificando-as deliberadamente, queimando as bordas e besuntando o papel com substâncias parecidas com sangue coagulado. Todo esse trabalho estava agora perdido⁴⁷. Ficou furioso também quando viu as provas pela primeira vez, pois descobriu que os tipógrafos haviam modificado a grafia de várias palavras, transformando *dwarves* em *dwarfs*, *elvish* em *elfish*, *further* em *farther* e (“o pior de tudo”, disse Tolkien) *elven* em *elfin*.⁴⁸ Os tipógrafos foram repreendidos e se defenderam dizendo que haviam meramente seguido a grafia do dicionário. (Semelhantes “correções” da grafia de Tolkien foram feitas em 1961, quando a Puffin Books publicou *O Hobbit* em brochura, e, dessa vez, para consternação de Tolkien, o erro só foi descoberto quando o livro chegou às livrarias.) Outra preocupação não resolvida era a questão do mapa, ou melhor, dos mapas, pois agora era necessário um mapa adicional do Condado. “Estou perplexo”, escreveu Tolkien em outubro de 1953. “Em pânico, na verdade. São essenciais e urgentes, mas simplesmente não consigo executá-los.” Por fim, entregou a tarefa ao seu desenhista de mapas original, Christopher, que, de alguma forma, conseguiu interpretar os esboços toscos, sobrepostos, alterados e frequentemente contraditórios do pai, e produzir a partir deles um mapa geral legível e com letras bem-feitas, e outro menor do Condado.

O primeiro volume de *O Senhor dos Anéis* deveria ser publicado no verão de 1954, e os dois volumes restantes deveriam segui-lo depois de breves intervalos. O pedido de impressão foi bem modesto: três mil e quinhentos exemplares do primeiro volume e um pouco menos dos outros dois, que os editores consideravam suficientes para saciar o interesse moderado que o livro despertaria. Quanto à publicidade, Rayner Unwin entrou em pânico ao pensar em escrever o texto para a quarta capa do livro, já que este desafiava descrições convencionais. Assim, ele e o pai solicitaram o auxílio de três autores que provavelmente teriam algo que valesse a pena dizer: Naomi Mitchison, que era admiradora de *O Hobbit*, Richard Hughes, que muito tempo antes elogiara o primeiro livro, e C. S. Lewis. Todos eles responderam com elogios eloquentes, a sra. Mitchison comparando *O Senhor dos Anéis* à ficção científica e a Malory, e Lewis traçando um paralelo com Ariosto. (“Não conheço Ariosto”, disse Tolkien certa vez, “e abominaria se conhecesse.”)

Aproximava-se o dia da publicação do primeiro volume. Fazia mais de dezesseis anos que Tolkien

começara a escrever o livro. “Tenho pavor da publicação”, contou a seu amigo, o padre Robert Murray, “pois será impossível ficar indiferente ao que for dito. Expus meu coração para levar tiros.”

3. Dinheiro ou glória

“Este livro é como um relâmpago no céu azul. Dizer que nele o romance heroico, esplêndido, eloquente e desembaraçado retorna inesperadamente, num período de anti-romantismo quase patológico, é inadequado. Para nós, que vivemos nesse período singular, o retorno – e o puro alívio que traz – é sem dúvida o mais importante. Mas na própria história do romance – uma história que se estende desde a *Odisseia* e ainda antes – ocorreu não um retorno, mas sim um avanço ou uma revolução: a conquista de um novo território.” Esta resenha de *A Sociedade do Anel* (o primeiro volume de *O Senhor dos Anéis*) foi publicada em *Time & Tide* em 14 de agosto de 1954, alguns dias depois da publicação do livro. Seu autor era C. S. Lewis.

Talvez fosse um tanto excessivo Lewis escrever o texto publicitário da editora e também a resenha do livro, mas ele queria fazer tudo que estivesse em seu poder para ajudar Tolkien; no entanto, antes de enviar a Rayner Unwin sua contribuição para a publicidade, ele prevenira a Tolkien: “Mesmo que ele e você aproveem minhas palavras, pensem duas vezes antes de usá-las: sou com certeza um homem muito, talvez progressivamente, odiado, cujo nome poderá lhes trazer mais prejuízo que auxílio”. Palavras proféticas, pois vários críticos que comentaram o livro em agosto de 1954 demonstraram uma extraordinária hostilidade contra Lewis, e usaram (ou desperdiçaram) bastante espaço zombando da comparação entre Tolkien e Ariosto proposta por Lewis. Edwin Muir escreveu no *Observer*: “Somente uma grande obra-prima poderia sobreviver ao bombardeio de louvores do texto de publicidade” e, se bem que Muir confessasse que gostara do livro, disse que estava desapontado com a “falta de discernimento humano e de profundidade que o assunto exigia. O sr. Tolkien”, continuava Muir, “descreve um tremendo conflito entre o bem e o mal, do qual depende o futuro da vida na terra. Mas seus personagens bons são invariavelmente bons, e suas figuras más são uniformemente más; no seu mundo não há espaço para um Satã ao mesmo tempo mau e trágico”. (O sr. Muir evidentemente se esquecera de Gollum, mau, trágico e quase redimido.) Diversos críticos fizeram reparos ao estilo da prosa de Tolkien, entre eles Peter Green, no *Daily Telegraph*, que escreveu que ela “dá guinadas dos pré-rafaelitas ao Boy’s Own Paper⁴⁹”, enquanto J. W. Lambert, no *Sunday Times*, declarava que a história tinha duas características singulares: “nenhum espírito religioso de qualquer espécie e, para todos os fins e propósitos, nenhuma mulher” (nenhuma das afirmativas era inteiramente justa, mas ambas se refletiram em escritos posteriores de outros críticos). No entanto, ao lado de todos estes juízos ásperos, havia muitos entusiásticos, e mesmo entre os zombeteiros alguns se viram obrigados a elogiar o livro. Green, no *Telegraph*, teve de admitir que o livro “possui um inegável fascínio”, enquanto Lambert escrevia no *Sunday Times*: “Bobagem extravagante com uma mensagem? Não; a obra flui com uma força narrativa e pictórica que a eleva acima desse nível.” Talvez a observação mais sábia tenha vindo do crítico do *Oxford Times*, que declarou: “Os severamente práticos não terão tempo para ele. Os que possuem uma imaginação a ser estimulada serão completamente arrebatados, participarão da acidentada busca e lamentarão que haja apenas mais dois livros por vir.”

As resenhas foram boas o bastante para promover as vendas, e logo ficou evidente que os três mil e quinhentos exemplares do primeiro volume seriam insuficientes para satisfazer a procura. Seis semanas após o lançamento foi pedida uma reimpressão. O próprio Tolkien escreveu: “Quanto às resenhas, foram bem melhores do que eu temia.” Em julho visitara Dublin para receber um Doutorado em Letras honorário da Universidade Católica da Irlanda. Em outubro viajou mais uma vez ao exterior, para receber em Liège outro grau honorário, e estes e outros compromissos atrasaram seu trabalho nos

apêndices de *O Senhor dos Anéis*. O texto do terceiro volume, do qual Tolkien decidira eliminar o epílogo um tanto sentimental que tratava de Sam e sua família, já fora composto. Contudo, o terceiro volume não podia ser impresso enquanto não chegassem os apêndices, o mapa ampliado de Gondor e Mordor que Tolkien agora acreditava ser necessário, e o índice de nomes que prometera no prefácio do primeiro volume.

O segundo volume, *As Duas Torres*, foi publicado em meados de novembro. As resenhas foram semelhantes em tom às do primeiro volume. O terceiro volume era agora ansiosamente esperado pela facção favorável, pois a história se interrompera com Frodo aprisionado na Torre de Cirith Ungol e, como declarou o crítico do *Illustrated London News*, “O suspense é cruel”. Entrementes o prazo final que a Allen & Unwin estabelecera para a entrega dos apêndices passara sem que nenhum manuscrito chegasse aos seus escritórios. “Sinto terrivelmente”, Tolkien escreveu. “Tenho me esforçado muito.” E, pouco depois, conseguiu enviar parte do material à editora; parte, não tudo.

Nos Estados Unidos, Houghton Mifflin publicara *A Sociedade do Anel* em outubro e, pouco tempo depois, *As Duas Torres*. As resenhas americanas dos dois primeiros volumes foram em geral cautelosas. Mas artigos entusiásticos de W. H. Auden no *New York Times* – “Nenhuma obra de ficção que li nos últimos cinco anos me deu mais alegria”, escreveu Auden – ajudaram a incrementar as vendas, e no ano seguinte um grande número de exemplares foi comprado pelos leitores americanos.

Em janeiro de 1955, dois meses após a publicação do segundo volume, Tolkien ainda não completara os tão urgentes apêndices. Abandonara qualquer esperança de fazer um índice onomástico, pois descobrira que a tarefa levaria muito tempo. Livre dessa carga, conseguiu, com muita dificuldade, completar parte do material durante os meses de janeiro e fevereiro. Ele chegara a planejar todo um “volume especializado” com detalhes da história e da linguística de seus povos mitológicos, e coletara um grande número de anotações sobre esses tópicos. Agora, porém, tinha de condensar tudo, pois os editores podiam ceder apenas um breve espaço no fim do livro. Ele seguiu adiante, incitado por cartas de leitores que consideravam o livro quase um relato histórico e exigiam mais informações sobre muitos tópicos. Esta atitude em relação à sua história deixou-o lisonjeado, pois era o tipo de reação que esperara provocar. No entanto, observou: “Não sei exatamente se é boa a tendência de tratar tudo isto como uma enorme espécie de jogo – certamente não o é para mim, que vejo esse tipo de coisa como uma atração fatal.” Ainda assim era encorajador saber que o material que estava preparando tão laboriosamente sobre os Calendários do Condado, os Soberanos de Gondor e os Tengwar de Fëanor seria lido com voracidade por um grande número de pessoas.

Em março, os apêndices ainda não estavam prontos, e começaram a chegar aos escritórios da Allen & Unwin cartas dos leitores, queixando-se com veemência do atraso do terceiro volume. Tornou-se evidente para os editores que o livro estava despertando um interesse incomum. Rayner Unwin suplicou a Tolkien que terminasse o trabalho, mas foi só em 20 de maio que o texto final dos apêndices chegou aos tipógrafos. O último mapa, preparado por Christopher, que trabalhara vinte e quatro horas sem parar para terminá-lo, fora enviado algumas semanas antes; assim, não deveria haver mais atrasos. Mas houve. Primeiro a tabela de runas foi impressa de forma errada, e Tolkien teve de corrigi-la. Depois surgiram outras dúvidas que teriam de ser enviadas a Tolkien e solucionadas; mas a essa altura ele fora passar férias na Itália.

Fez a viagem de navio e trem com Priscilla, enquanto Edith fazia um cruzeiro pelo Mediterrâneo com três amigas. No diário que manteve durante a viagem, registrou a sensação de ter “chegado ao coração da Cristandade: um exilado dos confins e das províncias longínquas retornando ao lar, ou pelo menos ao lar dos seus ancestrais”. Em Veneza, entre os canais, sentiu-se “quase livre da amaldiçoada doença do motor de combustão interna, da qual o mundo todo está morrendo”; e escreveu mais tarde:

“Veneza parecia incrivelmente, elficamente adorável – para mim, era como um sonho da Antiga Gondor, ou de Pelargir nos Navios Numenóreanos, antes do retorno das Trevas.” Ele e Priscilla seguiram viagem até Assis, onde finalmente as dúvidas dos tipógrafos chegaram às suas mãos; mas não podia fazer nada antes de rever suas anotações em Oxford. Assim, foi somente em 20 de outubro, quase um ano após a publicação de *As Duas Torres*, que *O Retorno do Rei* chegou às livrarias. Uma nota na última página pedia desculpas pela ausência do índice prometido.

Agora que todos os três volumes estavam publicados, os críticos foram capazes de avaliar globalmente *O Senhor dos Anéis*. C. S. Lewis prestou-lhe outro tributo em *Time & Tide*: “O livro é por demais original e opulento para que se possa formar um julgamento final na primeira leitura. Mas sabemos imediatamente que ele nos alterou. Não somos exatamente os mesmos homens.” Uma nova voz juntou-se ao coro de elogios quando Bernard Levin escreveu em *Truth* que acreditava que o livro era “uma das mais notáveis obras literárias do nosso tempo ou de qualquer outro. É confortador, nestes dias turbulentos, ter mais uma vez a certeza de que os mansos herdarão a terra”. Mas críticas ao estilo foram renovadas. John Metcalf escreveu no *Sunday Times*: “Com excessiva frequência o sr. Tolkien se utiliza de uma espécie de linguagem bíblica de cervejeiro, cingida de inversões e incrustada de arcaísmos”; e Edwin Muir voltou ao ataque, numa resenha no *Observer* intitulada “Um Mundo de Menino”. “O espantoso”, escreveu, “é que todos os personagens são meninos fantasiados de heróis adultos. Os hobbits, ou metadinhos (*halflings*), são meninos comuns; os heróis plenamente humanos chegaram à quinta série; mas nenhum deles conhece alguma coisa sobre mulheres, exceto de ouvir dizer. Até mesmo os elfos, os anões e os ents são meninos, irrecuperavelmente, e nunca alcançarão a puberdade.”

“Ao diabo Edwin Muir e sua adolescência retardada”, bufou Tolkien. “Ele é velho o bastante para saber das coisas. Se ele tivesse um diploma de mestrado eu o indicaria para a cátedra de poesia – doce vingança.”

A essa altura, as opiniões estavam polarizadas. O livro conquistara seus defensores e seus inimigos, e, como escreveu W. H. Auden: “Ninguém parece ter uma opinião moderada; ou as pessoas, como eu, acham que é uma obra-prima no gênero, ou então não o suportam.” E assim seria pelo resto da vida de Tolkien: louvores extremos de uma facção, desprezo total da outra. De modo geral, Tolkien não se importava muito com isso; na verdade, isso o divertia. Escrevendo a respeito, disse que:

O Senhor dos Anéis
é uma dessas coisas:
se você gosta, gosta:
se não gosta, faz *bu!*⁵⁰

A Universidade de Oxford não chegou a fazer *bu!* Era polida demais para tanto. Mas, como o próprio Tolkien relatou, seus colegas lhe diziam: “Agora sabemos o que você esteve fazendo esses anos todos! Ora, a edição disso, e o comentário daquilo, e as gramáticas e os glossários, todos continuam ‘prometidos’ mas inacabados. Você se divertiu e precisa agora realizar algum *trabalho*.” O primeiro fruto dessas exigências foi uma conferência, devida havia muitos meses, para uma série acerca do elemento celta na língua inglesa. Tolkien proferiu-a, com o título “O Inglês e o Galês”, em 21 de outubro de 1955, um dia após a publicação de *O Retorno do Rei*. Tratava-se de um exame longo e um tanto difuso da relação entre as duas línguas, mas pretendia ser (como Tolkien explicou) pouco mais que uma abertura da série. Certamente contém muitos elementos valiosos enquanto comentários autobiográficos sobre a história do seu interesse por línguas. No início da conferência Tolkien

desculpou-se pelo atraso, acrescentando como paliativo que, entre as muitas tarefas que o haviam retardado, estava “a publicação há muito adiada de uma grande ‘obra’, se é que pode ser chamada assim, que contém, no modo de apresentação que acho mais natural, muito do que consegui no estudo das coisas celtas.”

A esta altura tornara-se evidente que *O Senhor dos Anéis* não faria a Allen & Unwin perder mil libras. As vendas do livro, ainda que não de maneira excepcional, aumentavam constantemente. Foram impulsionadas por uma dramatização radiofônica do livro, que, como era de esperar, não contou com a aprovação de Tolkien, pois, se tinha objeções sobre o teatro, opunha-se com mais força ainda à “adaptação” de histórias, acreditando que este processo invariavelmente as reduzia ao seu nível meramente humano e portanto mais trivial. No entanto, as transmissões radiofônicas contribuíram para a popularidade do livro, e no início de 1956, em conformidade com o contrato, Tolkien recebeu o seu primeiro pagamento da Allen & Unwin, um cheque de mais de três mil e quinhentas libras; era uma quantia consideravelmente maior que seu salário anual na universidade, e, apesar de ficar encantado, percebeu também que o imposto de renda seria um problema muito sério. As vendas cresceram ainda mais durante o ano de 1956, e o cheque que recebeu um ano depois foi substancialmente maior. Como consequência desta renda inesperada, arrependeu-se de não ter optado pela aposentadoria da cátedra aos sessenta e cinco anos, ao invés de concordar (como concordara) em continuar até os sessenta e sete, a idade costumeira para aposentadoria em Oxford. As preocupações com o imposto, que logo se mostraram justificadas, determinaram também, em 1957, a aceitação entusiástica da oferta da Universidade Marquette, uma instituição católica no meio-oeste americano, que queria comprar os manuscritos das suas principais histórias publicadas. A quantia de £ 1.250 (que equivalia na época a cinco mil dólares) foi paga, e na primavera de 1958 os originais de *O Hobbit*, *O Senhor dos Anéis* e *Farmer Giles of Ham*, juntamente com o ainda inédito *Mr. Bliss*, atravessaram o Atlântico.

Além de dinheiro, *O Senhor dos Anéis* estava trazendo a Tolkien um grande número de cartas de fãs. Entre os que escreveram havia um Sam Gamgee de verdade, que não lera *O Senhor dos Anéis* mas soubera que seu nome aparecia na história. Tolkien ficou encantado, explicou como criara o nome e mandou ao sr. Gamgee um exemplar autografado dos três volumes. Mais tarde disse: “Durante algum tempo tive medo de receber uma carta assinada ‘S. Gollum’. Isso seria mais difícil de resolver.”

A Allen & Unwin começara a negociar traduções de *O Senhor dos Anéis* em línguas estrangeiras. O primeiro resultado foi a edição holandesa, publicada em 1956, depois das ásperas críticas de Tolkien às primeiras tentativas do tradutor para verter em sua própria língua a complexa série de nomes da história. No final, Tolkien ficou satisfeito com a versão holandesa, mas não tanto com uma tradução sueca do livro, publicado três anos depois. Não somente reprovou boa parte da tradução em si (tinha um conhecimento funcional da língua sueca), mas também enfureceu-se com o prefácio do livro, inserido pelo tradutor. Tolkien referiu-se ao prefácio como “cinco páginas de tolices impertinentes”. Nele, o tradutor interpretava *O Senhor dos Anéis* como uma alegoria da política mundial contemporânea, aludia a Tolkien contando a história a “uma multidão de netos” e descrevia o cenário de Headington, o comuníssimo subúrbio de Oxford onde Tolkien morava então (situado sobre uma ligeira elevação conhecida por Colina de Headington), como “a paisagem de frondosos pomares... com os Morros das Tumbas ou Colinas de Headington ao fundo”. Depois do vigoroso protesto de Tolkien, o prefácio foi retirado das edições posteriores do livro pelos editores suecos.

Nos anos que se seguiram *O Senhor dos Anéis* foi traduzido para todas as principais línguas europeias, e para muitas outras, e, conseqüentemente, Tolkien recebeu diversos convites para viajar ao exterior e receber homenagens. Aceitou apenas um dos convites, para ir à Holanda na primavera de

1958, e a viagem foi um grande sucesso. Tinha a certeza de uma acolhida calorosa, pois fora amigo durante muitos anos do professor Piet Harting, da Universidade de Amsterdam, que o recebeu ao chegar e o entreteve regamente. O evento principal foi um “Jantar Hobbit” organizado por um livreiro de Rotterdam, onde Tolkien fez um animado discurso em inglês entremeado de holandês e élfico, que, em parte, era uma paródia do discurso de Bilbo na festa que abre *O Senhor dos Anéis*, e concluía recordando “que faz agora exatamente vinte anos que comecei seriamente a completar a história dos nossos venerados ancestrais hobbits da Terceira Era. Olho para leste, oeste, norte e sul, e não vejo Sauron; mas vejo que Saruman tem muitos descendentes. Nós, Hobbits, não temos armas mágicas contra eles. No entanto, meus gentis-hobbits, façam-lhes este brinde: aos Hobbits. Que eles perdurem além dos Sarumans e vejam outra vez a primavera nas árvores”.

A esta altura estava claro que *O Senhor dos Anéis* era uma espécie de “domínio quente” internacional. Stanley Unwin alertou Tolkien para o fato de que logo chegariam ofertas pelos direitos de filmagem, e os dois concordaram na seguinte política: aceitariam um “tratamento” respeitável do livro, ou então muito dinheiro. Como sir Stanley o expressou, era uma escolha entre “dinheiro ou glória”. Os primeiros avanços do mundo do cinema vieram no fim de 1957, quando Tolkien foi abordado por três homens de negócios americanos que lhe mostraram esboços para uma possível versão em desenho animado de *O Senhor dos Anéis*. Estes senhores (o sr. Forrest J. Ackerman, o sr. Morton Grady Zimmerman e o sr. Al Brodax) também lhe entregaram um roteiro do filme planejado. Lendo-o, Tolkien descobriu que não se tratava exatamente de um tratamento respeitoso do livro. Diversos nomes estavam grafados de maneira errada do começo ao fim (Boromir tornara-se “Borimor”), dispensavam-se praticamente todas as caminhadas da história e a Sociedade do Anel era transportada a toda a parte nas costas de águias; o pão de viagem élfico, *lembas*, era descrito como “concentrado alimentício”. Não parecia haver aí muitas perspectivas de glória e, como tampouco havia muito dinheiro, as negociações não prosseguiram. Mas era uma indicação do que estava por vir. Entrementes, a renda de Tolkien, oriunda dos seus livros, continuou alta. “Receio”, disse ele, ser impossível deixar de suspeitar que há algo de positivo nas formas mais grosseiras do sucesso literário’, como um crítico desdenhoso chamou minha obra recentemente.”

As vendas de *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis* continuaram a subir continuamente, mas não houve mudanças drásticas nesse padrão até 1965. No início desse ano soube-se que um editor americano, que aparentemente não sofria de excesso de escrúpulos, planejava lançar uma brochura não autorizada de *O Senhor dos Anéis*, quase certamente sem pagar *royalties* a Tolkien. Em virtude do estado confuso dos direitos autorais americanos naquela época, o editor sem dúvida pensava que poderia fazê-lo com impunidade; e também percebia que tal edição provavelmente venderia muito bem, especialmente entre os estudantes americanos, que já demonstravam interesse pelo livro. A única maneira de salvar a situação era lançar o livro o quanto antes pela editora americana autorizada por Tolkien, a Houghton Mifflin, e era isso que esta planejava fazer, em cooperação com a Ballantine Books. Mas, para registrar os direitos autorais sobre esta nova edição, teriam de fazer certo número de alterações no texto, de forma que o livro fosse tecnicamente “novo”. Rayner Unwin foi a Oxford para explicar tudo isto a Tolkien e pedir-lhe que fizesse uma revisão rápida de *O Senhor dos Anéis* e *O Hobbit*, para que este último também pudesse ser protegido. Tolkien concordou, e Unwin voltou satisfeito a Londres.

Normalmente a simples menção da palavra “revisão” punha Tolkien a trabalhar. Desta vez, porém, ele não fez nada a respeito durante algum tempo. Estava acostumado a desrespeitar prazos e pedidos urgentes de manuscritos, e continuou então a polir sua nova história, *Smith of Wootton Major* (que acabara de escrever), a trabalhar em sua tradução de Gawain e em algumas anotações sobre o poema élfico *Namárië*, que o compositor Donald Swann desejava musicar como parte de um ciclo de canções

inspiradas em Tolkien. Quando terminou todas essas tarefas já era junho, e já fora lançada aquela que Tolkien e outros consideravam como uma edição americana “pirata” de *O Senhor dos Anéis*.

A editora era a Ace Books, que (ao ser contestada) alegou que não havia nada de ilegal na sua edição, impressa sem permissão de Tolkien ou dos seus editores autorizados e sem nenhum pagamento de *royalties* ao autor. Na verdade, a edição Ace fora produzida com certo cuidado, de modo que, a setenta e cinco centavos de dólar cada volume, era uma verdadeira pechincha. Havia alguns erros tipográficos, mas, de modo geral, reproduzia com precisão o texto de Tolkien – ridiculamente até, pois incluía a promessa de um índice onomástico no prefácio e o pedido de desculpas pela sua ausência no final do livro. A Ace já era bem conhecida como editora de ficção científica, e evidentemente muitos iriam comprar a sua edição até que fosse lançada uma brochura autorizada. Pediram a Tolkien que completasse as revisões (nas quais supostamente estivera trabalhando com afinco nos últimos seis meses) tão logo fosse possível.

Assim, Tolkien começou a trabalhar, não na revisão de *O Senhor dos Anéis*, que era urgente, mas na de *O Hobbit*, que não o era. Gastou horas e horas procurando algumas anotações que já fizera, mas não conseguiu encontrá-las. Encontrou ao invés um texto datilografado de “The New Shadow” (As Novas Trevas), uma continuação de *O Senhor dos Anéis* que começara muito tempo antes, mas abandonara após algumas páginas. O texto falava do retorno do mal à Terra-média. Ficou acordado até as quatro da manhã, lendo e pensando a respeito. Quando, no dia seguinte, foi ocupar-se de *O Hobbit*, achou que boa parte dele era “muito fraca” e teve de se controlar para não reescrever o livro inteiro. A atividade de revisão levou algum tempo, e, quando finalmente voltou a *O Senhor dos Anéis*, o verão já estava bem avançado. Definiu certo número de alterações que corrigiam imprecisões, conferiu o índice que lhe haviam preparado, mas foi só em agosto que conseguiu enviar o texto revisto para os Estados Unidos.

Entrementes, a editora americana autorizada, a Ballantine Books, decidiu que não podia esperar mais. Para colocar nas livrarias pelo menos um livro de Tolkien, publicou o texto original de *O Hobbit*, sem aguardar as revisões de Tolkien, que planejava incluir numa edição posterior. Mandou-lhe um exemplar, e ele ficou atônito com a ilustração de capa. A Ace Books, apesar de toda a “pirataria” moral, havia empregado um capista que conhecia alguma coisa da história; a capa da Ballantine, porém, parecia não ter a mínima relação com *O Hobbit*, pois mostrava uma colina, duas emas e uma curiosa árvore que dava frutos bulbosos. Tolkien explodiu: “O que isso tem a ver com a história? Onde é esse lugar? Por que emas? E o que é a coisa em primeiro plano com bulbos cor-de-rosa?” Quando veio a resposta de que o artista não tivera tempo de ler o livro, e que o objeto com bulbos cor-de-rosa “ devia sugerir uma árvore de Natal”, Tolkien conseguiu responder apenas: “Começo a me sentir como se estivesse trancado num hospício.”

Em outubro de 1965, a brochura “autorizada” de *O Senhor dos Anéis* foi publicada nos Estados Unidos, em três volumes, incorporando as revisões de Tolkien e ostentando as emas e a árvore de Natal na capa do primeiro volume, se bem que mais tarde essa ilustração tenha sido removida e substituída por um dos desenhos do próprio Tolkien; mais duas ilustrações suas foram usadas para o segundo e o terceiro volume. Cada exemplar levava uma mensagem de Tolkien: “Esta edição em brochura, e nenhuma outra, foi publicada com o meu consentimento e a minha cooperação. Aqueles que aprovam a cortesia (ao menos) a autores vivos comprarão esta e nenhuma outra.”

Isto, porém, não produziu imediatamente o resultado desejado. A edição Ballantine (por causa dos *royalties*) custava vinte centavos de dólar a mais por volume que a edição Ace, e os estudantes americanos inicialmente não demonstraram preferência por ela. Era óbvio que algo mais teria de ser feito. Curiosamente o próprio Tolkien desempenhou um papel proeminente e eficaz na campanha que então teve início; curiosamente, porque não era um homem de negócios e, ironicamente, porque

explorou vantajosamente seus hábitos pouco comerciais de anos recentes. Ele se acostumara a “desperdiçar” muitas horas, que deveria empregar completando trabalhos a ser publicados, escrevendo respostas a inúmeras cartas de fãs; isto significava que arrebanhara um afetuoso grupo de correspondentes entusiasmados, especialmente nos Estados Unidos, e estes se lançaram com satisfação em sua defesa. Por iniciativa própria, Tolkien começou a incluir em todas as suas respostas a leitores americanos uma nota informando que a edição Ace não era autorizada, e pedindo que contassem isso aos amigos. A medida logo produziu um efeito notável. Não apenas os leitores americanos começaram a recusar-se a comprar a edição Ace, mas também exigiram, muitas vezes em termos violentos, que os livreiros a tirassem das prateleiras. Um fã-clubes, recentemente formado, “The Tolkien Society of America”, entrou na batalha. Por volta do fim do ano, as vendas dos exemplares da Ace começaram a declinar acentuadamente; e quando a causa foi abraçada pelos membros da Science Fiction Writers of America, um órgão influente que passou a exercer considerável pressão sobre a Ace, a editora escreveu a Tolkien, propondo o pagamento de *royalties* sobre cada exemplar que havia vendido, e prometendo não realizar nenhuma reedição depois que se esgotassem os estoques existentes. Assim, foi assinado um acordo, e “A Guerra pela Terra-média”, como a apelidara um jornalista, terminou.

Mas a consequência mais importante ainda estava por vir. A disputa atraía considerável publicidade, e como resultado o nome de Tolkien e os títulos de seus livros passaram a ser amplamente conhecidos nos Estados Unidos. Aproximadamente cem mil exemplares da edição Ace de *O Senhor dos Anéis* haviam sido vendidos durante o ano de 1965, mas esse número foi logo ultrapassado pela brochura “autorizada”, que rapidamente alcançou a marca de um milhão. A Ace, sem querer, prestara um serviço a Tolkien, pois havia ajudado a tirar seu livro da condição de capa-dura “respeitável”, onde definhara por alguns anos, e a colocá-lo no topo dos *best-sellers* populares. E a essa altura começara um “culto no campus”.

Havia claramente muitas coisas nos escritos de Tolkien que atraíam os estudantes americanos. Sua ênfase implícita na proteção da paisagem natural contra a destruição provocada pela sociedade industrial harmonizava-se com o crescente movimento ecológico, e era fácil ver *O Senhor dos Anéis* como um tratado para a sua época. Mas a atração principal, como Lewis percebera, havia muito tempo, estava no desenvolvimento do retorno ao romance heroico. Os críticos mais áspers podiam chamar a isso escapismo; os mais áspers ainda podiam compará-lo à sinistra influência das drogas alucinógenas que eram moda em certas rodas estudantis da época, mas, qualquer que fosse a razão, para centenas de milhares de jovens americanos, a história da viagem de Frodo com o Anel tornava-se agora O Livro, ultrapassando todos os *best-sellers* anteriores. No fim de 1966 um jornal relatou: “Em Yale, a trilogia está vendendo mais rapidamente que *O Senhor das Moscas* de William Golding no auge da sua popularidade. Em Harvard, está ganhando de *O Apanhador no Campo de Centeio* de J. D. Salinger.” Começaram a surgir insígnias de lapela ostentando slogans como “Frodo Vive”, “Gandalf para Presidente” e “Venha para a Terra-média”. Ramificações da Tolkien Society multiplicaram-se da noite para o dia na Costa Oeste e no Estado de Nova York, e acabaram por transformar-se na “Mythopoeic Society”, que também se dedicava a estudar as obras de C. S. Lewis e Charles Williams. Membros de fã-clubes organizavam “piqueniques de hobbits”, onde comiam cogumelos, bebiam sidra e se vestiam como personagens das histórias. Os escritos de Tolkien começaram a adquirir respeitabilidade nos círculos acadêmicos americanos, e tornaram-se objeto de teses com títulos como “Uma Análise Paramétrica do Conflito Antitético e da Ironia em *O Senhor dos Anéis* de J. R. R. Tolkien”. Surgiam nas livrarias dos campi volumes de críticas sobre Tolkien. A filha de um presidente, um astronauta e um astro de cinema escreveram para expressar seu entusiasmo pelos escritos de Tolkien. Entre os grafites que se podiam ver nos muros americanos havia: “J. R. R. Tolkien is Hobbit-forming”⁵¹.

O fogo deste entusiasmo americano espalhou-se por outros países. Em uma festividade em Saigon, foi visto um dançarino vietnamita ostentando o olho sem pálpebras de Sauron no escudo, e em Bornéu do Norte formou-se uma “Sociedade Frodo”. Mais ou menos ao mesmo tempo, o interesse pelos livros de Tolkien registrou um nítido aumento na Grã-Bretanha, em parte porque aqueles que os haviam lido pela primeira vez na infância estavam chegando à idade adulta e comunicavam seu entusiasmo aos amigos, e em parte como reflexo do culto que surgira nos Estados Unidos. As vendas dos livros na Grã-Bretanha cresceram abruptamente; uma Tolkien Society começou a se reunir em Londres e em outros pontos do país; os estudantes da Universidade de Warwick rebatizaram a Ring Road em torno do seu campus de “Tolkien Road”; surgiu uma “revista psicodélica, intitulada *Gandalf's Garden* com o objetivo explícito de “reunir gente bonita”. Seu primeiro número explicava que Gandalf “está rapidamente sendo absorvido pelo espírito jovem mundial como o herói mitológico da era”.

Quanto ao próprio Tolkien, escrevendo a seu colega Norman Davis, referiu-se ao entusiasmo pelos seus livros como “o meu deplorável culto”; e, a um repórter que lhe perguntou se lhe agradava o entusiasmo dos jovens americanos, respondeu: “A arte os toca e eles não sabem pelo que foram tocados e se embriagam com isso. Muitos jovens americanos estão envolvidos nas histórias de uma maneira que eu não estou.”

As vendas dos livros continuaram aumentando, e, apesar de ser impossível dar um número preciso, parece que no final de 1968 aproximadamente três milhões de exemplares de *O Senhor dos Anéis* haviam sido vendidos no mundo todo. Numerosas traduções saíram em várias línguas.⁵²

Os repórteres da imprensa, em números cada vez maiores, começaram a procurar Tolkien, e, se bem que por princípio não gostasse de dar entrevistas, sua cortesia natural tornava difícil dispensá-los; por fim, escolheu alguns por quem tinha uma predileção particular e insistiu em comunicar-se apenas com eles. Visitantes de todos os tipos chegavam para tratar de assuntos relacionados aos seus livros e, de novo, apesar de não desejar ser perturbado, geralmente concordava em vê-los. Em geral, tendia a gostar das pessoas no começo e passava a achá-las irritantes depois de algum tempo; talvez pensando nisso, instalou um despertador que regulava para tocar poucos minutos depois da chegada do visitante, quando então dava a entender que tinha outro assunto para ser tratado e levava a visita à porta.

Americanos entusiasmados com seus livros começaram a fazer romarias para vê-lo. Dick Plotz, membro fundador da Tolkien Society of America, foi visitá-lo e entrevistou-o para uma revista de fãs. O professor Clyde S. Kilby de Illinois chegou mostrando muito interesse pelo *Silmarillion*, já aguardado com impaciência pelos entusiastas de Tolkien; o autor mostrou a Kilby alguns dos manuscritos do *Silmarillion*, e ficou satisfeito com seus elogios. Outro acadêmico do meio-oeste americano, William Ready, visitou Tolkien e mais tarde publicou um livro sobre ele que Tolkien considerou “insultuoso e ofensivo”; a partir de então, passou a tomar mais cuidado com os visitantes. No início de 1968 a BBC fez um filme sobre ele, intitulado “Tolkien em Oxford”; ele atuou sem inibições diante da câmara, e divertiu-se um pouco. No entanto, essa espécie de coisa, de modo geral, não era do seu agrado. Escreveu a um leitor: “Temo que ser um objeto de culto em vida não seja nada agradável. Porém não acho que isso tenda a nos deixar vaidosos; seja como for, no meu caso, faz com que me sinta extremamente pequeno e inadequado. Mas mesmo o nariz de um ídolo muito modesto não pode ficar totalmente alheio ao doce odor do incenso.”

VII
1959-1973: Últimos anos

1. Headington

A fama deixava-o perplexo. Não era algo que esperasse ou considerasse apropriado. Que seus leitores se entusiasmassem com as histórias, tudo bem, mas por que tinham de fazer esse alvoroço ao seu redor? E, de fato, estavam fazendo alvoroço. Ele tinha de enfrentar pilhas de correspondência dos fãs, e muitos leitores não lhe enviavam apenas cartas. Incluía presentes de todos os tipos: pinturas, esculturas, taças, fotografias de si próprios vestidos como personagens dos livros, fitas gravadas, comida, bebida, tabaco e tapeçarias. A Sandfield Road 76, onde os Tolkiens agora moravam, já estava atulhada de livros e papéis, e começava agora a transbordar de presentes. Tolkien passava dias escrevendo cartas de agradecimento. Quando a Allen & Unwin ofereceu-lhe assistência para responder as cartas dos fãs, ele aceitou com gratidão. Mas, como seu endereço particular recebera alguma publicidade e seu número de telefone podia ser encontrado na lista de Oxford, havia incômodos de outra natureza. Os visitantes começaram a chegar sem hora marcada, pedindo-lhe autógrafos ou dinheiro. Normalmente eram bem-educados, mas às vezes loucos ou ameaçadores. O telefone tocava no meio da noite: estava na linha um americano desconhecido, desejoso de falar com Tolkien em pessoa e totalmente alheio à diferença de fuso horário. Pior ainda, as pessoas começavam a tirar fotografias pelas janelas. Não era o tipo de coisa que deveria acontecer num mundo organizado, num Condado ordeiro.

À medida que Tolkien envelhecia, muitas de suas características tornavam-se mais marcantes. A maneira apressada de falar, a má articulação e as frases parentéticas ficaram mais pronunciadas. Atitudes de longos anos, como a ojeriza pela culinária francesa, transformaram-se em absurdas caricaturas de si mesmas. O que certa vez escrevera sobre os preconceitos de C. S. Lewis poderia ser aplicado a si mesmo na velhice: “Ele tinha vários, alguns inerradicáveis, que se baseavam na ignorância, e eram impermeáveis à informação.” Ao mesmo tempo, não tinha nem de longe tantos preconceitos como Lewis; nem “preconceito” é exatamente a palavra correta, pois implica dizer que seus atos se baseavam nessas opiniões, enquanto na verdade suas mais estranhas crenças raramente influenciavam seu comportamento. Não era tanto uma questão de preconceito, mas antes o hábito (e não é um hábito incomum em Oxford) de fazer afirmativas dogmáticas sobre coisas das quais muito pouco entendia.

De certa maneira, achava a velhice profundamente penosa, enquanto, sob outros aspectos, ela revelava o que ele tinha de melhor. Entristecia-se com a consciência do declínio do seu vigor, e em 1965 escreveu: “Acho difícil trabalhar – começando a me sentir velho, o fogo se extinguindo.” Vez por outra isto o fazia mergulhar no desespero, e nos seus últimos anos tornou-se especialmente propenso à melancolia que sempre caracterizara sua vida; a própria sensação de isolamento era suficiente para destacar este lado da sua natureza. Mas o outro lado da sua personalidade, a capacidade para a alegria e a camaradagem, permaneceu igualmente forte, e até cresceu para equilibrar a crescente melancolia. A velhice caiu-lhe bem fisicamente, e, à medida que a angularidade do rosto comprido e delgado abrandava-se em rugas e dobras, e uma suspeita de barriga insinuava-se por detrás do colete colorido que agora usava quase que invariavelmente, os amigos observavam que o amadurecimento assentava-lhe bem. Com certeza sua capacidade de apreciar a companhia dos outros parecia aumentar com o passar dos anos; os olhos brilhantes, o modo entusiástico de falar, a risada explosiva, a cordialidade fácil e as atitudes expansivas, à mesa do jantar ou em um bar, faziam dele o mais agradável dos companheiros.

“Ele era um homem de ‘companheiros inseparáveis’”, escreveu C. S. Lewis no obituário de Tolkien muito antes da morte deste, “e estava sempre muito bem em qualquer pequeno círculo de íntimos onde o tom fosse ao mesmo tempo boêmio, literário e cristão.” No entanto, quando Tolkien se aposentou da Cátedra Merton no verão de 1959, colocou-se quase que propositalmente fora do alcance de tais companheiros inseparáveis, longe da sociedade daqueles que (além da sua própria família) mais amava; e como resultado experimentou um tanto de infelicidade. Nesses últimos anos ainda se encontrava um pouco com Lewis, às vezes visitando o “Bird and Baby” e Kilns, a casa de Lewis do outro lado de Headington; e ele e Lewis provavelmente poderiam ter preservado algo da sua antiga amizade se Tolkien não houvesse ficado perplexo, e até enfurecido, com o casamento de Lewis e Joy Davidman, que durou de 1957 até o falecimento dela em 1960. Seus sentimentos podem ser explicados em parte por ela ter se divorciado do primeiro marido antes de se casar com Lewis, e em parte por ressentir-se do fato de Lewis esperar que os amigos bajulassem sua nova esposa – quando, nos anos trinta, Lewis, solteirão convicto, preferira ignorar que os amigos tinham esposas em casa à sua espera. Mas havia mais do que isso. Era quase como se Tolkien se sentisse traído pelo casamento, se ressentisse da intrusão de uma mulher na sua amizade com Lewis – exatamente como Edith se ressentira da intrusão de Lewis no seu casamento. Ironicamente, foi Edith quem se tornou amiga de Joy Davidman.

A interrupção dos encontros regulares de Tolkien com Lewis, em meados dos anos cinquenta, marcou o encerramento do seu impulso para formar clubes, um capítulo da sua vida que tivera início com a T.C.B.S. e culminara com os Inklings. Dessa época em diante, foi essencialmente um homem solitário, que passava a maior parte da vida em casa. Isto ocorria principalmente por necessidade, pois preocupava-se intensamente com a saúde e o bem-estar de Edith; e, como ela tinha cada vez mais dificuldades para se movimentar, além de sofrer de constantes distúrbios digestivos, sentiu que seu dever era ficar com ela tanto tempo quanto possível. Mas esta alteração da sua vida foi também, até certo ponto, um afastamento proposital da sociedade onde vivera, trabalhara e falara durante quarenta anos – pois a própria Oxford estava mudando, e sua geração estava dando lugar a uma linhagem diferente de homens, menos discursivos, menos sociais à maneira antiga e certamente menos cristãos.

No seu Discurso de Despedida, proferido diante de uma numerosíssima plateia no Merton College Hall, no fim do seu último período letivo de verão, Tolkien referiu-se a algumas das mudanças que ocorriam em Oxford. Dirigiu algumas observações mordazes à crescente ênfase na pesquisa de pós-graduação, que descreveu como “a degeneração da curiosidade e do entusiasmo verdadeiros em uma ‘economia planejada’, na qual um determinado tempo de pesquisa é socado em cascas mais ou menos padronizadas, produzindo salsichas de tamanho e forma aprovados pelo nosso próprio livrinho impresso de receitas”. Contudo, encerrou o discurso não com a discussão de assuntos acadêmicos, mas com um trecho da sua canção élfica de despedida, *Namárië*. Finalmente, após quatro décadas a serviço da universidade, encarava a perspectiva de dedicar todo o seu tempo às suas lendas, e especialmente a completar o *Silmarillion*, que a Allen & Unwin estava agora ansiosa para publicar e pelo qual já havia esperado por vários anos.

A Sandfield Road não era o melhor lugar para a aposentadoria. Tolkien já morava lá havia seis anos e tinha consciência das limitações que o lugar importava; ainda assim, talvez não estivesse inteiramente preparado para a sensação de isolamento que começou a sentir quando não teve mais de percorrer diariamente o caminho até o colégio. A casa em Sandfield Road ficava a três quilômetros do centro de Oxford, e o ponto de ônibus mais próximo ficava a certa distância, mais longe do que Edith conseguia caminhar com facilidade. Consequentemente, qualquer ida ao centro de Oxford ou às lojas de Headington implicava tomar um táxi. Os amigos já não faziam visitas com a mesma frequência do

tempo em que os Tolkiens moravam no centro da cidade. Quanto à família, Christopher e sua esposa Faith apareciam com regularidade. Faith, escultora, fizera um busto do sogro que a Faculdade de Inglês presenteou a Tolkien quando ele se aposentou; mais tarde o próprio Tolkien pagou a fundição em bronze, e o busto foi colocado na biblioteca da faculdade. Christopher, professor e mais tarde *fellow* do New College, estava muito ocupado com seu próprio trabalho. John tinha a responsabilidade da sua própria paróquia em Staffordshire, enquanto Michael lecionava no centro da Inglaterra e só de vez em quando podia ir visitá-los com a família (um filho e duas filhas). Priscilla retornara a Oxford e trabalhava com réus primários em liberdade condicional; encontrava-se muito com os pais, mas morava no lado oposto da cidade e também tinha os seus próprios afazeres.

Os contatos de Tolkien com a vida acadêmica restringiam-se agora a visitas ocasionais de Alistair Campbell, o estudioso de anglo-saxão que sucedera a Charles Wrenn como catedrático, e a almoços com seu ex-aluno Norman Davis, o novo titular da Cátedra Merton de Língua e Literatura Inglesa. Davis e a esposa logo perceberam que essas refeições eram uma parte importante da vida dos Tolkiens, libertando-os da estreita rotina doméstica em Sandfield Road. Mais ou menos uma vez por semana, os Davis apareciam para levá-los ao hotel que fosse o seu predileto do momento – e nenhum permanecia por muito tempo na predileção dos Tolkiens, fosse por alguma falha na culinária, o preço excessivo ou o fato de terem de ir até lá por uma estrada nova que estragara a paisagem. No hotel, bebiam uma rodada – Edith descobrira que uma boa dose de conhaque fazia bem à sua digestão – e então faziam um bom almoço onde o vinho não faltava. Durante a refeição, Lena Davis conversava com Edith, de quem gostava muito, liberando os dois homens para a sua própria conversa. Mas, além disto e das reuniões de familiares, pouco mais existia na vida social de Tolkien.

O Exeter College elegeu-o Membro Honorário em 1963, e Merton fez o mesmo logo em seguida, distinguindo-o como Membro Emérito. Mas, apesar de ser sempre bem-vindo em ambos os colégios e receber convites frequentes, raramente participava dos jantares oferecidos, e, quando ia, comia pouco, suspeitando o pior da cozinha. Além disso, nunca jantava fora de casa, a não ser que Priscilla ou uma amiga pudessem fazer companhia a Edith. A preocupação pelo bem-estar dela sempre era o principal para ele.

Imediatamente após a aposentadoria, Tolkien teve uma porção de arranjos domésticos para ocupá-lo. Tinha de retirar todos os livros da sua sala no colégio e encontrar espaço para eles em casa, e, como seu estúdio-dormitório no andar superior da casa já estava apinhado, decidiu converter a garagem (desocupada, pois não havia carro) em uma biblioteca-escritório. A mudança dos livros levou muitos meses, e não contribuiu para melhorar o lumbago de que vinha se queixando. Mas, finalmente, estava tudo em seu lugar e ele pôde iniciar a importante tarefa de rever e completar o *Silmarillion*.

Inevitavelmente, dado o seu hábito de realizar alterações drásticas, decidiu que toda a obra precisava ser reformulada e deu início à grande obra, auxiliado pela secretária de meio expediente, Elisabeth Lumsden, que, como duas sucessoras, Naomi Collyer e Phyllis Jenkinson, tornou-se amiga dele e de Edith. Mas, tão logo começou, foi interrompido pela chegada das provas da sua edição de *Ancrene Wisse*, atrasada devido a uma greve dos tipógrafos. Relutante, abandonou sua mitologia e concentrou-se na tarefa de corrigir duzentas e vinte e duas páginas em médio inglês, com detalhadas notas de rodapé. Pronto o *Ancrene Wisse*, começou a voltar ao que chamava seu “trabalho de verdade”; sentia, porém, que, antes de continuar o *Silmarillion*, devia terminar de rever as traduções de *Gawain e Pearl* e de escrever a introdução que os editores solicitavam para elas. Não conseguiu terminar nenhum desses trabalhos antes de se dedicar a outra tarefa para a Allen & Unwin, a revisão de sua conferência *Sobre Histórias de Fadas*, que a editora desejava reimprimir juntamente com *Leaf by Niggle*. Não havia continuidade, os sfios que compunham a obra rompiam-se, a realização era retardada e a frustração,

cada vez maior.

Grande parte do seu tempo, também, ele gastava simplesmente respondendo a cartas. Os leitores escreviam às dúzias, elogiando, criticando e pedindo mais informações sobre elementos das histórias. Tolkien levava todas as cartas a sério, especialmente quando vinha de uma criança ou pessoa idosa. Fazia às vezes dois ou três rascunhos da resposta – e então ficava insatisfeito com o resultado, ou tão indeciso sobre o que devia dizer, que não mandava nenhuma resposta; ou então perdia a carta após escrevê-la e gastava horas revirando a garagem ou o estúdio-dormitório até encontrá-la. A busca podia revelar outras coisas esquecidas, uma carta por responder ou uma história inacabada, e ele abandonava o que começara a fazer, sentava-se e lia (ou reescrevia) o que houvesse descoberto. Muitos dias se passavam desta maneira.

Ficava sempre contente em atender a pedidos dos leitores que desejavam dar à sua casa, ao seu animal de estimação ou até ao seu filho o nome de um lugar ou de um personagem dos seus livros; de fato, considerava adequado que eles lhe *pedissem*, e ficou irado quando um hidrofólio recebeu o nome de “Shadowfax” (o cavalo que Gandalf montava) sem sua permissão. Os que escreviam sobre tais assuntos muitas vezes recebiam recompensas inesperadas; um criador de gado Jersey, que perguntara se podia usar “Rivendell” como nome de um rebanho, recebeu de Tolkien uma carta dizendo que o termo élfico para “touro” era *mundo* e sugerindo diversos nomes para touros que podiam ser derivados da palavra. (Após enviar a carta, Tolkien sentou-se para descobrir como *mundo* viera a significar “touro”, algo que não considerara antes.) Com este e assuntos semelhantes ocupando-o cada vez mais, passava pouco tempo trabalhando no *Silmarillion*.

Não obstante, continuou a ocupar-se dele, e poderia tê-lo pronto para publicação nessa época se tivesse sido capaz de adotar disciplina e métodos de trabalho regulares. No entanto, gastava boa parte do tempo jogando paciência, muitas vezes até tarde da noite. Era um hábito de muitos anos, e ele inventara um grande número de jogos, que compartilhava alegremente com outros jogadores de paciência. Com certeza pensava bastante enquanto aparentemente desperdiçava seu tempo com as cartas; mas normalmente sentia remorsos pelas horas gastas dessa maneira. Muitas vezes passava a maior parte do dia desenhando motivos maravilhosamente intrincados nos versos de jornais velhos enquanto resolvia as palavras-cruzadas. Inevitavelmente esses motivos enredavam-se nas suas histórias, transformando-se em emblemas heráldicos élficos, desenhos de tapetes numereanos ou esboços de plantas exóticas com nomes em Quenya ou Sindarin. Inicialmente ele se deleitava com eles. Mas então envergonhava-se de seus modos dilatatórios e tentava voltar ao trabalho; aí tocava o telefone, ou Edith o chamava para ir às compras ou tomar chá com um amigo, e ele tinha de abandonar o trabalho pelo resto do dia.

Assim, parte da culpa por não produzir muita coisa era dele. E isto por si só o deprimia e diminuía ainda mais a sua capacidade; ao mesmo tempo, também o entristecia o que muitas vezes lhe parecia ser um modo de vida monótono e restritivo. “Os dias parecem vazios”, escreveu, “e não consigo me concentrar em nada. Acho a vida tão *enfadonha* neste confinamento.”

Em particular, sentia-se solitário por falta de companhia masculina. Seu antigo amigo e médico R. E. Havard, um dos Inklings, morava perto da casa e (por ser católico) frequentemente se sentava a seu lado na missa dominical. Sua conversa, ao voltarem para casa após a igreja, era parte importante da semana de Tolkien, mas muitas vezes servia apenas para deixá-lo nostálgico.

C. S. Lewis faleceu em 22 de novembro de 1963 com sessenta e quatro anos. Alguns dias mais tarde, Tolkien escreveu à sua filha Priscilla: “Até aqui senti as sensações normais de um homem da minha idade – como uma velha árvore que perde todas as suas folhas, uma a uma: sinto isto como um golpe de machado perto das raízes.”

Rejeitou uma solicitação para escrever um obituário de Lewis, assim como uma contribuição para o volume memorial. Mas passou muitas horas ponderando o último livro de Lewis, *Letters to Malcolm, Chiefly on Prayer*.

Logo após a morte de Lewis, Tolkien começou um diário, algo que não fizera por muitos anos. Em parte era uma desculpa para usar mais um alfabeto que inventara; chamava-o seu “Novo Alfabeto Inglês”, e observava que sua intenção era melhorar aquilo que dizia ser “o ridículo alfabeto proposto por pessoas que competem pelo dinheiro daquele homem absurdo, Shaw”. Utilizava algumas letras convencionais (se bem que lhes atribuísse valores sonoros diferentes), alguns símbolos fonéticos internacionais e alguns símbolos do seu próprio alfabeto Fëanoriano. Empregava-o no seu diário quando desejava escrever sobre assuntos particulares. Assim como todos os seus diários, também este era mais frequentemente um registro de pesares que de alegrias, e não proporciona uma imagem totalmente equilibrada de sua vida em Sandfield Road. Indica, no entanto, as aterradoras profundezas de melancolia às quais era capaz de descer, ainda que somente por breves períodos. “A vida é cinzenta e cruel”, escreveu em um desses momentos. “Não consigo produzir nada, entre a decadência e o tédio (confinado em casa), e a ansiedade e a perturbação. O que hei de fazer? Enfiar-me num hotel ou lar de velhos ou clube, sem livros ou contatos ou conversas com homens? Deus me ajude!”

De forma bem típica, Tolkien tirou proveito desta depressão em particular. Assim como seu desespero, quando não conseguia terminar *O Senhor dos Anéis*, dera origem a *Leaf by Niggle*, assim também a ansiedade em relação ao futuro e a crescente dor pela chegada da velhice levaram-no a escrever *Smith of Wootton Major*.

A história surgiu de um modo curioso. Um editor americano pedira a Tolkien um prefácio para uma nova edição de *The Golden Key* de George Macdonald. Normalmente ele recusava convites desse tipo, mas, dessa vez, por nenhuma razão aparente, aceitou. Pôs-se a trabalhar no fim de janeiro de 1965, numa época em que estava especialmente deprimido. Achou o livro de Macdonald muito menos do seu gosto do que recordava, e notou que era “mal escrito, incoerente e ruim, a despeito de alguns trechos memoráveis”. (Na verdade, Tolkien não possuía a mesma devoção apaixonada a Macdonald de C. S. Lewis; gostava dos livros de Curdie, mas achava que boa parte dos escritos de Macdonald era prejudicada pelo seu conteúdo alegórico moral.) Mas, apesar dessa reação à história, e mais uma vez de modo nada característico, empenhou-se na tarefa como se tivesse de terminar alguma coisa para provar que não era incapaz de trabalhar. Começou a explicar aos jovens leitores, aos quais a edição se destinava, o significado de *Fairy*⁵³. Escreveu:

O *Encantamento* é muito poderoso. Mesmo o mau autor não pode escapar-lhe. Provavelmente ele constrói seu conto a partir de fragmentos de contos mais antigos, ou de coisas que recorda pela metade, e pode ser que esses sejam demasiado fortes para que ele os corrompa ou desencante. Alguém pode encontrá-los pela primeira vez no seu tolo conto, e entrever um vislumbre do Encantamento, e prosseguir em direção a coisas melhores. Isto poderia ser colocado em forma de uma curta história como esta. Havia outrora um cozinheiro, e ele imaginou fazer um bolo para uma festa de crianças. Sua intenção principal era de que fosse bem doce...

A história deveria estender-se apenas por alguns parágrafos. Mas continuou e continuou até Tolkien perceber que ela tinha vida própria e deveria ser concluída como algo separado. No primeiro rascunho chamava-se “O Grande Bolo”, mas logo ele adotou o título *Smith of Wootton Major*. O prefácio para Macdonald nunca foi terminado.

Smith era inusitado por dois motivos: fora composto na máquina de escrever – algo que Tolkien normalmente não fazia – e relacionava-se íntima e até mesmo conscientemente com seu autor. Chamou-o “história de velho, recheada com o presságio de perda”, e em outro lugar disse que fora

“escrito com profunda emoção, retirada em parte da experiência da perda na ‘aposentadoria’ e na idade avançada”. Como o Ferreiro, o rapaz de aldeia que engole uma estrela mágica e assim obtém um passaporte para o mundo encantado, Tolkien havia, na sua imaginação, perambulado longamente através de terras misteriosas; mas agora sentia a aproximação do fim, e sabia que logo teria de entregar sua própria estrela, a imaginação. Foi a última história que escreveu.

Não muito tempo após completá-la, Tolkien mostrou-a a Rayner Unwin, que ficou deliciado, mas achou que seria necessário reunir histórias e editar um volume de tamanho razoável. No entanto, a Allen & Unwin decidiu editar a história sozinha, e ela foi publicada na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos durante o ano de 1967, com ilustrações de Pauline Baynes. *Smith of Wootton Major* foi em geral bem recebido pelos críticos, se bem que nenhum deles tenha percebido seu conteúdo pessoal ou observado que era pouco característico do autor por conter um elemento de alegoria. Tolkien escreveu a esse respeito: “Não há alegoria no mundo encantado, que é concebido como dotado de existência real, extramental. Há alguns traços de alegoria na parte Humana, que me parece óbvia apesar de nenhum leitor ou crítico ainda ter topado com ela. Como é usual, não há ‘religião’ na história: mas muito claramente o Mestre Cozinheiro e o Grande Salão etc. são uma alegoria (um tanto satírica) da igreja e do pároco de aldeia: suas funções que continuamente decaem e perdem todo o contato com as ‘artes’, tornando-se meramente comer e beber – sendo que o último traço de qualquer coisa ‘diferente’ permanece nas crianças.”

Durante este período Tolkien completou mais dois livros para serem publicados. Sua revisão da conferência *On Fairy-Stories* foi publicada em 1964, juntamente com *Leaf by Niggle*, com o título global *Tree and Leaf* (Árvore e Folha); e, em 1961, quando sua tia Jane Neave, então com oitenta e nove anos, escreveu perguntando “se você não publicaria um livrinho com Tom Bombadil no seu coração, um livro de um tamanho que nós velhos possamos nos permitir comprar como presente de Natal”, o resultado foi *The Adventures of Tom Bombadil* (As Aventuras de Tom Bombadil). A maioria dos poemas que Tolkien selecionou para o livro haviam sido escritos nos anos vinte e trinta, à exceção de “Bombadil Goes A-Boating” (Bombadil vai Passear de Barco), composto especialmente para o livro, e “Cat” (Gato), escrito em 1956 para divertir Joan Anne, neta de Tolkien. O livro, mais uma vez ilustrado por Pauline Baynes, foi editado a tempo de encantar Jane Neave, que faleceu alguns meses depois.

Se a vida de aposentado às vezes parecia “cinzenta e cruel”, havia também muitos elementos que Tolkien apreciava. Pela primeira vez tinha bastante dinheiro. Ainda em 1962, antes do espantoso crescimento das vendas nos Estados Unidos, escreveu sobre sua renda: “É uma situação surpreendente, e espero ser suficientemente grato a Deus. Ainda há pouco eu pensava se seríamos capazes de continuar morando aqui, com minha pensão inadequada. Mas, salvo catástrofe universal, é pouco provável que eu volte a sofrer dificuldades financeiras em minha vida.”

Os impostos consumiam uma grande proporção da sua renda, mas em geral ele encarava isto filosoficamente; no entanto, em certa ocasião cruzou um cheque de grande valor, pagável às autoridades fiscais, com as palavras “Nem um tostão para o Concorde”. Perto do fim da vida, legou a maioria dos seus bens aos quatro filhos.

Era generoso com a riqueza recém-adquirida; nos últimos anos de vida, doou (anonimamente) uma substancial quantia à igreja paroquial de Headington. Em particular, ficava sempre feliz em atender às necessidades dos membros da família. Comprou uma casa para um dos filhos, um carro para outro, deu um violoncelo a um neto e pagou as mensalidades escolares de uma neta. Mas, a despeito de sua afluência, o costume de vigiar cada tostão – um costume adquirido durante anos de pesadas despesas e baixa renda – não podia ser rompido com facilidade; e seu diário, além de incluir um registro do tempo dia a dia, invariavelmente continha uma descrição detalhada até das menores despesas: “Correio via

aérea 1 xelim 3 *pence*, Lâminas Gillette 2 xelins 11 *pence*, correio 7 xelins 1/2 *pence*, Steradent 6 xelins 2 *pence*.” Nunca gastava dinheiro descuidadamente; ele e Edith não instalaram eletrodomésticos na casa, pois nunca os haviam usado e não imaginavam que pudessem necessitar deles. Não havia televisão na casa e tampouco lavadora de roupas ou de louça.

No entanto, o fato de agora dispor de bastante dinheiro dava muito prazer a Tolkien. Comprazia-se em extravagâncias seletas inteiramente ao seu gosto: um bom almoço regado a vinho num restaurante depois de uma manhã fazendo compras em Oxford, um paletó preto de veludo cotelê e um colete novo da alfaiataria Hall’s, e roupas novas para Edith.

Ele e Edith eram ainda pessoas muito diferentes com interesses muito diversos, e, mesmo após cinquenta anos de casamento, nem sempre eram a companhia ideal um para o outro. Ocasionalmente havia momentos de irritação entre eles, assim como os houvera ao longo de toda a vida. Mas existia ainda, como sempre existira, muito amor e afeto, talvez mais ainda agora que haviam superado as dificuldades de criar uma família. Agora tinham tempo para simplesmente sentar-se e conversar; e frequentemente faziam isso, especialmente nas noites de verão, após o jantar, num banco na varanda da frente, ou no jardim entre suas rosas, ele com seu cachimbo e ela fumando um cigarro, hábito que adquirira no fim da vida. Inevitavelmente boa parte da conversa era sobre a família, uma fonte interminável de interesse para ambos. O *conceito* de família, algo que eles próprios mal haviam conhecido quando crianças, sempre fora de grande importância para eles, e agora descobriram que o papel era inteiramente do seu agrado, e se encantavam com as visitas dos netos. Suas bodas de ouro, comemoradas em 1966 com muita cerimônia, deram-lhes grande prazer. Entre os eventos houve uma apresentação, na festa no Merton College, do ciclo de canções inspiradas em Tolkien, *The Road Goes Ever On* (A Estrada Continua Sempre), de autoria de Donald Swann, com o compositor ao piano e cantadas por William Elvin – “Um nome de bom agouro!”, disse Tolkien⁵⁴.

As condições domésticas em Sandfield Road não eram ideais, e a situação foi se deteriorando ao longo dos anos à medida que a saúde de Edith piorava. A despeito da artrite, que dificultava cada vez mais seus movimentos, conseguia cozinhar todas as refeições, fazer a maioria dos serviços domésticos e parte da jardinagem; mas, à medida que avançava a década de sessenta e ela se aproximava dos oitenta anos, tornava-se evidente que não poderia prosseguir assim por muito mais tempo. Uma diarista geralmente vinha por umas poucas horas, mas a casa não era pequena e havia muito a ser feito, e, ao mesmo tempo, não era grande o suficiente para acomodar uma governanta, mesmo supondo que fosse possível encontrar uma pessoa adequada para a função. O próprio Tolkien fazia o que estava ao seu alcance para ajudar, e, como tinha certa habilidade manual, consertava móveis quebrados ou trocava fusíveis; mas também ele sentia seus movimentos tornarem-se cada vez mais rígidos. Assim, no início de 1968, quando Tolkien tinha setenta e seis anos e Edith setenta e nove, o casal decidiu mudar-se para uma casa mais conveniente. Uma mudança traria a vantagem adicional de manter secreto o seu paradeiro, evitando assim o fluxo, a essa altura quase intolerável, de cartas, presentes, telefonemas e visitas de admiradores. Quanto ao lugar para onde se mudariam, ele e Edith consideraram diversas possibilidades na área de Oxford. Acabaram escolhendo Bournemouth.

2. Bournemouth

Mesmo pelos padrões das cidades costeiras inglesas, Bournemouth é um lugar peculiarmente sem graça, uma área urbana que deve a maior parte de sua arquitetura ao final do século XIX e ao início do século XX, um anêmico equivalente inglês da Riviera Francesa. Como a maioria dos balneários da costa sul, atrai um grande número de idosos. Eles vêm passar seus últimos anos em bangalôs e vilas, ou como residentes de hotéis desbotados, onde são bem-vindos no inverno, mas cujas taxas semanais disparam abruptamente durante a temporada de verão. Eles vão espaiar na praia, em East Cliff ou West Cliff, frequentam a biblioteca pública, os Jardins de Inverno e o campo de golfe, passeiam entre as coníferas de Boscombe e Branksome Chine, e, por fim, morrem.

No entanto, Bournemouth cumpre a sua finalidade. É um ambiente onde pessoas idosas com algum dinheiro podem sentir-se confortáveis e passar o tempo com outras da mesma idade e classe. Edith Tolkien gostou muito da cidade, e não sem razão, pois em Bournemouth, pela primeira vez na vida, fez um grande número de amigos.

Alguns anos antes ela começara a passar férias no Miramar Hotel, à beira do oceano na parte leste da cidade, um estabelecimento caro, mas confortável e amigável, frequentado principalmente por gente como ela. Depois de se aposentar e desistir das visitas à Irlanda para aplicar exames, Tolkien passara a acompanhá-la nessas viagens a Bournemouth, e logo deu-se conta de que lá, de modo geral, ela se sentia muito mais feliz que na sua casa em Oxford. Isto não era nenhuma surpresa, pois o ambiente social do Miramar era muito semelhante ao que ela conhecera na casa de Jessops em Cheltenham, entre 1910 e 1913: classe média alta, afluenta, não intelectual e exibindo uma cordialidade fácil para com os de sua classe. No Miramar ela estava em casa, de volta ao seu próprio meio, como nunca estivera em Oxford ou em qualquer outra época de sua vida de casada. É verdade que muitos dos demais hóspedes do hotel tinham títulos e eram ricos e seguros de si. No entanto pertenciam todos essencialmente à mesma casta: conservadores, satisfeitos em falar dos filhos, netos e conhecidos comuns, passar a maior parte do dia na sala de estar dos residentes com interrupções ocasionais para passeios à beira-mar, tomar café após o jantar e assistir ao noticiário das nove na sala de televisão antes de se deitar. Edith tampouco era vítima de qualquer sensação de inferioridade, pois agora sua situação financeira era tão boa quanto a de qualquer um deles; e quanto aos títulos, ser a esposa de um autor internacionalmente famoso anulava qualquer sentimento de inadequação que pudesse nutrir.

Numa base mais prática, o Miramar tornava-se mais e mais a resposta ideal aos problemas domésticos dos Tolkiens. Quando a tensão de manter a casa tornava-se excessiva para Edith, era fácil reservar os quartos de sempre, contratar o mesmo motorista e ir para Bournemouth. No Miramar, Edith logo recuperava boa parte das suas forças, sem falar no bom-humor, e mesmo Tolkien sentia-se aliviado com as visitas a Bournemouth, simplesmente porque elas lhe permitiam escapar dos limites de Sandfield Road e do desespero causado pela sua incapacidade de trabalhar.

Ele não se sentia especialmente feliz no Miramar. Ao contrário de Edith, não apreciava o tipo de pessoas (como disse C. S. Lewis) “cuja conversa é quase que totalmente narrativa” e, apesar de às vezes encontrar um ou outro homem entre os hóspedes com quem era possível conversar, a sensação de aprisionamento reduzia-o a uma raiva silenciosa e impotente. Mas, sob outros aspectos, as viagens a Bournemouth faziam-lhe muito bem. No seu quarto de hotel podia trabalhar tanto (ou tão pouco) quanto em Sandfield Road – contanto que se lembrasse de trazer consigo todos os papéis relevantes, o que nem sempre ocorria – e apreciava o conforto e a comida. Ele e Edith conheceram um médico local

que se revelaria invariavelmente amistoso e prestativo sempre que algum deles não passasse bem; havia uma igreja católica a uma distância razoável; o hotel ficava próximo ao mar que ele tanto amava (se bem que fosse um mar bem mais tímido do que teria preferido); e acima de tudo ele podia perceber que Edith estava feliz. Assim, as visitas a Bournemouth continuaram, e quando os Tolkiens decidiram deixar Sandfield Road e encontrar outra casa, não foi motivo de surpresa a decisão de procurar uma perto do Miramar.

“Ele mora numa casa horrorosa – não posso lhes dizer quão horrorosa, com quadros horrorosos.” W. H. Auden disse isto em uma reunião da Tolkien Society em Nova York e suas palavras foram publicadas por um jornal londrino em janeiro de 1966. Tolkien leu-as e observou: “Já que faz alguns anos desde a sua única visita, quando então apenas entrou no quarto de Edith e tomou chá, ele deve estar confuso nas suas lembranças (se é que realmente disse bem isso).” Foi uma reação tranquila a um comentário ofensivo, e, após expressar algum desagrado numa carta a Auden, Tolkien logo voltou a corresponder-se cordialmente com ele.

A observação de Auden era tola, e não era verdadeira. A casa da Sandfield Road (à qual se referia), se bem que modesta, não era mais feia que quaisquer outras naquela rua insípida, nem os quadros que adornavam as paredes da sala de visitas de Edith eram muito diferentes dos existentes nas casas de classe média do bairro. Mas era exatamente isso que Auden estava tentando dizer. Homem de gosto refinado, assombrou-se com a mediocridade do estilo de vida de Tolkien e com a conformidade da casa ao ambiente suburbano da Sandfield Road. Tal estilo de vida não refletia especificamente os gostos do próprio Tolkien; por outro lado, ele não lhe fazia nenhuma objeção – na verdade, havia nele uma faceta ascética que nem se dava conta disso. É importante compreender isto antes de chegar a qualquer conclusão sobre a vida que Tolkien levou em Bournemouth de 1968 até o fim de 1971.

Ele e Edith compraram um bangalô que, de táxi, não ficava longe do Miramar. Pode-se facilmente imaginar o que Auden teria pensado dessa casa simples e moderna, na Lakeside Road 19, pois, pelos seus padrões, ela era tão “horrorosa” como a casa de Headington. Mas para os Tolkiens – ambos – era exatamente o que queriam. Tinha uma cozinha bem equipada onde Edith podia cozinhar com certa facilidade a despeito da progressiva invalidez; e, além de uma sala de estar, uma sala de jantar e um dormitório para cada um deles, havia também um aposento que fazia as vezes de estúdio para Tolkien, e ele podia usar a garagem dupla como biblioteca e escritório, exatamente como fizera em Sandfield Road. Havia aquecimento central – algo que nunca haviam tido antes – e do lado de fora dispunham de uma varanda onde podiam sentar-se e fumar à tardinha, um grande jardim com bastante espaço para suas rosas e até algumas verduras, e, nos fundos, um portão particular que conduzia às árvores da pequena garganta conhecida como Branksome Chine e ao mar. Tinham vizinhos católicos que muitas vezes levavam Tolkien à igreja de carro, uma empregada doméstica regular e o Miramar sempre à mão para acomodar os amigos e membros da família que iam vê-los – também para almoços regulares, e até para pernoitar de vez em quando, quando Edith precisava de descanso.

Inevitavelmente, a mudança para Bournemouth envolveu muitos sacrifícios da parte de Tolkien. Tinha pouca vontade de deixar Oxford, e sabia que estava se isolando, restringindo sua vida social a contatos limitados com a família e os amigos mais íntimos. E, mais uma vez, como na aposentadoria em Headington, viu que a realidade era um pouco mais áspera do que esperava. “Sinto-me bastante bem”, escreveu a Christopher um ano após mudar-se para Bournemouth. “E no entanto; e no entanto. Não encontro homens da minha própria espécie. Sinto falta de Norman. E acima de tudo sinto falta de você.”

Mas o sacrifício tinha seu propósito, e esse propósito foi alcançado. Edith estava feliz em Lakeside Road, tão feliz quanto estivera nas férias no Miramar, uma felicidade mais constante do que em

qualquer outro período da sua vida de casada. Além do conforto da casa nova e do conforto de não precisar mais subir e descer escadas, havia também o prazer das visitas ao Miramar e dos amigos que encontrou lá. Deixara de ser a esposa tímida, insegura e às vezes nervosa de um professor de Oxford e voltara a ser ela mesma, a sociável e bem-humorada srta. Bratt dos dias de Cheltenham. Estava de volta ao ambiente ao qual realmente pertencia.

De modo geral, a vida do próprio Tolkien melhorou. A felicidade de Edith dava-lhe muita satisfação e refletia-se no seu próprio estado de espírito, tanto que o diário que manteve por um breve período nesses anos em Bournemouth exibe muito pouco do desalento que frequentemente o acometia em Sandfield Road. A ausência do que chamava “homens da minha própria espécie” era parcialmente compensada por visitas frequentes da família e dos amigos, e a ausência quase total de interrupções por parte de fãs (o endereço e o número de telefone, e mesmo a informação de que Tolkien mudara-se para a costa sul, foram mantidos em segredo) dava-lhe muito mais tempo para trabalhar. A esposa do médico prestava-lhe certa ajuda como secretária, e Joy Hill, encarregada da correspondência com os fãs pela editora Allen & Unwin, visitava-o regularmente para tratar das cartas. No início, a mudança para Bournemouth foi mais desgastante por causa de um acidente; Tolkien caiu de uma escada na Sandfield Road, feriu a perna gravemente, teve de passar algumas semanas no hospital e outras tantas engessado; mas, assim que se recuperou, estava pronto, ao menos teoricamente, para começar a trabalhar com afinco no *Silmarillion*.

Era difícil, porém, decidir exatamente onde deveria começar. Em certo sentido, havia muito pouco a fazer. A história do *Silmarillion* estava completa, se é que se podia usar o termo “história” para uma obra que tinha início com um relato da criação do mundo e tratava principalmente da luta entre os elfos e a força fundamental do mal. Para produzir uma narrativa contínua, Tolkien precisava apenas decidir qual versão de cada capítulo usar, pois existiam a essa altura muitas versões, um volume de trabalho que incluía desde textos produzidos em 1917 até alguns escritos nos últimos anos. Mas isto envolvia tantas decisões que ele não sabia por onde começar. E, mesmo que conseguisse completar esta parte da obra, teria depois de assegurar-se da coerência do livro como um todo. Ao longo dos anos, as diversas alterações e recomposições haviam dado origem a uma profusão de detalhes confusos. Os nomes dos personagens haviam sido mudados em certos lugares mas não em outros. As descrições topográficas estavam desorganizadas e contraditórias. Pior de tudo, os próprios manuscritos haviam proliferado, de modo que ele não tinha mais certeza de qual deles representava seus pensamentos mais recentes sobre determinado trecho. Por razões de segurança, ele mantivera nos últimos anos duas cópias datilografadas de cada texto, guardadas em locais separados; mas nunca decidiu qual seria a cópia de trabalho, e muitas vezes fez alterações independentes e contraditórias em cada uma delas. Para produzir um texto harmônico e satisfatório, teria de fazer um confronto detalhado de cada manuscrito, e a perspectiva de realizar tal tarefa era desanimadora.

Além disso, ainda estava incerto quanto à forma de apresentar a obra na sua totalidade. Inclina-se a abandonar o plano original e eliminar o navegante a quem as histórias eram contadas. Mas, não seria necessário substituir este recurso narrativo por outro semelhante? Ou bastava simplesmente apresentar a obra como a mitologia que aparecia de forma vaga em *O Senhor dos Anéis*? E a tarefa tornara-se ainda mais complicada por causa deste livro, no qual introduzira vários personagens importantes, tais como a rainha élfica Galadriel e os arbóreos Ents, que não apareciam no *Silmarillion* original, mas que agora tinham de ser mencionados de alguma maneira. Ele conseguira encontrar soluções satisfatórias para estes problemas, mas sabia que o *Silmarillion* teria de se conformar a *O Senhor dos Anéis* nos mínimos detalhes, do contrário seria bombardeado com cartas apontando as incoerências. Apesar desses assustadores desafios técnicos, ainda não desistira de reconsiderar

aspectos fundamentais de toda a história, cuja alteração significaria reescrever a obra desde o início.

No verão de 1971, após três anos passados em Bournemouth, o trabalho começara a progredir, embora, como de costume, Tolkien se perdesse considerando detalhes em vez da estrutura como um todo. Que forma, ponderava, devia assumir determinado nome? E começava então a contemplar a revisão de algum aspecto das línguas élficas. Mesmo quando escrevia alguma coisa, o material produzido geralmente não dizia respeito à revisão da narrativa, mas à enorme massa de material subsidiário que acumulara até então. Grande parte desse material assumia a forma de ensaios acerca do que se poderia chamar aspectos “técnicos” da mitologia, tais como a relação entre o processo de envelhecimento dos elfos e dos homens, ou a morte dos animais e das plantas na Terra-média. Sentia que cada detalhe do seu cosmos merecia atenção, mesmo que os ensaios nunca fossem publicados. A subcriação tornara-se um passatempo que, a par do desejo de ver a obra publicada, constituía um prazer em si.

Às vezes ficava na escrivaninha por horas a fio, mas, certos dias, deixava tudo de lado por uma partida de paciência. Podia haver um bom almoço no Miramar, com bastante vinho – se ele não se sentia disposto a trabalhar depois disso, por que deveria fazê-lo? Podiam esperar pelo livro. Ele não tinha pressa!

No entanto, em outros dias ele se afligia porque o tempo se escoava tão depressa e o livro estava ainda inacabado. E, no final de 1971, o episódio de Bournemouth teve um fim abrupto. Edith, com oitenta e dois anos de idade, teve uma inflamação na vesícula biliar em meados de novembro. Foi removida para um hospital e, após alguns dias de grave enfermidade, faleceu na manhã da segunda-feira, 29 de novembro.

3. *Merton Street*

Depois que Tolkien começou a recuperar-se do choque da morte de Edith, tornou-se óbvio que a sua permanência em Bournemouth estava fora de cogitação. Sem dúvida, voltaria a morar em Oxford. Inicialmente, houve incertezas quanto ao que se poderia fazer, até que o Merton College o convidou a tornar-se membro residente honorário e ofereceu-lhe um conjunto de aposentos numa casa do colégio na Merton Street, onde um *scout* e sua esposa poderiam cuidar dele. Era uma honra inusitada e a solução perfeita. Tolkien aceitou com entusiasmo e, após passar algumas semanas com membros da sua família, mudou-se para a Merton Street 21 no começo de março de 1972, ocasião em que, tipicamente, fez amizade com os três funcionários da empresa de mudanças e foi com eles de Bournemouth para Oxford no caminhão.

Seu apartamento na Merton Street consistia em uma grande sala de estar, um dormitório e um banheiro. Charlie Carr, o *scout* do colégio que fazia as vezes de zelador, morava no porão com a esposa. Os Carrs eram muito gentis com Tolkien, não se limitando apenas a servir-lhe o desjejum no quarto (o que era parte do acordo oficial), mas também preparando o seu almoço ou o jantar quando ele não se sentia bem ou não queria comer no colégio. Outra alternativa era o Eastgate Hotel, que mudara muito desde que jantara lá com Lewis pela primeira vez, nos anos trinta, e não era mais barato; mas ele era agora um homem rico, e podia dar-se ao luxo de comer lá quando bem entendesse. No entanto, boa parte das suas refeições eram feitas no colégio, pois ele tinha direito a almoços e jantares gratuitos, e era sempre muito bem-vindo ao Salão dos Decanos.

Assim, seu modo de vida em 1972 e 1973 era inteiramente do seu agrado. Sofrera muito com a perda de Edith, e agora era essencialmente um homem solitário; no entanto, estava livre como nunca, e podia levar a vida como bem entendesse. Assim como Bournemouth fora, por assim dizer, uma recompensa para Edith por tudo o que enfrentara nos primeiros anos de casamento, a existência quase que de um solteirão na Merton Street era como uma recompensa pela sua paciência em Bournemouth.

Tornar-se inativo estava fora de questão. Fazia visitas frequentes ao vilarejo próximo de Oxford onde viviam Christopher e sua segunda esposa, Baillie; então, na companhia dos netos, Adam e Rachel, esquecia o lumbago e corria pelo gramado, ou jogava caixas de fósforos numa árvore alta e depois tentava derrubá-las com pedradas para diverti-los. Foi passar uma temporada em Sidmouth com Priscilla e o neto Simon. Voltou a visitar Christopher Wiseman, seu velho amigo da T.C.B.S. Passou várias semanas com John na sua paróquia em Stoke-on-Trent, e, com ele, foi de carro visitar o irmão Hilary, que ainda morava na sua plantação de frutas em Evesham.

Ronald e Hilary pareciam-se agora muito mais do que na juventude. Pela janela, podiam-se ver as ameixeiras cujos frutos Hilary colheira pacientemente durante mais de quatro décadas, e que agora estavam envelhecidas e produziam pouco. Era preciso cortá-las e plantar novas mudas em seu lugar. Mas Hilary não tinha mais idade para enfrentar tal trabalho, e as árvores estavam ainda de pé. Os dois velhos irmãos assistiam a jogos de críquete e tênis na televisão, e bebiam uísque.

Estes dois anos de vida de Tolkien foram alegrados pelas honrarias que lhe conferiram. Foi convidado inúmeras vezes a visitar universidades americanas e receber doutorados, mas não se sentia capaz de enfrentar a viagem. Também na sua terra foram muitas as honrarias. Em junho de 1973, visitou Edinburgh para receber um título honorário; e ficou profundamente comovido quando, na primavera do ano anterior, foi ao Palácio de Buckingham para ser agraciado pela rainha com o título de Comandante da Ordem do Império Britânico. Mas talvez a mais recompensadora de todas as

homenagens tenha sido o doutorado honorário em Letras conferido pela sua própria universidade, Oxford; não, como deixaram claro, pela criação de *O Senhor dos Anéis*, mas por sua contribuição à filologia. Não obstante, na cerimônia de doutoramento, o discurso em sua honra feito pelo Orador Público (seu velho amigo Colin Hardie) continha mais de uma referência às crônicas da Terra-média, e terminava com a esperança “de que em tal verde folha, enquanto a Estrada continuar sempre, ele produzirá *Silmarillion* e erudição”.

Quanto ao *Silmarillion*, mais uma vez os meses passaram sem muitos resultados concretos. Houve um atraso inevitável enquanto Tolkien reorganizava seus livros e papéis após mudar-se de Bournemouth; e, quando finalmente retomou o trabalho, encontrou-se de novo enredado em problemas técnicos. Alguns anos antes decidira que, caso morresse antes de terminar o livro, Christopher (que naturalmente conhecia bem a obra) deveria completá-lo. Ele e Christopher frequentemente discutiam o livro, considerando os inúmeros problemas que precisam ser resolvidos. Os avanços, porém, foram poucos.

É quase certo que Tolkien não esperava morrer tão cedo. Ele disse à sua ex-aluna Mary Salu que havia uma tradição de longevidade entre seus antepassados, e que acreditava que viveria por muitos anos mais. Contudo, no final de 1972, houve sinais premonitórios. Começou a sofrer de grave indigestão e, apesar de um raio X não revelar qualquer causa mais específica que “dispepsia”, foi posto em dieta e proibido de beber vinho. E, a despeito de suas obras inacabadas, parecia que não lhe agradava a perspectiva de continuar morando na Merton Street.

“Muitas vezes sinto-me muito solitário”, escreveu à sua prima Marjorie Incledon. “Depois do período letivo (quando os estudantes se vão), fico numa casa grande completamente sozinho, a não ser pelo zelador e sua esposa lá embaixo no porão.”

É certo que havia um fluxo incessante de visitas: a família, velhos amigos, Joy Hill, da Allen & Unwin, para cuidar da correspondência dos fãs. Sempre tinha negócios a tratar com Rayner Unwin e Dick Williamson, seu procurador e consultor em muitos assuntos. Havia também a corrida regular de táxi, nas manhãs de domingo, até a igreja de Headington, e depois ao túmulo de Edith no cemitério de Wolvercote. Mas a solidão persistia.

No decorrer do verão de 1973, algumas das pessoas mais próximas começaram a achar que estava mais triste do que o normal e parecia estar envelhecendo mais depressa. No entanto, a dieta aparentemente tivera sucesso, e em julho ele foi a Cambridge para um jantar do Ad Eundem, um clube interuniversitário. Em 25 de agosto, escreveu uma nota de agradecimentos atrasada ao seu anfitrião, o professor Glyn Daniel:

Caro Daniel,

Passou-se muito tempo desde 20 de julho; mas antes tarde do que nunca (espero) para fazer o que eu deveria ter feito antes de me ocupar com outros assuntos: agradecer-lhe pelo maravilhoso jantar em St. John's, e especialmente por sua indulgência e grande bondade para comigo pessoalmente. O jantar foi decisivo! Não sofri nenhum efeito negativo, e desde então fui capaz de abrir mão da maioria dos tabus dietéticos que tive de observar por uns seis meses.

Aguardo ansiosamente o próximo jantar do A.E., e espero que você esteja presente.

Sempre seu,
Ronald Tolkien.

Três dias após escrever esta carta, na terça-feira, 28 de agosto, ele foi para Bournemouth para hospedar-se em casa de Denis e Jocelyn Tolhurst, o médico e esposa que haviam cuidado dele e de Edith durante a sua permanência na cidade.

O fim foi repentino. Na quinta-feira participou da festa de aniversário da sra. Tolhurst, mas não se

sentiu bem e não quis comer muito, se bem que tivesse bebido um pouco de champanhe. Durante a noite sentiu dores, e na manhã seguinte foi levado a um hospital particular onde foi diagnosticada uma úlcera gástrica com hemorragia aguda. Michael estava em férias na Suíça e Christopher na França, e nenhum deles poderia voltar a tempo; John e Priscilla, porém, conseguiram ir para Bournemouth. Inicialmente os relatórios sobre o seu estado foram otimistas, mas, no sábado, manifestou-se uma infecção no peito, e, na manhã de domingo, 2 de setembro de 1973, ele faleceu com oitenta e um anos.

VIII
A árvore

A árvore

Hoje é moda considerar os Inklings, o punhado de homens que se reunia no Magdalen College nas noites de quinta-feira nas décadas de 1930 e 1940, como um grupo homogêneo de escritores que se influenciaram mutuamente. Concordemos ou não com essa visão, podemos, ao passar por Oxford, decidir visitar os túmulos dos três Inklings mais conhecidos, C. S. Lewis, Charles Williams e J. R. R. Tolkien.

Encontraremos o túmulo de Lewis no cemitério da sua própria paróquia, Headington Quarry. Uma lápide simples marca a sepultura, que ele compartilha com o irmão, o major W. H. Lewis. Está enfeitada por uma singela cruz, e pelas palavras *Os homens têm de suportar a sua partida*.

Williams jaz à sombra da igreja da Sta. Cruz no centro de Oxford. Seu colega Inkling Hugo Dyson está sepultado não longe dali, e o cemitério abriga os túmulos de muitos outros homens da universidade daquela geração.

Lewis e Williams eram membros da Igreja da Inglaterra, mas não há outro local em Oxford para sepultamentos católicos além do cemitério da corporação em Wolvercote, onde uma pequena parcela de terra é reservada aos membros da Igreja de Roma. Assim, se estivermos buscando o túmulo restante, teremos de nos afastar bastante do centro da cidade, além das lojas e da estrada periférica, para chegarmos aos grandes portões de ferro. Depois da capela, cruzando as áreas das outras sepulturas, chegaremos a um setor onde muitas das lápides têm nomes poloneses – é a área católica, e as sepulturas dos emigrados predominam sobre as dos adeptos ingleses daquela fé. Diversos túmulos ostentam fotografias esmaltadas dos falecidos e inscrições floreadas. Assim, uma laje cinzenta de granito da Cornualha, bem à esquerda do grupo, destaca-se com nitidez, bem como pela inscrição um tanto curiosa: *Edith Mary Tolkien, Lúthien, 1889-1971. John Ronald Reuel Tolkien, Beren, 1892-1973*.

A sepultura fica em um ambiente suburbano, muito diferente do campo inglês que Tolkien amava, mas não diferente dos lugares feitos pelo homem onde passou a maior parte dos seus dias. Assim, mesmo no fim, nesta simples sepultura em um cemitério público, somos lembrados da antítese entre a sua vida, tão comum, e a extraordinária imaginação que criou sua mitologia.

De onde veio ela, essa imaginação que povoou a Terra-média com elfos, orcs e hobbits? Qual foi a fonte da visão literária que mudou a vida desse obscuro estudioso? E por que essa visão atingiu de tal maneira as mentes e harmonizou-se com as aspirações de inúmeros leitores em todo o mundo?

Tolkien acharia que essas são perguntas que não têm resposta; não, pelo menos, num livro desta espécie. Ele reprovava a biografia como recurso de apreciação literária; e talvez tivesse razão. Sua verdadeira biografia é *O Hobbit*, *O Senhor dos Anéis* e o *Silmarillion*, pois a verdade sobre ele está dentro de suas páginas.

Mas ao menos ele concordaria com um epitáfio.

Sua missa de réquiem foi celebrada em Oxford quatro dias após sua morte, na simples e moderna igreja de Headington que ele tanto frequentara. As orações e leituras foram escolhidas especialmente por seu filho John, que oficiou a missa assistida pelo velho amigo de Tolkien, o padre Robert Murray, e seu pároco, o monsenhor Doran. Não houve sermão nem foram lidos trechos de suas obras. No entanto, algumas semanas mais tarde, quando um serviço religioso em sua memória foi celebrado na Califórnia, por admiradores americanos, seu conto *Leaf by Niggle* foi lido diante da congregação. Talvez ele não o tivesse considerado fora de propósito:

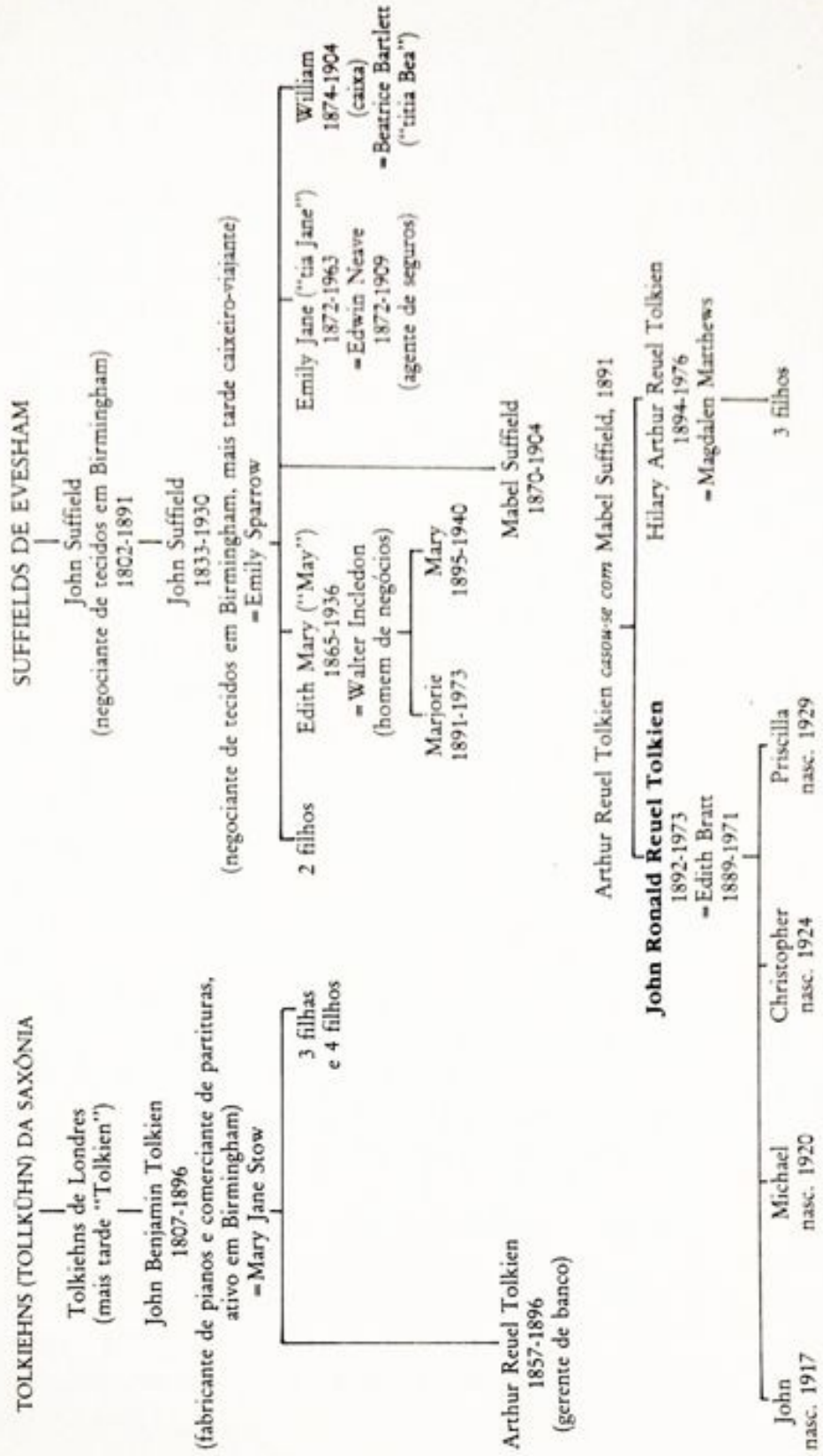
Diante dele erguia-se a Árvore, a sua Árvore, terminada. Se é que isso podia ser dito de uma Árvore

que estava viva, com folhas se abrindo, ramos crescendo e se curvando ao vento que Niggle tantas vezes sentira e adivinhara, e tantas vezes fracassara em capturar. Ele contemplou a Árvore e, lentamente, ergueu os braços e os abriu bem abertos.

“É uma dádiva!”, disse ele.

Apêndices

Árvore genealógica simplificada



APÊNDICE B - Cronologia

1892 - 3 de janeiro: John Ronald Reuel Tolkien nasce em Bloemfontein.

1894 - Nascimento do seu irmão, Hilary.

1895 - Primavera: Mabel Tolkien leva os dois meninos de volta à Inglaterra; Arthur Tolkien permanece na África do Sul.

1896 - Fevereiro: Morre Arthur Tolkien. Verão: Mabel Tolkien aluga um chalé em Sarehole Mill, Birmingham. Ela e os meninos permanecem lá por quatro anos.

1900 - Mabel Tolkien é recebida na Igreja Católica. Ela e os meninos mudam-se de Sarehole para uma casa em Moseley, subúrbio de Birmingham. Ronald começa a frequentar a King Edward's School.

1901 - Mabel e os meninos mudam-se de Moseley para King's Heath.

1902 - Mabel e os meninos deixam King's Heath e mudam-se para a Oliver Road, Edgbaston. Ronald e Hilary são matriculados na St. Philip's Grammar School.

1903 - Os meninos são retirados da St. Philip's. Ronald obtém uma bolsa de estudos na King Edward's e volta para lá no outono.

1904 - No início do ano descobre-se que Mabel Tolkien tem diabetes. Ela passa alguns meses no hospital. No verão, ela e os meninos moram em Rednal. Em novembro ela falece aos trinta e quatro anos.

1905 - Os meninos mudam-se para a casa de sua tia, Beatrice, na Stirling Road.

1908 - Os meninos mudam-se para a casa da sra. Faulkner na Duchess Road. Ronald conhece Edith Bratt.

1909 - Outono: O romance de Ronald e Edith Bratt é descoberto pelo padre Francis Morgan. Ronald não consegue uma bolsa de estudos em Oxford.

1910 - Janeiro: Ronald e Hilary mudam-se. Ronald continua a se encontrar com Edith Bratt, mas depois é proibido de se comunicar com ela. Março: Edith deixa Birmingham e se muda para Cheltenham. Dezembro: Ronald ganha uma bolsa no Exeter College, Oxford.

1911 - Formação da "T.C.B.S.". Verão: Ronald deixa a escola. Visita a Suíça. Outono: Seu primeiro período letivo em Oxford. Natal: Participa de uma apresentação de *Os Rivais* na King Edward's.

1913 - Janeiro: Vigésimo primeiro aniversário de Ronald. Reencontra Edith Bratt. Fevereiro: Passa nas Honour Moderations, Segunda Classe. Verão: Ingressa na Honour School of English Language and Literature. Visita a França com uma família mexicana.

1914 - Janeiro: Edith é recebida na Igreja Católica. Ela e Ronald formalizam o noivado. Verão: Ronald visita a Cornualha. Quando irrompe a guerra decide voltar a Oxford e completar seu curso de graduação.

1915 - Verão: Recebe Honras de Primeira Classe no exame final. Entra para o Corpo de Fuzileiros de Lancashire; inicia o treinamento em Bedford e em Staffordshire.

1916 - 22 de março: Casa-se com Edith. Edith muda-se para Great Haywood. Junho: Tolkien embarca para a França. Viaja ao Somme como segundo-tenente do 11º Corpo de Fuzileiros de Lancashire, e presta serviço ativo como Oficial Sinalizador do Batalhão até o outono. Novembro: Retorna à Inglaterra acometido de "febre das trincheiras".

1917 - Janeiro e fevereiro: Durante a convalescença em Great Haywood, começa a escrever "O Livro dos Contos Perdidos", que acabaria por se transformar no *Silmarillion*. Primavera: É transferido para Yorkshire, mas passa boa parte do ano no hospital. Novembro: Nasce seu primeiro filho, John.

1918 - Tolkien (agora tenente) é transferido para a Guarnição Humber e para Staffordshire. Em novembro, após o Armistício, retorna a Oxford com a família e une-se à equipe do New English Dictionary.

1919 - Começa a trabalhar como tutor autônomo. Ele e Edith mudam-se para a Alfred Street 1.

1920 - Torna-se docente de Língua Inglesa na Universidade de Leeds; o trabalho tem início no outono. Nasce o segundo filho, Michael.

1921 - Edith e a família unem-se a ele em Leeds, mudando-se para o St. Mark's Terrace, 11.

1922 - E. V. Gordon junta-se à equipe de Leeds. Começa a trabalhar com Tolkien na edição de *Sir Gawain and the Green Knight*.

1924 - Tolkien torna-se catedrático de Língua Inglesa na Universidade de Leeds. Compra uma casa em Darnley Road. Nasce seu terceiro filho, Christopher.

1925 - A edição de *Sir Gawain* é publicada. No verão, Tolkien é eleito para a Cátedra Rawlinson e Bosworth de Anglo-Saxão em Oxford; assume o cargo no outono. Compra uma casa em Northmoor Road, e a família retorna a Oxford no início do ano.

1926 - Tolkien torna-se amigo de C. S. Lewis. Formação do grupo “Os Mordedores de Carvão”.

1929 - Nasce a filha Priscilla.

1930 - A família muda-se do nº 22 para o 20 da Northmoor Road. Por volta dessa época, Tolkien começa a escrever *O Hobbit*. Abandona-o antes de concluí-lo.

1936 - Faz uma conferência sobre *Beowulf – Beowulf: The Monsters and the Critics*. O manuscrito de *O Hobbit* é lido por Susan Dagnall da editora Allen & Unwin, e, por sugestão sua, Tolkien termina o livro. Este é aceito para publicação.

1937 - *O Hobbit* é publicado no outono. Por sugestão de Stanley Unwin, Tolkien começa a escrever uma continuação, que se torna *O Senhor dos Anéis*.

1939 - Tolkien profere sua conferência *On Fairy-Stories* na Universidade St. Andrews. Quando irrompe a guerra Charles Williams une-se aos Inklings.

1945 - Tolkien é eleito para a Cátedra Merton de Língua e Literatura Inglesa em Oxford.

1947 - Os Tolkiens mudam-se para a Manor Road.

1949 - É completado *O Senhor dos Anéis*. Publicação de *Farmer Giles of Ham*.

1950 - Tolkien oferece *O Senhor dos Anéis* à editora Collins. A família muda-se da Manor Road para a Holywell Street.

1952 - O manuscrito de *O Senhor dos Anéis* é devolvido pela Collins, e Tolkien entrega-o à Allen & Unwin.

1953 - Os Tolkiens mudam-se para a Sandfield Road em Headington, subúrbio de Oxford.

1954 - Publicação dos dois primeiros volumes de *O Senhor dos Anéis*.

1955 - Publicação do terceiro volume.

1959 - Tolkien aposenta-se da sua cátedra.

1962 - Publicação de *The Adventures of Tom Bombadil*.

1964 - Publicação de *Tree and Leaf*.

1965 - A Ace Books publica uma edição americana não autorizada de *O Senhor dos Anéis*. Começa um “culto no campus”.

1967 - Publicação de *Smith of Wootton Major*.

1968 - Os Tolkiens mudam-se para a Lakeside Road, Poole (adjacente à cidade de Bournemouth).

1971 - Edith Tolkien falece em novembro, aos oitenta e dois anos.

1972 - Tolkien volta a Oxford, mudando-se para Merton Street. Recebe o título de Comandante da Ordem do Império Britânico e de doutor honorário em Letras pela Universidade de Oxford.

1973 - Em 28 de agosto, vai a Bournemouth visitar amigos. Adoece e morre num sanatório nas primeiras horas do domingo, 2 de setembro, aos oitenta e um anos.

APÊNDICE C - Obras publicadas

1911 - Poema “The Battle of the Eastern Fields” [“A Batalha dos Campos Orientais”] em *The King Edward’s School Chronicle*, volume XXVI, nº 186, março de 1911, pp. 22-7, Birmingham, King Edward’s School, 1911. [Tolkien também publicou na revista relatórios da sociedade de debates da escola entre novembro de 1910 e junho de 1911, e editoriais nos números de junho e julho de 1911.]

1913 - Poema “From the many-willow’d margin of the immemorial Thames” [“Da margem repleta de salgueiros do imemorial Tâmisia”], não assinado, em *The Stapeldon Magazine*, volume IV, nº 20, dezembro de 1913, p. 11, publicado para o Exeter College por B. H. Blackwell, Oxford.

1915 - Poema “Goblin Feet” [“Pés de Duende”] em *Oxford Poetry*, 1915, org. por G. D. H. C [ole] e T. W. E [arp], Oxford, B. H. Blackwell, 1915, pp. 64-5. [O poema foi reimpresso em *Oxford Poetry*, 1914-1916, Oxford, B. H. Blackwell, 1917, pp. 120-1; novamente em *The Book of Fairy Poetry*, org. por Dora Owen, Londres, Longmans, Green & Co., 1920, pp. 177-8; e novamente em *Fifty New Poems for Children*, Oxford, Basil Blackwell, 1922, pp. 26-7.]

1918 - Nota introdutória (assinada “J.R.R.T.”) em *A Spring Harvest*, poemas de Geoffrey Bache Smith, falecido Tenente dos Fuzileiros de Lancashire, Londres, Erskine Macdonald Ltd, 1918. [Tolkien e C. L. Wiseman organizaram esta coletânea dos poemas de G. B. Smith e ajudaram nos preparativos para a sua publicação.]

1920 - Poema “The Happy Mariners” [“Os Felizes Marinheiros”], assinado “J.R.R.T.”, em *The Stapeldon Magazine*, volume V, nº 26, junho de 1920, pp. 69-70, publicado para o Exeter College por B. H. Blackwell, Oxford.

1922 - *A Middle English Vocabulary* [Vocabulário do Médio-Inglês], Oxford, Clarendon Press, 1922. [Concebido como auxiliar de *Fourteenth Century Verse and Prose* (Poesia e Prosa do século XIV) de Kenneth Sisam, foi publicado separadamente para ser usado com a edição de 1921 da coletânea; nas edições seguintes da obra de Sisam, o trabalho de Tolkien aparece como glossário. Também foi reimpresso separadamente.]

1923 - Poema “Iumonna Gold Galdre Bewunden” [“The Hoard” – “O Tesouro”] em *The Gryphon*, Nova Série, volume IV, nº 4, janeiro de 1923, p. 130, Universidade de Leeds. Resenha intitulada “Holy Maidenhood” [“Sagrada Virgindade”], *Times Literary Supplement*, Londres, quinta-feira, 26 de abril de 1923, p. 281. [Uma resenha da edição E.E.T.S. de Furnivall de *Hali Meidenhad*. Não assinada, porém a autoria de Tolkien foi confirmada através de uma referência em seu diário.]

Poema “The City of the Gods” [“A Cidade dos Deuses”] em *The Microcosm*, org. por Dorothy Una Ratcliffe, volume VIII, nº 1, primavera de 1923, p. 8, publicado em caráter privado em Leeds.

Obituário: “Henry Bradley, 3 December 1845-23 May 1923”, assinado “J.R.R.T.”, *Bulletin of the Modern Humanities Research Association*, Londres, Cambridge University Press, nº 20, outubro de 1923, pp. 4-5.

Poemas “Tha Eadigan Saelidan (The Happy Mariners)” [“Os Felizes Marinheiros”], “Why the Man in the Moon Carne Down Too Soon” [“Por que o Homem da Lua Desceu Cedo Demais”] e “Enigmata Saxonica Nuper Inventa Duo” em *A Northern Venture: verses by members of the Leeds University English School Association*, Leeds, Swan Press, 1923, pp. 15-20.

Poema “The Cat and the Fiddle: A Nursery Rhyme Undone and its Scandalous Secret Unlocked” [“O Gato e a Rabeca: Uma Poesia Infantil Analisada e seu Segredo Escandaloso Desvendado”] em *Yorkshire Poetry*, volume II, nº 19, outubro e novembro de 1923, pp. 1-3, Leeds, Swan Press. [Uma

primeira versão do poema que surge em *O Senhor dos Anéis*, livro I, capítulo 9.]

1924 - "Philology, General Works" ["Filologia, Obras Gerais"], capítulo de *The Year's Work in English Studies*, volume IV, 1923, pp. 20-37, Londres, Oxford University Press, 1924.

1925 - "Some contributions to Middle-English Lexicography" ["Algumas Contribuições à Lexicografia do Médio Inglês"], *Review of English Studies*, volume I, nº 2, abril de 1925, pp. 210-5, Londres, Sidgwick & Jackson.

Poema "Light as Leaf on Lindentree" ["Leve como uma Folha numa Tília"] em *The Gryphon*, Nova Série, volume VI, nº 6, junho de 1925, p. 217, Universidade de Leeds. [Uma versão inicial do poema que surge em *O Senhor dos Anéis*, livro I, capítulo 11.]

"The Devils Coach-Horses" ["Os Cavalos da Carruagem do Diabo"], *Review of English Studies*, volume I, nº 3, julho de 1925, pp. 331-6, Londres, Sidgwick & Jackson.

Sir Gawain and the Green Knight [Sir Gawain e o Cavaleiro Verde], prep. J. R. R. Tolkien e E. V. Gordon, Oxford, Clarendon Press, 1925. [Reimpresso muitas vezes. Segunda edição, revista por Norman Davis, 1967; publicado em brochura, 1968.]

1926 - "Philology, General Works" ["Filologia, Obras Gerais"], capítulo de *The Year's Work in English Studies*, volume V, 1924, pp. 26-65, Londres, Oxford University Press, 1926.

1927 - Poema "The Nameless Land" ["A Terra sem Nome"] em *Realities: An Anthology of Verse*, org. por G. S. Tancred, p. 24, Leeds, Swan Press; Londres, Gay & Hancock Ltd, 1927.

"Philology, General Works" ["Filologia, Obras Gerais"], capítulo de *The Year's Work in English Studies*, volume VI, 1925, pp. 32-66, Londres, Oxford University Press, 1927.

1928 - Prefácio de *A New Glossary of the Dialect of the Huddersfield District* [Um Novo Glossário do Dialeto do Condado de Huddersfield] de Walter E. Haigh, Londres, Oxford University Press, 1928.

1929 - "Ancrene Wisse and Hali Meidhad" ["Guia de ermitãs" e "Sagrada virgindade"], *Essays and Studies by members of the English Association*, volume XIV, 1929, pp. 104-26, Oxford, Clarendon Press.

1930 - "The Oxford English School" ["A Escola de Inglês de Oxford"], *The Oxford Magazine*, volume XLVIII, nº 21, 29 de maio de 1930, pp. 778-82, Oxford, The Oxonian Press. Artigo propondo uma reforma do currículo.

1932 - Apêndice I: "The Name 'Nodens'" ["O Nome 'Nodens'"], *Report on the Excavation of the Prehistoric, Roman, and Post-Roman Sites in Lydney Parle, Gloucestershire*, Reports of the Research Committee of the Society of Antiquaries of London, nº IX, 1932, pp. 132-7, Londres, Oxford University Press.

"Silgelwara Land", parte I, *Médium Aevum*, 1, dezembro de 1932, pp. 183-96, Oxford, Basil Blackwell.

1933 - Poema "Errantry" ["Vida Errante"] em *The Oxford Magazine*, volume LII, nº 5, 9 de novembro de 1933, p. 180, Oxford, The Oxonian Press.

1934 - Poema "Looney" ["Doido"] em *The Oxford Magazine*, volume LII, nº 9, 18 de janeiro de 1934, p. 340, Oxford, The Oxonian Press. Uma versão inicial do poema publicado em *The Adventures of Tom Bombadil* como "The Sea-bell" ["O Sino Marinho"].

Poema "The Adventures of Tom Bombadil" ["As Aventuras de Tom Bombadil"] em *The Oxford Magazine*, volume LII, nº 13, 15 de fevereiro de 1934, pp. 464-5, Oxford, The Oxonian Press.

"Silgelwara Land", parte II, *Médium Aevum*, 3 (junho de 1934), pp. 95-111, Oxford, Basil Blackwell.

"Chaucer as a Philologist: The Reeve's Tale" ["Chaucer como Filólogo: O Conto do Bailio"], *Transactions of the Philological Society* (1934), pp. 1-70, Londres, David Nutt.

1936 - *Songs for the Philologists* [Canções para os Filólogos], por J. R. R. Tolkien, E. V. Gordon e outros, impresso em caráter particular no Departamento de Inglês do University College, Londres, 1936. Coleção de poemas humorísticos que originalmente circulou em original datilografado na

Universidade de Leeds. Os poemas não estão assinados, mas Tolkien foi o autor de “From One to Five”, “Syx Mynet”, “Ruddoc Hana”, “Ides Ælfscyne”, “Bagme Bloma”, “Eadig Beoþu”, “Ofer Widne Garsecg”, “La, Huru,,” “I Sat Upon a Bench”, “Natura Apis”, “The Root of the Boot” (uma versão inicial de “The Stone Troll”), “Frenchmen Froth” e “Lit and Lang”.

1937 - Poema “The Dragon’s Visit” [“A Visita do Dragão”] em *The Oxford Magazine*, volume LV, n° 11, 4 de fevereiro de 1937, p. 342, Oxford, The Oxonian Press.

Poema “Knocking at the Door: Lines induced by sensation when waiting for an answer at the door of an Exalted Academic Person” [“Batendo à Porta: Versos inspirados pelas sensações de aguardar uma resposta à porta de um Elevado Personagem Acadêmico”] (assinado “Oxymore”) em *The Oxford Magazine*, volume LV, n° 13, 18 de fevereiro de 1937, p. 403, Oxford, The Oxonian Press. Versão original de “The Mewlips”.

Poema “Iumonna Gold Galdre Bewunden” [“The Hoard” – “O Tesouro”] em *The Oxford Magazine*, volume LV, n° 15, 4 de março de 1937, p. 473, Oxford, The Oxonian Press.

“Beowulf: the Monsters and the Critics” [“Beowulf: os Monstros e os Críticos”], *Proceedings of the British Academy*, 22 (1936), pp. 245-95, Londres, Oxford University Press, 1937. Reimpresso em separata pela Oxford University Press, Oxford, 1958. Reimpresso nos EUA em *An Anthology of Beowulf Criticism*, org. por Lewis E. Nicholson, University of Notre Dame Press, 1963; e em *The Beowulf Poet*, org. por Donald K. Fry, New Jersey, Prentice-Hall Inc., 1968.

The Hobbit, or There and Back Again [O Hobbit ou Lá e de Volta outra Vez], Londres, George Allen & Unwin Ltd, 1937. Reimpresso em 1937, 1942 e 1946. Quatro gravuras coloridas foram acrescentadas à segunda impressão. Segunda edição, 1951; reimpressa muitas vezes. Terceira edição, 1966; reimpressa muitas vezes. Primeira edição nos EUA, Boston, Houghton Mifflin Co., 1938. Segunda edição nos EUA, 1958. Terceira edição nos EUA, Nova York, Ballantine Books, 1965; reimpressa muitas vezes. Traduzido e publicado em sueco (1947 e 1962), alemão (1957 e 1967), holandês (1960), polonês (1960), português (1962), espanhol (Argentina, 1964), japonês (1965), dinamarquês (1969), francês (1969), norueguês (1972), tcheco (1973), finlandês (1973), italiano (1973), búlgaro (1975), dinamarquês (1975), romeno (1975), servo-croata (1975). Em preparação: hebraico, húngaro, português (Brasil).

1938 - Carta sobre *The Hobbit*, *Observer*, Londres, 20 de fevereiro de 1938. Resposta a uma carta publicada naquele jornal em 16 de janeiro de 1938.

1940 - *Prefácio de Beowulf and the Finnesburg Fragment: A Translation into Modern English Prose* [Beowulf e o Fragmento de Finnesburg: Uma Tradução em Prosa Inglesa Moderna] de John R. Clark Hall, revista por C. L. Wrenn, Londres, George Allen & Unwin Ltd, 1940.

1945 - “Leaf by Niggle” [“Folha de Niggle”], *The Dublin Review*, 432, janeiro de 1945, pp. 46-61, Londres, Burns Oates & Washbourne Ltd. Este conto foi mais tarde reimpresso – vide abaixo – e traduzido para o holandês (1971), sueco (1972), francês (1974), alemão (1975), japonês (1975), espanhol (Argentina, em preparação).

“The Lay of Aotrou and Itroun” [“A Balada de Aotrou e Itroun”], *The Welsh Review*, volume IV, n° 4, dezembro de 1945, pp. 254-66, Cardiff, Penmark Press.

1947 - “‘Ipplen’ in Sawles Warde”, *English Studies*, volume XXVIII, n° 6, dezembro de 1947, pp. 168-70, Amsterdam, Swets & Zeitlinger, em colaboração com S. R. T. O. d’Ardenne. “On Fairy-Stories,,” [“Sobre Histórias de Fadas”], *Essays Presented to Charles Williams*, org. por C. S. Lewis, Londres, Oxford University Press, 1947, pp. 38-89. Reimpresso – vide abaixo – e traduzido para o sueco (1972), japonês (1973), espanhol (Argentina, em preparação).

1948 - “MS. Bodley 34: A re-collation of a collation” [“O manuscrito Bodley 34: novo cotejo de um cotejo”], *Studia Neophilologica*, volume XX, 1947-8, pp. 65-72, Uppsala, 1948, em colaboração com S. R.

T. O. d'Ardenne.

1949 - *Farmer Giles of Ham* [Mestre Gil de Ham], Londres, George Allen & Unwin Ltd, 1949. Reimpresso muitas vezes. Primeira edição nos EUA, Boston, Houghton Mifflin Co., 1950. Traduzido para o sueco (1961), polonês (1965), alemão (1970), holandês (1971), hebraico (1968), alemão (1975), italiano (1975), japonês (1975), espanhol (Argentina, em preparação).

1953 - "A Fourteenth-Century Romance" ["Um Romance do Século Quatorze"], *Radio Times*, Londres, 4 de dezembro de 1953, prefácio das transmissões da tradução de "Sir Gawain and the Green Knight" por Tolkien, no BBC Third Programme.

"The Homecoming of Beorhtnoth, Beorhtheln's Son" ["O Retorno ao Lar de Beorhtnoth, Filho de Beorhthelm"], *Essays and Studies by members of the English Association*, Nova Série, volume VI, 1953, pp. 1-18, Londres, John Murray. Subsequentemente reimpresso – vide abaixo – e traduzido para o espanhol (Argentina, em preparação). "Middle English 'Losenger'", *Essais de Philologie Moderne*, 1951, pp. 63-76, Bibliothèque de la Faculté de Philosophie et Lettres de l'Université de Liège, fasc. 129, Paris, Les Belles Lettres, 1953.

1954 - *The Fellowship of the Ring: being the first part of The Lord of the Rings* [A Sociedade do Anel: primeira parte de O Senhor dos Anéis], Londres, George Allen & Unwin Ltd, 1954.

The Two Towers: being the second part of The Lord of the Rings [As Duas Torres: segunda parte de O Senhor dos Anéis], Londres, George Allen & Unwin Ltd, 1954.

1955 - *The Return of the King: being the third part of The Lord of the Rings* [O Retorno do Rei: terceira parte de O Senhor dos Anéis], Londres, George Allen & Unwin Ltd, 1955. Entre 1954 e 1966 *The Fellowship of the Ring* foi reimpresso na Grã-Bretanha quatorze vezes, *The Two Towers* onze vezes e *The Return of the King* dez vezes. Segunda edição dos três volumes, 1966; reimpressa muitas vezes. Edição em brochura de *The Lord of the Rings* em um volume, Londres, George Allen & Unwin Ltd, 1968. Primeira edição nos EUA, Boston, Houghton Mifflin Co., 1954 (volume I), 1955 (volumes II e III). Segunda edição nos EUA, 1967. Edição da Ace Books, Nova York, 1965. Edição Ballantine Books, Nova York, 1965; reimpressa muitas vezes. Traduzido para o holandês (1956), sueco (1959), polonês (1961), dinamarquês (1968), alemão (1969), italiano (1970), francês (1972), japonês (1972), finlandês (1973), norueguês (1973), português (Brasil, 1974). Em preparação: hebraico, húngaro, islandês, espanhol (Argentina).

Poema "Imram" em *Time & Tide*, Londres, 3 de dezembro de 1955, p. 1561. (O poema que consta do manuscrito inédito *The Notion Club Papers* como "The Death of St. Brendan".) Prefácio de *The Ancrene Riwe*, traduzido para o inglês moderno por M. B. Sauer (Londres, Burns & Oates, 1955).

1962 - *The Adventures of Tom Bombadil and other verses from The Red Book* [As Aventuras de Tom Bombadil e outros poemas do Livro Vermelho], Londres, George Allen & Unwin Ltd, 1962. Subsequentemente reimpresso. Primeira edição nos EUA, Boston, Houghton Mifflin Co., 1962. Traduzido para o sueco (1972), francês (1972), francês (1975), japonês (1975), espanhol (Argentina, em preparação). *Ancrene Wisse: the English Text of the Ancrene Riwe* [Ancrene Wisse: o Texto Inglês de Ancrene Riwe], edição crítica do manuscrito *Corpus Christi College Cambridge 402*, *Early English Text Society* n° 249, introdução de N. R. Ker, Londres, Oxford University Press, 1962.

1963 - "English and Welsh" ["O Inglês e o Galês"], *Angles and Britons: O'Donnell Lectures*, Cardiff, University of Wales Press, 1963, pp. 1-41. Publicado nos EUA por Verry, Lawrence, 1963.

1964 - *Tree and Leaf* [Árvore e Folha], Londres, George Allen & Unwin Ltd, 1964. Uma reimpressão de "On Fairy-Stories" e "Leaf by Niggle". Primeira edição nos EUA, Boston, Houghton Mifflin Co., 1965.

1965 - Poemas "Once Upon a Time" ["Era uma Vez"] e "The Dragon's Visit" ["A Visita do Dragão"]

em *Winter's Tales for Children*: 1, org. por Caroline Hillier, Londres, Macmillan, 1965, pp. 44-5 e 84-7. Publicado simultaneamente nos EUA por St. Martin's Press, Nova York. Reimpresso em *The Young Magicians*, org. por Lin Carter, Nova York, Ballantine Books, 1969, pp. 254-62.

1966 - "Tolkien on Tolkien" ["Tolkien sobre Tolkien"], *Diplomai*, volume XVIII, nº 197, outubro de 1966, p. 39. Tirado de uma declaração preparada por Tolkien para seus editores, é um breve relato de sua vida e de seus motivos como escritor.

Contribuição como tradutor para a *The Jerusalem Bible*, Londres, Darton, Longman & Todd, 1966; Nova York, Doubleday, 1966. Tolkien é citado como um dos editores desta obra, mas sua única contribuição foi o esboço original da tradução do Livro de Jonas, e seu trabalho foi extensamente revisto antes da publicação. *The Tolkien Reader* [Textos selecionados de Tolkien], Nova York, Ballantine Books, 1966. Reimpressão em um volume de "The Homecoming of Beorhtnoth", "On Fairy-Stories", "Leaf by Niggle", "Farmer Giles of Ham" e "The Adventures of Tom Bombadil"

1967 - *Smith of Wootton Major* [O Ferreiro de Wootton Major], Londres, George Allen & Unwin Ltd, 1967; Boston, Houghton Mifflin Co., 1967. Subsequentemente reimpresso. Traduzido para o africâner (1968), holandês (1968), sueco (1972), alemão (1975), japonês (1975), espanhol (Argentina, em preparação).

Poema "For W.H.A." ["Para W.H.A."] em *Shenandoah: The Washington and Lee University Review* volume XVIII, nº 2, inverno de 1967, pp. 96-7. Um poema em anglo-saxão com tradução em inglês moderno, em homenagem ao sexagésimo aniversário de W. H. Auden.

The Road Goes Ever On: A Song Cycle [A Estrada Continua Sempre: Um Ciclo de Canções]. Poemas de J. R. R. Tolkien musicados por Donald Swann. Boston, Houghton Mifflin Co., 1967; Londres, George Allen & Unwin Ltd, 1968. Na época da publicação deste livro de partituras, a Caedmon Records lançou um disco (TC 1231) com o título *Poems and Songs of Middle Earth* [Poemas e Canções da Terra-média]. No disco, William Elvin canta poemas de Tolkien musicados por Swann, com o compositor ao piano, e Tolkien recita alguns dos seus próprios poemas.

1969 - Carta descrevendo as origens dos Inklings em *The Image of Man in C. S. Lewis* de William Luther White, Nashville & Nova York, Abingdon Press, 1969, pp. 221-2. Reimpresso na Grã-Bretanha por Hodder & Stoughton, 1970.

1970 - Poema "The Hoard" ["O Tesouro"] em *The Hamish Hamilton Book of Dragons*, org. por Roger Lancelyn Green, Londres, Hamish Hamilton, 1970, pp. 246-8.

1973 - A Ballantine Books publicou um calendário contendo diversos desenhos de Tolkien. Em 1974, a Allen & Unwin e a Ballantine publicaram calendários usando as mesmas ilustrações. Em 1975, 1976 e 1977, a Allen & Unwin publicou calendários usando outros desenhos de Tolkien. Diversos desenhos também foram publicados em forma de cartazes e cartões-postais.

1974 - Poema "Bilbo's Last Song" ["A Última Canção de Bilbo"] publicado em forma de cartaz, com decorações de Pauline Baynes, Londres, George Allen & Unwin Ltd, 1974. O poema também foi publicado como cartaz, com um fundo fotográfico, pela Houghton Mifflin Co., 1974.

1975 - "Guide to the Names in The Lord of the Rings" ["Guia dos Nomes em *O Senhor dos Anéis*] *A Tolkien Compass*, org. por Jared Lobdell, La Salle, Illinois, Open Court, 1975, pp. 153-201. Notas sobre a nomenclatura da história, escritas originalmente para orientar os tradutores.

Sir Gawain and the Green Knight, Pearl, and Sir Orfeo, traduzidos para o inglês moderno; org. e prefácio de Christopher Tolkien, Londres, George Allen & Unwin Ltd, 1975. Durante o ano de 1975, a Caedmon Records lançou dois discos (TC 1477 e 1478) nos quais Tolkien recita trechos de *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis*. As gravações foram feitas por George Sayer em Malvern, em agosto de 1952. *Tree and Leaf, Smith of Wootton Major, The Homecoming of Beorhtnoth*, reimpressos em um volume; *Farmer*

Giles of Ham, The Adventures of Tom Bombadil, reimpressos em um volume, Londres, Unwin Books, 1975.

1976 - *The Father Christmas Letters* [As Cartas de Papai Noel], org. por Baillie Tolkien, Londres, George Allen & Unwin Ltd, 1976; Boston, Houghton Mifflin Co., 1976.

1977 - *The Silmarillion*, org. por Christopher Tolkien, Londres, George Allen & Unwin Ltd, 1977; Boston, Houghton Mifflin Co., 1977. [Muitas traduções em preparação.]

A presente bibliografia representa exclusivamente as obras publicadas até 1977, conforme a edição em brochura da Biografia, de 1978. Não estão mencionadas as obras póstumas editadas por Christopher Tolkien: *Unfinished Tales*, a série *The History of Middle-Earth* etc.

APÊNDICE D - Fontes e agradecimentos

Neste livro, geralmente citei as palavras de J. R. R. Tolkien sem fazer referências às fontes das citações. Tais referências teriam de ser numerosas, e, portanto (penso eu), cansativas à vista, e, como muitas citações foram retiradas de material inédito, suas referências teriam interesse apenas limitado. Evitei também as costumeiras reticências para indicar a omissão de algum trecho no interior de uma citação; essas, mais uma vez, teriam sido numerosas e, portanto, creio que seriam irritantes sem serem esclarecedoras. Minha meta, aqui, foi não interromper a narrativa com aquilo que o próprio Tolkien certa vez chamou “o rastro do editor que passa”.

Na ausência de referências, talvez seja interessante fornecer uma breve indicação da natureza de minhas fontes. O relato sobre a vida familiar em Bloemfontein baseia-se em cartas escritas por Arthur Tolkien aos seus pais na Inglaterra. Os dias de infância em Sarehole e Birmingham foram lembrados por J. R. R. Tolkien em manuscritos e entrevistas a jornais e emissoras de rádio. Tive também a satisfação de poder encontrar-me com seu irmão Hilary Tolkien, que me contou muitas coisas sobre esse período e manteve comigo, enquanto este livro estava sendo escrito, uma longa correspondência. É triste que não tenha vivido para vê-lo concluído, pois faleceu no início de 1976. Os acontecimentos na Duchess Road foram registrados na correspondência de Tolkien e Edith Bratt, sua futura esposa, e a separação forçada foi narrada no diário que ele manteve durante algum tempo nessa época. Depois que se reuniram, a correspondência se manteve até o final de 1918, quando, já casados, tiveram condições de se fixar e viver juntos em caráter permanente; as várias centenas de cartas que se escreveram nesse período constituem a fonte de muitas informações sobre os dias de estudante e o serviço militar de Tolkien. As origens da “T.C.B.S.” foram relatadas por Christopher Wiseman, cujo auxílio, incentivo e amizade estiveram entre os principais prazeres que me proporcionou o trabalho neste livro. O itinerário de Tolkien na França durante a Primeira Guerra Mundial foi registrado num diário que ele manteve na época, e que, juntamente com *History of the Lancashire Fusiliers, 1914-18* (Aldershot, 1949) do general-de-divisão J. C. Latter e *The Somme* (Londres, 1966) de John Harris, tornou possível a reconstituição detalhada do seu serviço ativo. Entre 1919 e 1933, Tolkien manteve um diário bastante detalhado, escrito com os seus alfabetos inventados, e foi essa a principal fonte de informações para descrição desse período da sua vida. Quanto aos anos restantes, baseei-me principalmente na sua correspondência com a família, os amigos, editores e leitores de seus livros; e nos diários que manteve com graus variáveis de regularidade de 1964 até o fim da vida. Também muito me baseei no conteúdo autobiográfico de suas obras publicadas, principalmente no ensaio *On Fairy-Stories* e na conferência *English and Welsh*.

Os diários, cartas e outros papéis foram colocados à minha disposição graças à generosidade dos filhos e da filha do professor Tolkien, e minha maior dívida de gratidão, portanto, é para com eles: o rev. John Tolkien, Michael Tolkien, Christopher Tolkien e Priscilla Tolkien. Além disso, todos me dispensaram tempo e atenção irrestrita; discutiram comigo a vida do seu pai e fizeram comentários sobre o manuscrito do livro; e, ao longo de todo o meu trabalho neste projeto, invariavelmente deram-me provas de bondade, incentivo e amizade.

De modo semelhante, os testamenteiros do professor Tolkien prestaram-me todo o auxílio possível durante o trabalho; e tanto eles quanto os srs. George Allen & Unwin gentilmente me permitiram citar os escritos de Tolkien, publicados ou inéditos.

Muitas pessoas falaram ou escreveram sobre suas lembranças do professor Tolkien, tanto para mim

quanto para Ann Bonsor, que generosamente permitiu que eu usasse as gravações que realizou para uma série de transmissões radiofônicas sobre a sua vida. A estes devo minha gratidão: a professora Simonne d'Ardenne, Owen Barfield, o falecido John Bryson, o professor Nevill Coghill, o professor e a sra. Norman Davis, o falecido Hugo Dyson, Elaine Griffiths, Joy Hill, o falecido rev. Gervase Mathew O. P., o rev. Robert Murray S. J., Mary Salu, Donald Swann, o dr. Denis Tolhurst, Baillie Tolkien, Rayner Unwin, o falecido Milton Waldman e Dick Williamson. Vários entre os que mencionei também tiveram a gentileza de ler os originais do livro e fazer comentários a respeito.

Devo agradecimentos a muitos membros da família do professor Tolkien, além dos já mencionados, pela bondade e pelas muitas formas de auxílio que me prestaram. Agradeço também o empréstimo de fotografias da família e a permissão para reproduzi-las.

Muitas outras pessoas ajudaram-me de diversas maneiras, e sou grato (entre outros) a: C. Talbot d'Alessandro, Jonathan Anelay, sir Basil Blackwell, C. H. C. Blount e Norman Craig da King Edward's School Birmingham, Alina Dadlez, o professor Glyn Daniel, o rev. Pascall Dillon O.M.I., Charles Furth, Glen e Bonnie Good-Knight, Juliet Grindle, o rev. Walter Hooper, Guy Kay, Jessica Kemball-Cook, o professor Clyde S. Kilby, o rev. R. P. Lynch e o rev. C. J. G. Winterton do Oratório de Birmingham, o sr. e a sra. Michael Maclagan, A. C. Muffett, o sr. e a sra. David Phillips, Oliver Suffield, Graham Tayar, Gwendoline Williams e o diretor da St. Philips Grammar School Birmingham. Brenda Goodall da Supercopy (Oxford) muito me auxiliou com fotocópias.

Devo agradecimentos aos testamentários do falecido C. S. Lewis por me permitirem citar as suas cartas a Tolkien.

Durante meus preparativos para escrever o livro, visitei a Marquette University em Milwaukee, nos Estados Unidos, cujos arquivos abrigam muitos manuscritos das obras de ficção de Tolkien. Na Marquette fui muito bem atendido por Paul Gratke, pelo rev. Robert Callen S.J. e pelo rev. Raphael Hamilton S.J. Devo agradecimentos também a diversas bibliotecas britânicas: à Biblioteca Bodleiana, à biblioteca do Imperial War Museum, à Evesham Public Library e ao seu bibliotecário, Keith Barber, e à Brotherton Library na Universidade de Leeds.

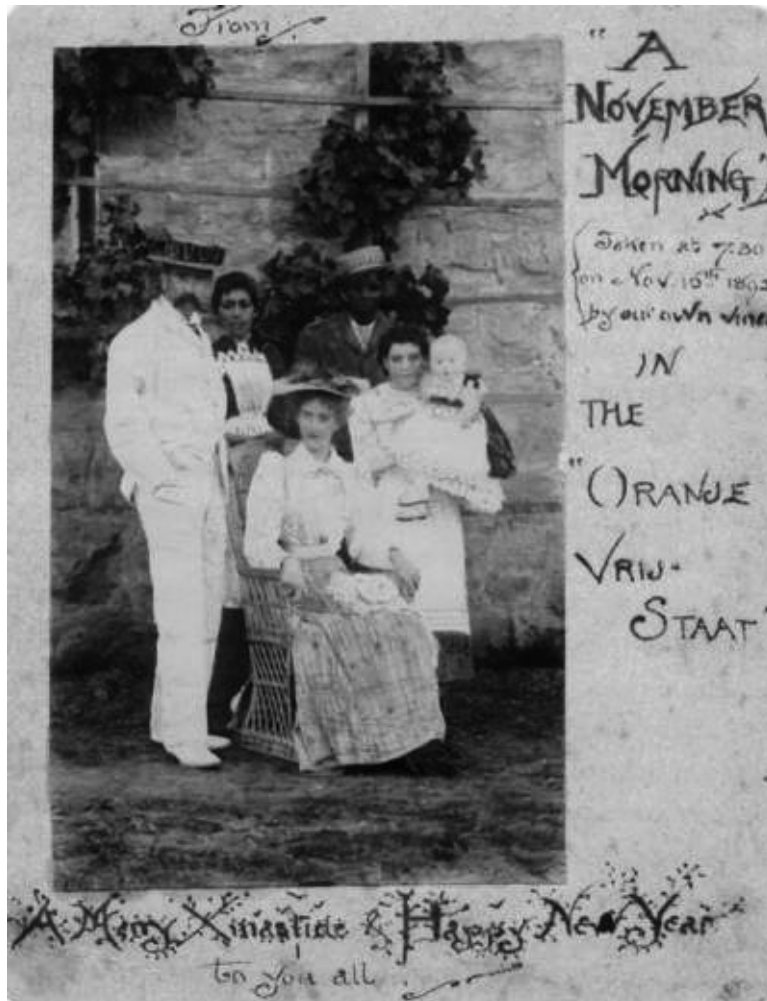
Consultei vários livros que me auxiliaram, especialmente *Surprised by Joy*, *The Four Loves* de C. S. Lewis, bem como a coletânea de suas cartas, e ainda a biografia de Lewis escrita por Roger Lancelyn Green e Walter Hooper. Outros livros que me foram úteis são *The Life of Joseph Wright* de E. M. Wright (Oxford, 1932), *The Rise of English Studies* de D. J. Palmer (Oxford, 1965), *Tolkien Criticism: An Annotated Checklist* de Richard C. West (Kent State University Press) e *A Guide to Middle Earth* de Robert Foster (Nova York, 1974). Agradeço também aos muitos jornalistas e radialistas que entrevistaram Tolkien e cujas entrevistas consultei. Em particular, devo mencionar entrevistas de Keith Brace (*Birmingham Post*, 25 de maio de 1968), Daphne Castell (*Glasgow Herald*, 6 de agosto de 1966, e *Christian Science Monitor*, 11 de agosto de 1966), William Cater (*Daily Express*, 22 de novembro de 1966, e *Sunday Times*, 2 de janeiro de 1972), Don Chapman ("Anthony Wood", *Oxford Mail*, 9 de fevereiro de 1968), John Ezard (*Oxford Mail*, 3 de agosto de 1966), William Foster (*The Scotsman*, 25 de março de 1967), Denys Gueroult (*Now Read On*, BBC Radio 4, 16 de dezembro de 1970), Philip Norman (*Sunday Times*, 15 de janeiro de 1967), Charlotte e Denis Plimmer (*Daily Telegraph Magazine*, 22 de março de 1968) e Richard Plotz (*Seventeen*, 17 de janeiro de 1967).

Devo também acrescentar meus agradecimentos aos membros da minha família pela leitura do livro e pelas valiosas sugestões, e à minha esposa Mari Prichard que, além de me aconselhar constantemente, realizou um trabalho vital ao "decodificar" o diário em alfabetos inventados mantido por Tolkien entre 1919 e 1933.

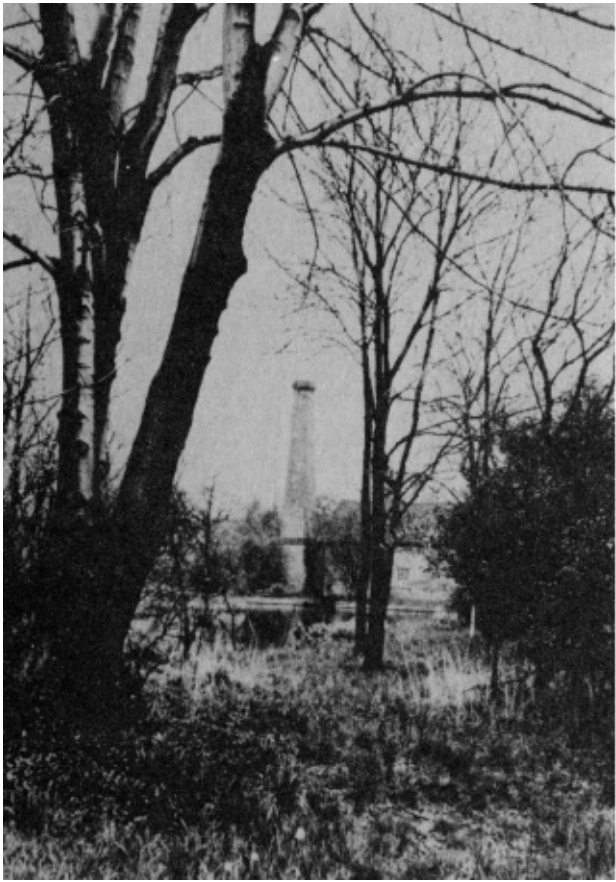
Já mencionei Christopher Tolkien, mas não posso deixar de registrar minha dívida especial para

com ele. Como testamenteiro literário do seu pai, tem diante de si a imensa tarefa de organizar a publicação do *Silmarillion*. No meio desse trabalho, dedicou inúmeras horas a me auxiliar, e fez sugestões cruciais e inestimáveis que tiveram considerável influência sobre a forma final deste livro. Ademais, ele, sua esposa, Baillie, e seus filhos, Adam e Rachel, receberam-me em sua casa cinco dias por semana, durante quase oito meses, enquanto eu consultava o grande número de papéis e manuscritos que nessa época guardavam sob o seu teto. Graças a sua recepção sempre afetuosa, minha tarefa foi um grande prazer.

Fotos



1 – A família em Bloemfontein, novembro de 1892. Da esquerda para a direita: Arthur Tolkien, uma criada, Mabel Tolkien (sentada), Isaak, a babá segurando Ronald Tolkien, então com dez meses de idade. A caligrafia é Mabel.



2. Sarehole Mill



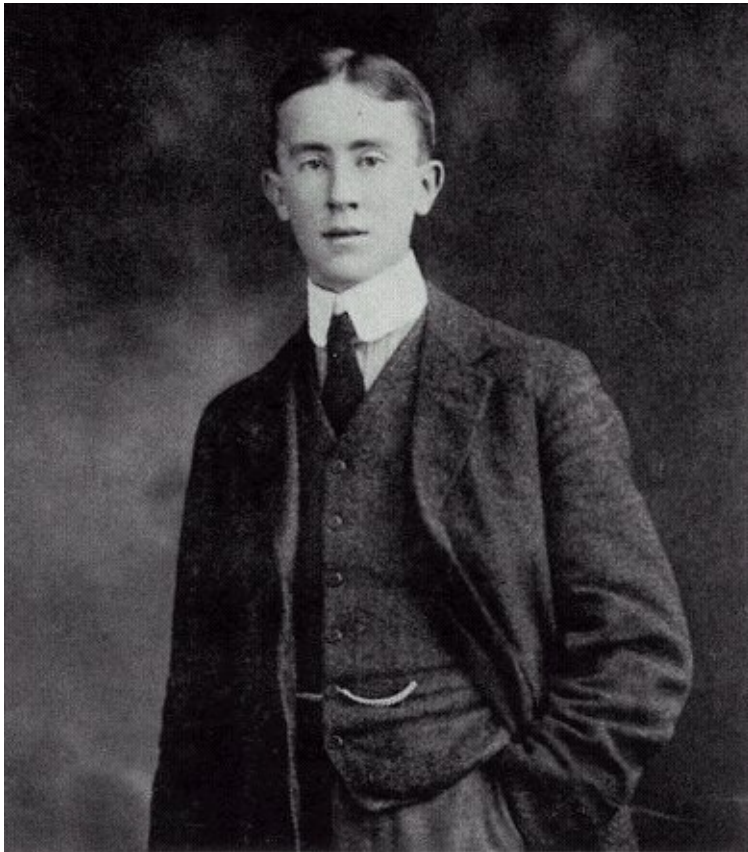
3. Ronald (com treze anos) e Hilary (com onze anos) em 1905



4. O padre Francis Morgan



5. Edith, em 1906, aos dezessete anos



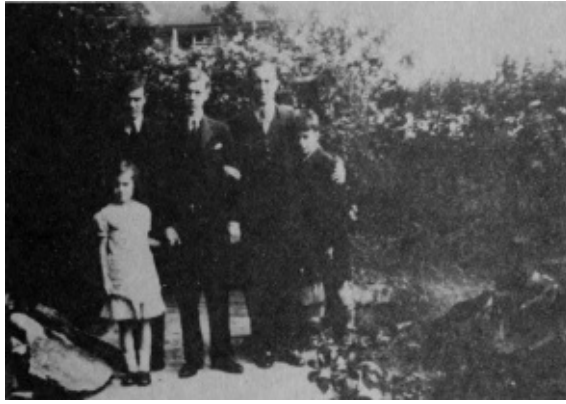
6. Ronald em 1911, aos dezenove anos



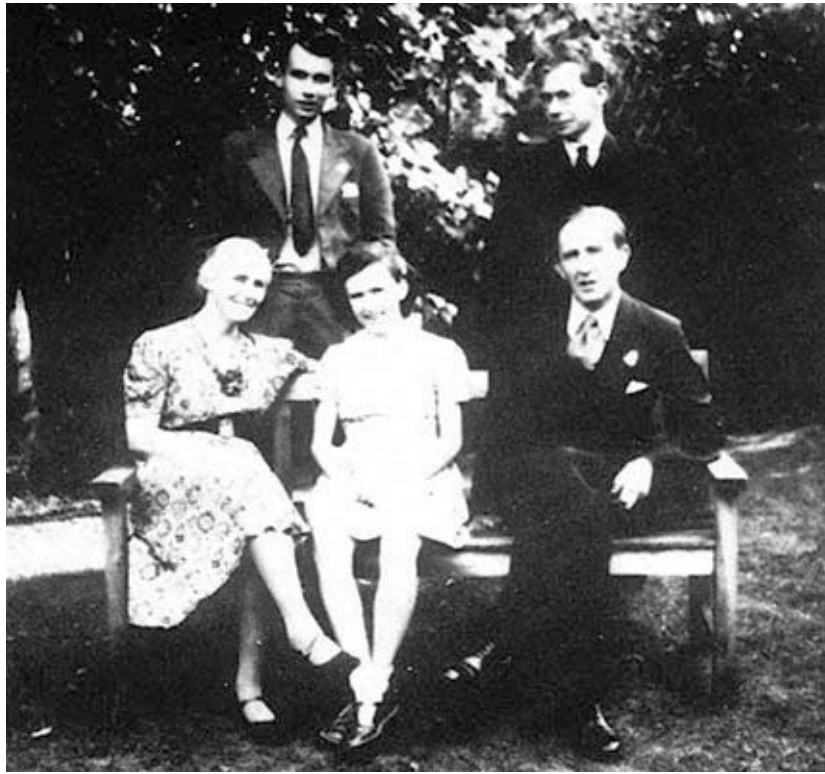
7. First XV, time de rúgbi da King Edward's School, 1909-10. Na fila de trás, Christopher Wiseman é o quarto e Ronald Tolkien é o quinto a partir da esquerda. A caligrafia é de Tolkien.



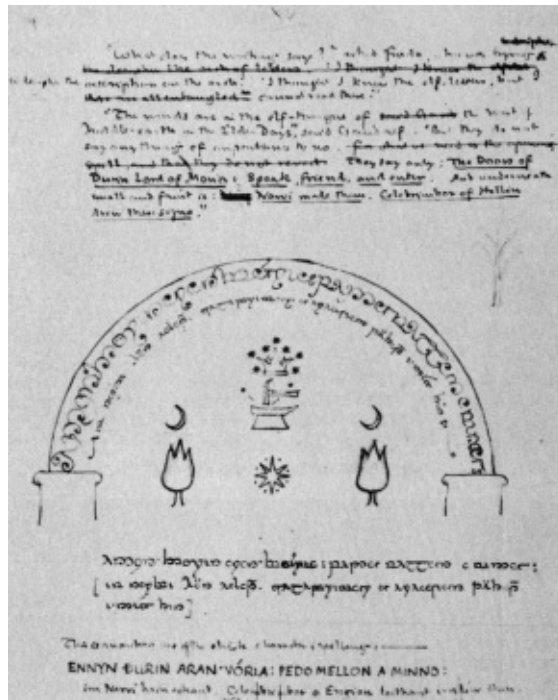
8. Edith e Ronald em 1916



9. A família no jardim da Northmoor Road, por volta de 1936. Da esquerda para a direita: Priscilla, Michael, John, J. R. R. Tolkien e Christopher



10. A família em Northmoor Road, agosto de 1942. Da esquerda para a direita (em pé): Christopher, John. (Sentados): Edith, Priscilla e J. R. R. T.



11. Uma página do manuscrito de *O Senhor dos Anéis*, mostrando um antigo desenho de Tolkien do portão das Minas de Moria



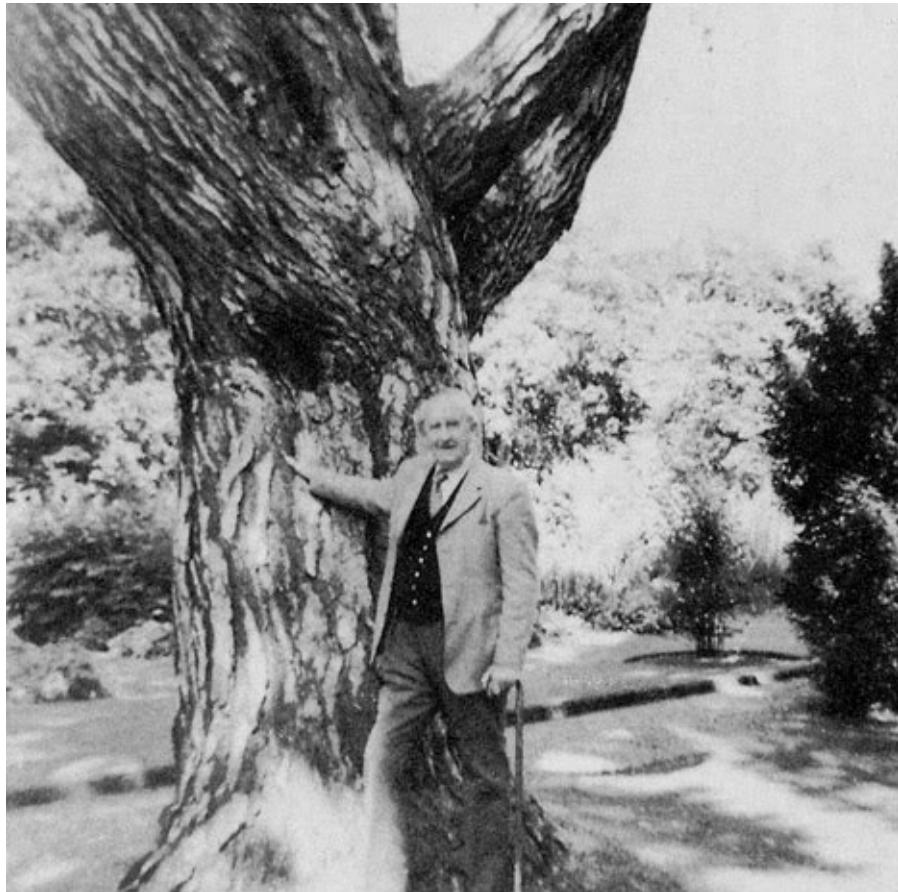
12. Edith e Ronald Tolkien no portão da Sandfield Road 76, em 1966.



13. Tolkien no terraço do Miramar Hotel, Bournemouth, 1961.



14. No estúdio de Merton Street, em 1972



15. A última fotografia de Tolkien, em agosto de 1973

Notas

¹ Os condados do centro da Inglaterra. (N.T.)

² “Igreja alta”, grupo anglicano que, ao contrário da “Igreja baixa” (Low Church), enfatiza o ritual elaborado, os dogmas tradicionais e a hierarquia eclesiástica. (N.T.)

³ Os unitários rejeitam o dogma da Santíssima Trindade. (N.T.)

⁴ O edifício de Barry foi demolido depois que a escola se mudou para uma nova propriedade na década de 1930.

⁵ *Macbeth*, Ato IV, cena I, Ato V, cena V. (N.T.)

⁶ Colarinho largo e engomado. (N.T.)

⁷ *Limerick*: poema curto, cômico, muito popular nos países de língua inglesa, constituído de cinco versos, o primeiro, o segundo e o quinto com três anapestos, o terceiro e o quarto com dois. (N.T.)

⁸ Havia um velho que dizia: “Como / É que posso carregar minha vaca? / Pois se eu lhe pedisse / Para entrar em minha cesta / Ela faria tamanha desordem!”

⁹ Associação conservadora fundada em 1883 em memória de Benjamin Disraeli. A primula (primrose) era a flor favorita de Disraeli. (N.T.)

¹⁰ Come sing ye light fairy things tripping so gay, / Like visions, like glinting reflections of joy / All fashion'd of radiance, careless of grief, / O'er his green and brown carpet; nor hasten away. / O! come to me! Dance for me! Sprites of the wood, / O! come to me! Sing to me once ere ye fade!

¹¹ As *Honour Moderations*, como a maioria dos exames de Oxford, compreendem certo número de provas escritas sobre vários aspectos da matéria do candidato. As categorias de classificação (em ordem decrescente de mérito) vão de um a quatro.

¹² “Floresta das Trevas” – mais tarde o nome da grande floresta a leste das Montanhas Sombrias (*Misty Mountains*) na Terra-média. (N.T.)

¹³ Earendel sprang up from the Ocean's cup / In the gloom of the mid-world's rim; / From the door of Night as a ray of light / Leapt over the twilight brim, / And launching his bark like a silve spark / From the golden-fading sand / Down the sunlit breath of Day's fiery death / He sped from Westerland.

¹⁴ Período letivo que tem início em setembro. “Michaelmas” é a festa de S. Miguel, em 29 de setembro. (N.T.)

¹⁵ In a dim and perilous region, down whose great tempestuous ways / I heard no sound of men's voices; in those eldest of the days, / I sat on the ruined margin of the deep voiced echoing sea / Whose roaring foaming music crashed in endless cadency / On the land besieged for ever in an aeon of assaults / And torn in towers and pinnacles and caverned in great vaults.

¹⁶ Lo! young we are and yet have stood / like planted hearts in the great Sun / of Love so long (as two fair trees / in woodland or in open dale / stand utterly entwined, and breathe / the airs, and suck the very light / together) that we have become / as one, deep-rooted in the soil / of Life, and tangled in sweet growth.

¹⁷ I am off down the road / Where the fairy lanterns glowed / And the little pretty flittermice are flying: / A slender band of grey / It runs creepily away / And the hedges and the grasses are a-sighing. // The air is full of wings / Of the blundering beetle-things / That go droning by a-whirring and a-humming / O! I hear the tiny horns / Of enchanted leprechauns / And the padding feet of many gnomes a-coming. // O! the lights! O! the gleams: O! the little tinkling sounds: / O! the rustle of their noiseless little robes: / O! the echo of their feet, of their little happy feet: / O! their swinging lamps in little starlit globes.

¹⁸ Humphrey Carpenter parece ter tido considerável dificuldade em ler o manuscrito de Tolkien, realizado a lápis e apressadamente. O texto do poema original foi posteriormente liberado por Christopher Tolkien, filho e editor póstumo das obras de JRRT. Chama-se “Narqelion”; uma discussão linguística completa, bem como uma tradução livre, foram feitas por Paul Nolan Hyde na revista *Mythlore*, números LVI e LX. Os versos em questão são: “Ai lintuilind(ov)a Lasselanta / Piliningeve súyer nalla qanta / Kuluvai ya karnevalinar / V’ematte sinq’ Eldamar.” Fazem parte de um texto de vinte versos, e significam aproximadamente: “Eis o breve, cantante Outono / Flechas azuis sopradas dos vales plenos / Nuvens douradas que alegravam outrora / Como mãos juntas suspiram por Eldamar.” (N.T.)

¹⁹ West of the Moon, East of the Sun / There stands a lonely Hill / Its feet are in the pale green Sea; / Its towers are white and still: / Beyond Taniquetil / In Valinor. No stars come there but one alone / That hunted with the Moon, / For there the Two Trees naked grow / That bear Night’s silver bloom; / That hear the globed fruit of Noon In Valinor. / There are the shores of Faery / With their moonlit pebbled Strand / Whose foam is silver music / On the opalescent floor / Beyond the great sea-shadows / On the margin of the sand / That stretches on for ever / From the golden feet of Kôr Beyond Taniquetil / In Valinor. // O! West of the Moon, East of the Sun / Lies the Haven of the Star; / The white town of the Wanderer / And the rocks of Eglamar: There Wingelot is harboured / While Earendel looks afar / On the magic and the wonder Twe’en here and Eglamar - / Out, out beyond Taniquetil / In Valinor - afar.

²⁰ A grafia “Earendil” só foi adotada por Tolkien alguns anos mais tarde.

²¹ “*Patience*”, o termo britânico para jogos de cartas com um só jogador, e conhecida em alguns lugares como “*Solitaire*”.

²² Quando criança, Bradley aprendeu a ler de cabeça para baixo, olhando a Bíblia nos joelhos de seu pai durante as orações em família.

²³ As Rhodes Scholarships são bolsas de estudos oferecidas a estudantes da Comunidade Britânica, Estados Unidos e Alemanha. (N.T.)

²⁴ *Bag End* (*Bolsão*) seria mais tarde o nome da residência de Bilbo Baggins. (N.T.)

²⁵ *Fellow*: Graduado que recebe subvenção para pesquisa e geralmente combina esse trabalho com a docência. (N.T.)

²⁶ Tolkien pretendia completar a edição de *Pearl*, mas viu-se incapaz de fazê-lo (a esta altura estava absorvido escrevendo *O Senhor dos Anéis*). Por fim, a obra foi revista e completada para publicação por Ida Gordon, viúva de E. V. Gordon, também filóloga.

²⁷ Queen’s College Taunton, que teve John Suffield, avô de Tolkien, como um dos primeiros alunos.

²⁸ C. S. Lewis, *The Four Loves* (Fontana, 1963), p. 68.

²⁹ Christopher Tolkien, em sua edição de *The Lays of Beleriand* (George Allen & Unwin, Londres, 1985), comenta na p. 315 que diversas sugestões de C. S. Lewis foram na verdade aceitas por Tolkien, advindo daí uma nova versão do poema, e que Humphrey Carpenter já corrigira essa afirmação no livro *The Inklings*. (N.T.)

³⁰ O relato desta conversa baseia-se no poema “Mythopoeia” de Tolkien, ao qual também deu os títulos “Misomythos” e “Philomyth to Misomyth”. Um manuscrito está marcado “Para C. S. L.”.

³¹ “O Regresso do Peregrino”, uma referência ao clássico *The Pilgrim’s Progress* de John Bunyan. (N.T.)

³² No original, *barrow*. Trata-se de um outeiro feito de terra ou pedra usado como local de sepultamento ou como monumento aos mortos. Os mais antigos datam do Neolítico. (N.T.)

³³ Em inglês, *Bill Stickers* significa “Coladores de Cartazes”. (N.T.)

³⁴ Major Road Ahead significa “Estrada Principal à Frente”. (N.T.)

³⁵ “Mr. Bliss” não foi a única composição de Tolkien inspirada ao transporte motorizado. “The Bovadium Fragments” (composto talvez no início dos anos sessenta) é uma parábola da destruição de Oxford (*Bovadium*) pelos motores fabricados pelo *Daemon de Vaccipratum* (uma referência a lord Nuffield e sua fábrica de motores em Cowley), que bloqueiam as ruas, asfixiam os habitantes e facilmente explodem.

³⁶ Much lore he learned, and loved wisdom, / but fortune followed him in few desires; / oft wrong and awry what he wrought turned; / what he loved he lost, what he longed for he won not; / and full friendship he found not easily, / nor was lightly loved for his looks were sad. / He was gloomy-hearted, and glad seldom / for the sundering sorrow that seared his youth. / On manhood’s threshold he was mighty holden / in the wielding of weapons; and in weaving song / he had a minstrel’s mastery; but mirth was not in it.

³⁷ His bed was barren; there black phantoms / of desire unsated and savage fury / in his brain had brooded till bleak morning.

³⁸ lady ruthless, / fair as fay-woman and fell-minded, / in the world walking for the woe of men.

³⁹ Este livro e os seguintes foram lidos por Lewis diante dos Inklings à medida que iam sendo escritos. Os dois primeiros mereceram a aprovação quase irrestrita de Tolkien (se bem que não admirasse todos os nomes inventados por Lewis), e, em parte, foi graças ao seu apoio que *Out of the Silent Planet*, rejeitado por duas editoras, acabou por ser aceito por The Bodley Head e publicado em 1938. Ele gostou de Perelandra ainda mais que da primeira história, mas, quando Lewis começou a ler *That Hideous Strength* para os Inklings, Tolkien registrou: “Receio que seja um lixo”; e a maior familiaridade com o livro não o fez mudar de opinião. Considerava-o estragado pela influência da mitologia arturiano-bizantina de Charles Williams. Tolkien reconheceu que o personagem Ransom, o herói filólogo das histórias de Lewis, talvez fosse parcialmente inspirado nele. Em 1944, escreveu a seu filho Christopher: “Como filólogo posso ter alguma participação nele, e reconhecer nele algumas de minhas opiniões e ideias lewisificadas.”

⁴⁰ The heart of man is not compound of lies, / but draws some wisdom from the only Wise, / and still recalls Him. Though now long estranged, / Man is not wholly lost nor wholly changed. / Disgraced he may be, yet is not dethroned, / and keeps the rags of lordship once he owned: / Man, Sub-creator, the refracted light / through whom is splintered from a single White / to many hues, and endlessly combined / in living shapes that move from mind to mind. / Though all the crannies of the world we filled / with Eives and Goblins, though we dared to build / Gods and their houses out of dark and light, / and sowed the seed of dragons – ‘twas our right / (used of misused). That right has not decayed: / we make still by the law in which we’re made. (N.T.)

⁴¹ Nos comentários a *The Return of the Shadow: The History of The Lord of the Rings, Part One* (Unwin Hyman, Londres, 1988), Christopher Tolkien demonstra que esta interrupção aconteceu realmente no final de 1939. (N.T.)

⁴² O verbo *niggle* significa “preocupar-se com ninharias”. (N.T.)

⁴³ “Who Goes Home” acabou sendo publicado com o título *The Great Divorce*.

⁴⁴ “Hugo’s Home” (A Casa de Hugo) é homônimo de “Who Goes Home” (Quem vai para Casa). (N. T.)

⁴⁵ O *bandersnatch* é um ser fantástico imaginado por Lewis Carroll no poema “Jabberwocky” de *Through the Looking-Glass*. (N.T.)

⁴⁶ “Louvemos os hobbits”, em anglo-saxão. (N.T.)

⁴⁷ Páginas do “Livro de Mazarbul” foram reproduzidas no “Calendário Tolkien” de 1977.

⁴⁸ As palavras alteradas significam “anões”, “élfico”, “mais longe” e novamente “élfico” (*elfin* tem uma implicação de “duendezinho” que a essa altura devia ser odiosa a Tolkien). (N.T.)

⁴⁹ Revista de aventuras da época, destinada a um público de meninos adolescentes. (N.T.)

⁵⁰ The Lord of the Rings / is one of those things: / if you like you do: / if you don’t, then you boo!

⁵¹ “J. R. R. Tolkien vicia” – um trocadilho com *hobbit* e *habit* – hábito ou vício. (N.T.)

⁵² Para uma lista completa de traduções, ver o Apêndice C.

⁵³ Não há uma palavra portuguesa que possa traduzir adequadamente a riqueza de significados do termo. *Fairy* (às vezes grafado como *faerie*, *faery*, *faèrie*, *faèry*) significa *fada*, *ente fantástico*, *terra encantada*, *lugar de beleza irreal*, *o conjunto dos espíritos da natureza*. Usado como adjetivo sugere beleza mágica, irreal. (N.T.)

⁵⁴ O nome Elvin lembra elven, “élfico”. (N.T.)